



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

CAMILA SANTOS LIMA FONTELES

**PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE: UMA ANÁLISE DA
PRODUÇÃO ACADÊMICA NO BRASIL**

Salvador

2015

CAMILA SANTOS LIMA FONTELES

**PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE: UMA ANÁLISE DA
PRODUÇÃO ACADÊMICA NO BRASIL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia em cotutela com a Université Paris Diderot - Paris VII, como requisito parcial para obtenção de título de Doutor em Psicologia.

Orientadora: Denise Maria Barreto Coutinho
Co-orientador: Christian Hoffmann

Salvador

2015

F682 Fonteles, Camila Santos Lima
Psicanálise e universidade: uma análise da produção acadêmica no
Brasil / Camila Santos Lima Fonteles. – 2015.
201 f.

Orientadora: Profª Drª Denise Maria Barreto Coutinho
Co-orientador: Profº Drº Christian Hoffmann

Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia,
Salvador, Cotutela com a Université Paris Diderot-Paris 7, 2015.

1. Psicanálise e educação. 2. Universidade - Psicanálise. 3. Psicanálise –
Estudos e pesquisa - Brasil. 4. Interdisciplinaridade. I. Coutinho, Denise Maria
Barreto. II. Hoffmann, Christian. III. Universidade Federal da Bahia. Instituto
de Psicologia. IV. Título.

CDD: 150.195



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
Instituto de Psicologia - IPS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI
MESTRADO ACADEMICO E DOUTORADO



TERMO DE APROVAÇÃO

“PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA
NO BRASIL”

Camila Santos Lima Fonteles

BANCA EXAMINADORA:

Prof.ª Dr.ª Denise Maria Barreto Coutinho (orientadora)
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof. Dr. Christian Hoffmann
Université Paris Diderot - Paris 7

Prof. Dr. Joel Birman
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Prof. Dr. José Euclimar Xavier de Menezes
Universidade Católica do Salvador - UCSAL

Prof. Dr. Marcelo Frederico Augusto dos Santos Veras
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof.ª Dr.ª Vitória Eugênia Ottoni Carvalho
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Salvador, 26 de novembro de 2015.

Aos meus avôs Emmanuel Maia dos Santos
Lima e Gerardo Majela Fonteles (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Denise Coutinho, por toda ajuda e incentivo que permitiram a realização deste trabalho e, sobretudo, por sua disponibilidade e generosidade. A Denise, toda a minha admiração, gratidão e reconhecimento. Muito obrigada por me acompanhar neste percurso.

Ao meu co-orientador Christian Hoffmann pela acolhida na *Université Paris VII*, por toda ajuda, atenção e disponibilidade para viabilizar a cotutela e firmar esta parceria.

Aos professores Marcelo Veras e Vitória Ottoni, pelas as valiosas contribuições durante o exame de qualificação além da disponibilidade em aceitar participar desta banca.

Aos professores Joel Birman e José Menezes pela disponibilidade em aceitar o convite para serem membros da banca e contribuir com este trabalho.

Aos professores Fátima Vilar e José Menezes por aceitarem ser *pre-rapporteurs* e pelas contribuições dadas através de seus pareceres.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da UFBA e da *École Doctorale Recherches en Psychanalyse et Psychopathologie* por toda a ajuda e disponibilidade, sobretudo nesta última fase à distância do doutorado.

A todos os colegas do PPGPSI em especial Shimênia Oliveira, por este reencontro tão especial, Helenira Alencar pela ajuda e contribuições com a tese e Fabio Nieto Lopez por sua sempre cordial e gentil ajuda e disponibilidade e por viabilizar a primeira qualificação.

Aos colegas do grupo Cones pelas trocas e pela possibilidade de aprendizado e crescimento.

Aos colegas da *École Doctorale Recherches en Psychanalyse et Psychopathologie* pela acolhida, ajuda e trocas durante o nosso convívio na França.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela concessão da bolsa de estudos pelo período de um ano para a realização do doutorado-sanduiche na *Université Paris Diderot (Paris 7)*.

A Michel Colin por todas as traduções e correções deste trabalho para o francês.

À minha família, meus pais Lidya e Marcos e meus irmãos Victor e André pelo suporte, carinho e paciência neste período. Ao André, obrigada pelas ajudinhas

técnicas, sempre me “salvando” nas formatações e configurações do texto. Agradeço também a minha família em Salvador, meus tios e primos que me ajudaram e me acolheram durante o doutorado.

A Juniana Ramalho pela amizade, carinho e acolhida em Paris, além das inúmeras traduções, revisões e leituras deste trabalho continuando uma bela parceria desde a graduação.

A Paula Barros, por sua amizade e incentivo, por toda a sua ajuda na nossa estadia na França, na viabilização da cotutela e agora no término deste trabalho.

A Daniel Vitorello, pela sua leitura atenta, pelas suas ideias, por todas as suas “aulas” e “supervisões”, e, sobretudo, pelo seu carinho e apoio.

FONTELES, Camila Santos Lima. **Psicanálise e Universidade**: uma análise da produção acadêmica no Brasil. 201f. 2015. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia / *École Doctorale Recherches en Psychanalyse et Psychopathologie*. Universidade Federal da Bahia / *Université Paris Diderot (Paris 7)*. Salvador/Paris, 2015.

RESUMO

As relações entre psicanálise e universidade não são recentes. Desde sua constituição inicial, a psicanálise se aproxima do meio universitário, promovendo discussões sobre ensino, transmissão, pesquisa e cientificidade. O campo psicanalítico, tal como concebido e organizado por Freud, apresenta conformação claramente interdisciplinar, em consonância com suas noções de ciência e investigação, bem como nas relações que ele buscou manter com a universidade. Esta tese tem como objetivo compreender como se configura o campo da psicanálise na universidade brasileira, a partir do exame de teses produzidas nos programas de Pós-Graduação entre 1987 e 2012. O referencial teórico é a obra freudiana, incluindo seus mais destacados comentadores. Metodologicamente, utilizamos o Estudo de Caso. Para tanto, foi realizado um levantamento de teses em psicanálise no Banco de Teses da Capes. Como resultados, destacam-se: expressivo quantitativo de teses distribuídas em diversos campos do conhecimento; grande concentração de trabalhos em São Paulo e no Rio de Janeiro que também concentra o maior número de bolsas de pesquisa; predominância de teses na área da psicologia. Evidencia-se presença marcante de investigações teóricas, com referencial freudo-lacaniano e temas clínicos, com pluralidade de autores, métodos e temáticas. Ressalta-se ausência de descrição metodológica na maioria das teses. Nota-se claro contraste entre a expansão do espaço da psicanálise nas universidades, com uma presença cada vez mais qualificada e, paradoxalmente, sua quase total invisibilidade nas agências oficiais reguladoras e de fomento do país. Por outro lado, observa-se o reconhecimento, por parte dos psicanalistas, de que o mundo universitário é um *locus* legítimo de produção de conhecimento sobre e em psicanálise. Ao mesmo tempo o caráter intrinsecamente interdisciplinar da psicanálise favorece sua articulação com os mais diversos campos do conhecimento na universidade.

Palavras-chave: Psicanálise na universidade; Teses em psicanálise; Estudos sobre universidade; Pesquisa psicanalítica; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

Relations between psychoanalysis and university are not recent. Since its initial constitution, psychoanalysis approaches the university environment, promoting discussions on teaching, transmission, research and scientificity. The psychoanalytic field, as conceived and organized by Freud, has a clearly interdisciplinary conformation, consistent with their notions of science and research as well as in the relationships he tried to maintain with the university. This thesis aims to understand the configuration of the field of psychoanalysis in Brazilian universities, from the examination of theses produced in Post-Graduate programs between 1987 and 2012. The theoretical referential is the Freudian work, including his most distinguished commentators. Methodologically, we used the case study. To this end, a survey of theses on psychoanalysis in the Capes's Banco de Teses was performed. The results showed: expressive quantitative of theses distributed in various fields of knowledge; large concentration of theses in São Paulo and Rio de Janeiro, where there is the largest number of research grants; predominance of theses in psychology area. There is evidence of a strong presence of theoretical investigations with Freudian-Lacanian reference and clinical issues, with several authors, methods and themes. It emphasizes the absence of methodological description from the most of theses. There was a clear contrast between the expansion of psychoanalysis space in universities, with an increasingly more qualified presence and, paradoxically, its almost complete invisibility in official regulatory agencies of the country. On the other hand, there is the recognition, by the psychoanalysts, that university is a legitimate *locus* of acknowledgment production about and in psychoanalysis. At the same time, the inherently interdisciplinary nature of psychoanalysis favors its articulation with the most diverse fields of knowledge at the university.

Keywords: Psychoanalysis at university; Theses in psychoanalysis; University studies; Psychoanalytic research; Interdisciplinarity.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição das bolsas por Estado e IES	117
Tabela 2 – Quantidade de orientações por docente (incluindo os PPGs em psicanálise)	118
Tabela 3 – Quantidade de orientações por docente (somente PPGs em psicanálise)	119

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Programas de Pós-Graduação no Brasil	102
Quadro 2 – Área de Concentração/Linha de Pesquisa em psicanálise em PPGs brasileiros	103
Quadro 3 – Teses por Linha de Pesquisa em psicanálise	120

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição temporal das teses em psicanálise no Brasil	112
Gráfico 2 – Distribuição por Instituição de Ensino Superior	115
Gráfico 3 – Número de teses por dependência administrativa das IES	116
Gráfico 4 – Distribuição das teses por área	121
Gráfico 5 – Referenciais teóricos	126
Gráfico 6 – Distribuição das teses em psicanálise na Área da psicologia	151

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Distribuição geográfica das teses	114
Figura 2 – Nuvem de Palavras – Títulos das teses dos PPGs de psicanálise	124

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz
IES – Instituição de Ensino Superior
IPA – International Psychoanalytical Association
IUPERJ – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro
LP – Linha de Pesquisa
PG – Pós-Graduação
PPG – Programa de Pós-Graduação
PUC – Pontifícia Universidade Católica
UEM – Universidade Estadual de Maringá
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFAL – Universidade Federal de Alagoas
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFC – Universidade Federal do Ceará
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFGO – Universidade Federal de Goiás
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA – Universidade Federal do Pará
UFPB – Universidade Federal da Paraíba
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFPR – Universidade Federal do Paraná
UFR – Unité de Formation et de Recherche
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos
UFSJ – Universidade Federal de São João del-Rei
UnB – Universidade de Brasília
UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNICAMP – Universidade de Campinas
UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco
UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo
UNIFOR – Universidade de Fortaleza
USP – Universidade de São Paulo
UVA – Universidade Veiga de Almeida

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1 CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA	23
1.2 ROTEIRO DA TESE	31
2. CONSTITUIÇÃO DO CAMPO PSICANALÍTICO: ENTRE A REJEIÇÃO E A BENÉVOLA EXPECTATIVA DA CIÊNCIA	33
2.1 A PESQUISA NA GÊNESE DO CAMPO PSICANALÍTICO	35
2.2 CONFORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR: FAZ SENTIDO SEPARAR PSICANÁLISE E PSICANÁLISE APLICADA?	43
2.3. ESTATUTO CIENTÍFICO DA PSICANÁLISE	49
2.4 PERCURSOS DA PESQUISA EM PSICANÁLISE	59
2.4.1 Diferentes versões em pesquisa psicanalítica	63
3. PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE: UMA EMPREITADA FREUDIANA	69
3.1 FREUD E A UNIVERSIDADE DE SEU TEMPO	70
3.2 PRESENÇA DA PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE FRANCESA	74
3.3 A PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA	86
3.3.1 Uma relação privilegiada com a psicologia	95
3.3.2 A conformação na Pós-Graduação	101
4. O QUE MOSTRAM AS TESES PSICANALÍTICAS NO BRASIL?	106
4.1 PERFIL DAS PRODUÇÕES PSICANALÍTICAS: PANORAMA EXPLORATÓRIO DO CAMPO	110
4.2 A DINÂMICA DO CAMPO: AUTORES, MÉTODOS, TEMAS E RELAÇÕES DA PSICANÁLISE	123
5. PSICANÁLISE E INTERDISCIPLINARIDADE NA UNIVERSIDADE	141
5.1 A DISCUSSÃO ATUAL SOBRE INTER E TRANSDISCIPLINARIDADE NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA	142
5.2 LUGARES DA PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE	150
5.2.1 Freud e a interdisciplinaridade na universidade	161
5.3 PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE: UM ENTRELUGAR	165
5.3.1 Como a psicanálise pode operar na universidade?	169
CONSIDERAÇÕES FINAIS	176
REFERÊNCIAS	184
APÊNDICES (CD)	201
Apêndice 1 – Todas as Teses	
Apêndice 2 – Teses, IES e Áreas	
Apêndice 3 – Referencial	
Apêndice 4 – Métodos	

1. INTRODUÇÃO

As relações entre psicanálise e universidade não são recentes. Desde o início da prática clínica de Freud, a psicanálise está conectada ao ambiente universitário, trazendo à cena questões sobre ensino, transmissão e pesquisa. Decorridos quase cem anos do trabalho inaugural de Freud *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?* (1919/2010b) continuamos a nos interrogar sobre pertinência, importância e lugar da psicanálise no ambiente universitário, para além das instituições de formação psicanalítica.

No ambiente universitário, utilizamos quase indistintamente ensino e formação, o que, a nosso ver, constitui uma redução considerável do papel que a formação universitária pode ou poderia proporcionar ao estudante. Esta formação, mais que uma atividade conteudística, precisa incluir pesquisa e extensão como eixos estruturantes de um percurso acadêmico para minimamente diferenciar-se de uma escola de terceiro grau. Desse modo, formação e ensino, ainda que não coincidentes, são termos que podem ser aproximados, num contexto de ampliação de possibilidades que a psicanálise pode oferecer à formação universitária e, no sentido inverso, desestabilizar certos preconceitos que a instituição psicanalítica desenvolveu a respeito da universidade.

É notável a crescente presença de docentes/pesquisadores psicanalistas nas universidades brasileiras, contrastando com uma realidade anterior quando ainda prevalecia um posicionamento refratário à aproximação da psicanálise ao ambiente universitário. Além disso, o conhecimento-saber produzido pela psicanálise no ambiente acadêmico vem sendo reconhecido, inclusive pelas instâncias reguladoras de pesquisa no Brasil. A *práxis* clínica de orientação psicanalítica acontece nos serviços dos cursos de saúde, em ambulatórios e hospitais universitários. Estágios supervisionados e projetos de iniciação científica, mestrado e doutorado tendo como objeto a psicanálise, sua clínica e conexões com outros campos, fazem parte do cotidiano de alguns cursos universitários, sobretudo psicologia. A produção acadêmica neste campo, consequência direta do trabalho de ensino e pesquisa,

mas também de muitas atividades de extensão, é financiada por agências estatais e devolvida à comunidade, sob a forma de atendimentos, mas também de produção científica qualificada, por meio de artigos, livros, teses.

A pesquisa em psicanálise não necessita do ambiente ou do aval da universidade para acontecer. Ela coincide com a própria gênese do campo e se confunde com a *práxis* analítica, na medida em que a clínica, para Freud, é também pesquisa. O método psicanalítico e sua aplicação têm sido objeto de polêmicas, suscitando questões sobre a possibilidade de conduzir pesquisas ditas psicanalíticas na universidade ou sobre como relacionar a lógica do trabalho clínico orientado pelo inconsciente ao trabalho possível de investigação acadêmica, questões estas que dividem os psicanalistas sobre o que é ou não uma pesquisa em psicanálise.

Tomamos como objeto desta investigação parte da produção acadêmica (teses) em psicanálise realizada nas universidades brasileiras. A seguinte pergunta guia nosso percurso: Qual o espaço ocupado pela psicanálise no contexto da pós-graduação brasileira? A partir desta questão, temos como objetivo principal mapear e compreender a configuração deste campo na universidade brasileira. Dentre os objetivos específicos

- Realizamos um mapeamento das teses em psicanálise produzidas na pós-graduação brasileira no período de 1987 a 2012;
- Apresentamos o histórico das relações psicanálise e universidade;
- Discutimos o lugar da pesquisa em psicanálise no campo psicanalítico e na universidade;
- Exploramos a interdisciplinaridade inerente ao campo psicanalítico e suas repercussões no ambiente universitário.

As teses autodeclaradas em psicanálise, produzidas nas mais diversas áreas e campos nos Programas de Pós-Graduação (PPGs) brasileiros, constituem o *corpus* desta investigação. Os termos área e campo, neste trabalho, não são considerados sinônimos. Concordamos com Santos (2013), quando distingue os dois termos, lembrando que o conceito de campo (Bourdieu, 2005) designa uma conformação política de determinado espaço social, com relativa autonomia e regras, agentes, disputas, recompensas, constituindo seu capital simbólico. Área, como a própria

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) explicita, é um termo pragmático e gerencial, estando evidentemente inscrito na organização do campo e seus agentes, sem contudo confundir-se com ele. O capital acumulado por um campo interfere parcialmente na organização das áreas, fazendo com que, desta forma, os termos se relacionem.

O interesse pelo tema partiu dos estudos realizados desde a graduação, passando pelo mestrado e pela recente experiência de ministrar disciplinas de psicanálise em um curso de graduação em psicologia. As tensões e debates sobre a relação ensino, pesquisa e clínica levaram-nos ao desejo de investigar o campo através de um viés específico: o exame de suas produções. Além disso, diante de um momento de contestação da psicanálise em sua eficácia clínica em diversos países, dentre os quais o Brasil, com o recrudescimento da perspectiva biomédica no campo da saúde, consideramos relevante mostrar o alcance e a importância da pesquisa em psicanálise, a partir do que vem sendo produzido nas universidades, locais consagrados de produção e difusão do conhecimento.

O levantamento das teses em psicanálise foi realizado no Banco de Teses da Capes e abrange o período 1987-2012, com 1.075 trabalhos. Esta produção insere-se no cenário da pós-graduação (PG) brasileira, na qual a psicanálise apresenta a seguinte situação: existem quatro PPGs específicos em psicanálise, com cursos de mestrado e doutorado. Em um desses PPGs, há um mestrado profissional que, até muito recentemente, era o único nesta modalidade proveniente do campo Psi. Além desses, há 11 linhas de pesquisa em psicanálise em PPGs de psicologia. Esses programas/linhas são responsáveis por expressiva produção, sobretudo a partir dos anos 2000. Por outro lado, vários PPGs de outros campos, como educação, saúde, letras/literatura, filosofia, sociologia, comunicação, artes, realizam pesquisas em psicanálise.

Além do cenário acima citado, existem vários periódicos específicos que discutem e promovem a psicanálise como um tipo de conhecimento fecundo para compreender e intervir em questões concernentes a diversos campos de saberes e práticas. Tais periódicos e a produção que deles escoam são anualmente avaliados pela Capes. Grupos de pesquisas com base nos referenciais psicanalíticos são uma realidade consolidada e oficialmente reconhecida, pois encontram-se, como aqueles

referentes às ciências tradicionais, cadastrados no Diretório de Grupos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), figurando com expressiva produção. Apesar de tudo isso, os dois principais órgãos oficiais de avaliação e fomento – Capes e CNPq – não incluem a psicanálise em seus níveis e divisões organizacionais, como veremos a seguir.

A Capes operacionaliza a repartição dos diferentes campos de saber em uma hierarquia gerencial distribuída em 4 níveis

- 1º nível - Grande Área: aglomeração de diversas áreas do conhecimento em virtude da afinidade de seus objetos, métodos cognitivos e recursos instrumentais refletindo contextos sociopolíticos específicos.
- 2º nível - Área: conjunto de conhecimentos inter-relacionados, coletivamente construído, reunido segundo a natureza do objeto de investigação com finalidades de ensino, pesquisa e aplicações práticas.
- 3º nível - Subárea: segmentação da área do conhecimento estabelecida em função do objeto de estudo e de procedimentos metodológicos reconhecidos e amplamente utilizados.
- 4º nível - Especialidade: caracterização temática da atividade de pesquisa e ensino. Uma mesma especialidade pode ser enquadrada em diferentes grandes áreas, áreas e subáreas.

Essa divisão¹, abrange 9 grandes áreas e 48 áreas dispostas em 3 colégios (Ciências da Vida; Ciências Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinar; Humanidades). A psicologia, por exemplo, está localizada na grande área das Ciências Humanas como “Área de Avaliação” que contém, por sua vez, 45 subáreas/especialidades. No entanto, a psicanálise não aparece em qualquer dos níveis hierárquicos gerenciais (Coutinho et al, 2013) e em nenhum dos títulos dessas especialidades que, no entanto, sinalizam tipos de atuação bastante gerais como “Fatores humanos no trabalho” e outros extremamente específicos quanto “Planejamento ambiental e comportamento humano”.

No CNPq, as grandes áreas do conhecimento se distribuem em nove títulos. Dentre as 95 áreas, sendo 12 em Ciências Humanas e 13 em Ciências Médicas e da Saúde, não encontramos a psicanálise. A área psicologia compreende seis

¹ Recuperado de: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>.

subáreas e nenhuma delas se intitula psicanálise. Destacamos aqui a psicologia devido ao seu histórico de estreitas relações com a psicanálise na universidade, no entanto a psicanálise também não se encontra como subárea em outras áreas como medicina, educação, etc. Mesmo considerando-se o total de 340 subáreas existentes e mais 135 recentemente propostas, nada existe com relação à psicanálise e suas contribuições ao pensamento e aos sistemas de saberes e práticas humanos.

Deve-se ressaltar, contudo, que na última proposta de reformulação dessas áreas², no item que lista as aproximadamente 1.500 especialidades, encontra-se uma única menção à psicanálise. Esta é uma lista geral com especialidades de todas as áreas, portanto não é possível saber a que grande área ou área a psicanálise estaria vinculada. É curioso também constatar aproximadamente 70 especialidades concernentes a “História de [...]”, dentre as quais encontram-se História da Biblioteca, da Diplomacia, da Guerra, da Televisão, do Rádio, do Tempo, ao lado de grandes e pequenos temas, mas nenhuma História da Psicanálise.

O primeiro *Encontro de Pesquisa Acadêmica e Psicanálise* ocorrido na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo em 1991 já apontava para estas questões. Um dos objetivos do evento apoiava-se na necessidade de encontros entre as instituições visando a um mapeamento da área para perceber seu desenvolvimento, problemas de pesquisa e institucionais de forma que a psicanálise pudesse ocupar um lugar junto às agências financiadoras compatível com o que já ocupava no mundo real em termos de práticas, publicações e discursos. Nesse mesmo encontro, Garcia-Roza (1994) assinalava algumas das dificuldades da pesquisa em psicanálise como a inexistência de uma rubrica específica para a psicanálise nas agências de fomento na qual os pesquisadores pudessem se inserir, a que nos referimos acima.

Evidencia-se, portanto, um claro contraste entre a expansão do espaço da psicanálise nas universidades como campo de pesquisas reconhecido e sua quase total invisibilidade nas agências oficiais reguladoras e de fomento do país, levando-nos a buscar compreender como a psicanálise se insere e de que modo estabelece

² Recuperado de: http://memoria.cnpq.br/areasconhecimento/docs/ceeareas_do_conhecimento.pdf.

relações institucionais no espaço acadêmico universitário. Trabalhos sobre produção científica podem fornecer importantes mapeamentos sobre um campo, indicando aspectos históricos de sua constituição, tendências, avanços e possibilidades de intervenções e reorientações.

Trazemos o pensamento de Lacan, para fazer um paralelo com os objetivos deste trabalho, tendo em vista as diferenças institucionais dos dois ambientes (escola de psicanálise e universidade). No *Ato de fundação da Escola Francesa de Psicanálise*, Lacan (1964/2003) distingue três seções em sua escola: a primeira seria a Psicanálise Pura, doutrina, propriamente dita, a segunda a Psicanálise Aplicada, a prática clínica, e a terceira o Recenseamento do campo freudiano para assegurar “o levantamento e a censura crítica de tudo o que é oferecido nesse campo pelas publicações que se pretendem autorizadas por ele” (p.237). Nesta seção haveria três subdivisões, a saber: 1) comentário contínuo do movimento psicanalítico, 2) articulação com as ciências afins e 3) ética da psicanálise. Aqui, buscamos o recenseamento, ao eleger as teses psicanalíticas como *corpus* de investigação.

Por muito tempo, o exame de teses e dissertações foi pouco explorado, provavelmente por encontrar-se restrito ao formato impresso com acesso exclusivo em bibliotecas físicas. A recente expansão da divulgação da literatura científica em formato eletrônico tem possibilitado a constituição de novos *corpus* e formas de avaliar tais produtos, bem como propicia um maior número de pesquisas sobre e a partir desse material. Tourinho e Bastos (2010), ao analisar a área da psicologia e suas linhas de pesquisa, afirmam ser necessário um estudo sobre as temáticas abordadas nas teses e dissertações para fornecer elementos sobre o que vem sendo pesquisado e identificar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas. Por outro lado, é notável o aumento do interesse pela análise da produção científica de determinada área ou Instituição de Ensino Superior (IES). Diversos campos têm-se voltado para análise de suas produções tais como enfermagem (Erdmann et al, 2005), educação física (Sacardo & Piumbato, 2011), ciências da informação (Mendonça, 2008). Em relação à psicologia temos análise da produção em psicologia ambiental (Passig, 2011), psicologia social (Ribas Jr. et al, 2009), avaliação psicológica (Joly et al, 2009), orientação vocacional e profissional (Noronha et al, 2006), psicologia da saúde (Witter, 2008), entre outros.

Em relação à análise de teses e dissertações, destacamos os trabalhos de Barros (2013) que discute a psicologia do desenvolvimento a partir das dissertações apresentadas nos PPGs brasileiros; Aquino (2008) que aborda a formação do campo acadêmico da dança; e Santos (2013) que examina a produção acadêmica no campo das artes cênicas, a partir das teses disponíveis on-line no período de 2007 a 2009. Todos esses trabalhos fazem parte de uma linha de pesquisa do Grupo de Estudos sobre a Universidade Brasileira, cadastrado na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e no CNPq, e do qual esta pesquisa também faz parte.

Encontramos outros trabalhos sobre a produção de PPGs específicos, como o livro comemorativo dos 40 anos do PPG em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano da Universidade de São Paulo (USP) (2010) que faz uma análise histórica da sua produção, com levantamento das teses e dissertações defendidas, sem, contudo, analisar tal produção.

Em revisão sobre análise de produções em psicanálise, tema deste estudo, destacamos algumas pesquisas como a de Lustoza, Oliveira e Mello (2009) que realizaram um levantamento de artigos entre 2002 e 2009 em seis periódicos científicos, para verificar temática, natureza do trabalho, distribuição temporal e autores utilizados. De 1.728 artigos coletados, somente 229 são em psicanálise, o que levou as autoras a concluir que, embora consolidada no Brasil, a psicanálise necessita ampliar a divulgação da sua produção.

Kupfer et al (2010b) examinaram produções sobre psicanálise, em suas relações com o campo da educação, abrangendo vasto *corpus* como teses, dissertações, anais de colóquios, artigos e diretórios de grupos de pesquisa a partir da década de 1980. Lima (2012) discorre sobre questões da normalidade e patologia na psicanálise e psiquiatria, a partir da produção de dois periódicos brasileiros: *Revista Brasileira de Psicanálise* e *Revista de Psiquiatria Clínica*. Silva (2010) desenvolve uma análise da produção brasileira sobre psicanálise de crianças a partir de artigos encontrados na *Revista Brasileira de Psicanálise*. Coutinho et al (2013) fazem um levantamento dos artigos sobre o ensino da psicanálise nas universidades brasileiras, enfatizando a atualidade da proposta freudiana, e ressaltando a presença da psicanálise em cursos universitários.

Em relação à investigação de teses e dissertações em psicanálise especificamente, destacamos o levantamento de Mezan (1999) relativo a trabalhos defendidos por seus alunos no período de 1986 até 2000, dividindo-os em dois grupos: psicanálise *stricto sensu*, que aborda questões da clínica, e psicanálise *extramuros*, com questões externas à clínica, objetos não-psicanalíticos, porém com abordagem psicanalítica. Rinaldi e Alberti (2009) também analisam as produções do PPG em psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), constatando que 50% dos trabalhos dizem respeito à relação psicanálise e saúde mental. Já Safra (2001), ao traçar um percurso das produções em psicanálise nas universidades brasileiras, expõe que até a década de 1970 houve grande produção de trabalhos e de pesquisas de orientação psicanalítica. No entanto, a partir dos anos 1980, surge um maior número trabalhos que utilizam claramente a metodologia psicanalítica, o que mostra um reconhecimento do método de investigação da psicanálise, apesar dos objetivos e interesses diferentes entre academia e clínica.

Algumas características metodológicas se destacam na literatura por nós acessada: pesquisas bibliométricas, descrição da produção, buscando elucidar a incidência de temas, autores, quantidade etc., e revisão da literatura, a partir de resumos de artigos, teses ou dissertações, com categorias específicas de análise. Não encontramos, todavia, trabalhos que abordem as relações psicanálise e universidade pelo viés de teses e dissertações ou que abranjam a produção em psicanálise como índice do mapeamento do campo. Assim, esta investigação pretende preencher parte desta lacuna, no sentido de mapear e examinar parte da produção psicanalítica desenvolvida na universidade brasileira, suas teses, propiciando a emergência de novos elementos para qualificar debates acadêmicos sobre presença e incidência do campo psicanalítico dentro da universidade.

Para tal fim, utilizamos como marco teórico deste trabalho a obra freudiana, juntamente com os aportes trazidos por seus comentadores. Utilizamos também, teóricos da filosofia e da epistemologia da psicanálise, como Louis Althusser e Michel Foucault, em função de consistentes elaborações sobre a relação entre as ciências humanas e a psicanálise; do mesmo modo, recorreremos a Pierre Bourdieu, no que diz respeito à sua teoria do campo. Estes autores, incluindo ainda Jacques Lacan, desenvolvem, segundo Coutinho e Santos (2010), uma proposta não-

cartesiana de produção do conhecimento. A teoria destes pensadores tem servido como aporte às investigações em artes e humanidades.

1.1 CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

Adotamos como estratégia metodológica o estudo de caso. Trata-se, segundo Robert Yin (2010), de uma investigação empírica que estuda um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo o entendimento deste contexto pertinente à compreensão do evento. Sua utilização é relevante quando o fenômeno exige descrição ampla e profunda, necessitando explicar como ou porque ele funciona ou acontece e quando os eventos em foco não podem ser manipulados. Neste trabalho, o caso proposto é parte da produção acadêmica em psicanálise no Brasil, com recorte temporal de 1987-2012. O *corpus* deste estudo compreenderá o conjunto de teses disponíveis no Banco da Capes no período.

O estudo de caso é aplicável nos estudos de eventos contemporâneos e também para dar conta de variadas evidências. Especialmente indicado quando os limites entre fenômeno e contexto não são claramente evidentes, o que se aplica a nossa pesquisa. Yin (2010) cita cinco razões para justificar a escolha do estudo de caso, ou seja, quando o caso representa: 1) um teste crítico da teoria existente; 2) uma circunstância rara ou exclusiva; 3) um caso representativo ou típico; 4) uma proposta reveladora e 5) uma proposta longitudinal.

O estudo de caso pode também ser considerado, de acordo com Creswell (1998), uma estratégia de investigação consistindo em exploração de um sistema delimitado, envolvendo múltiplas fontes de informação, através da coleta de dados detalhada, sendo delimitado por tempo e espaço.

É importante ressaltar que o caso pode ser um programa, um campo do conhecimento, um lugar, um evento, uma atividade ou indivíduos. Yin (2010) enumera categorias de casos que podem ser estudados nas ciências sociais e humanas, áreas nas quais encontramos a maior parte das pesquisas com essa

estratégia: indivíduos; organizações, parcerias, comunidades, pequenos grupos, relacionamentos, decisões, projetos.

Ao conduzir um estudo de caso, o pesquisador deve considerar o tipo mais apropriado para aquela investigação. Stake (1995) distingue três tipos: 1) Intrínseco: focado na compreensão do caso em si, dos elementos que interessam à investigação; 2) Instrumental: utiliza o caso para refletir sobre um assunto, esclarecer uma teoria ou proporcionar conhecimento sobre algo que não é exclusivamente o caso em si; o estudo do caso leva à compreensão de outro(s) fenômeno(s); 3) Coletivo: o caso instrumental se estende a vários casos; através da comparação, é possível um conhecimento mais amplo sobre o fenômeno. Podemos localizar o caso da nossa pesquisa como instrumental, pois analisar produções em psicanálise nos leva a compreender o campo psicanalítico universitário, bem como relações entre psicanálise e universidade.

Procedemos à busca e seleção das teses em psicanálise para constituição do *corpus*. O Banco da Capes foi utilizado como fonte documental. Escolhemos este sítio pelo fato de compilar as teses e dissertações produzidas no país. Foram consideradas ainda outras fontes de busca tais como bibliotecas virtuais das universidades, através de seus PPGs, visando validar os achados do referido Banco. O período 1987-2012 foi escolhido levando em consideração o ano em que se inicia a indexação das produções no Banco, até o limite estabelecido para realização da pesquisa.

A produção acadêmica não se restringe a teses de doutorado, mas abrange capítulos de livro, compêndios, anais de eventos, artigos, trabalhos de conclusão de curso e de especializações, dissertações, relatórios de pesquisa, relatos de experiência e, no caso da psicanálise, o material que é produzido fora da universidade, nas instituições formadoras. Portanto, nosso objeto é apenas parte dessa produção. Escolhemos examinar as teses por se tratar de uma produção que exige contribuição inédita ao campo, fazendo com que o sujeito se coloque de fato em posição de autor. Uma tese pressupõe um nível elaborado de conhecimento, realizada por um candidato a pesquisador e que, após a titulação, está habilitado a orientar pesquisas e atuar como professor/pesquisador. O título de “doutor em psicanálise”, contudo, não confere posição privilegiada na clínica.

Segundo Creswell (1998), após a escolha do tipo de estudo ocorre a coleta de dados que, nesta estratégia, é extensiva e com múltiplas fontes de informação. Em seguida, procede-se à análise dos dados que pode ser holística (do caso inteiro) ou embutida (de um aspecto específico do caso). Yin (2010) sugere a elaboração de um protocolo de estudo de caso com questões. Após a coleta de dados, deve-se escolher entre quatro estratégias gerais de análise: 1) seguir as proposições teóricas que levaram ao estudo; 2) desenvolver uma estrutura teórica para organização do estudo; 3) utilizar dados quantitativos e qualitativos e 4) definir e testar explicações rivais.

Como unidades de análise, elegemos destacar três categorias: escolhas teóricas, delimitação do objeto e estratégia metodológica, tal como descritos pelo autor da tese no resumo depositado na Capes. A ausência de uma ou mais dessas unidades também foi levada em consideração, como índice significativo de análise.

Iniciamos a busca através do campo “assunto” a partir dos descritores “psicanálise” e “psicanalítico(a)”. Uma primeira busca foi realizada somente com o descritor “psicanálise”, seguindo-se de nova procura com “psicanalítico” e “psicanalítica”. Os dois últimos levam aos mesmos resultados. No entanto, algumas teses se repetem na busca com “psicanálise” e com “psicanalítico(a)”, o que nos impunha leitura minuciosa do material selecionado. Os descritores deveriam estar no título, resumo e/ou palavras-chave, das produções depositadas naquele sítio.

Nosso interesse não foi atuar como juízes, avaliando a pertinência ou não das teses ao campo, mas apontar a presença da psicanálise no ambiente universitário, onde ela se insere e com particularidades. Utilizamos, porém, dois critérios de exclusão: quando os descritores “psicanálise” ou “psicanalítico(a)” apareceram apenas descritivamente como forma de marcar a fronteira com outros campos (uma tese sobre psicologia experimental que diz em seu resumo “em contraposição ao pensamento psicanalítico”); quando a referência à psicanálise era pontual, ou seja, a psicanálise era abordada como mais uma teoria dentre muitas. Portanto, consideramos apenas teses cujos referenciais teóricos e/ou análise dos dados tinham como eixo a teoria, a clínica ou a pesquisa psicanalítica.

Após a seleção do material através da leitura dos resumos, procedemos ao cadastramento de todas as informações constantes na página de cada Resumo, tais como título da tese, autor, ano de defesa, Instituição de Ensino Superior, estado, PPG, palavras-chave, linha de pesquisa, resumo, orientador, composição da banca, agência de fomento. Para nosso estudo, o termo “resumo” refere-se ao resumo propriamente dito da tese e “Resumo” (com maiúscula), à página do Banco de Teses da Capes que contém todas as informações sobre cada tese, incluindo seu resumo. Construímos, assim, um banco de dados com todas as informações coletadas nas teses em psicanálise (ver Apêndice 1).

Após o mapeamento, realizamos uma análise dividida em três partes. A primeira teve caráter descritivo com as informações obtidas nas 1075 teses. Realizamos estatística básica dos dados compilados gerando gráficos e tabelas. As variáveis analisadas foram: Distribuição Temporal das teses, Distribuição Geográfica, Distribuição por Dependência Administrativa, Distribuição por Área do Conhecimento, Distribuição por IES, Distribuição de Bolsas de Pesquisa, Teses por Orientador, Teses por Linha de Pesquisa. No apêndice 2 encontra-se uma planilha com o quantitativo de teses por área de conhecimento e IES. As análises desses dados nos possibilitaram uma visão panorâmica do campo, fornecendo-nos um contexto para análise posterior do referencial teórico, objetos e métodos.

Para a segunda e terceiras etapas da pesquisa utilizamos as informações autodeclaradas. Iniciamos com a análise dos títulos e palavras-chave e passamos às informações do resumo. Ao final, dividimos as informações em: análise das teses em geral (segunda etapa) e análise das teses por área de conhecimento, que configura a terceira e última etapa.

Portanto, a partir da exploração e descrição do campo, pudemos verificar suas dinâmicas de funcionamento, a conformação de parte do campo, seu *habitus*, os capitais que ali circulam e o movimento de seus agentes universitários. Estes são conceitos de Bourdieu que extrapolam o campo da sociologia e são utilizados para compreensão de fenômenos em outras áreas de saber.

Bourdieu (2005) define campo como o espaço em que ocorrem relações entre indivíduos, grupos e estruturas sociais, em uma dinâmica que obedece a leis

próprias, movidas por disputas em seu interior. Esta noção permite compreender contextos diversos, como é o caso da psicanálise, dentro ou fora da universidade.

Uma ciência não se engendra a si mesma, fora de uma intervenção social. Daí a ideia de campo. No entanto, para compreender esta noção deve-se incluir a ideia de que não há campo fixo ou imutável, pois o que o determina e constitui é a ação de pessoas e grupos, ou seja, seus agentes. É a posição de um agente no campo que indica a forma como ali se consome, se relaciona, se produz. Tais relações estão sempre tensionadas por interesses concorrentes, conflitos e os agentes, ao mesmo tempo em que constituem um campo, são também por ele constituídos.

Cada campo cria seus objetos e seus princípios de compreensão, sendo este um trabalho engajado. Um campo tem lógica própria e o *habitus* faz com que o agente incorpore modos de agir relativos à lógica do campo na sua trajetória social. O que delimita um campo são os interesses específicos, investimentos simbólicos, dentre os quais aqueles de caráter econômico, financeiro, cultural que ele solicita a agentes, grupos e instituições nele inseridas.

Bourdieu nomeia capital a estes interesses. O valor do capital varia de acordo com o campo. A posição de cada agente no campo é definida pelo capital específico que detém. O capital cultural, que compreende conhecimento, habilidades, informações etc, corresponde ao conjunto de qualificações intelectuais produzidas e transmitidas pela família e pelas instituições escolares, podendo existir como *habitus* (incorporado), objetivado (bens) e institucionalizado (títulos escolares). O capital social abarca o conjunto de acessos sociais, compreende o relacionamento e a rede de contatos. E o capital simbólico, conjunto de rituais de reconhecimento social, inclui o prestígio, reputação, honrarias, sanções entre outros. Ele é uma síntese dos demais (cultural, econômico e social), um capital a parte, segundo Bourdieu. Se há capital simbólico é porque os agentes o classificam como bom ou mau, legítimo ou não (Champagne & Christin, 2012).

O conceito de campo complementa o de *habitus*: o campo estrutura o *habitus* e o *habitus* constitui o campo. O *habitus* não é sinônimo de costume ou repetição de um gesto. De acordo com Bourdieu (2000), *habitus* significa “disposições adquiridas [...] maneiras de ser duradouras” (p. 81), incorporadas nos agentes. O conceito de *habitus* refere-se à dimensão simbólica dos fenômenos sociais, partindo da

premissa de que nossas estruturas mentais sofrem condicionamento social, sendo inscritas nos corpos a partir desse crivo. Essa inscrição é compartilhada entre os diversos agentes de um campo, orientando sua conduta e conferindo-lhes sentido (Bourdieu, 2003). Em resumo, seria um processo, adquirido por aprendizagem explícita ou implícita, que se expressa por uma atitude “natural” em um determinado meio, além de definir o que deve ser perseguido, o que de fato tem valor enquanto construção social e enquanto capital a ser acumulado (Thiry-Cherques, 2006).

Ainda para Thiry-Cherques (2006), Bourdieu propõe uma compreensão do mundo social que integra o sujeito às estruturas sociais e as suas dinâmicas. Aliado a isto, temos a sua forma particular de investigação em que as ideias são tributárias da sua condição de produção. Portanto, para ele não existiria uma filosofia pura de um conceito ou um trabalho científico desencarnado, mas enraizados em um contexto específico. O modo de investigação de Bourdieu sobre determinado campo procede a partir da delimitação de indicadores, objetivando o subjetivo, seguindo-se da análise da posição dos agentes e instituições, compreendendo as dinâmicas, analisando as relações. Foi este modo de pesquisar que tentamos realizar aqui, por meio das três etapas de pesquisa já descritas.

Consideraremos a psicanálise como campo de conhecimento e, para tal fim, explanamos também a noção de campo científico, uma das possibilidades de campo dadas pelo autor. Este seria um campo social com interesses, lutas, relações de força. O que está em jogo é o monopólio da autoridade científica, uma espécie de capital social, capacidade técnica, ou o monopólio da competência científica, compreendida como capacidade de falar e de agir legitimamente, o que é socialmente outorgado a determinados agentes (Bourdieu, 1976).

Assim, as tensões entre indivíduos e instituições que compõem um campo fazem parte de sua composição e são levados em consideração ao abordarmos o campo psicanalítico, tendo em vista o contexto universitário que o envolve. Pensamos que as produções acadêmicas podem nos ajudar a compreender este panorama, partindo do pressuposto que elas refletem tais questões. De acordo com Champagne e Christin (2012), Bourdieu considerava a noção de campo como postura teórico-metodológica e não como chave de leitura universal. E é desta forma que utilizaremos a noção em nossa pesquisa.

No decorrer da pesquisa encontramos algumas dificuldades. A primeira, diz respeito a limitações do *corpus*. Embora com ocorrência rara, encontramos teses em psicanálise que não fazem menção ao nome “psicanálise” ou “psicanalítico(a)”, nossos descritores. Estas ficaram fora da pesquisa, pela dificuldade de busca e de estabelecer novos critérios. Existem também teses anteriores a 1987, porém realizamos a busca a partir do início da indexação pela Capes.

Outro fator que dificulta um estudo como este diz respeito à fonte documental, o Banco de Teses da Capes, que permite ao depositante omitir informações ou preencher parcialmente os itens do formulário. O Banco de Teses é uma ferramenta importante na localização e mapeamento das produções brasileiras, no entanto, algumas incongruências remetem à falta de sistematização e organização das informações. Algumas informações estavam claramente equivocadas, como no caso de duas teses com o mesmo resumo, o que nos leva a supor que pode haver resumos com conteúdos diferentes do que os títulos indicam. Percebemos a ausência de informações importantes, como declaração de financiamento sob a forma de bolsa, palavras-chave, nome da linha de pesquisa ou até mesmo nome do orientador. Em uma tese não constava o nome do autor. Em relação à informação de bolsas, quando este item não está preenchido, não sabemos se o doutorando não recebeu bolsa no período, ou se apenas não declarou essa informação.

As teses de 1987 até 2000 apresentam uma maior falta de informações. A partir dos anos 2000 passam a ser mais sistematizadas, o que coincide com o aumento da produção e também com a disponibilização on-line das teses através das Bibliotecas Virtuais. Lembramos que nem todas as teses encontram-se disponíveis, e as que estão, geralmente, foram escritas a partir de meados dos anos 2000. Por essas questões, quando possível, as teses depositadas no Banco foram comparadas às declaradas nas Bibliotecas Virtuais de Teses e Dissertações das universidades, tornando o trabalho de catalogação e armazenamento mais longo e extenso.

Destacamos que a pesquisa foi realizada no ano de 2013 antes das mudanças ocorridas no Banco de Teses. Atualmente ele passa por reformulações e alterações no seu cadastro, visando a uma revisão dos dados ali contidos para maior fidedignidade. Portanto, constavam na nova versão Banco, no momento em que

finalizamos este trabalho (2015), somente as teses a partir de 2011. O banco está sendo complementado gradualmente e esperamos que estas mudanças possam sanar as diversas dificuldades encontradas nesta pesquisa para obtenção de dados.

Após a etapa de levantamento e mapeamento das teses, também encontramos algumas dificuldades na análise. Existe uma tendência a nos pautarmos por um referencial cartesiano de divisão de dados de pesquisa em categorias determinadas o que gerou uma dificuldade na análise temática desta pesquisa. Por exemplo, poderíamos dividir os temas encontrados em categorias como clínica, psicopatologia, análise de conceitos, psicanálise aplicada. Mas, quando falamos em psicopatologia, isso também não poderia ser clínica? E uma pesquisa sobre a clínica com crianças com dificuldades de aprendizagem não concerne à clínica e à educação? Não seria esta uma “prova” da interdisciplinaridade da psicanálise? Um dos grandes impasses da psicanálise na universidade é justamente fazer uma pesquisa pautada por critérios definidos *a priori*. Outros saberes como as artes, também encontram essa dificuldade quando se pensa a partir de um referencial não cartesiano de construção do conhecimento.

Assoun (1997) nos fala que o pesquisador é o sujeito da paciência, aquele que aceita não encontrar, acostumando-se com a frustração. O pesquisador seria também aquele que pesquisa no escuro, encontrando mais quando menos espera. No entanto, estar no escuro não significa estar às cegas, uma vez que se tem um método. O movimento de pesquisa delimita o campo no qual o objeto deve aparecer e este objeto é aquilo que o campo designa como tal. O tempo da pesquisa é aquele necessário para percorrer o recorte desse campo. E o pesquisador o percorre, numa busca orientada pelo método.

Portanto, a pesquisa foi pautada por diversas inserções no campo, leituras do material, que por sua vez nos remetiam novamente à teoria, e a novas percepções sobre o campo. Ao ler os resumos das teses encontramos autores conhecidos, professores, colegas, pessoas reconhecidas do campo analítico. Sabemos mais sobre alguns autores e teses por pertencer ao campo como estudante, professora, autora, analista. Desempenhamos todos estes papéis e aqui o de pesquisador. Somos agentes no campo que pesquisamos e constituímos. Neste estudo,

discutimos algo que fazemos dentro e fora da universidade: a pesquisa, realizando uma espécie de meta-pesquisa para usar uma expressão de Reid (1991).

Tivemos a oportunidade de realizar, por um período de um ano um estágio-sanduíche, na *Université Paris Diderot - Paris VII - École Doctorale Recherches en Psychanalyse et Psychopathologie* na França, no âmbito desta cotutela de tese. A universidade escolhida é uma das pioneiras na França no desenvolvimento da psicanálise na universidade, tendo uma Unidade de Formação e Pesquisa chamada *Estudos Psicanalíticos* com um curso de graduação em psicologia, *master* e doutorado em psicanálise.

Realizamos no período uma revisão bibliográfica sobre o tema e analisamos a inserção da psicanálise nas universidades francesas. Com essa experiência, pudemos obter uma nova perspectiva da psicanálise na universidade, a partir de uma realidade diferente da brasileira, mas que ao mesmo tempo guarda grandes semelhanças.

1.2 ROTEIRO DA TESE

Este trabalho está dividido em quatro seções. Na primeira, esta introdução em que discutimos a proposta da tese, seus objetivos, fundamentos, relevância, justificativa e delineamento metodológico, esclarecendo o desenho da pesquisa, categorias de análise e os procedimentos utilizados para sua realização. Na segunda, intitulada **Constituição do campo psicanalítico: entre a rejeição e a benévola expectativa da ciência**, discutiremos a constituição do campo a partir das problemáticas da cientificidade da psicanálise, partindo das ideias freudianas e apresentando posicionamentos de psicanalistas e estudiosos da psicanálise em relação ao seu estatuto científico. Mostraremos como este campo se constitui interdisciplinarmente, recorrendo e interessando a diversos campos de saber. Em seguida, discorreremos sobre a pesquisa em psicanálise e as especificidades de seu método e como a pesquisa está presente desde a gênese do campo e que a diversidade de versões desta pesquisa, sobretudo na universidade, está relacionada à conformação plural do campo psicanalítico. Partimos da ideia de que a pesquisa em psicanálise tem

especificidades que a distinguem de outras investigações tradicionais, no que concerne tanto a aspectos epistemológicos quanto àqueles de caráter empírico.

Intitulamos a terceira seção **Psicanálise e universidade: uma empreitada freudiana** e nele apresentamos o histórico das relações psicanálise e universidade desde a época de Freud, passando pela experiência universitária francesa. Seguiremos as reflexões presentes na obra freudiana sobre estas relações desde o primeiro texto de Freud a abordar diretamente o assunto, *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?* (1919/2010b), tendo em vista suas especificidades epistemológicas e o encontro com outros modelos de ciência presentes no ambiente acadêmico. Em seguida abordamos o histórico da psicanálise na universidade brasileira, campo que se constitui desde a chegada das primeiras ideias psicanalíticas ao país no início do século XX. Essas relações, como veremos, não se restringem à medicina, primeiro *lócus* acadêmico da psicanálise, ou à psicologia, mas tem no movimento artístico uma grande via de divulgação, além, é claro, da universidade. Ao final apresentamos a conformação atual da psicanálise na universidade no Brasil.

Na quarta seção, **O que mostram as teses psicanalíticas no Brasil?**, apresentamos os resultados da nossa pesquisa. Iniciamos pela etapa exploratória, com a análise estatística dos dados traçando um perfil das produções psicanalíticas. Em seguida analisamos os dados das teses em relação aos seus objetos, métodos e referências, investigando a dinâmica do campo, seu funcionamento, suas tensões e ações de seus agentes.

Na quinta e última seção, **Psicanálise e interdisciplinaridade na universidade**, discutiremos a hipótese de uma conformação interdisciplinar, tão presente e tão cara ao campo psicanalítico, articulando-a com debates atuais sobre interdisciplinaridade nas ciências. Em seguida, fazemos uma análise das teses em cada área do conhecimento que abriga pesquisas em psicanálise. Por fim, os lugares da psicanálise na universidade são discutido, mediante a distribuição e os conteúdos das teses, fomentando debates sobre interdisciplinaridade e legitimidade dos discursos psicanalíticos na universidade.

2. CONSTITUIÇÃO DO CAMPO PSICANALÍTICO: ENTRE A REJEIÇÃO E A BENÉVOLA EXPECTATIVA DA CIÊNCIA

Por mais de dez anos após o afastamento de Breuer não tive seguidores. Estava completamente isolado. Era evitado em Viena, e no exterior não se tomava conhecimento de mim. [...] A acolhida jamais era amigável ou de benévola expectativa. Após tomar breve conhecimento da psicanálise, a ciência alemã foi unânime em rejeitá-la.

Sigmund Freud, *Autobiografia*.

Esta epígrafe expõe com rigor o relato de Freud sobre os primeiros anos de recepção da psicanálise na Europa. Em seguida, no mesmo texto, ele faz duas afirmações igualmente duras e esclarecedoras

Naturalmente, não posso saber hoje qual será o julgamento definitivo da posteridade acerca do valor da psicanálise para a psiquiatria, a psicologia e as ciências humanas em geral. Mas creio que, se um dia a fase que vivemos encontrar seu historiador, esse terá de admitir que o comportamento dos representantes da ciência alemã não foi motivo de orgulho para ela (Freud, 1925/2011a, p.134).

Por um lado, Freud delimita, sem deixar dúvidas, a especificidade do campo: não se trata de psicologia, nem de psiquiatria, nem tampouco de compor o rol das ciências humanas. Por outro lado, evidencia o desprezo da “ciência alemã” com relação à psicanálise.

É muito claro para Freud que a psicanálise promove uma revolução³ em relação aos paradigmas até então hegemônicos no âmbito das ciências. Seus pressupostos anunciam um novo objeto de investigação, o inconsciente, em um momento histórico no qual a exigência é atingir conhecimentos objetivos e universais. A ciência positivista, sistema que atualiza o ideal cartesiano, dominante do final do século XIX até meados do século XX, reinveste suas estratégias de dominação com o fortalecimento do suposto da neutralidade e da universalidade do método.

Entretanto, ele observa que, pouco a pouco, a própria psiquiatria se dobra à “força comprobatória” do material clínico que ele e seus discípulos oferecem por meio de

³ A ideia da psicanálise como uma revolução é do próprio Freud. Em *Contribuição à história do movimento psicanalítico* (1914/2012a), ele fala sobre “as revolucionárias constatações da psicanálise” (p.288).

relatos clínicos e teóricos. Com ironia afirma: “Sucedem agora na psiquiatria alemã uma espécie de *pénétration pacifique* dos pontos de vista da psicanálise” (1925/2011a, p.150, grifo do autor). Noções e ideias psicanalíticas sobre etiologia sexual das neuroses, sexualidade infantil e realidade psíquica provocam ainda hoje espanto e polêmica. Conceitos como inconsciente, desejo, pulsão, transferência trazem nova compreensão aos fenômenos psíquicos, propondo atuação diferente daquela empreendida tanto pela psiquiatria quanto pela psicologia.

A proposta freudiana de um pensamento inconsciente, que tem sua gramática e, no dizer de Lacan, produz sujeito, provoca um abalo epistemológico e, mais que isso, mudanças duradouras na maneira de construir e organizar saberes e relações sociais, ao romper com a ideia de que dominamos, por meio de atos conscientes, os processos que determinam nossa vida. Foi o que Freud (1917/2010) denominou ferida narcísica da humanidade, talvez a mais sentida, junto com outras duas, a saber: uma afronta cosmológica, decorrente da descoberta de Copérnico de que a Terra não é o centro do Universo, e outra biológica, com Darwin e a Teoria da Evolução das Espécies, aproximando os seres humanos dos demais animais. Parte das resistências à psicanálise, segundo Freud (1923/2011), derivam do fato de que as pessoas viram-se feridas pelo conteúdo da teoria psicanalítica, sendo essas resistências não de natureza intelectual, mas afetiva. Nas palavras de Freud (1917/2010), em *Uma dificuldade da psicanálise*

[...] esses dois esclarecimentos, de que a vida instintual da sexualidade não pode ser inteiramente domada em nós, e de que os processos mentais são inconscientes em si e apenas acessíveis e submetidos ao Eu através de uma percepção incompleta e suspeita, equivalem à afirmação de que *o Eu não é senhor em sua própria casa*. Juntos eles representam a terceira afronta ao amor-próprio humano, que eu chamaria de *psicológica* (pp.250-251, grifos do autor).

O novo objeto trazido pela psicanálise para o âmbito das ciências, o conceito de inconsciente, e uma nova forma de pesquisa com método próprio, caracterizam a especificidade deste campo que, desde o início de sua constituição, pleiteia – e realiza – inserção no ambiente universitário, juntamente com as demais disciplinas científicas. Como afirmamos em outro trabalho: “A proposta de Freud para a sua ‘jovem ciência’ [...] compreende os seguintes elementos integrados: modelo de pesquisa e de tratamento, método e rede conceitual e de vocabulário” (Coutinho et

al, 2013, p.106), formulações freudianas que comentaremos ao longo de sua obra, pensando a inserção da psicanálise na universidade.

No contexto da produção de conhecimento, deparamo-nos muitas vezes com uma tentativa conservadora e cartesiana de adaptação das pesquisas a um modelo universal de ciência. Freud ultrapassa o ideal cartesiano, advogando um método próprio, além de ter combatido veementemente a atribuição de falta de rigor da psicanálise. Ele defende a localização da psicanálise no campo das ciências naturais, sem deixar de aproximá-la das ciências humanas. Trata-se de uma posição singular, porque, segundo ele, a psicanálise seria, ao mesmo tempo, uma nova psicologia, ou uma psicologia da profundidade (1923/2011, p.300), e uma medicina que superaria a medicina.

Além disso, recorre a diversos saberes para constituir sua “ciência do inconsciente psíquico” (1923/2011, p.299) ou “jovem ciência” (1933/2010, p.126), relacionando-a também a vários outros campos. Tal conformação interdisciplinar é característica do campo desde seus primeiros escritos. Trata-se, portanto, de um campo que inclui uma diversidade de saberes constitutivos, posicionamento divergente do hegemônico sobre o estatuto e a própria definição de ciência e pesquisa imbricada com teoria, tratamento e labor clínico. Entender a constituição do campo psicanalítico pode ajudar-nos a compreender a pluralidade de pesquisas realizadas em seu nome, sobretudo na universidade.

2.1 A PESQUISA NA GÊNESE DO CAMPO PSICANALÍTICO

Na condição de médico neurologista, Freud esteve em contato com atividades científicas desde sua formação universitária em Viena. O início de sua carreira ocorre no laboratório de fisiologia de Ernst Brücke, onde trabalha com sistema nervoso de animais inferiores, o que lhe proporciona familiaridade com os procedimentos de investigação científica de sua época. No entanto, ele é desencorajado por seu professor a seguir carreira acadêmica, devido à onda de anti-semitismo na Europa. Anos depois, reconhece (1926/1996) que a pessoa que mais teve influência sobre sua carreira foi justamente Brücke, um pesquisador

positivista. No texto *Autobiografia* (1925/2011a), ele relata sua imersão nas pesquisas científicas do referido laboratório, passando aos estudos com Josef Breuer e na França com Jean-Martin Charcot. No momento em que ele fala do início da psicanálise, afirma: “Agora devo expor como a pesquisa científica voltou a constituir o principal interesse de minha vida” (p.91).

Podemos destacar outras passagens na obra freudiana que demonstram o lugar da pesquisa, entrelaçando tratamento e teoria, caracterizando a psicanálise como *práxis*. Coutinho (2004) comenta

Lacan defende o termo *práxis* como adequado para referir aquilo que concerne à psicanálise: ‘uma ação realizada pelo homem, qualquer que seja ela, que o põe em condição de tratar o real pelo simbólico. Que nisto ele encontre mais ou menos imaginário tem aqui valor apenas secundário.’ (LACAN, 1979 [1964], p. 14). Mais adiante, ele dirá que a *práxis* delimita um campo (p.21).

Em *Recomendações ao médico que pratica a Psicanálise*, Freud (1912/2010) afirma: “Um dos méritos que a psicanálise reivindica para si é o fato de nela coincidirem pesquisa e tratamento” (p.153), argumentando que a pesquisa em psicanálise diz respeito a cada caso específico e não a um experimentalismo. Tal modelo, inicialmente pautado na clínica médica, na qual o caso é o particular de um universal, constitui ruptura na relação tradicional entre universal-particular, instaurando outra lógica: a do caso em sua singularidade, sem referência necessária a um universal.

Destacamos também em Freud: “Assim ocorreu que a psicanálise, uma técnica puramente médica em sua origem, viu-se desde o começo direcionada para a pesquisa, para o descobrimento de nexos amplos e ocultos” (Freud, 1919/2010c, p. 390), corroborando com o que ele relata anteriormente em *Princípios básicos da psicanálise* (1913/2010)

A psicanálise é uma disciplina singular, em que se combinam um novo tipo de pesquisa das neuroses e um método de tratamento com base nos resultados daquele. Desde já enfatizo que ela não é fruto da especulação, mas da experiência, e, portanto, é inacabada enquanto teoria. Mediante suas próprias inquirições, cada qual pode se persuadir da correção ou incorreção das teses nela presentes, e contribuir para seu desenvolvimento (p. 269).

Trata-se aqui da inquietação do pesquisador que problematiza e busca o novo e Freud interessa-se por um tipo de investigação do psiquismo jamais empreendido.

Em *Psicanálise e Teoria da libido* (1923/2011), ele enumera características da psicanálise que seria o nome

1) de um procedimento para a investigação de processos psíquicos que de outro modo são dificilmente acessíveis; 2) de um método de tratamento de distúrbios neuróticos, baseado nessa investigação; 3) de uma série de conhecimentos psicológicos adquiridos dessa forma, que gradualmente passam a constituir uma nova disciplina científica (p. 274).

A dimensão da pesquisa lhe é não somente cara, mas indispensável à “nova disciplina científica”. Lembremos também que ele publica seus casos clínicos e os deixa como legado e prova dessas articulações entre clínica e pesquisa, conforme explicita em *A questão da análise leiga* (1926/1996)

Na psicanálise tem existido desde o início um laço inseparável entre cura e pesquisa. O conhecimento trouxe êxito terapêutico. Era impossível tratar um paciente sem aprender algo de novo; foi impossível conseguir nova percepção sem perceber seus resultados benéficos. Nosso método analítico é o único em que essa preciosa conjunção é assegurada (p.246).

Para Assoun (1997), psicanálise é antes de tudo pesquisa, termo que a define, antes mesmo de ser um conhecimento ou uma técnica. Sempre uma pesquisa-descoberta, definida pelo termo alemão *Forschung* que traz a dimensão do explorar. O pesquisador [*Forscher*] é animado pela vontade de saber, na posição de quem interroga, em permanente questionamento. Contudo, o método psicanalítico não se restringe à clínica, estende-se ao social, à cultura, a outros campos disciplinares e saberes. Essa jovem ciência, como diz Freud, busca o reconhecimento de seu estatuto científico, ininterruptamente.

Para responder à crítica de que os conceitos são pouco claros e abstratos, Freud argumenta que os conceitos de uma ciência são fruto de seu desenvolvimento ao longo dos anos. Em *Introdução ao narcisismo* (1914/2010), considera imprescindível para qualquer ciência não baseada na pura especulação, conceitos flexíveis e refutáveis, que possam ser substituídos à medida que o conhecimento avance, o que ele já afirmava um ano antes em *Princípios básicos da psicanálise* (1913/2010), ao dizer que a psicanálise é inacabada enquanto teoria, sendo portanto, aberta ao novo e as reformulações que a pesquisa e a prática clínica proporcionam.

Posteriormente, em *Os instintos e seus destinos* (1915/2010), ele retoma a mesma ideia, dizendo que nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com

conceitos claros e bem definidos, ressaltando que o primeiro objetivo de uma atividade científica consiste na descrição do fenômeno, aplicando-se-lhe ideias abstratas. Diz Freud: “Mas o progresso do conhecimento também não tolera definições rígidas. Como ilustra de maneira excelente o exemplo da física, também os ‘conceitos fundamentais’ fixados em definições experimentam uma constante alteração de conteúdo” (pp.52-53).

No texto *Psicanálise e Teoria da libido* (1923/2011), num trecho que intitula *Caráter da psicanálise como ciência empírica*, Freud diz ainda

A psicanálise não é como um sistema filosófico, que parte de conceitos fundamentais claramente definidos, procura com eles apreender o mundo como um todo e depois, quando completado, não tem mais lugar para novos achados e melhores percepções. Ela se atém aos fatos do seu âmbito de trabalho, busca solucionar os problemas imediatos trazidos pela observação, segue tateando com base na experiência, está sempre incompleta, sempre disposta a ajustar ou modificar suas teorias. Tal como a física e a química, ela tolera muito bem que seus principais conceitos sejam vagos e seus pressupostos sejam provisórios, e espera uma maior precisão deles como resultado do trabalho futuro (p.301).

Para Assoun (1978), Freud inscreve a psicanálise no paradigma epistemológico que se estruturou de acordo com o modelo da física relativista. A indeterminação e a possibilidade de revisão dos conceitos são compatíveis com o rigor científico. Tal como a física e a química, citados por Freud, ciências da natureza, a psicanálise também modifica sua teoria e sua técnica a partir da experiência. Daí, o afastamento da filosofia, visto que, para Freud, o sistema filosófico é caracterizado pela ambição de conceber a totalidade do mundo, de se pretender acabado, não deixando espaço para novas descobertas.

Alguns anos depois, em *Autobiografia* (1925/2011a), ele dirá, criticando a tendência à abstração apartada do mundo empírico, encontrada nas ciências humanas

Não poucas vezes escutei a desdenhosa afirmação de que não se pode levar a sério uma ciência cujos principais conceitos são tão imprecisos como os da libido e do instinto na psicanálise. Mas essa objeção se baseia numa total incompreensão dos fatos. Conceitos fundamentais claros e definições nitidamente demarcadas apenas são possíveis nas ciências humanas quando elas procuram acomodar todo um âmbito de fatos na moldura de um sistema intelectual. Nas ciências da natureza, entre as quais se inclui a psicologia, tal clareza dos conceitos principais é supérflua e mesmo impossível. A zoologia e a botânica não principiaram com definições corretas e suficientes de animal e planta, e ainda hoje a biologia não soube dar um conteúdo preciso ao conceito de ser vivo. A própria física não teria absolutamente se desenvolvido caso tivesse sido obrigada a esperar até que seus conceitos de

matéria, força, gravitação e outros alcançassem a clareza e precisão desejável (pp.145-146).

Freud dá grande importância à teorização e apresenta-a de modo específico por meio dos textos metapsicológicos, sem deixar de problematizá-la em textos mais claramente clínicos. Mezan (2014) defende que a metapsicologia é o eixo organizador da obra de Freud, desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1895), no qual explicita sua intenção de apresentar uma ciência natural. Para o autor, Freud não faz uma teoria *da* clínica, mas uma teoria *para* a clínica o que não invalida a clínica nem desloca sua importância capital. Além de constituir lugar de verificação para a teoria, a clínica desempenha uma função problematizante e indispensável. É, portanto, pela metapsicologia, por um método próprio e pela verificação empírica proporcionada pela clínica que a psicanálise afirma sua ambição de ser uma ciência do inconsciente (Assoun, 1997).

Sisson e Winogard (2012) defendem que, para Freud, a técnica seria um preceito básico sob o qual uma doutrina científica poderia ser estabelecida, tanto que ele estabelece primeiro seus artigos sobre a técnica e depois aqueles sobre a metapsicologia. As autoras estabelecem relação entre este posicionamento freudiano e as ideias de Bachelard (1938/1996), ao afirmar que uma teoria para ser científica deve estar atrelada a uma técnica específica, que possibilita a emergência de um objeto. É o que Bachelard denomina fenomenotécnica, ou seja, um conceito só se torna científico à medida que há um solo técnico. Nas palavras de Freud em *Conferências introdutórias à psicanálise* (1917/2014): “Como ciência, a psicanálise não se caracteriza pela matéria de que se trata, e sim pela técnica com que trabalha. Pode-se aplicá-la tanto à história da civilização, ao estudo da religião e da mitologia como à teoria das neuroses, sem com isso violentar sua natureza” (p.515). Tal posição corrobora, segundo Milner (1996), o projeto da ciência moderna: “O universo da ciência moderna é a um só tempo e pelo mesmo movimento um universo da precisão e um universo da técnica” (p.38).

Em *Novas Conferências introdutórias à psicanálise* (1933/2010), Freud refere-se à jovem ciência, e diz que seu objetivo ali não é negar lacunas e incertezas. Tais questões são consideradas evidentes em outros campos científicos, mas na psicanálise “todo problema não resolvido, toda incerteza confessa é transformada em recriminação a ela” (p.126). Na conferência *Acerca de uma visão de mundo*

[*Weltanschauung*], Freud caracteriza a psicanálise como ramo da psicologia, e, portanto, como uma ciência especial [*Spezialwissenschaft*], não no sentido de privilegiada ou de exceção, mas específica, com território próprio que é a investigação do psíquico.

A *Weltanschauung* constitui para Freud uma “construção intelectual que, a partir de uma hipótese geral, soluciona de forma unitária todos os problemas de nossa existência, uniformemente, na qual, portanto, nenhuma questão fica aberta, e tudo que nos concerne tem seu lugar definido” (p.322). A explícita adesão de Freud à *Weltanschauung* científica pode ser compreendida tanto no sentido de participar do universo de discurso científico quanto de recusar dogmas presentes em outras *Weltanschauungen*, sobretudo, como ele sublinhou, a religiosa. A psicanálise não poderia criar uma visão de mundo própria, como disciplina científica, e não correria o risco de ser capturada pela lógica da ilusão, tal como a religião “Uma visão de mundo baseada na ciência tem, salvando a ênfase no mundo externo real, traços essencialmente negativos, como a resignação à verdade e a recusa das ilusões” (p.354).

Para melhor compreender o posicionamento de Freud, é necessário voltar ao contexto em que nasce a psicanálise, no final do século XIX, marcado por um debate conhecido como “querela dos métodos”⁴, sobretudo na Alemanha. Os métodos em questão se referem àqueles praticados pelas ciências da natureza e as do espírito. Esta dicotomia remonta à divisão proposta por Dilthey em sua obra *Introdução às ciências do espírito* de 1883. Para Dilthey existem dois tipos de objetos: de um lado, os naturais; de outro, os históricos ou culturais. Os primeiros têm como método a explicação [*Erklären*], suscetíveis aos modelos investigativos da física de Galileu e Newton, tendo o indivíduo como exemplo. O segundo tipo, operaria mediante a compreensão [*Verstehen*], possibilitada pelo método

⁴ “Em síntese, trata-se do seguinte: haveria basicamente dois tipos de objeto para o saber, os naturais - existentes sem que o homem tenha parte em seu surgimento e em seu *modus operandi* - e os históricos ou culturais, ou seja, tudo aquilo que resulta da vida em sociedade e caracteriza a existência humana. Disciplinas como a História, a Economia, a Filologia ou a Etnologia lidam com realidades culturais, qualitativamente diversas dos corpos físicos ou dos organismos vivos que são o assunto da Astronomia, da Física, da Química e da Biologia. Há entre o “humano” e o “natural” uma diferença ontológica, e, para respeitá-la, é necessário o emprego de métodos diversos no estudo de cada uma dessas regiões do real” (Mezan, 2007, p. 328).

hermenêutico, visando à interpretação do sentido; recorrendo aos juízos de valor, considera cada indivíduo em sua singularidade (Mezan, 2007).

Sabemos que Freud confere estatuto científico à psicanálise, localizando-a entre as ciências naturais. As razões para isto não estão apenas vinculadas ao contexto da época e à forma de fazer ciência característica do final do século XIX e início do XX. Assoun (1978) afirma que a localização da psicanálise como ciência da natureza não se deve ao caráter do seu objeto, que versa sobre a esfera psíquica, mas o modo de tratamento epistêmico do objeto, ou seja, os processos inconscientes como objeto de conhecimento seriam suscetíveis a um modo de tratamento semelhante aos das ciências naturais.

Recorrendo ainda a Assoun (1981), o autor comenta que Freud não considera o dualismo *Geisteswissenschaft X Naturwissenschaft*, embora esteja ciente do movimento existente à época. É que, para ele, só existe um tipo de ciência. Determinados ramos dessa ciência unitária podem se ocupar das “atividades espirituais dos homens”, enquanto outros tratariam da matéria inanimada ou dos organismos vivos. Além disso, para Freud, explicação e compreensão se reúnem na interpretação.

Ao elucidar as relações entre psicanálise e arte, por exemplo, Assoun (1996, p.5) esclarece: “Trata-se de obter uma explicação [*Aufklärung*] sobre a criação do escritor”. Assim, o processo de interpretar, dispositivo da ciência psicanalítica não restrito apenas à clínica, incorpora e assume a explicação como um vetor tão importante quanto a compreensão, como lados de uma mesma moeda.

O modelo de ciências da natureza para Freud é a física, daí a ideia de forças psíquicas e metáforas hidráulicas, mecânicas e elétricas em relação ao psiquismo. Ao longo de seus textos, compara a psicanálise com outros saberes como química e biologia, ciências da natureza, utilizados para pensar a nova ciência. O que tornaria a psicanálise científica, para Freud, é a busca de leis e de causas para os fenômenos psíquicos, assim como Newton fez com a física. O cenário da ciência moderna foi o terreno no qual a psicanálise pôde emergir, mas, ao mesmo tempo, a especificidade de seu objeto permite-lhe romper com o ideal positivista científico vigente, fazendo surgir algo inédito no campo das ciências. Para Milner (1996),

Freud busca uma ciência ideal, no entanto em seus textos aparece uma teoria transversal da ciência, ou seja, ali se anuncia algo diferente, de outra ordem.

Freud compreende a causalidade ou determinação psíquica como não-linear, complexa. É como ele entende a teoria das pulsões e a proposta conceitual da sobredeterminação “que descreve o aparecimento de algo que, como tal, não estava antes no sistema, considerando-se múltiplas e dinâmicas determinações causais” (Almeida-Filho & Coutinho, 2007, p.121).

Considerar a divisão dualista e dicotômica entre ciências do espírito e humanas é ocioso para Freud, pois nesse sistema de pensamento, o pressuposto não prevalece sobre a observação e a observação não pode ser descolada de seus referenciais teóricos. Conforme postulado por Dilthey, nas ciências do espírito, o cientista não abandona suas convicções, o que provocaria uma onipotência de pensamento. Por esta razão, Freud situa a psicanálise entre as ciências da natureza (Mezan, 2007).

Não se trata, porém, de uma posição simples e pacífica. Vimos que Freud recorreu a diversos saberes na constituição da psicanálise, utilizando outras ciências e, sobretudo, as artes para entender certos fenômenos e fazendo disto uma característica própria ao campo. Antes mesmo de ser “aplicada” aos saberes, Freud encontra uma espécie de “confirmação” de suas descobertas também nesses saberes e não somente nas ciências da natureza.

Em um de seus primeiros textos, *Estudos sobre a histeria* (Breuer & Freud, 1895/1996), vemos a explicação para o fato de que sua escrita assemelha-se bem mais a uma narrativa literária do que habitualmente se vê nas ciências tradicionais. Ele esclarece que não se trata de uma escolha estilística, mas a “natureza do objeto” impõe tal modo de relato e interpretação

A verdade é que o diagnóstico local e as reações elétricas não levam a parte alguma no estudo da histeria, ao passo que uma descrição pormenorizada dos processos mentais, como as que estamos acostumados a encontrar nas obras dos escritores imaginativos, me permite, com o emprego de algumas fórmulas psicológicas, obter pelo menos alguma espécie de compreensão sobre o curso dessa afecção (p.184).

Freud busca aderir ao ideal científico, mas face às exigências do inconsciente encontra nas artes, na mitologia, na literatura as bases para fundar o novo campo,

como ele mesmo nos diz em *Psicanálise e Teoria da libido* (1923/2011) apontando ainda como se dão estas relações

Uma apreciação da psicanálise seria incompleta se deixasse de informar que – única entre as disciplinas médicas – ela mantém amplas relações com as ciências humanas e está prestes a adquirir, para a história da religião e da civilização, a mitologia e a ciência da literatura, uma significação análoga à que tem para a psiquiatria. Isso pode surpreender, quando se considera que originalmente ela não tinha outro objetivo senão compreender e influenciar os sintomas neuróticos. Mas é fácil indicar onde se estabeleceu a ponte para as ciências humanas. Quando a análise dos sonhos levou a uma percepção dos processos psíquicos inconscientes e mostrou que os mecanismos que geram os sintomas patológicos também agem na vida psíquica normal, a psicanálise se tornou *psicologia da profundidade* e, como tal, capaz de ser aplicada às ciências humanas; pôde resolver uma série de questões ante as quais a psicologia oficial da consciência detinha-se perplexa (pp.299-300, grifo do autor).

São estas aproximações com diversos saberes, marca da psicanálise, que iremos discutir no próximo tópico.

2.2 CONFORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR: FAZ SENTIDO SEPARAR PSICANÁLISE E PSICANÁLISE APLICADA?

O campo psicanalítico tem, por seu próprio movimento de constituição, uma conformação interdisciplinar. Quais são as fronteiras que separam a psicanálise da medicina, da psicologia, da filosofia, da literatura? O que ela traz aos outros campos e o que toma para si? Psicanálise seria ciência, arte ou ambas, no sentido também conferido à medicina como “arte de curar”⁵? São questões que introduzem nossa reflexão sobre a interdisciplinaridade como constitutiva da psicanálise e que podem ser úteis para pensar as diversas formas com as quais Freud pôde trazer ao mundo um campo tão perturbador como tantas vezes ele próprio expressou.

A psicanálise não se reduz a uma forma de tratamento, não é um sistema filosófico, uma medicina ou uma psicologia. Freud lhe atribui potencialidades de aplicação, como ele mesmo diz, para as ciências humanas, a cultura e a sociedade. O termo psicanálise aplicada por muito tempo foi visto de forma pejorativa por psicanalistas (e mesmo hoje), pois pode resvalar para um uso selvagem ou para uma aceção de adaptação ou panaceia. Freud (1926/1996) chega a dizer que, no futuro, a

⁵ Do latim medicina: arte de curar, remédio, poção” (Rey, 1992, p.1212).

importância da psicanálise como ciência do inconsciente ultrapassará sua importância terapêutica, o que a nosso ver corrobora a hipótese apresentada no tópico anterior, de que Freud faz uma teoria *para* a clínica e não *da* clínica.

Chemama e Vanderersch (2009) criticam a ideia de psicanálise aplicada no sentido de um saber estabelecido que analisa um objeto passivo, ou seja, uma teoria que tenta dar conta de todo o sentido oculto de uma obra ou fenômeno mediante um diagnóstico colonizador. Isto de fato se dá a ver em publicações de alguns dos primeiros psicanalistas e não condiz com a ideia que Freud tinha do termo “psicanálise aplicada”.

O primeiro sentido de psicanálise aplicada refere-se à sua divulgação e visava ultrapassar as fronteiras do meio médico. Por outro lado, a psicanálise se oferece para o teatro, para a compreensão de mitos, obras de arte, para a cultura, tal como pretende Freud (1925/2011b)

(...) com a Interpretação dos Sonhos a psicanálise ultrapassou os limites de um assunto puramente médico (...) diversas aplicações em áreas da literatura e da estética, em história da religião e pré-história, em mitologia, folclore, pedagogia etc. (...). A maioria dessas aplicações teve seu ponto de partida em meus trabalhos. Aqui e ali eu também prossegui um tanto pelo caminho, para satisfazer tal interesse não médico. Outros, não apenas médicos, mas também especialistas, seguiram minhas pegadas e adentraram os respectivos territórios (pp.151-152).

De todo modo, suas pesquisas em fisiologia e seu extenso e profundo conhecimento em artes, especialmente literatura, teatro, artes visuais e filosofia desempenharam um importante e decisivo papel na formulação das bases teórico-clínicas da psicanálise. Didier Anzieu, citado por Mijolla e Mijolla-Mellor (2008), refere-se ao patrimônio intelectual de Freud como uma cultura polimorfa, desde elementos da cultura judaica familiar até grandes obras da literatura.

Freud teve sólida formação filosófica, seguiu o curso de Franz Brentano na Universidade de Viena, era leitor de Platão, Aristóteles, Kant, Schopenhauer e Nietzsche. Estudou as obras de vários filósofos, encontrando em algumas teorias o que a psicanálise viria confirmar anos depois, como exemplo, ele reconhece a antecipação de sua teoria do recalque em Nietzsche e em Schopenhauer (Assoun, 1978). Algumas passagens de sua obra, incluindo o vasto epistolário, dão pistas de que foi leitor atento de Aristóteles. No entanto, manteve uma postura conscientemente afastada da filosofia, pois, como disse em *As resistências à*

psicanálise (1925/2011b), “o psíquico dos filósofos não era o da psicanálise” (p.257). Seus esforços vão sempre na direção de incluir a psicanálise no campo das ciências, e a filosofia se distancia deste ideal científico ao pretender uma imagem de mundo coerente, dominada pela consciência. Nesse mesmo texto, Freud localiza a psicanálise num entrelugar problemático: “a psicanálise tira apenas desvantagens de sua posição intermediária entre medicina e filosofia” (p.259). Se a medicina toma a psicanálise como um sistema especulativo, diz Freud, a filosofia a acusa de “premissas impossíveis” e falta de precisão.

Em relação às artes, desde cedo em sua obra, Freud preconiza que as mesmas forças motrizes que constituem um artista estão igualmente presentes nas pessoas sadias e em neuróticos. Seu ensaio sobre Leonardo da Vinci (1910) e, antes dele, *Romances familiares* (1909/1996) demonstram como ele considera as histórias familiares “como obras de ficção” (p. 221). Não podemos esquecer ainda a análise sobre a escultura Moisés, de Michelangelo. Diz Freud (1914/2012b) sobre a arte

Mas por que a intenção do artista não seria comunicável e exprimível em palavras, como qualquer outro fato da vida psíquica? Talvez, no caso das grandes obras de arte, não se consiga fazê-lo sem a aplicação da análise. Mas a obra mesma tem de permitir essa análise, se é a expressão, sobre nós atuante, dos propósitos e impulsos do artista. E, para perceber essa intenção, devo primeiramente descobrir o *sentido e conteúdo* do que é representado na obra de arte, ou seja, poder *interpretá-la* (p. 375, grifos do autor).

Já em relação à literatura, talvez se possa conjecturar que Freud comungaria da posição expressa por Barthes (1997): “Se, por não sei que excesso do socialismo ou da barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário” (p.18). Coutinho (2004) afirma que a literatura “se impôs a Freud, não para ilustrar sua clínica, mas para confirmar o caráter material da linguagem na produção de sujeitos humanos, sendo para a fundação da psicanálise o Outro discurso, externo/interno, que lhe forneceu consistência de campo do saber” (p.69). Freud, de certa forma, via uma antecipação nos escritores das questões psíquicas trabalhadas posteriormente pela psicanálise

Os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costuma conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência (Freud, 1907/1996, p.20).

Freud conserva, ao longo de sua obra, a ideia de que as contribuições da literatura estão “entre as mais fascinantes aplicações da psicanálise” (Freud, 1914/2012a, p.286). Podemos citar algumas aproximações, como a análise do caso Schereber baseada no livro *Mémoires de um doente de nervos* de Daniel-Paul Schereber e que privilegia uma vertente clínica. Depois, temos a análise da *Gradiva* de Jensen, a obra *O estranho*, a partir do conto *O homem de areia* de E.T.A Hoffmann entre outros como nos mostra Assoun (1997) ao fazer uma lista retrospectiva de autores e obras literárias discutidas por Freud, a saber: Sófocles (*Édipo Rei*), Shakespeare (*Hamlet*, *Rei Lear*, *Ricardo III*, *Macbeth*), Ibsen (*Rosmersholm*), Dostoïevski (*Os irmãos Karamazoff*), Stefan Zweig (*Vinte e quatro horas na vida de uma mulher*), Meyer (*A juíza*), além das que já citamos no início.

No texto sobre a análise leiga (1926/1996), Freud faz referência a uma ciência da literatura, mencionada junto com a história da civilização, da mitologia e da psicologia da religião, como saberes que concernem à psicanálise. A literatura sempre esteve em lugar privilegiado entre as aplicações da psicanálise, sendo citada nos textos, ou então a partir de falas de analisandos.

Destacamos também o interesse de Freud no social, haja vista textos tidos como culturais/sociológicos, a saber, *Totem e tabu* (1913), *Psicologia das massas e análise do Eu* (1920), *Mal estar na civilização* (1930), *O futuro de uma ilusão* (1933), e *Moisés e o Monoteísmo* (1937), em que as relações com a cultura, constituição da família, do laço social e da sociedade são contempladas. Estes textos, na visão de Zafiropoulos (2006), atestam o desejo de Freud em fazer não somente uma clínica do caso, mas uma clínica da cultura. De acordo com Mezan (2006), o interesse de Freud pelos temas sociais e culturais tem raízes no seu universo pessoal, na cultura de seu tempo e na sociedade vienense à qual pertencia. Em relação às artes, por exemplo, o interesse foi constante, inclusive pelo cinema, que surge na mesma época da psicanálise. Hoje tais relações permanecem seja por meio de filmes sobre Freud e a psicanálise, seja com conteúdos psicanalíticos permeando roteiros e argumentos de séries televisivas, novelas, peças de teatro, etc.

Para além dos esforços de interação com outros campos, os primeiros membros da Sociedade Psicanalítica de Viena tinham formações diversas. Não-médicos empenharam-se para encontrar em suas atividades um equivalente da prática

clínica ao mesmo tempo em que analistas médicos estabeleceram relações entre psicanálise e saberes diversos como nos relata Freud (1923/2011)

C. G. Jung foi o primeiro a enfatizar a espantosa coincidência entre as desordenadas fantasias dos doentes de *dementia praecox* e os mitos de povos primitivos; o presente autor chamou a atenção para o fato de que os dois desejos que formam o complexo de Édipo têm conteúdo igual ao das duas proibições capitais do *totemismo* (não matar o ancestral e não desposar uma mulher do próprio clã), e disso tirou conclusões de vasto alcance. (...). Otto Rank lançou viva luz sobre a mitologia e a história da literatura, aplicando conhecimentos psicanalíticos; Theodor Reik fez o mesmo com a história dos costumes e das religiões, e o pastor Oskar Pfister (de Zurique) despertou o interesse de educadores religiosos e professores, mostrando o valor dos pontos de vista psicanalíticos para a pedagogia. Não cabem, aqui, maiores detalhes sobre essas aplicações da psicanálise; basta observar que ainda não se pode ver até onde irão (pp.300-301).

Em 1912 com a fundação da Revista *Imago* por Hans Sachs e Otto Rank voltada para as ciências humanas, estreitam-se as relações da psicanálise com outros campos. Os diversos usos e aplicações para além da clínica contribuíram para sua expansão e estão na origem das institucionalizações com a criação da IPA (1910). Na época, a formalização do ensino sistemático foi estratégica e importante, pois sendo um campo novo, Freud antevia o risco de a psicanálise adquirir o caráter de uma psicologia geral e de ter sua clínica como aplicação técnica. Apesar do dogmatismo presente nas institucionalizações, que abordaremos posteriormente, um dos objetivos da IPA era “Cultivar e promover a ciência psicanalítica fundada por Freud, tanto como pura psicologia como em sua aplicação à medicina e às ciências humanas” (Freud, 1914/2012a, p.296). Um dado interessante é que Hans Sachs, primeiro analista-didata e figura importante na história da formação dos analistas, não era médico e ministrava cursos no Instituto de Berlim sobre aplicações da psicanálise às ciências humanas.

Ressaltamos ainda a publicação em 1913 de *Psicanálise e Ciências Humanas* de Otto Rank e Hans Sachs, os mesmos responsáveis pela Revista *Imago*. No livro, os autores tratam da importância da psicanálise para as ciências humanas e as relações estabelecidas em parte pela aplicação da teoria do inconsciente e, por outro lado, pelo fato de ser uma jovem ciência, ficando sob a dependência de influências externas e contingentes (Rank & Sachs, 1913/1980). Os autores dedicam um capítulo sobre o inconsciente e suas formas de expressão e passam a considerar contribuições da psicanálise para o estudo de mitos e contos, com a

ciência das religiões, com a etnologia e a linguística, com a estética e a psicologia da arte, com a filosofia, ética e direito e com a pedagogia, os mesmos campos descritos no texto de Freud *O interesse da psicanálise* publicado no mesmo ano. Nele, Freud (1913/2012) mostra claramente a sua visão interdisciplinar e o interesse da psicanálise por diversos campos, ditos “ciências não psicológicas” (p.343), tais como: ciências da linguagem, filosofia, biologia, história da civilização, estética, sociologia e pedagogia que estabelecem “inesperadas relações” (p.330) com as patologias da vida psíquica. Freud conclui dizendo que seu objetivo com o texto é mostrar como a psicanálise pode interessar a campos diversos estabelecendo “extensos laços” (p.363).

Portanto, vemos uma consonância entre as publicações de Freud e aquelas de seus discípulos, considerando ainda outros escritos freudianos como *Contribuição à História do Movimento Psicanalítico* (1914) e *Deve-se ensinar psicanálise nas universidades?* (1919) do mesmo período e que abordam as relações da psicanálise com as demais ciências, dentro e fora da universidade.

Corroborando com a posição de Mijolla e Mijolla-Mellor (2008), consideramos que a psicanálise encontra seu lugar perante as outras ciências, e é deste lugar que ela pode interrogar e ser interrogada, estando em posição de interlocutora e fazendo avançar as pesquisas por meio de seus conceitos, da clínica e seu método. Freud se interessa pelas ciências humanas, tratando-se, para ele, de uma verdadeira troca, no sentido de um reconhecimento e um aprofundamento epistemológico para a psicanálise que, confrontando-se a outros campos, pode delimitar seu método e sua especificidade (Mijolla-Mellor,1995).

Diante do exposto, nos interrogamos que tipo de ciência seria então a psicanálise? Se pensarmos na inserção universitária, esta questão se torna ainda mais relevante, visto que na universidade a psicanálise se encontra com outros saberes, respondendo a uma lógica de produção e de pesquisa, via de regra, desfavorável quando não incompatível com sua ética. Inúmeras foram (e continuam sendo) as discussões em relação a seu estatuto, gerando posicionamentos diferentes entre psicanalistas e estudiosos da psicanálise, apresentados a seguir.

2.3. ESTATUTO CIENTÍFICO DA PSICANÁLISE

O entendimento atual de alguns psicanalistas é que a psicanálise, por inaugurar um campo próprio, seria uma ciência, distinta das naturais. Para Mezan (2007), ela encontraria seu lugar entre as ciências humanas, não em oposição ao que disse Freud, mas pela compreensão atual do que se entende por ciência. A diferença passa da oposição *Erklären X Verstehen* para se fixar na diferença de objetos e métodos (Assoun, 1997). Seu objeto, o inconsciente, é relativo ao ser humano, tomado um a um. Seu método é a interpretação de produções psíquicas. Portanto, seus objetos, métodos e perfil epistemológico têm muito em comum com os de outras disciplinas, fazendo sentido concluir que a psicanálise pertença ao campo científico.

Em outro polo, destacamos o movimento da psicanálise norte-americana de adaptá-la a uma lógica empirista, por meio de pesquisas com método experimental e ênfase na comprovação de eficácia estatística da clínica. Uma revisão dos conceitos é realizada para adequação da psicanálise aos modelos epistemológicos das ciências naturais, traduzindo conceitos psicanalíticos em objetos observáveis como conduta, estrutura, organismo e indivíduo. Desta forma, poder-se-ia garantir o estatuto científico da psicanálise.

É sabido que a psicanálise recebeu (e ainda recebe) críticas em relação à não aderência a procedimentos científicos hegemônicos, à pretensa falta de rigor de suas pesquisas ou sobre impossibilidade de mensuração do seu tratamento. As mais famosas foram realizadas por Karl Popper e Adolf Grünbaum, apenas para citar algumas. O primeiro, assim como outros positivistas, criticou a psicanálise pelo fato de seus conceitos não poderem ser falsificados. A psicanálise não seria falseável, por não se prestar à elaboração de previsões testáveis que possam refutá-la de forma conclusiva. Ela estaria munida de dispositivos aptos a absorver qualquer resultado contraditório a suas hipóteses. Já a crítica de Grünbaum se refere à impossibilidade de utilização do método clínico como produtor de conhecimento. Ele afirma que tudo o que o paciente faz em análise está sob efeito sugestivo da transferência perdendo o caráter de validade. Portanto, as hipóteses baseadas no método clínico não seriam epistemologicamente consistentes, não podendo ser testadas por meio de hipóteses alternativas (Mezan, 2006a).

Pela natureza de seu objeto, a psicanálise não adere ao método experimental. O inconsciente não pode ser testado, mensurado ou diretamente observado e suas formações são irreversíveis e, portanto, não se repetem. Neste ponto, Perez (2009) ressalta que há um deslocamento do problema em satisfazer à demanda de cientificidade para interrogar a eficácia da psicanálise. Trata-se menos de saber o que a psicanálise explica e prova, do que onde ela é eficaz e qual a estrutura dessa eficácia, o que evidencia a questão do rigor.

Dentre as diversas concepções de ciência e psicanálise trazemos o pensamento de Louis Althusser, herdeiro da tradição epistemológica francesa, que defende que a psicanálise faz uma ruptura epistemológica em relação ao campo científico da época de Freud. De acordo com este autor, a psicanálise constitui-se como ciência, pois compõe-se de uma prática (a cura analítica), uma técnica (o método da cura) e uma teoria que está em relação com a prática e a técnica, configurando a estrutura comum de qualquer disciplina científica (Althusser, 1964/2000). Tal argumento encontra-se na obra freudiana (1923/2011) e, como já apontamos anteriormente, o conceito de inconsciente produz um corte epistemológico em relação às outras ciências. Na psicanálise, método, teoria e pesquisa são interdependentes, operando simultaneamente na clínica, sob relação transferencial.

Althusser (1969/1989) também afirma a existência de três continentes das ciências, a saber, o da natureza, representado pela física, o da história, representado pelo materialismo histórico, e o do inconsciente, representado pela psicanálise. Portanto haveria uma regra comum para a formação dos conceitos em psicanálise apesar de suas diferenças. Conceitos que podem ser importados de outras disciplinas e não produzidos no seu desenvolvimento, pela psicanálise mesma. Para o autor, é somente com Lacan, que estes conceitos importados passam por uma tentativa de se tornarem “domésticos”.

Em um texto intitulado *Três notas sobre a teoria dos discursos*, cuja primeira é *Sobre a Psicanálise*, Althusser (1966/1993) traz uma boa explicação para a dinâmica do campo psicanalítico. Ele diz que a teoria psicanalítica é uma teoria regional e não uma teoria geral. Em outras palavras, é uma teoria que permite dar conta da estrutura e do funcionamento de seu objeto, o inconsciente, e se distingue de sua aplicação, a prática analítica, que tem um objeto real, alvo do tratamento. Ele

vem falar dos conceitos pensados sistematicamente, objetos teóricos que permitem pensar o que se passa no tratamento, mas também fora desse domínio. Althusser cita Freud e seus textos *Interpretação dos sonhos* (1900), *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1902), bem como suas análises sobre a arte, a religião, mostrando que a teoria do inconsciente é também a teoria de todos os efeitos possíveis do inconsciente na clínica ou fora dela, nas psicopatologias ou nos casos ditos “normais”. O que faz uma teoria é: ter um objeto de conhecimento (objeto teórico) e produzir o conhecimento da possibilidade dos efeitos possíveis desse objeto nas suas formas de existência reais. Toda teoria ultrapassa seu objeto real que foi o ponto de partida (por exemplo, a *talking cure* para Freud) produzindo seu objeto teórico (inconsciente) e o conhecimento que vai dar conta de todos os efeitos possíveis dele.

Esta falta de uma teoria geral pode levar a teoria regional a definir seu objeto diferencialmente em relação a outros objetos teóricos como o da biologia, da psicologia, da sociologia, mas sem sucesso. A ausência de uma teoria geral no plano prático remete ao problema técnico das fronteiras, que pode causar confusão com outras teorias ou se reduzir ao empirismo da prática analítica (por exemplo, os ditos desvios técnicos de certas escolas com as de Adler, Jung e das escolas americanas). Isto faz com que a psicanálise não possa oferecer a prova objetiva de sua cientificidade e nem definir diferencialmente seu objeto teórico no campo da objetividade teórica (constituído pelos diferentes objetos teóricos). Somente uma teoria geral poderia articular tais objetos.

Existem tentativas de resolver esse problema. Na visão de Althusser (1966/1993), algumas são aberrantes, outras interessantes. Entre as aberrantes: as que reduzem o objeto da psicanálise ao objeto de outras disciplinas (tentativas biologizantes, psicologizantes, sociologizantes). Entre as interessantes: situar o objeto da psicanálise em relação a outros objetos das disciplinas existentes. É o que Freud faz em *Totem e tabu* (1913), *O futuro de uma ilusão* (1933) e nos textos sobre metapsicologia. Como exemplo, podemos citar a teoria das pulsões e sua relação diferencial da teoria dos instintos. Isso demonstra que Freud considerava a importância de pensar o objeto da psicanálise no campo da cientificidade. Na falta de condições teóricas de estabelecer uma teoria geral, Freud toma emprestado de certas disciplinas alguns de seus conceitos, guardando as diferenças dessas outras

disciplinas, haja vista que a psicanálise não se reduz a uma teoria geral biológica, filosófica ou psicológica.

A metapsicologia pode ser vista como essa tentativa de elaborar uma teoria geral, não sem trazer um paradoxo, a saber, esboçar uma teoria geral que seja uma por sua função e que não seja uma por seu conteúdo. Para decidir a natureza dos elementos teóricos que vão constituir a teoria geral da psicanálise é necessário apontar as características do inconsciente, objeto da teoria regional. Esta última é elaborada a partir da experiência e das observações fornecidas pela prática analítica e também pelos efeitos do inconsciente em outros fenômenos (relativos à arte, religião etc.). Essa teoria geral é o que aproximaria as disciplinas das ciências humanas e a psicanálise. Ou seja, não há teoria psicanalítica satisfatória que reflita a realidade mesma da psicanálise, o estatuto científico da prática psicanalítica. Tudo o que é dito sobre o tratamento, por exemplo, não chega a se transformar numa teorização da prática psicanalítica (Althusser, 1966/1993).

Laso (2000), baseando-se no pensamento de Althusser, afirma que fazem parte do trabalho de ruptura freudiana: o uso da experiência clínica, as tentativas de formulações teóricas que dão conta da clínica, a importação de conceitos das ciências consolidadas, o reconhecimento das contradições, erros e fracassos que permitem correção das hipóteses, a experiência de autoanálise, o desenvolvimento de contradições entre noções próprias e de outras teorias, as dificuldades imposta pela resistência dos pacientes e a emergência do material reprimido. Todo esse contexto garantiria à psicanálise um estatuto científico. O que diferenciaria a psicanálise de outros domínios científicos é sua rede conceitual teórica e é isso que Lacan busca fazer com seu retorno a Freud, na visão de Althusser.

Para Safouan e Hoffmann (2015), Lacan consagrou sua vida a fazer da psicanálise uma ciência e, neste sentido, ele obteve sucesso, visto que pôde juntar certo número de conceitos formando um sólido edifício, trazendo idéias, a partir de sua álgebra ou dos matemas, que nos permitem avançar sobre questões cruciais da psicanálise.

Lacan desenvolve um pensamento diferente das concepções até então vigentes sobre psicanálise e ciência. Ele enfatiza que a psicanálise introduz, na ciência, o sujeito do inconsciente (1966/1998) como uma subversão, pois a ciência excluía

este sujeito. Lacan faz uma crítica ao saber científico, dizendo que a ciência se coloca como a principal representante do discurso social, produzindo objetos cujo objetivo é suturar a falta do sujeito.

A psicanálise rompe com as categorias binárias da modernidade e com a lógica da representação ao pensar o sujeito inserido na lógica do significante, lembrando que na teoria lacaniana o significante é aquilo que representa um sujeito para outro significante. O sujeito é constituído por três registros: Simbólico, Real e Imaginário. A ciência somente apreende o que está no simbólico; portanto, o real, aquilo que escapa ao simbólico e ao imaginário, constitui o limite da ciência.

Destacamos na obra de Lacan dois momentos distintos em que ele trata a questão da psicanálise e suas relações com a ciência. No *Seminário 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1978/2010), proferido em 1955, Lacan aproxima a psicanálise das ciências conjecturais. Ele propõe chamar conjectural o conjunto das ciências humanas, que partem de uma concepção de linguagem como constituinte da cultura. Seu pensamento aproxima-se do argumento de *As palavras e as coisas* (1966/2000), na medida em que Foucault distingue a psicanálise das ciências humanas em função da diferença do objeto: enquanto esta tem como objeto “o homem”, aquela dirige-se ao inconsciente, ao sujeito do inconsciente. Seu fundamento está em reconhecer que a função simbólica opera no sujeito, sendo este um efeito dela.

Já no texto *A ciência e a verdade* (1966/1998) publicado dez anos depois nos *Escritos*, Lacan adota uma postura mais radical em relação às ciências humanas, afirmando que não há ciência do homem, porque o homem da ciência não existe, somente seu sujeito. Ressalta ainda a sua repugnância pelo termo “ciências humanas” que, para ele, remete à servidão e a um paradoxo, pois a ciência exclui o homem, que a atrapalha com suas particularidades.

A psicanálise surge da ciência moderna, como atesta Lacan, e foi o cientificismo de sua época que conduziu Freud “a abrir a via que para sempre levará seu nome (...). Dizemos que essa via nunca se desvinculou dos ideais do cientificismo, já que ele é assim chamado, e que a marca que traz deste não é contingente, mas lhe é essencial” (Lacan, 1966/1998, p.871). No entanto, a psicanálise não permanece aí, pois introduz justamente aquilo que o discurso da ciência, por ser a-semântico,

universal e contingente, instaurou, e, ao mesmo tempo, expeliu de seu campo operacional: o sujeito (e não o homem) (Alberti & Elia, 2008).

No texto *Lugar, origem e fim do meu ensino* Lacan (1967/2006) lembra que é a partir de Descartes que a ciência adquire o formato atual, compartimentalizada em diversas disciplinas, o que por sua vez se reflete na organização universitária: “Então, exerço um ensino que se refere a alguma coisa que nasceu nesse momento da história e em séculos em que já se estava até o pescoço no contexto da ciência, antes mesmo que se pudesse dizê-lo como acabo de dizer. Trata-se da psicanálise” (p.106).

Partindo do pressuposto de que o sujeito do inconsciente é o sujeito da ciência, a psicanálise estaria um passo além (ou aquém) da ciência, pois o sujeito é considerado, a ele é dado um espaço de escuta e o saber representado pelo inconsciente é colocado no lugar da verdade pelo discurso psicanalítico, “o sujeito faz parte da conjuntura que produz ciência em seu conjunto” (p.877). O discurso científico promoveria uma disjunção entre o saber consciente e a verdade do sujeito (inconsciente), excluindo-o.

Estas ideias lacanianas são contemporâneas ao pensamento de Foucault que também discute sobre a cientificidade da psicanálise, considerando-a não somente fora do escopo das ciências humanas, como dissemos acima, mas uma contraciência. No texto *As palavras e as coisas* (1966/2000), tal como Lacan, ele afirma que a ciência elimina o sujeito da enunciação, o autor desaparece, enquanto que, na psicanálise, o sujeito está necessariamente implicado. Foucault desloca a problemática da ciência para o saber, existindo neste registro uma *episteme* que regula num determinado campo histórico, bem como uma continuidade entre os discursos. A psicanálise estaria no campo da discursividade e não da *episteme* (que remete às ciências), perpassando outros campos, atravessando todo o campo das ciências humanas, mas sem pretender uma teoria geral do homem. Nas palavras de Foucault

A psicanálise e a etnologia não são tanto ciências humanas ao lado das outras, mas percorrem o domínio inteiro destas, o animam em toda a sua superfície, expandem por toda a parte seus conceitos, podem propor em todos os lugares seus métodos de decifração e suas interpretações. Nenhuma ciência humana pode assegurar-se de nada lhes dever, nem de ser totalmente independente do que elas puderam descobrir, nem estar certa de não depender delas de uma forma ou de outra. Por mais que pretendam um alcance universal, não formam uma teoria geral do homem.

Não aderem a uma noção de natureza humana, de antropologia psicanalítica (p.525).

Portanto, diferentemente de cientistas geniais como Newton ou Galileu, Freud seria um instaurador de nova discursividade, porque sua obra “não se situa em relação à ciência e no espaço que ela circunscreve; mas é a ciência ou a discursividade que se relaciona à sua obra como as coordenadas primeiras” (1969/2009, p.283). Para Foucault (1967/2005), no século XIX começam a surgir os fundadores de discursividades que não são somente autores de livros, mas aqueles que produziram a possibilidade e a regra de formação de outros textos. Marx e Freud são os autores exemplares, pois estabeleceram uma possibilidade infinita de discursos. Quando funda a psicanálise, Freud inaugura também a possibilidade de diferenças, a partir de seu discurso. Marx, Freud e Nietzsche operam, segundo Foucault, uma ruptura com o sistema de pensamento vigente, engendrando uma nova maneira de pensar e existir.

O aforismo freudiano *o Eu não é senhor em sua própria casa* resume bem o abalo que Foucault (1969/2009) denomina como esta ruptura e instauração de nova discursividade referindo-se a “autores bastante singulares e que não poderiam ser confundidos nem com os ‘grandes’ autores literários, nem com os autores de textos religiosos canônicos, nem com os fundadores das ciências” (p.280). Trata-se de um sistema de pensamento no qual “a função de autor excede sua própria obra” (p.281) abrindo “o espaço para outra coisa diferente deles e que, no entanto, pertence ao que eles fundaram” (p.281). Outra característica apontada pelo autor é que o texto freudiano faria “uma costura enigmática da obra e do autor” (p.285), algo que parece “inapropriado” para uma ciência que busca validações empíricas, neutras e generalizáveis. A psicanálise seria uma formação discursiva e não um discurso científico, na medida em que faz sempre referência a esta função do autor, colocando em cena o sujeito, ao contrário da ciência.

Voltando a Lacan (1967/2006), vemos um pensamento que corrobora o de Foucault, quando ele interroga o que faz o nome de Freud ser tão presente, ou então, com um prestígio semelhante ao de Marx. Diz ele

Só que de tempos em tempos há fissuras, há pessoas que, com efeito, souberam pegar emprestadas coisinhas aqui e ali para alimentar seu discurso, é tão-somente a essência desse discurso que parte de um ponto de ruptura. [...] o que me interessa

não é reduzir Freud às suas fontes. Mostrarei, ao contrário, a função que ele teve como fissura (p. 108).

Ou em outro momento no mesmo texto: "(...) alguma coisa que a psicanálise guarda consigo, que constitui justamente esse peso, essa dignidade. É uma coisa que ela guarda só para si, numa posição que eu próprio chamei algumas vezes de 'extraterritorial'" (p.22).

No resumo do *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1965/2003), Lacan se coloca numa posição discursiva próxima da posição assumida por Foucault, segundo a qual a psicanálise passa a interrogar a ciência. Destacamos a mudança de postura de Lacan que transforma sua pergunta inicial "É a psicanálise uma ciência?", em outra: "o que é uma ciência que inclua a psicanálise?" (p.195). Que ciência poderia comportar a especificidade da psicanálise e a inclusão de conceitos como inconsciente, real, transferência, transmissão? Milner (1996) afirma que para Lacan não há um ideal de ciência para a psicanálise, ou seja,

Não faz, portanto sentido perguntar em que condições a psicanálise seria uma ciência. Tampouco faz sentido apresentar alguma ciência bem constituída como um modelo que a psicanálise teria de seguir. Em outros termos, já que não há ideal da ciência em relação à psicanálise, tampouco há para ela ciência ideal. A psicanálise encontrará em si mesma os fundamentos de seus princípios e métodos (p.31).

Os posicionamentos de Lacan geraram polêmicas e repercutem até hoje, sobretudo nas relações entre psicanálise e universidade. O retorno a Freud reinstaura uma nova discursividade visto que a psicanálise havia sido reapropriada pela psicologia a serviço da tecnocracia (Alberti, 2004). No entanto, essas articulações são discutidas desde a época freudiana, tendo ganhado peso e estatuto de debate acadêmico na década de 1960, momento em que a psicanálise começa a ganhar força e espaço na universidade francesa, com o ensino de Lacan.

Para Askofaré (2013), existem dois momentos de formalização do saber psicanalítico com Lacan: o primeiro é o momento de articulação com as leis da linguagem e que caracteriza, segundo o autor, uma "alienação" da psicanálise ao ideal da ciência. De 1953, data do *Discurso de Roma*, até o *Seminário 10 (A angústia)* de 1963 percebe-se um esforço de realizar o projeto científico da psicanálise, sobretudo separando-a da psicologia. O segundo momento é o da

teoria dos discursos que seria uma “separação” da ciência e sua conceitualização como discurso autônomo, após a virada, isto é, deixar de perguntar se a psicanálise é ciência e interrogar a ciência que comporta a psicanálise, como dissemos acima.

No entanto, nos últimos ensinamentos de Lacan, percebemos uma reviravolta nas concepções de ciência e psicanálise a partir do que se convencionou chamar de clínica do real. Lacan afasta-se da lógica da primazia do simbólico para pensar uma primazia do real. Há um real irreduzível que aponta o furo no universo das certezas e da totalidade, possibilitando encarar a parcialidade inerente ao saber. Lacan passa da verdade ao real, ou seja, da verdade contingente para a impossibilidade da verdade. Pressupõe-se, a partir daí, uma nova forma de resposta do analista na condução da clínica. Caminha-se para o campo do gozo, não como uma forma de interpretá-lo, mas de atuar sobre ele (Souza Leite, 1998).

Da operação da ciência há sempre um resto não simbolizável. Enquanto a ciência tenta capturar, de todas as formas possíveis, o real, a psicanálise, por sua vez, volta-se para o real, não para tentar tamponá-lo como faz a ciência, mas para inserir a descompletude, a dimensão do não-todo e a falta como constatação. Coelho dos Santos (2002), falando das teses em psicanálise, diz que existem pontos de fuga ao tratar o real pela via da teoria que tenta apreendê-lo de alguma forma, seja criando uma verdade absoluta sobre determinado assunto ou então, indo ao outro polo, isto é, da incerteza quando se diz “pode ser isto” ou “pode ser aquilo”.

Nos últimos seminários *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre* (1977) e *O momento de concluir* (1978), Lacan afirma que a psicanálise não é uma ciência. A aspiração de Lacan é que a psicanálise fosse um discurso que não seria do semblante, visto que o semblante aborda o real pela via do simbólico. A ciência conserva uma crença de que podemos eliminar este algo que resta e que resiste. Nesse sentido, Lacan não deixa de tecer crítica à ciência quase reduzindo-a a uma futilidade (Coelho dos Santos, 2013). Logo, a ciência não seria mais do que uma “fábula” que pretende dizer a verdade.

Não há resposta única para a questão da cientificidade da psicanálise. Algumas críticas incidem sobre tentativas de adaptação, ou, no dizer de Althusser, de anexação a outros domínios e ao que seria o método científico padrão, ao qual todos os campos deveriam submeter-se. Quase quatro séculos se passaram desde

que Descartes funda a ciência moderna propondo um método universal e a busca por uma verdade que apreenda totalmente o sujeito. Entretanto, essa busca pelo padrão único e ideal permanece no imaginário social do qual a universidade é tributária.

Portanto, poderíamos afirmar que se pensarmos numa concepção positivista de ciência, a psicanálise não seria seguramente uma, mas no mundo empírico, não é raro encontrar linhas de investigação em psicanálise que aderem sem questionamento aos parâmetros positivistas experimentais. É possível arguir que as teorias da complexidade, por exemplo, acolhem o modelo da psicanálise, na medida em que aceitam (1) múltiplos níveis de realidade, (2) o terceiro incluído e (3) o princípio da contradição (Nicolescu, 2009), mas isto também não é um pensamento unânime. Milner (1996) argumenta que o problema da psicanálise seria fazer com que exista um pensamento que não corresponda aos critérios imaginários do pensamento, o que nos leva a pensar que a psicanálise pode estar “mais à vontade” nos novos modelos de ciência

A psicanálise deve, portanto, construir uma teoria do pensamento, que integre, não como uma extensão adventícia, mas como uma propriedade constitutiva, o pensamento disjunto das regulações imaginárias [...] Em Lacan, pode-se reconhecer a ambição de uma teoria *positiva*, que para além do imaginário do pensamento, diz respeito a seu real. (Milner, 1996, p.111, grifo do autor).

Diante do exposto, percebemos que existem concepções diversas em relação à cientificidade da psicanálise, com argumentos a favor e contra seu pertencimento ao universo das ciências. Nossa intenção não é optar por um desses lados, mas entender a diversidade de posições epistêmicas no campo e fora dele. Mais que encontrar respostas, a finalidade é discutir questões, mostrando a especificidade da psicanálise e a ruptura epistemológica que promove, diretamente relacionada à sua forma de compreender a pesquisa e sua transmissão, sobretudo na universidade. Ou nas palavras do próprio Freud (1933/2010)

Mas não esperem ouvir a boa nova de que a luta pela psicanálise chegou ao fim, de que terminou com seu reconhecimento como ciência e sua adoção como matéria nas universidades. Ninguém fala isso, a batalha continua, apenas de formas mais civilizadas. Algo novo é que na comunidade científica formou-se uma espécie de camada amortecedora entre a psicanálise e seus adversários, pessoas que aceitam a validade de partes da psicanálise e até o admitem, com divertidas restrições, ao mesmo tempo em que rejeitam outras, proclamando-o aos quatro ventos (p.297).

2.4 PERCURSOS DA PESQUISA EM PSICANÁLISE

Para nosso estudo é importante traçar o percurso da pesquisa no campo psicanalítico de forma a compreender suas diferentes versões na universidade. Como vimos, a ideia de pesquisa é parte constituinte da psicanálise, presente desde os primeiros escritos de Freud, entrelaçando teoria e clínica. Além dos extratos de textos freudianos já apresentados no primeiro item, alguns eventos do campo psicanalítico trazem a marca da pesquisa.

Em 1908, ocorre o primeiro Congresso Internacional de Psicanálise em Salzburg como forma de divulgar e apresentar as ideias psicanalíticas. No mesmo ano é criada a primeira revista de psicanálise editada por Jung intitulada *Anuário de Pesquisas Psicanalíticas e Psicopatológicas* [*Jahrbuch für psychoanalytische und psycho-pathologische Forschungen*] e em 1911 a *Folha Central de Psicanálise* [*Zentralblatt für Psychoanalyse*] editada por Adler e Stekel, posteriormente substituída pela Revista Internacional de Psicanálise [*Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*]. Na divulgação da psicanálise lembramos ainda as revistas *Psychoanalytic Review* (1913) e *International Journal of Psycho-Analysis* (1920), além da Editora Psicanalítica Internacional [*Internationaler Psychoanalytischer Verlag*].

No Instituto de Berlim (fundado em 1920 por Max Eitingon sendo a primeira instituição destinada à formação dos analistas e que estabeleceu os parâmetros para as outras que a sucederam), a pesquisa tinha um lugar importante sendo um de seus objetivos o encorajamento de resultados de investigação (Colonomos,1985). Por ocasião dos dez anos de funcionamento do Instituto, é publicado um relatório de Otto Fenichel (1985), no qual há um relato estatístico sobre atividades clínicas. Uma pesquisa foi realizada com os dados da instituição, com critérios definidos para tabulação de resultados, bem como tabelas com dados estatísticos. O autor levou em consideração algumas variáveis como número de tratamentos concluídos, atendimentos por ano, duração dos tratamentos e dados dos pacientes como sexo, profissão, idade, diagnóstico. Ou seja, uma pesquisa nos moldes tradicionais, realizada nos primórdios da psicanálise e em sua primeira instituição formadora.

Ao longo dos anos a concepção de pesquisa começa a mudar. A própria institucionalização da psicanálise através da criação da IPA, regulamentando a formação do analista e a divulgação da psicanálise, contribuiu para deixar a pesquisa esquecida durante muitos anos nas instituições como afirma Colonomos (1985), que também interroga como se poderia pensar a criatividade essencial para a pesquisa no contexto de rigidez que era o da IPA.

A IPA surge em 1910 em virtude da necessidade de uniformizar as práticas psicanalíticas haja vista a expansão, na época, da psicanálise para além da Europa. Sándor Ferenczi (1910/2011) em sua fala no II Congresso de Psicanálise em Nuremberg, sobre a história do movimento psicanalítico, defende a criação de uma instituição de psicanálise, chegando a afirmar que esta deveria se preocupar mais com os seus “amigos” que a utilizavam de forma indevida do que com os seus inimigos. Ele utiliza a metáfora da “guerra de guerrilha”, pois com a expansão, detecta que cada um utilizava a psicanálise de uma forma, conquistando espaços sem direção específica, o que inicialmente era uma vantagem para não sufocar as ideias psicanalíticas diante dos ataques aos quais era submetida. Apesar da defesa de uma institucionalização, Ferenczi já antecipava os riscos que a institucionalização poderia provocar, tolhendo a liberdade de pensamento dos psicanalistas, por conta da tendência das instituições em repetir os padrões familiares. Essa foi uma época de muitas rupturas no movimento psicanalítico, como as de Jung e Adler.

Hoffmann (2013) cita um artigo de Hans Sachs de 1939 intitulado *As perspectivas da psicanálise* no qual há uma crítica às instituições da época. Uma instituição tem por objetivo garantir sua sobrevivência, como toda e qualquer outra, padronizando condutas. Então, se uma instituição é criada visando à padronização e a pesquisa científica tem como objetivo fazer emergir novas questões, a contradição torna-se inevitável. No pensamento de Sachs, o sucesso da psicanálise no campo científico não poderia continuar sem produzir variações no método, sobretudo onde a associação livre, regra fundamental da análise, não pode ser aplicada, a saber, a psicanálise com crianças e no estudo dos fenômenos sociais. Portanto, a psicanálise não pode negligenciar o divórcio existente entre pesquisa e uma instituição conservadora.

Ao mesmo tempo em que a IPA é criada para proteger a psicanálise e manter o método freudiano, tem também como objetivo declarado ser um lugar de trocas, de pesquisas e de criação de novas vias na psicanálise (Widlöcher, 2007a). Os institutos de psicanálise tinham como preocupação primordial uniformizar práticas, sistematizar a formação, evitar novas rupturas e a “produção superegoica de uma geração de analistas obedientes” (Kupermann, 2014, p.74) ou nas palavras de Sokolowsky (2009), referindo-se ao Instituto de Berlim, somente os mais dóceis teriam chances de ser selecionados como candidatos a analistas. Para a mesma autora, regras rígidas e padronização da formação na instituição acabaram por suplantar sua originalidade inicial como local de acesso amplo à psicanálise. O movimento psicanalítico acaba se dogmatizando para proteger a psicanálise, o que não deixa de ser uma contradição com o pensamento freudiano, com o caráter transgressivo e inovador da psicanálise.

Corroborando com as previsões de Sachs o fato de que até a década de 1980 a pesquisa não era ocupação de institutos e escolas de psicanálise, estando a atividade científica restrita a congressos e publicações. A partir de 1985 a política da IPA para pesquisa muda e a pesquisa empírica passa ser alvo de atenção, sob o argumento de que a psicanálise não sobreviveria sem esse tipo de pesquisa, diante do contexto de contestação da eficácia de sua clínica. É criada uma comissão de pesquisa e, posteriormente, uma escola de verão em que anualmente psicanalistas tinham seminário de formação sobre metodologia de pesquisa, em Londres. O intuito era mostrar que, por meio da pesquisa, seria possível fazer progredir teoria e prática. Na gestão de Widlöcher na presidência da IPA dois comitês são criados: um para pesquisas empíricas e outro para pesquisa clínica, histórica e conceitual. Esses projetos logo receberam críticas pelo caráter cientificista das pesquisas, dividindo os psicanalistas da IPA e fomentando o debate sobre a dimensão quantitativa na pesquisa em psicanálise (Widlöcher, 2007a).

A pesquisa psicanalítica é um tema controverso e que suscita indagações. Apesar de novos dispositivos e de uma quase infinidade de temas de pesquisa, esse modelo, pautado na clínica, permanece como referência, o que nos leva a retomar sua efetiva aplicação na universidade. Cada um aborda a prática da pesquisa de acordo com sua formação, trajetória intelectual e profissional no campo. Há os que consideram somente a pesquisa clínica como legítima representante da

pesquisa em psicanálise e outros que vão para o polo oposto buscando referências nos modelos das ciências exatas, com quantificação de dados.

As aproximações com o meio universitário acentuam ainda mais tais questões, uma vez que o ambiente universitário pressupõe métodos consagrados e um estilo de escrita muitas vezes diferente do que os psicanalistas estão habituados nas instituições psicanalíticas. Atualmente, no Brasil, há importantes periódicos científicos provenientes das universidades e também das escolas de psicanálise, indexados e avaliados pela Capes. Neles, os psicanalistas podem divulgar seus estudos, casos clínicos, trabalhos apresentados em eventos. Quando a pesquisa psicanalítica entra na universidade, formalizando-se como dissertação ou tese, ou circulando como artigos e livros, alimenta o campo interno e externo. É também por meio dessas construções acadêmicas em psicanálise que o campo é constituído e não somente do que é discutido e produzido nas escolas.

As primeiras institucionalizações da psicanálise (Sociedade Psicanalítica de Viena, IPA, Instituto de Berlim) foram sociedades fechadas e dogmáticas. Muitas escolas também recebem críticas em relação ao dogmatismo, na defesa do que seria a “verdadeira psicanálise”. Isto nos faz interrogar: E a universidade? Seria uma institucionalização da psicanálise nos moldes científicos, ou seria um lugar onde a psicanálise pode estar livremente, desenvolvendo abertamente suas ideias? Como podemos conciliar pesquisa científica e pesquisa psicanalítica?

Jalley (2004) ao falar da realidade francesa, afirma que há uma maior produção de psicanálise fora da universidade, pois o psicanalista, uma vez dentro deste ambiente, dificilmente sustentaria o potencial criativo próprio à psicanálise. Já outros autores, como Levy (1995), pensam que a universidade é justamente o lugar para fugir do dogmatismo de muitas escolas, e onde a psicanálise pode dialogar com outros campos. Como os psicanalistas se dispersam nas escolas, na universidade eles podem reunir-se. Isto corrobora com o pensamento de autores como Birman (2000) que considera a universidade um local no qual é possível discutir criticamente a psicanálise, longe da experiência transferencial (por vezes avassaladora) das instituições. De fato, temos visto na realidade brasileira, a universidade reunir psicanalistas de escolas diversas em unidades e departamentos universitários.

Verificamos ao longo deste capítulo que a dimensão da pesquisa é constituinte da psicanálise, presente desde sua gênese e sinalizada em diversos momentos na obra freudiana. Concordamos com o pensamento de Green (2007), ao afirmar que Freud considera todo o empreendimento da psicanálise como pesquisa numa época em que a investigação sistemática sobre a atividade psíquica não existia praticamente. No entendimento de Assoun (1997), Freud ao descobrir o inconsciente cria uma “agência de pesquisa”. Além de estabelecer uma teoria inédita, ele fixa as bordas, os limites do percurso e as referências para as futuras pesquisas em psicanálise.

2.4.1 Diferentes versões em pesquisa psicanalítica

Antes de expormos os diferentes pontos de vista sobre pesquisa dentro do campo psicanalítico, é interessante ressaltar algumas divisões que se estabeleceram e que serão importantes para compreender em seguida o material da nossa pesquisa. Trata-se da famosa distinção entre pesquisas *em* psicanálise e pesquisas *sobre* psicanálise, sendo a primeira uma pesquisa conduzida a partir de material clínico e do método analítico e a segunda uma pesquisa sobre questões que interessam à psicanálise, não necessariamente conduzida por analista, articulando a psicanálise com outros campos, com diferentes recursos metodológicos que podem ser combinados aos conceitos da psicanálise como análise de discurso, estudo de caso, observação, entre outros. Esta divisão remonta ao texto sobre o ensino da psicanálise da universidade, de 1919 em que, ao discutir a presença desse ensino, Freud distingue o aprender sobre e com a psicanálise. Também está relacionada ao que Lacan diz na *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola* (1967/2003) no que concerne à divisão da psicanálise em *extensão* e em *intensão*, sendo a primeira aplicações da psicanálise e a segunda derivada da clínica e relacionada à formação do analista, e ambas indissociáveis. Diz Lacan

eu me apoiarei nos dois momentos da junção do que chamarei, neste arrazoado, respectivamente, de psicanálise em extensão, ou seja, tudo o que resume a função de nossa Escola como presentificadora da psicanálise no mundo, e psicanálise em intensão, ou seja, a didática, como não fazendo mais do que preparar operadores para ela (p.251).

Para Lacan não há, pois, separação entre os dois termos, mas junção. Mais que junção, há orgânica continuidade: “de conformidade com a topologia do plano projetivo, é no próprio horizonte da psicanálise em extensão que se ata o círculo interior que traçamos como hiância da psicanálise em intensão” (p.261).

Anteriormente, no ato de fundação de sua escola, ele já havia criado três seções que englobavam teoria, prática clínica e relação com ciências afins (Lacan, 1964/2003). Como veremos em seguida, diversos psicanalistas se apropriam dessas divisões para discutir a pesquisa em psicanálise.

Alguns autores defendem a aplicação de procedimentos tradicionais como análise de conteúdo ou análise do discurso para pesquisas psicanalíticas (Guerra, 2001, Santos & Zaslavsky, 2007). Para Sampaio (2006), a pesquisa em psicanálise é uma pesquisa de caráter qualitativo, o que não significa ausência de dados estatísticos produzidos por outras disciplinas. Rosa (2004) ao falar sobre pesquisas psicanalíticas de fenômenos sociais e políticos defende que se pode trabalhar, mediante escuta psicanalítica, com depoimentos e entrevistas, uma vez que se diferencie a análise e o dispositivo psicanalítico da escuta. Mezan (1993) afirma que a pesquisa psicanalítica não recorre aos procedimentos das ciências empíricas, tais como medição e controle, dividindo-se em duas vertentes: pesquisa com material clínico, na qual a teoria seria uma elaboração da escuta clínica, e a pesquisa sobre psicanálise, seus conceitos e ideias, num plano epistemológico ou histórico-conceitual.

Recorremos novamente a Mezan (2006) quando lista assuntos sobre os quais podem ser realizadas pesquisas em psicanálise: a) predominantemente teóricas, focalizando em especial questões metapsicológicas; b) questões de psicopatologia; c) sobre fatores operantes no processo psicanalítico; d) sobre a atividade terapêutica em âmbito institucional; e) sobre as interfaces psique/sociedade; f) sobre as interfaces arte/cultura/psique; g) sobre autores ou momentos importantes na história da psicanálise. Sob a variedade de temas, existe algo em comum, a saber, todos os tipos listados apresentam uma questão central e a investigam com conceitos da psicanálise. A pesquisa está articulada com a dimensão inconsciente, não sendo regida por pressuposições ou pelo controle da experiência. Portanto, a

vertente clínica está presente em maior ou menor escala nos diversos tipos de pesquisa em psicanálise.

Não basta falar de Freud, pois uma investigação pode ser histórica e conceitual, pode falar sobre a psicanálise ou seus temas, sem constituir pesquisa psicanalítica. Sauret (2003) destaca diferentes tipos de pesquisa em psicanálise: a) a que visa responder a questões colocadas pela psicanálise; b) a que busca responder a questões colocadas à psicanálise; c) a que constrói uma teoria a partir da doutrina e da experiência; d) a que visa ampliar o campo da experiência analítica; e) a que se orienta pelo saber e, eventualmente, pela ética da psicanálise.

Existem aqueles que defendem a pesquisa da clínica como legítima representante da psicanálise, como Nogueira (2004) quando diz

não posso pensar em pesquisa psicanalítica a não ser na relação analítica. Se tomarmos a teoria psicanalítica e tentarmos aplicá-la fora da relação analítica, fora do tratamento analítico, não estaremos fazendo psicanálise, mas sim pesquisa experimental. Então é como se estivéssemos investigando uma atividade humana, um comportamento humano, através de uma teoria psicológica (p.87).

Já para Naffah Neto (2006), existiria a pesquisa-escuta, pesquisa clínica por excelência, a pesquisa-investigação voltada para problemas teóricos e/ou metodológicos psicanalíticos e uma terceira que teria a psicanálise como tema, mas não seria psicanalítica, *strito senso*. Outros, como Rinaldi e Alberti (2009), acreditam que toda pesquisa em psicanálise é clínica, mas no sentido de clínica ampliada, inclusive a metapsicologia, pois é voltada para o sujeito. As autoras articulam o trabalho na universidade ao da escola de psicanálise, pois cada uma tem relação com a escola, com a causa freudiana que as atravessa.

Já para Lo Bianco (2003), o inconsciente, objeto da psicanálise, é apreendido por meio da *práxis*. Sua especificidade está no fato de que, ao tempo em que é elaborado, o objeto constitui-se na formalização da investigação. O pesquisador não é uma variável a ser controlada, estando diretamente implicado na emergência do material de pesquisa, posto que a neutralidade, além de ser impossível, é indesejável.

Poli (2008) afirma que, desde as primeiras obras de Freud, podemos encontrar as condições para pesquisa em psicanálise, ou seja, a construção da questão e a

produção do objeto a ser estudado. Isto porque, na psicanálise, busca-se a produção de um saber singular e o método utilizado para este fim é o que vai dando os contornos do objeto. Portanto, o objeto de pesquisa provém da clínica, traz a marca do desejo do sujeito do inconsciente e da relação transferencial que se estende ao trabalho com outros. A autora utiliza a metáfora da rede e do anzol, para demonstrar que não é o fenômeno que define o modo de pesquisar, mas a rede (significante) ou o anzol (desejo) que se joga para apanhá-lo e quando ele vem, confunde-se com ela ou traz o anzol.

A psicanálise é, ao mesmo tempo, teoria, técnica e método de investigação; portanto, as características que a definem também podem definir seu método de pesquisa. O caso é a estratégia metodológica por excelência da pesquisa em psicanálise. Na escrita de um caso, o pesquisador é autor que se engaja na transmissão, visto que, para a psicanálise, não há escrita sem sujeito. Escrever a psicanálise faz avançar a pesquisa na medida em que é necessário mostrar o objeto analítico nas suas singularidades e, ao mesmo tempo, responder às exigências da generalização teórica (Angelergues, 2010, Roman, 2014).

Para alguns autores (Lo Bianco, 2003, Zanneti & Kupfer, 2006, Castro, 2010), desde os primórdios da psicanálise, a direção da pesquisa psicanalítica é dada pela experiência clínica; portanto, o relato do caso e seus desdobramentos são instrumentais na construção do método e da pesquisa em psicanálise. O caso não é usado para confirmar a teoria ou para demonstrar e exemplificar. Trata-se de um conjunto teórico que sustenta relações com a clínica e o que emerge dela. Por meio dessas análises, obtém-se a renovação da teoria. O caso interroga o pesquisador e essa singularidade não diz respeito somente ao analisando e suas questões, mas à própria relação com o analista. A pesquisa não se reduz à observação, tampouco ao registro para posterior análise, mas diz respeito a uma elaboração do trabalho na clínica. Mesmo pesquisas teóricas estariam relacionadas com tal dimensão.

Lo Bianco (2003) afirma ainda que investigações teóricas são necessárias para revisão dos conceitos e, conseqüentemente, para a prática clínica. Seu exame permite conhecer elaborações já realizadas, mas que não se esgotam. O retorno aos textos fundadores devem ser tomados num movimento de vai-e-vem, das questões clínicas para a teoria e vice-versa. Além disso, o pesquisador escreve a

partir de sua experiência com a psicanálise, seja sobre sua análise pessoal e das análises que conduz. Esses aspectos colocam não só a clínica, mas também a cultura como *locus* importante de incidência da interrogação psicanalítica.

Em relação a pesquisas empíricas e quantitativas em psicanálise, encontramos posicionamentos de psicanalistas como Green (2007) que diz que a pesquisa quantitativa não é indicada para a investigação do inconsciente, o que não significa que ela deva ser abandonada, podendo ocupar uma posição periférica. Já Widlöcher (2007b) diz que a pesquisa clínica não deve se opor à pesquisa empírica, servindo esta para abordar explicações de questões psicanalíticas, confrontando-as com explicações de outras disciplinas. Tal característica, no entanto, não a reduz ao quantitativo. Essas pesquisas se endereçam ao meio externo e propiciam a prática da interdisciplinaridade. Por outro lado, Eizirik (2001) pergunta se toda pesquisa psicanalítica precisa ter procedimentos qualitativos ou se podem existir outros métodos, tais como estudos empíricos e pesquisas por indicadores. O mesmo autor defende pesquisas sobre a eficácia da clínica, utilizando procedimentos estatísticos (Jung, Nunes & Eizirik, 2007).

Em outra abordagem, Roussilon (2007), ao pensar no contexto atual de mensuração e avaliação, propõe que a psicanálise seja avaliada por critérios inerentes ao trabalho analítico como tipo e organização das defesas, flexibilidade do funcionamento psíquico etc. Ele defende que a pesquisa clínica pode refletir os mais diversos dispositivos psicanalíticos que não são somente o divã e nem por isso deixam de ser clínica psicanalítica. Já Reid (1991) defende a importância de pesquisas sobre os resultados e não somente estudos sobre o processo, dando ênfase à divulgação dos trabalhos empíricos ou experimentais em psicanálise.

Destacamos algumas pesquisas no meio psicanalítico que já fazem interlocuções com outros métodos e formas de avaliação como a pesquisa Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI) em que um instrumento com 31 indicadores clínicos de risco do desenvolvimento foi elaborado a partir da psicanálise e aplicado em 727 crianças em um estudo longitudinal (Kupfer et al, 2010). Destacamos também a pesquisa *Pre-Aut* na França e em diversos países, entre eles o Brasil, para diagnóstico precoce do risco de autismo em bebês. Alguns

testes e avaliações, baseados na teoria psicanalítica, levam a avanços na clínica do autismo, inclusive estabelecendo diálogos com áreas como a neurociências.

Green (2007) defende um pluralismo de concepções de ciências, na psicanálise, com diferentes tipos de pesquisa (para ele seriam: clínica, conceitual e empírica) o que nos faz pensar em termos de um complementarismo. O que seria importante numa pesquisa psicanalítica é o modo de pensar psicanalítico que vem da experiência do analista/pesquisador com a psicanálise.

O êxito das pesquisas citadas, desenvolvidas por analistas reconhecidos no campo, mostram ser possível aproximações da psicanálise com outros métodos sem perder suas características. Frente às críticas tão frequentes de submissão aos ideais da ciência, respondemos que esta seria mais uma forma de se apresentar, de fazer pesquisa, de conquistar espaço, frente a contestações, sobretudo aquelas advindas das ciências cognitivas. Articulações com outros saberes não são novidade para a psicanálise, considerando sua conformação interdisciplinar. Diálogos são importantes, se não imprescindíveis, ao pensarmos na constituição, manutenção e alargamento do campo psicanalítico universitário.

3. PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE: UMA EMPREITADA FREUDIANA

No texto *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?* (1919/2010b), que inaugura as discussões psicanálise e universidade, Freud discute o ponto de vista do seu ensino sob duas perspectivas: o da psicanálise e o das universidades. Em relação ao primeiro, Freud diz que “sua inclusão no currículo acadêmico seria motivo de satisfação para um psicanalista, mas, ao mesmo tempo, é evidente que ele pode prescindir da universidade, sem prejuízo para sua formação” (p.378), reafirmando, em seguida, as condições de formação do analista que incluem ensino, pesquisa, supervisão e a experiência da própria análise: “Quanto à experiência prática, além do que aprende na análise pessoal ele adquire ao tratar pacientes, sob aconselhamento e supervisão de colegas já reconhecidos” (p.378).

Em relação ao segundo ponto de vista, o da universidade, Freud fala da importância da psicanálise na formação médica (na época, tratava-se da inserção da psicanálise nos cursos de medicina) devido à lacuna existente em relação ao conhecimento dos fatores psíquicos nas enfermidades e seus tratamentos. A ausência de exposição à psicanálise, nos cursos médicos, acarretaria deficiência do profissional no futuro, segundo Freud. Além disso, a psicanálise poderia cumprir função propedêutica para a formação em psiquiatria.

Ampliando e justificando a presença da psicanálise na universidade, ele afirma “Ao investigar os processos psíquicos e as funções intelectuais, a psicanálise segue um método próprio, cuja aplicação não se limita ao âmbito dos distúrbios psíquicos, mas se estende igualmente à resolução de problemas na arte, na filosofia e na religião” (p.380). Freud imagina um efeito fertilizante do pensamento psicanalítico sobre diversos campos, estabelecendo relação entre eles. Desta forma, a psicanálise pode estar presente na formação universitária nos campos das ciências, das artes, da saúde ou das humanidades, permitindo que estudantes de diferentes domínios do conhecimento aprendam sobre e com a psicanálise (Coutinho et al, 2013). Ou, nas palavras do próprio Freud (1919/2010b), “A fecundação dessas outras disciplinas pela psicanálise certamente contribuirá para forjar um vínculo mais sólido

entre a medicina e os ramos de saber da filosofia e das artes, no sentido de uma *universitas literarum*" (pp.380-38).

A defesa de Freud dizia respeito ao ensino e à difusão da psicanálise. Na época, a universidade ainda não era um lugar de produção científica tal como hoje se consolidou com a presença de PPGs, tendo em vista que a pesquisa é o significativo privilegiado nesse ambiente.

Com o objetivo de examinar a imbricada e complexa articulação entre psicanálise e universidade, buscaremos retomar esta trajetória dentro da universidade, desde a época inaugural de Freud na Universidade de Viena, passando pelo ambiente francês, até chegar ao Brasil contemporâneo.

De acordo com Lima (2009), para pensar a configuração de um campo científico devemos analisá-lo a partir das condições de seu surgimento, da sua estrutura, da dinâmica na qual atuam seus agentes. Portanto, ao abordar a relação psicanálise e universidade remetemo-nos ao histórico dessa relação que tem sua gênese no próprio movimento de invenção realizado por Sigmund Freud. Portanto, redescrever (Rorty, 2007) a história da psicanálise é atualizar caminhos trilhados pelo discurso psicanalítico, incluindo o percurso universitário, pois a história de conformação de um campo, suas disputas e o movimento dos agentes que o compõem podem fornecer indícios de suas características atuais (Bourdieu, 2007) e potencializar ações futuras no campo.

3.1 FREUD E A UNIVERSIDADE DE SEU TEMPO

Freud sempre desejou aproximar a psicanálise da universidade, embora não tivesse conseguido uma cátedra na Universidade de Viena, em parte pelo movimento antisemita já existente na Alemanha e na Áustria desde a segunda metade do século XIX. Desta forma, a partir de 1885 Freud segue uma carreira como Docente Livre [*Privat-dozent*], ou seja, professor voluntário, sem salário e sem responsabilidades, autorizado somente a lecionar em componentes curriculares facultativos. Em junho daquele ano, ele ministra sua primeira conferência pública sobre o sistema medular do cérebro, no instituto de Brücke (Douville, 2009). Após 17 anos, em 1902, é nomeado Professor Extraordinário (nome dado ao 1º grau

docente universitário) pelo imperador Francisco José. Tratava-se de um cargo almejado por seu prestígio e cuja nomeação era realizada pelo Ministério da Educação. Coincidentemente, alguns meses depois é formalizada a primeira sociedade psicanalítica do mundo, a *Psychologische Mittwoch Gesellschaft* (Sociedade Psicológica da Quarta-Feira) por iniciativa de Stekel (Douville, 2009). Somente em 1920, Freud se torna professor titular, em uma época em que já não ministrava cursos. Lembremos que se tratava de uma cátedra de Neurologia.

Em 1909, Freud é convidado por Stanley Hall a proferir uma conferência na *Clark University* em Worcester, Estados Unidos, por ocasião do 20º aniversário da instituição. O fato é comentado por Freud em *Contribuição à História do Movimento Psicanalítico* (1914/2012a) e nas conferências proferidas, publicadas no ano seguinte. Este convite foi o primeiro reconhecimento oficial sobre o qual Freud se reporta na *Autobiografia* (1925/2011a)

Na Europa eu me sentia como que desprezado, mas ali os melhores indivíduos me receberam como um igual. Quando subi à cátedra em Worcester, para dar as 'Cinco lições de psicanálise', foi como a realização de um inverossímil devaneio. A psicanálise não era mais um produto do delírio, tornara-se uma parcela valiosa da realidade (p.138).

A psicanálise era matéria de interesse para aquela audiência universitária. Desse modo, Freud consegue o reconhecimento universitário, tal como vinha buscando desde o início. Nessa mesma oportunidade, é nomeado Doutor *Honoris Causa* pela *Clark University* (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2008).

Um dos acontecimentos que marcaram o processo de institucionalização da psicanálise na universidade foi a nomeação de Ferenczi para o cargo de professor de psicanálise na Universidade de Budapeste em 1919. Este projeto de ensino já aparece nas correspondências entre Freud e Ferenczi a partir de novembro de 1913, quando o psicanalista húngaro menciona seu interesse em postular o cargo de professor e busca apoio político para tal empreitada. Àquela altura, Ferenczi era um reconhecido psicanalista em Budapeste, ministrando conferências públicas para médicos e despertando grande interesse sobre o novo campo. Além disso, ele era amigo próximo de Freud. Esse apoio materializa-se, na ocasião, com o texto *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?* publicado na revista húngara *Gyogyaszat*, em março de 1919. O texto é citado por Ferenczi em carta a Freud em

junho do mesmo ano, época em que seus cursos já haviam começado e ele relata seguir os princípios descritos no artigo (Moreau-Ricaud,1990).

A implantação desta cátedra é um fenômeno que merece toda a atenção, bem como os acontecimentos políticos em torno dele. Apoiados ainda em Moreau-Ricaud (1990), tomemos esse evento histórico a partir dos acontecimentos da época. A psicanálise começa a despertar interesse no meio médico e acadêmico de Budapeste com as conferências de Ferenczi e alguns textos de Freud traduzidos para o húngaro. Interessava também ao governo por apresentar uma forma de tratamento das doenças nervosas, sobretudo naquele período pós-guerra. No mesmo período, os estudantes húngaros de medicina clamavam por reformas no ensino médico, dentre elas a inclusão do ensino da psicanálise. Esses estudantes faziam parte de um grupo vanguardista de intelectuais chamado *Galilée*, do qual Ferenczi participava. Foram redigidas e enviadas diversas petições dirigidas ao Ministro da Instrução Pública. Na última delas, encontra-se a seguinte solicitação

Nós os abaixo-assinados, estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Húngara de Ciências de Budapeste, chamamos vossa atenção para o fato que até então a psicanálise não tem sido ensinada na nossa universidade. Esta ciência pode aplicar-se não somente a uma prática médica específica, mas também à psicologia pura e aplicada (sociologia, pedagogia, criminologia) que fazem de seu ensino regular na universidade uma necessidade inevitável. O fato de que até hoje a introdução da psicanálise tem sido rejeitada pode ser explicado, em nossa opinião, não somente pelas objeções científicas às quais os círculos oficiais da universidade têm recorrido, mas pelas hostilidades pessoais e políticas. Dentro do interesse da ciência, pensamos que não deveria ser permitido que uma consideração, qualquer que seja, freie o livre desenvolvimento de uma nova disciplina. Referimo-nos ao fato de que a psicanálise tem sido ensinada ao longo dos anos nas seguintes universidades estrangeiras: Viena (Prof. Freud), Londres (Prof. Jones), Leyde (Prof. Hlyerman Heymans), Boston (Universidade de Harvard: Prof. James Putman (*sic*), Zurique: Prof. Bleuler. Pensamos que o Dr. Sandor Ferenczi é a pessoa mais apropriada para fazer as conferências sobre a psicanálise na Universidade de Budapeste; neurologista, o Dr. Sandor Ferenczi é o propagador mais devotado à causa analítica no nosso país; ele é igualmente reconhecido no exterior. Solicitamos e esperamos que nossa demanda seja levada em consideração e que as medidas a serem tomadas sejam realizadas este trimestre. Respeitosamente, os abaixo-assinados (....) (Eros & Giampieri, 1987 citado por Moreau-Ricaud, 1990 p. 120)⁶.

⁶ Esta e todas as demais traduções são de nossa responsabilidade. “Nous soussignés, étudiants de la Faculté de Médecine de l’Université hongroise des Sciences à Budapest, attirons votre attention sur le fait que jusqu’alors la psychanalyse n’a pas été enseignée dans notre université. Cette science peut s’appliquer non seulement à une pratique médicale spécifique, mais aussi à une psychologie pure et appliquée (sociologie, pédagogie, criminologie) qui font de son enseignement régulier à l’université une nécessité inévitable. Le fait que jusqu’ici l’introduction de la psychanalyse ait été rejetée peut s’expliquer à notre avis non seulement par les objections scientifiques auxquelles les cercles officiels de l’université ont eu recours, mais encore par des hostilités personnelles et

A petição foi inicialmente rejeitada pela suposta não cientificidade da psicanálise e por propagar a “imoralidade e a pornografia”; porém, em abril de 1919, Ferenczi obtém a cátedra e começa seu ensino em junho do mesmo ano com dois cursos de uma hora e meia: um sobre psicologia psicanalítica para médicos e outro sobre psicosexualidade. Após a entrada de Ferenczi, outros analistas passam a dar seus cursos na universidade, com bom acolhimento e logo uma Associação Psicanalítica de Estudantes de Medicina é criada. No entanto, a queda do governo vigente na Hungria em julho de 1919 leva ao fechamento da cátedra.

A aproximação da psicanálise e universidade não era uma novidade na época e o artigo de Freud de 1919 é contemporâneo do discurso sobre as novas vias para a psicanálise, o que incluía as policlínicas que estavam sendo fundadas em Berlim, Budapeste e Viena. A respeito destas, um ano depois é fundado o Instituto de Berlim, inicialmente como um espaço para garantir a acessibilidade da psicanálise à população, mas que logo se torna a primeira instituição destinada à formação de psicanalistas, sendo chamada de “pequena universidade”. Sua organização em ensinamentos específicos anuais e obrigatórios assemelhava-se à estrutura universitária alemã da época (Sokolowsky, 2013).

No curto prefácio ao relatório de dez anos de funcionamento do instituto, Freud (1930/1985) ressalta os esforços de seu criador (Max Eitingon) e dos analistas que participaram do empreendimento, destacando o Instituto como o lugar no qual a psicanálise pode ser ensinada teoricamente, sublinhando que as experiências dos analistas mais velhos são ali transmitidas. Ressalta também, todavia, a falta de interesse do estado e da universidade em relação ao Instituto, algo que ele já demonstra no texto de 1919 ao afirmar que a formação nas sociedades psicanalíticas decorre do fato da psicanálise estar excluída das universidades: “[...] e

politiques. Dans l'intérêt de la science nous pensons qu'il ne devrait pas être permis qu'une considération quelle qu'elle soit freine le libre développement d'une nouvelle discipline. Nous nous référons au fait que la psychanalyse a été enseignée pendant des années dans les universités étrangères suivantes: Vienne (Pr Freud), Londres (Pr Jones), Leyde (Pr Hlyerman Heymans), Boston (Université de Harvard): Pr James Putman (*sic*), Zurich: Pr Bleuler. Nous pensons que le Dr. Sandor Ferenczi est la personne la plus appropriée pour faire des conférences sur la psychanalyse à l'Université de Budapest; neurologue, le Dr. Sandor Ferenczi est le propagandiste le plus dévoué à la cause analytique dans notre pays; il est également reconnu à l'étranger. Nous demandons et nous espérons que notre demande soit prise en considération et que les mesures à prendre en ce sens se réaliseront ce trimestre. Respectueusement les soussignés (...).

ela continuará a exercer uma função decisiva enquanto se mantiver essa exclusão” (Freud, 1919/2010b, p. 378).

O ensino da psicanálise era, na época, acontecia em diversos lugares, como citado pelos estudantes na Petição acima transcrita. Destaca-se principalmente Bleuler em Zurique, que desde 1906 enviava alunos para serem analisados por Freud, como era o costume. Laplanche escreve, em 1979, que entre a experiência de Ferenczi em 1919 e a experiência francesa em 1968, a psicanálise foi ensinada em outros países como, por exemplo, nos Estados Unidos em cursos de psicologia, psiquiatria e antropologia, na Universidade de Harvard. Nesse mesmo período, Alemanha, Áustria e Itália, além do Brasil, não citado por Laplanche, começam a institucionalização universitária da psicanálise. A experiência francesa, citada pelo autor, também é parte importante das relações psicanálise e universidade e merece um destaque como veremos a seguir.

Atualmente, Viena conta com uma universidade que leva o nome de Freud, a *Sigmund Freud Privat Universität* que oferece cursos em Ciências da Psicoterapia nos níveis graduação, mestrado e doutorado, além de cursos de curta duração e formações específicas. Oito abordagens psicoterápicas são oferecidas (terapia comportamental, análise existencial, psicologia individual, gestalt terapia, abordagem centrada na pessoa, psicanálise, terapia sistêmica e análise transacional) em um programa que contempla o ensino teórico-clínico, atendimento e formação em autoconhecimento [*self-awareness training*]. Esta universidade nada tem a ver com a psicanálise (a não ser como uma das linhas de abordagens psicológicas), mas é curioso ver o nome de Freud ligado a diversas formas de psicoterapia em Viena, sua cidade e berço da psicanálise.

3.2 PRESENÇA DA PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE FRANCESA

A psicanálise entra na universidade francesa pelo caminho trilhado por Daniel Lagache. Em 1937 ele é nomeado professor em Strasbourg criando os primeiros certificados de Psicopatologia e Psicologia Social numa tentativa de unir psicanálise e psicologia. Ele tenta favorecer a análise leiga pela via universitária através dessa ligação entre a clínica psicanalítica e a psicologia. Diferentemente de outros

psicólogos da tradição francesa, como Pierre Janet, Lagache passou pela experiência da análise o que o ajudou a aceitar e utilizar conceitos como inconsciente, recalque, entre outros. Em 1947, sucede Paul Guillaume na cadeira de Psicologia Geral na Sorbonne. Ele também é responsável pela coleção Biblioteca de Psicanálise que publicava textos de Freud e de outros membros do movimento psicanalítico. Em 1955, ele assume a disciplina de Psicologia Patológica criada para ele na Sorbonne e Juliette Favez-Boutonier assume seu lugar na disciplina de Psicologia Geral (Roudinesco, 2009).

Antes de Lagache, em 1925, havia sido criado um Laboratório de Psicanálise por Georges Heuyer, professor de psiquiatria infantil na Faculdade de Medicina de Paris e dirigido por Sophie Morgenstern. Em 1932, René Spitz, radicado na França, começa a ensinar psicanálise e psicologia do desenvolvimento infantil na Escola Normal Superior. Em 1936 ocorre uma cerimônia na Sorbonne presidida por Henri Claude (um dos introdutores de Freud na França) em comemoração aos 80 anos de Freud. Na ocasião, Marie Bonaparte fez uma conferência sobre a obra de Freud. No mesmo ano, o filósofo Roland Dalbiez defende, na Sorbonne, a primeira tese sobre Freud intitulada *La méthode psychanalytique et la doctrine freudienne*, publicado como livro em 1937 (Douville, 2009).

Esses fatos históricos mostram as antigas relações da psicanálise com a universidade francesa, bem antes dos marcos oficiais, sendo que as primeiras ideias psicanalíticas na França datam do início do século XX quando Angelo Hesnard e Emmanuel Régis, pioneiros nessa divulgação, publicam o primeiro livro sobre o tema, *La psychanalyse des névroses et des psychoses*, em 1914. Um ano antes, os mesmos autores publicam o artigo *La doctrine de Freud et de son école* na revista *L'Encéphale* (Roudinesco, 2009). Trata-se de um livro crítico em relação à psicanálise que influenciou uma geração de precursores da psicanálise no Brasil. Este livro foi comentado por Afrânio Peixoto na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1918, se tornando a primeira produção psicanalítica traduzida para o português no Brasil em 1923, antes mesmo da primeira tradução de um texto freudiano, o que viria a acontecer somente em 1931⁷.

⁷ Tradução de *Cinco Lições de Psicanálise*, edição brasileira organizada por Durval Marcondes e J. Barbosa.

Freud se refere em *Contribuição à História do Movimento Psicanalítico* (1914/2012a) à Morichaud-Beuchant, médico de Poitiers como o primeiro a aderir publicamente à psicanálise e também à Régis e Hesnard, já citados. Morichaud-Beuchant, segundo Hoffmann (2011), inicia uma correspondência com Freud em 1910, aproximando-se também de Ferenczi, Jung e Ernest Jones, publicando, desde então, artigos sobre psicanálise em revistas de medicina da época.

Bem antes desses acontecimentos, a história da psicanálise na França é atravessada pelas relações de Freud com a universidade francesa. Em 1885, Freud obtém uma bolsa da Universidade de Viena para estudar em Paris, durante seis meses, na Salpêtrière, com o renomado neurologista Charcot, titular da primeira cátedra de neurologia e responsável por grandes avanços nessa especialidade médica. Estudantes de diversas partes do mundo vinham estudar com ele e com Freud não foi diferente (Mijolla, 2010). Charcot já combinava, naquela época, ensino e pesquisa no serviço criado para ele na Salpêtrière. Segundo o próprio Freud, as condições de pesquisa em Paris eram muito superiores às que ele encontrava em Viena. Uma carta de Freud à Martha, quando ainda eram noivos, mostra o encantamento dele frente ao mestre

Charcot, que é um dos maiores médicos e um homem cujo senso comum tem um toque de gênio, está simplesmente desarraigando minhas metas e opiniões. Por vezes, saio de suas aulas como se estivesse saindo da Notre-Dame, com uma nova ideia de perfeição. (...) Se a semente frutificará algum dia, não sei; o que sei é que ninguém jamais me afetou dessa maneira (Freud, 1893/1996, pp.19-20).

Freud se aproxima dele e chega a traduzir para o alemão em 1887 as *Leçons du mardi à La Salpêtrière*. Por ocasião da morte de Charcot em 1893, Freud escreve novamente sobre ele, reiterando seu brilhantismo e expressando sua admiração, fato que se repete nos prefácios que redige para as traduções de suas obras, bem como no seu relatório dos estudos em Paris. Neste último, ele relata todas as aquisições decorrentes deste ensino e finaliza dizendo que pretende fazer uso destes valiosos conhecimentos como docente, bem como na sua atividade médica (Freud, 1886/1996).

O encontro com Charcot, suas pacientes histéricas e a teoria da histeria, foi decisivo para o início da psicanálise. Em 1889, Freud vai novamente à França, mas desta vez para Nancy, conhecer Hippolyte Bernheim e Ambroise-Auguste Liébault,

representantes da chamada “Escola de Nancy”, e suas teorias sobre a hipnose, método que Freud empregava na época. O objetivo era desmistificar a hipnose como procedimento mágico e aplicar as leis dos processos psíquicos; mais que isso, tornar a hipnose um procedimento psicoterápico. A segunda viagem à França tem também um efeito importante sobre Freud e a psicanálise (Mijolla, 2010).

Pierre Janet, que posteriormente vem a ser grande crítico das ideias freudianas, em sua tese publicada sob a orientação de Charcot, cita várias vezes um artigo de Freud de 1893 (que viria a ser a *Comunicação preliminar dos Estudos sobre a Histeria*, publicado em 1895). Depois dele, vários outros começam a citar Freud, seja em teses, seja em artigos científicos. Portanto, mesmo antes do livro pioneiro de Régis e Hesnard, as ideias de Freud já circulavam no meio médico e acadêmico, não só através dele, mas também de seus discípulos, como Jung. Mais tarde as ideias de Janet iriam fazer uma espécie de barragem às ideias de Freud na França. Nas palavras de Freud (1914/2012a)

Entre os países europeus, a França tem se revelado a menos receptiva à Psicanálise, embora trabalhos meritórios do suíço A. Maeder ofereçam ao leitor francês um bom acesso a nossas teorias. (...) Em Paris ainda parece reinar a convicção, eloquentemente expressa por Janet no congresso de Londres, em 1913, de que tudo o que há de bom na psicanálise apenas repete, com alterações mínimas, os pontos de vista de Janet, e todo o resto é nefasto. Mas não devemos esquecer seus méritos na psicologia das neuroses, ainda que rejeitemos suas pretensões (p.280).

Os primeiros anos da psicanálise na França são marcados pelas críticas de Janet, pelas publicações já citadas e pela fundação, em 1926, da primeira sociedade psicanalítica da França, a Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), num ambiente marcado por conhecidas e importantes disputas. Após a Segunda Guerra Mundial, há crescimento da psicanálise, ao tempo em que começam as decisivas cisões. A primeira ocorre em 1953, com a criação do Instituto de Psicanálise. Desta forma, Lagache, Favez-Boutonier, Françoise Dolto, e Jacques Lacan fundam a Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP), reconhecida pela IPA em 1961 (Chiland, 1990).

Neste período ocorreram também as investigações da IPA em torno da prática clínica de Lacan, sobretudo em relação às sessões curtas. Lacan criticava o modo tornado tradicional de formação do analista nas instituições vinculadas à IPA e essas divergências acabaram por levar a sua expulsão da instituição. Em 1963, ocorre uma nova cisão e em 1964 Lacan funda sua própria escola, a Escola

Freudiana de Paris (EFP), caracterizada por oferecer uma forma diferente de transmissão. Além desta, é fundada também a Associação Psicanalítica da França (APF), pelo grupo de Lagache, Favez-Boutonier, Wladimir Granoff e Didier Anzieu, tendo sido reconhecida em 1965 pela IPA.

Em 1969 ocorre nova cisão, desta vez na EFP, e tendo como pivô o dispositivo do passe. Assim é fundado o *Quatrième Groupe* por Piera Aulagnier, François Perrier e Jean-Paul Valabrega. A última das cisões importantes ocorre em 1980, quando Lacan dissolve sua escola. As dissidências internas levam à saída de alguns analistas e Jacques Alain-Miller com vários companheiros criam a Escola da Causa Freudiana, em 1981.

Mijolla e Mijolla-Mellor (2008) sugerem que a entrada da psicanálise na universidade francesa ocorre como consequência de uma carência das sociedades, após tantas cisões. É justamente após as duas maiores cisões, a de 1953 e a de 1963, que os seminários psicanalíticos no ambiente universitário começam a se destacar, embora a psicanálise já estivesse presente desde antes.

No entanto, o marco oficial da entrada da psicanálise na universidade é a criação do Departamento de Psicanálise na Universidade Paris VIII e do Laboratório de Psicanálise na Universidade Paris VII, ambos no ano de 1968. Esse ano é importante na história da França devido aos movimentos estudantis de maio de 1968 que culminaram em importantes reformas no sistema de ensino. Graças às transformações sociais em curso, a universidade se torna mais acessível e os estudantes passam a ter posição mais ativa na apropriação do conhecimento, com mudanças expressivas na relação com os professores. De acordo com Laplanche (1979), o ano de 1968 não marca a entrada da psicanálise na universidade francesa, mas a organização do seu primeiro departamento, pois, como já vimos, a psicanálise tinha uma inserção na universidade bem anterior a essa data.

Nessa época ocorrem as primeiras disputas entre psicanalistas e experimentalistas dentro da universidade. Em 1964, Anzieu entra na Universidade de Nanterre e começa um ensino de inspiração analítica. Favez-Boutonier, por sua vez, abandona sua disciplina de Psicologia Geral e cria um certificado opcional de Psicologia Clínica dentro da graduação em psicologia, instalando seu laboratório em 1966. No entanto, a psicologia clínica era uma ficção na universidade, pois além de não ter

sustentação teórica, a concepção vigente era de que a psicologia deveria ser vinculada à medicina. Portanto, a luta dos psicólogos seria para tornar a psicologia uma profissão clínica, tendo a psicanálise como sustentação (Roudinesco, 2009).

A partir de outubro de 1968, a psicanálise segue em três vias no processo de implantação na universidade francesa: 1) psicologia clínica, baseada na experiência de Lagache na Universidade Paris VII 2) médico-experimentalismo-psicologia científica em Paris V 3) vertente lacaniana, não atrelada à psicologia em Vincennes, posteriormente Paris VIII.

Na Universidade Paris V foram criadas duas Unidades de Ensino e Pesquisa⁸ (UER) no Instituto de Psicologia. A primeira sobre Psicologia do Trabalho e Ergonomia fundada por Daniel Widlöcher, Roland Duron e Gratien-Alphandéry, e a segunda, de inspiração experimentalista, sob o comando de Paul Fraise.

Nessa mesma época, surge uma UER de Ciências Humanas e Clínicas que se vincula à Universidade Paris VII. Em seu programa, encontra-se o ensino sobre a clínica freudiana. A criação desta UER constitui a saída política proposta pelo Ministério do Ensino Superior para acolher em uma mesma instituição a psicologia clínica, a psicologia social e a psicanálise. Em 1969 Jean Laplanche se junta a essa UER criando um Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia e introduzindo, pela primeira vez, o significante “Psicanálise” no ensino universitário. O programa se dividia em quatro eixos de pesquisa: psicopatologia psicanalítica, psicanálise aplicada, teoria da psicanálise e história da psicanálise e da prática freudiana. Alguns dos professores eram filiados à AFP.

Em 1976, André Green propõe a criação de um Instituto de Ciências Humanas Clínicas reunindo profissões voltadas à Saúde Mental e visando à formação biológica, psicológica e sociológica, em perspectiva interdisciplinar. Ele tem como modelo o Doutorado em Saúde Mental da Universidade da Califórnia, dirigido por Robert Wellerstein, com um programa similar em caráter experimental. O modelo retomaria o ideal de Freud sobre o ensino da psicanálise (1919, 1913, 1926) no qual estariam incluídas disciplinas como história, folclore, mitologia (Green, 1976).

⁸ *Unité d'Enseignement et Recherche*. Após 1968 as antigas cátedras são substituídas pelas UER, mais autônomas e pluridisciplinares. Posteriormente, em 1984, as UER são transformadas em UFR (*Unité de Formation et Recherche* – Unidade de Formação e Pesquisa). A UFR associa os departamentos de formação e os laboratórios de pesquisa na universidade francesa.

A relação entre psicologia clínica e psicanálise começa a conflitar. Esses conflitos se intensificam quando Laplanche cria o DEA [*Diplômes d'Études Approfondies*]⁹ de Psicopatologia Clínica e Psicanálise em 1974 e, no ano seguinte, ele obtém autorização para abrir o doutorado na mesma área. Somente em 1980 este doutorado recebe o nome de Doutorado em Psicanálise, marcando a especificidade e autonomia do campo.

Em 1975 começa a ser editada, pelo Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia, a revista *Psychanalyse à l'université*, com tiragens trimestrais, na qual Laplanche publica seus seminários e artigos de colaboradores próximos. A revista foi um veículo de divulgação durante 19 anos, até o seu término em 1994. No primeiro número, Laplanche afirma que o recém-criado doutorado não seria um ensino puramente teórico e nem propagaria a psicanálise como doutrina dogmática, mas teria como objetivo, a partir da pesquisa, ser um “fermento teórico”, um centro de confrontação, elaboração e publicação (Laplanche, 1975).

Os números eram divididos em seções: *Ensino*, para os seminários ministrados na universidade (a maioria de Laplanche e Pierre Fédida, mas também de outros como Jacques Gagey e Maurice Dayan); *Elaborações temáticas*, artigos sobre temas diversos (escritos geralmente por membros do Laboratório ou da universidade); *Documentos e Pesquisas*, seção que abrigava relatos das pesquisas realizadas pelo Laboratório de Psicanálise; *Argumentos*, pequenos textos sobre temas psicanalíticos; *Atualidades e Leituras*, para comentários de livros e pequenos textos.

No final de alguns números, há uma seção de informações sobre o Laboratório, por vezes com a lista das teses defendidas em determinado ano, atas das reuniões científicas e comentários de defesas. A partir de 1978, encontra-se uma lista com as obras de psicanálise recentemente publicadas. Posteriormente é criada uma seção com discussão sobre artigos de revistas publicados na época, assim como era feito com os livros, além de notícias sobre as atividades do *College des Hautes Études Psychanalytiques* desde sua criação em 1987. A revista também publicava conferências e trabalhos de Colóquios e Jornadas Científicas realizados em universidades francesas e do exterior, bem como traduções inéditas de textos de Freud, Klein, Winnicott, entre outros.

⁹ Antigo diploma necessário para entrada no doutorado na universidade francesa.

Os artigos publicados versam sobre assuntos diversos como psicanálise e literatura, psicoses, conceito de pulsão, psicopatologia, psicossomática, temáticas da prática clínica como transferência, contratransferência e clínica com crianças e adolescentes. Apenas cinco textos são sobre psicanálise lacaniana. Alguns discutem a psicologia do ego e suas relações com a psicanálise. Na seção Documentos e Pesquisa, retratam-se os temas da época. Além dos tradicionais do campo psicanalítico como psicose, histeria e psicossomática (também presentes nos artigos), e da interface com a literatura, encontram-se estudos sobre neonatologia, já em 1977; reprodução assistida e infertilidade, a partir de 1982; a questão da paternidade/maternidade em homossexuais em 1985; psicofarmacologia em 1986; pacientes com HIV, pacientes com doença de Alzheimer em 1991; mudança de sexo, em 1992, o que mostra a psicanálise sempre em consonância com as questões discutidas pela ciência e pela sociedade.

Em Vincennes o processo foi diferente, mais vinculado à corrente lacaniana. A psicanálise não constituía uma UER, sendo vinculada à UER de filosofia, ou seja, um curso teórico no interior da formação filosófica e literária. O Departamento de Psicanálise, presidido por Serge Leclaire, começa a funcionar no ano letivo de 1968-1969. Seu objetivo seria contribuir para o estudo, a pesquisa e a elaboração da psicanálise (Leclaire, 1985). Para ele, a universidade constituía uma abertura de horizontes para o lacanismo e mesmo para o pensamento psicanalítico de forma geral, que seguia um caminho de dogmatização

Em 1968-1969, quando criei em Vincennes o primeiro “departamento de psicanálise” do mundo, fizeram-me compreender e sentir no âmago do comitê central (diretório) da EFP que se tratava de uma transgressão sacrílega, o que não impediu essa mesma instância de trabalhar intensamente para recuperar internamente o dito departamento [...] que, vale ressaltar, é a única instituição que atravessou sem danos a dissolução e prosperou, como sabemos, em Saint Denis Paris VIII (pp.319-320)¹⁰.

Vincennes era um centro experimental criado a partir das reivindicações estudantis dos movimentos de Maio de 68 e seu estatuto permitia autogestão das disciplinas. Entre seus professores figuraram Michel Foucault, Gilles Deleuze, Alain Badiou,

¹⁰ En 1968-1969, lorsque je créai à Vincennes le premier “département de psychanalyse” à exister par le monde, on me fit bien savoir et sentir au sein du comitê central (directoire) de l'EFP qu'il s'agissait là d'une transgression sacrilège, ce qui n'empêcha pas la même instance de tout mettre en oeuvre pour récupérer dans son ordre ledit département [...] qui, cela vaut d'être noté, est la seule institution, qui ait traversé sans dommage la dissolution, et prospéré, comme l'on sait, à Saint Denis Paris VIII.

entre outros grandes nomes da intelectualidade francesa. Posteriormente, Vincennes se torna a Universidade Paris VIII – Saint Denis.

Segundo Roudinesco (2009) e Safouan (2013), e como podemos perceber pela citação acima de Leclair, Lacan não aprovava a experiência de Vincennes, mas ao mesmo tempo sabia que se tratava de iniciativa importante para a expansão do seu ensino. Em algumas passagens do *Seminário 17: O avesso da psicanálise* (1970/1992) aparecem as críticas à inserção universitária da psicanálise. Em um trecho, ele cita uma tese realizada sobre sua obra dizendo

Foi em Louvain que se fez uma tese sobre o que chamam, talvez inadequadamente, minha obra. Esta tese, não esqueçamos, é uma tese universitária, e o mínimo que transparece é que minha obra não se presta bem para isso. (...) deve-se fazer distinção entre o que é eventualmente tradução do que eu enuncio e o que eu, propriamente falando, disse. (...). Seguramente, a dificuldade própria em me traduzir para a linguagem universitária é também a que atingirá todos aqueles que, pela razão que for, se arriscarem a fazê-lo. (...) seu valor de exemplo [da tese] também pelo que promove de distorção, de alguma forma obrigatória, em uma tradução ao discurso universitário de algo que tem suas próprias leis (p.42).

Em sua ida a Vincennes, Lacan critica os estudantes dizendo que eles são produtos da universidade e que saem etiquetados como créditos, unidades de valor (Lacan, 1970/1992), mas a despeito das críticas e temores de Lacan, desde essa época inúmeras teses foram escritas sobre seu ensino e modo de transmissão, sobretudo no Brasil. Em 1967, antes da experiência de Vincennes ele já dizia

Não posso entregar-lhes meu ensino sob a forma de um comprimido, o que me parece difícil. Talvez alguém faça isso mais tarde. É sempre assim que termina. Quando se está de fora de cena há algum tempo, você se resume a três linhas nos manuais – no que me diz respeito, manuais não se sabe de quê. Não posso prever em que manuais serei inserido pela razão de que não prevejo nada do futuro que se refira ao meu ensino, isto é, a psicanálise. Não se sabe o que essa psicanálise se tornará. Quanto a mim, almejo que se torne alguma coisa, mas não é certo que tome esse caminho (Lacan, 1967/2006, p.11).

As concepções de Lacan sobre o ensino da psicanálise e sobre sua inserção universitária são controversas e polêmicas. Para ele (1957/1998), não seria possível um mero ensino profissional, mas uma transmissão. O ensino da psicanálise, diz Lacan (1964/2003), “só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho” (p.242). Há aí uma crítica ao saber científico, transmitido de forma universalizante, hegemônico na universidade, e cujo modelo epistêmico é a ciência cartesiana, atualizada com o positivismo comtiano. A

proposta de ensino que Lacan traz para a universidade parte de outro referencial epistemológico, não-cartesiano. O que se pode transmitir do que se ensina é um desejo de saber e esse desejo só pode ser transmitido como falta no saber, para que cada um possa fazer sua produção, marcando um estilo próprio.

A psicanálise lacaniana amplia a ideia freudiana de desejo, conceituando-o como desejo de saber sobre a falta do sujeito, sempre incompleto e que não pode ser ensinado, mas que pode ser transmitido não-todo na relação transferencial de trabalho. É este saber que a psicanálise pode oferecer à universidade¹¹.

É importante retomarmos o *Seminário 17* para perceber o alcance e a importância destas questões. Lacan (1970/1992) propõe quatro modalidades de laços sociais, que denomina discursos, em quatro possibilidades não estanques e intercambiáveis: discurso do mestre, da histórica, do analista e da universidade, a partir de quatro elementos: S1 (significante mestre), S2 (saber), \$ (sujeito) e objeto a (gozo). Os lugares que podem ser ocupados são: Desejo, Outro, Verdade e Perda. Aqui, apenas descreveremos o discurso universitário que, para Lacan, é o discurso no qual as ciências se alicerçam.

Há, para Lacan, um imperativo de saber nas ciências, com a característica de ser um saber que exclui o sujeito, na medida em que o lugar do a (objeto) é ocupado pelo estudante, intimado a produzir algo: “o que permanece é o mandamento, o imperativo categórico *Continua a saber*” (p. 111, grifo do autor). Este mandamento provém do significante mestre (S1) ocupando o lugar da verdade. Lacan observa que é tentador fixar-se neste significante. Quanto mais se produz saber, mais se impõe mais saber, pois o ser humano, (e)feito de linguagem nunca consegue dar conta de todo o objeto que, construído na cadeia significante, não se deixa capturar pelo conhecimento universitário, daí a injunção que pode ser tomada a um só tempo como imaginária, simbólica e real: é impossível o saber todo (real, o que “não cessa de não se escrever”), é necessário querer saber (simbólico, o que “não cessa de se escrever”), é possível não querer saber (imaginário, o que “cessa de se escrever”) e algum acontecimento em torno de um saber singularmente transmitido (contingente, que “cessa de não se escrever”), categoria que só pode ser dita *a posteriori*, a partir

¹¹ Muitos teóricos importantes, como Foucault e Bourdieu, para citar apenas dois, beneficiaram-se de tal concepção ampliada de desejo trazida por Lacan. Bourdieu, por exemplo, constrói sua noção de *habitus* incorporando ideias freudo-lacanianas, em acréscimo a outras noções aristotélicas como *hexis*, que incluem a dimensão inconsciente como motor dos processos de aprendizagem.

do “acontecimento”. Torna-se compreensível identificar o ponto de impossibilidade revertido imaginariamente em impotência: a ciência positivista pretende, a todo custo, tapar a falha estrutural do saber, colando conhecimento e saber.

Para Lacan (1966/1998) o discurso da ciência, hegemônico na universidade, teria como característica – diríamos trágica – perseguir a verdade, afastando-se dela, na medida em que se reforça o ideal de saber como absoluto, generalizável, tomando-o como conhecimento e desprezando a dimensão inconsciente de falta a saber. A psicanálise está, portanto, no campo da contingência apontando para a impossibilidade de um saber universal, contrária a forma de operar da ciência que recalca este contingente e busca ingressar no campo do necessário, do determinismo (Pinto, 2005).

Para Miller (1997) os discursos da universidade e da psicanálise seriam contrários. Na universidade, via de regra, o saber está desabitado de desejo, há um controle do saber, partindo-se do pressuposto que se sabe o que se diz e que existe um professor que detém o saber, repassando-o aos alunos que não o sabem. Além disso, as universidades hoje se inserem numa lógica produtivista em que o valor atribuído ao professor está diretamente relacionado à quantidade de sua produção ocasionando uma mera reprodução de saber. Mais uma vez a confusão entre saber e conhecimento. Este modo de operar ainda hegemônico na universidade e no ambiente escolar, em geral, mostra-se como o avesso da experiência analítica. Lacan (1967/2006) chega a afirmar que a universidade foi feita para que o pensamento nunca tenha consequências. No entanto, não podemos esquecer que tais críticas são dirigidas a uma universidade fechada e doutrinária, na França antes dos eventos de Maio de 1968 e cujo modelo ainda prevalece na maioria dos ambientes universitários. Assim como Lacan também foi contra a formação da IPA rígida e dogmática.

Lacan desenvolve o *Seminário 17* em 1970, ano em que Leclaire pede demissão do Departamento de Psicanálise sendo substituído por Jean Clavreul. Em 1974 Jacques-Alain Miller, que fazia parte da Universidade desde 1969, assume a direção com o apoio de Lacan, criando dois anos depois um Doutorado em Psicanálise. Safouan (2013) chega a afirmar que Lacan esperava mais da universidade do que de sua própria escola, envolta em disputas e problemas institucionais. O departamento permaneceu funcionando apesar desse início tumultuado e das

cisões do movimento lacaniano. Em um texto intitulado *Talvez em Vincennes...* (1975/2003) Lacan reconhece esta experiência quando diz

Talvez em Vincennes venha, a se reunir os ensinamentos em que Freud formulou que o analista deveria apoiar-se, reforçando ali o que extrai de sua própria análise, isto é, saber não tanto para que ela serviu, mas de que se serviu. (...) Agora não se trata somente de ajudar o analista com ciências propagadas à moda universitária, mas de que essas ciências encontrem em sua experiência uma oportunidade de se renovar (p.316).

Apesar destas discussões, o Doutorado em Psicanálise foi bastante atacado pelas sociedades psicanalíticas. Havia um temor de confundir o ensino universitário da psicanálise com a formação do analista, sobretudo pelo peso de um diploma de “Doutor em Psicanálise”. Laplanche defendia que a presença da psicanálise na universidade teria primordialmente como objetivo fazer pesquisa, ressaltando que um título não faz um psicanalista, assim como um doutorado em letras não faz um escritor ou um doutorado em medicina não faz um médico (Laplanche, 1980). Isto já estava previsto pelo próprio Freud quando diz ao encerrar *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?* (1919/2010, p.381): “Por fim, cabe considerar a objeção de que desta forma o estudante de medicina jamais aprenderá realmente a psicanálise [...]. Afinal, tampouco se espera que o estudo universitário transforme o estudante de medicina num cirurgião hábil”. O que vale para outros campos também como, por exemplo, o das artes, visto que um doutorado em artes cênicas, dança ou teatro não habilita ou forma um artista. Ser artista está mais relacionado com a experiência de cada um com a arte e não com um título universitário, tal como na psicanálise.

Atualmente, o Departamento de Psicanálise da Universidade Paris VIII, vinculado à Escola da Causa Freudiana, concede os diplomas de *master*¹² e doutorado e pertence a uma UFR que reúne os departamentos de Ciências da Educação, Comunicação e Psicanálise.

Em Paris VII, a antiga UER de Ciências Humanas e Clínicas se torna a UFR de Estudos Psicanalíticos, a partir de 2011. Ela é a única UFR da França específica em

¹² Na França não existe o curso de mestrado, como no Brasil. Os estudantes podem fazer o *master Professionel* ou *Recherche* em dois anos. Após três anos de graduação (*Licence*) o estudante continua seus estudos no *master*, sendo o *Master Recherche* indispensável para entrada no doutorado. Na área da psicologia, por exemplo, um estudante só poderá receber o título de psicólogo após a conclusão de três anos de *Licence* mais dois anos de *master*. Após esse percurso, estará apto a desenvolver as funções de psicólogo.

psicanálise oferecendo uma *licence* (graduação) em psicologia, *master* e doutorado em psicanálise. Esses diplomas são vinculados do ponto de vista disciplinar à psicologia, de acordo com o Conselho Nacional das Universidades (CNU), instância que regulamenta a carreira de professor universitário na França e na qual a psicanálise é reconhecida como uma das orientações da psicologia. Esta UFR é a única que ministra uma formação de psicólogos clínicos orientado pela psicanálise, o que marca uma exceção naquele país. Além disso, existe o reconhecimento pela agência reguladora e avaliadora do ensino superior a AERES [*Agence de l'Évaluation de la Recherche e de l'Enseignement Supérieur*]¹³.

A UFR é também responsável pela edição da revista *Recherches en Psychanalyse*, fundada em 2004 e ligada à *École Doctorale Recherches en Psychanalyse et Psychopathologie* (Escola Doutoral Pesquisas em Psicanálise e Psicopatologia). Esta revista é uma continuação da *Psychanalyse à l'Université*, e tem seu número de lançamento dedicado justamente ao tema, mostrando a relação entre ambas, dez anos após a interrupção da primeira. De caráter interdisciplinar, ela tem como objetivo apresentar contribuições de pesquisas no plano teórico e clínico, fomentando interações da psicanálise com os demais campos, segundo descrição da própria revista. Esta universidade tem o mérito de consagrar duas revistas ao tema psicanálise e universidade.

Passamos agora à história da psicanálise no Brasil, a partir da hipótese de que sua presença na universidade brasileira é concomitante à introdução do discurso psicanalítico no Brasil, sendo a universidade uma poderosa, porque socialmente legitimada, via complementar de transmissão e difusão do campo.

3.3 A PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

O Brasil é um país com forte tradição de inserção da psicanálise na universidade desde o início do século XX. Vários trabalhos se dedicaram ao estudo da sua história no Brasil (Sagawa, 1989; Perestrello, 1993; Boddin, 1998; Danziato, 2000; Oliveira, 2001, 2005; Gageiro, 2001; Mezan, 1998).

¹³ Agência de Avaliação da Pesquisa e do Ensino Superior.

O interesse em registrar essa história aparece desde os primeiros trabalhos de divulgação no país como o de Júlio Pires Porto-Carrero, um dos pioneiros e também o responsável pela primeira historiografia do movimento psicanalítico brasileiro em 1929. Inicialmente ele aborda o tema na *Aula Inaugural do Curso de Psicanálise Aplicada à Educação* em 1928 que ele intitulou *Psychanalyse – a sua história e o seu conceito*, inspirando-se no texto de Freud *Contribuição à história do movimento psicanalítico*, de 1914. No ano seguinte, ele apresenta um relatório intitulado *Contribuição Brasileira à Psicanálise* no III Congresso Brasileiro de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal em que aborda os primeiros 15 anos de divulgação psicanalítica no Brasil (Oliveira, 2002b).

O que é amplamente divulgado é que a psicanálise entra nas universidades brasileiras a partir dos cursos de psicologia regulamentados na década de 1960. De fato, disciplinas como Psicologia do Desenvolvimento e Estágios Supervisionados representaram um dos primeiros *lócus* institucionais a partir dos quais as ideias psicanalíticas puderam desenvolver-se.

No entanto, o primeiro encontro da psicanálise nas universidades brasileiras é bem anterior a essa data e encontra-se incontornavelmente ligado à medicina. Para refazer tal percurso, é necessário retomar a chegada da psicanálise no Brasil, o contexto histórico em que ocorreu e os precursores responsáveis pela divulgação das ideias psicanalíticas no país.

Boddin (1998) relata que a psicanálise começou a ser divulgada no Brasil desde o final do século XIX através de psiquiatras das faculdades de medicina. Em 1899, Juliano Moreira, jovem docente psiquiatra baiano, citava textos de Freud em suas conferências, na Faculdade de Medicina da Bahia¹⁴. Ele se destaca como um dos grandes nomes da psiquiatria brasileira, introduzindo novas formas de abordar o diagnóstico e tratamento das doenças mentais à frente do Hospital Nacional de Alienados no Rio de Janeiro. Este hospital tornou-se um centro formador de professores, dentre eles Afrânio Peixoto e Antonio Austregésilo, futuros divulgadores da psicanálise na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

¹⁴ Vários autores da história da psicanálise afirmam que Juliano Moreira citava Freud no ano de 1899 (Douville, 2009, Perestrello, 1993, Boddin, 1998, Menezes, 2014). No entanto, Oliveira (2002a), afirma que foi Porto-Carrero o primeiro a atribuir a Juliano Moreira o início da divulgação das ideias de Freud no Brasil antes mesmo da virada do século XX, mas a autora indica que não há tal comprovação.

(Dunningham, 2005). Juliano Moreira apresenta em 1914 um trabalho sobre psicanálise na Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, passando, desde então, a comentar e estimular a matéria junto a seus discípulos. Portanto, a universidade é o primeiro lugar ao qual chegam as ideias inaugurais de Freud no Brasil, concomitantemente ao aparecimento da própria psicanálise no mundo.

A partir de então, passa a ser difundida no Brasil de forma mais sistemática. Nesse mesmo ano de 1914 é defendido, na Faculdade Nacional de Medicina no Rio de Janeiro, o primeiro trabalho acadêmico em psicanálise no país, escrito pelo médico Genserico de Souza Pinto. O título é *Da Psicoanalise: a sexualidade nas nevroses* e é considerado o primeiro trabalho em português no campo, tendo sido retomado pelo antropólogo alemão Hannes Stube no livro *Sigmund Freud in den tropen* (2011), no qual a tese é publicada como anexo. Para Theiss-Abendroth (2013), em comentário sobre a obra do antropólogo, o ano de 2014 seria a comemoração dos 100 anos do discurso científico da psicanálise no Brasil, a referida tese representando esse marco, ao reunir no plano universitário os discursos psiquiátrico e psicanalítico. A tese de Pinto (1914) inaugura um espaço para recepção e início da consolidação do campo no Brasil, já que nesse período a psicanálise não era conhecida no meio médico e muito menos do público em geral.

No primeiro capítulo da tese, o autor diz que em 1905 a psicanálise toma um caráter de método explorador e terapêutico e que a partir daí os estudiosos se voltam para a “grande doutrina psicológica de Freud” (p.5) angariando grande quantidade de adeptos. Nomeia alguns divulgadores no Brasil como Juliano Moreira, Antonio Austregésilo e Henrique Roxo, no campo da psiquiatria, e Fernandes Figueira, no campo da pediatria. No entanto, até aquele momento, nenhum trabalho fora publicado e havia um quase total desconhecimento sobre a psicanálise, nomeada por ele como “revolução científica de Freud” (p.6) e de “doutrina que é ao mesmo tempo uma Psicologia e um método” (p.8).

O trabalho abrange nove capítulos teóricos e um apêndice com cinco casos clínicos. Com o objetivo de facilitar a compreensão da teoria freudiana com foco na neurose, Pinto (1914) faz uma síntese das ideias de Freud, dando ênfase à teoria da sexualidade para a compreensão da etiologia sexual das neuroses. No segundo

capítulo, o tema é a sexualidade infantil; o terceiro focaliza desvios da sexualidade, divididos em “nevropatias sem história psíquica” ou “nevroses atuais (neurastenia e neurose de angústia)” e “nevropatias de histeria psíquica ou psiconevroses (histeria e obsessões e fobia)” (p.45). A cada um dos subtemas é dedicado um novo capítulo, sendo que o último descreve a psicanálise como método terapêutico. O autor refere-se ao “grande método terapêutico de Freud, diferenciando-se de todos os métodos psíquicos até hoje empregados” (p.87) e afirma que tal método deriva da teoria da psicanálise apresentada nos capítulos anteriores. A tese demonstra o conhecimento do autor sobre a parte da obra de Freud publicada até então. Segundo Dunker (2014), Pinto considera a psicanálise como teoria da sexualidade e método de tratamento para psicose, dando mais ênfase à sexualidade do que ao conceito de inconsciente.

A conclusão a que a tese de Pinto (1914) chega é que somente o método psicanalítico permite uma cura definitiva e radical para afecções psíquicas. Essa tese é publicada em 1915, tornando-se o primeiro livro sobre psicanálise em língua portuguesa e, curiosamente, sob a forma de uma tese, portanto um trabalho universitário.

Na época, a grande divulgação da psicanálise no Brasil se dá no Rio de Janeiro e em São Paulo. Além de contar com o primeiro trabalho, o Rio de Janeiro destaca-se pela divulgação do curso de Psiquiatria Médico-Legal na Faculdade de Medicina, concebido por Afrânio Peixoto e Henrique Belford Roxo, em 1918. Este último realiza um curso sobre a doutrina de Freud o que o torna o primeiro professor de psicanálise no país, além de ter publicado um Manual de Psiquiatria em 1921, reservando várias páginas à psicanálise (Boddin, 1998; Oliveira, 2002b).

Outro grande incentivador das ideias psicanalíticas foi o já citado Porto-Carrero que inicia sua clínica na Liga Brasileira de Higiene Mental em 1923. No ano seguinte, ele apresenta um caso orientado pela psicanálise na Academia Nacional de Medicina, publicando um livro no mesmo ano, além de ser um dos primeiros responsáveis pela historiografia do movimento psicanalítico (Oliveira, 2002b).

Franco da Rocha é também considerado precursor, mas em São Paulo, sendo reconhecido como o maior expoente da psiquiatria local. Ele é designado professor

de Clínica Psiquiátrica na Faculdade de Medicina em 1919 e ministra uma aula inaugural intitulada *Do delírio geral*. Essa aula, transformada em artigo, é publicada no jornal *Estado de São Paulo*, chamando a atenção de Durval Marcondes, que viria a ser um dos grandes responsáveis pelo estabelecimento da psicanálise no Brasil. Em 1920, baseado nessas aulas, Franco da Rocha lança o livro *O pansexualismo na doutrina de Freud*, primeira publicação psicanalítica de impacto no país (Oliveira, 2002b, 2014). Destaca-se novamente o fato de tratar-se de obra psicanalítica relevante e de cunho acadêmico, visto ter sido baseada em aulas de um curso universitário.

Pouco tempo antes, Freud publicara as *Conferências introdutórias à Psicanálise* (1917/2014), fruto de suas aulas na Universidade de Viena como professor extraordinário. Segundo Assoun (2009), nessas conferências, as últimas de seu ensino, podemos ver Freud como um professor-pesquisador dando resposta concreta à pergunta título de outro texto que ele viria a escrever em 1919: *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?*

Retomando a história do Brasil, essas primeiras produções brasileiras, de acordo com Sagawa (1989), não tiveram repercussão expressiva no contexto científico da época. Eram médicos que manifestavam interesse teórico pela psicanálise, mas sem intenção de se tornarem analistas. São considerados, na visão do autor, precursores da psicanálise. Quem iniciou o movimento clínico foi Durval Marcondes que começa a atender pacientes aplicando o método analítico, após ter iniciado sua formação. Ele e todos os outros que se empenharam para o estabelecimento da psicanálise no Brasil são considerados pioneiros.

Durval Marcondes funda, em 1927, junto com Franco da Rocha, a Sociedade Brasileira de Psicanálise, primeira do gênero na América Latina. No ano seguinte, é lançada a *Revista Brasileira de Psicanálise*, considerada a primeira revista de psicologia publicada no Brasil. É também a primeira na América Latina sobre o pensamento freudiano. O segundo número, no entanto, só irá ser publicado 39 anos depois. Na ocasião do lançamento, Durval Marcondes enviou uma carta a Freud e recebeu uma resposta na qual este expressava ter tomado ciência do fato.

Naquele mesmo ano é fundada a primeira Sociedade de Psicanálise no Rio de Janeiro, tendo como presidente Juliano Moreira, com sede no Hospital dos Alienados. No Rio, há expressiva adesão de médicos; em contrapartida, a Sociedade de São Paulo, que congregava intelectuais e artistas, além de profissionais de outras áreas (Ponte, 1999), conheceu um desenvolvimento não tão atrelado à psiquiatria. O movimento psiquiátrico no Rio de Janeiro era tido como o mais bem organizado do país, sendo a psiquiatria uma disciplina autônoma ensinada no curso de medicina.

Paralelamente a sua inserção na psiquiatria, o ensino universitário foi uma importante via de expansão da psicanálise no Brasil. Destaca-se, no contexto, a disputa em 1936 de Durval Marcondes e Pacheco e Silva pela disciplina Neuropsiquiatria, na Faculdade de Medicina de São Paulo. Pacheco e Silva vence o concurso e, conseqüentemente, passa a exercer grande influência na formação dos psiquiatras. Sua “aversão” à psicanálise faz com que esta deixe de ser ensinada aos futuros médicos paulistas. Caso Durval Marcondes tivesse vencido a disputa, os rumos da psiquiatria poderiam ter sido diferentes, com uma maior aderência à psicanálise, sem dúvida. A partir desse episódio, Durval Marcondes começa a se aproximar da psicologia clínica, campo no qual a psicanálise encontrará bastante apoio (Oliveira, 2005).

Como vem sendo discutido, o ensino e a difusão da psicanálise no Brasil, nos primeiros anos do século XX, iniciam-se por meio da medicina, mais precisamente pela psiquiatria ensinada em universidades. Muitos dos precursores eram professores das faculdades de medicina que divulgavam a psicanálise entre seus alunos. Portanto, antes da vinculação com a psicologia, existiu e ainda persiste uma relação com o campo médico em articulação estreita com o contexto universitário. Contemporaneamente, o primeiro contato com a psicanálise ainda costuma acontecer por meio de disciplinas ministradas por professores psicanalistas, em cursos de psiquiatria, psicologia, mas também literatura, comunicação, artes, bem como em hospitais psiquiátricos e ambulatórios, vinculados às faculdades de medicina e a cursos de psicologia e outros na área da saúde.

Oliveira (2002b) destaca dois movimentos de inserção nesse início da psicanálise no Brasil. O primeiro toma a psicanálise como instrumento terapêutico e o segundo

faz uma apropriação da psicanálise no meio cultural, de forma a ser aplicada em diversas áreas do conhecimento, o que é bem visível na interface com as artes. No entanto, as ideias freudianas, tomadas por um viés pansexualista, em diversos contextos da realidade brasileira, eram utilizadas, e ainda o são, com intuito de encontrar soluções ou explicações para questões e problemas sociais. Havia, segundo Russo (2002), no interesse pela psicanálise um ideal de um projeto civilizador para o Brasil, visto que esta trazia uma saída interessante para as teorias vigentes do determinismo biológico que destinava o país ao fracasso por conta da miscigenação e do “excesso” sexual. Portanto as ideias de uma sexualidade que não seria problema e de sublimação parecem adequadas ao projeto de civilização, educação e progresso brasileiro.

Neste contexto, Ponte (1999) destaca que nas décadas de 1920 e 1930 ocorrem inúmeras referências à aplicação da psicanálise a diversas áreas além da medicina como direito, educação, literatura e artes plásticas. Para Bortoloti e Cunha (2013), as ideias psicanalíticas entram no país em um momento de agitação intelectual e de transformações sociais. A utilização da teoria freudiana não visava apenas ao tratamento; antes, era compreendida como uma teoria aplicável à cultura e apropriada por diversos campos científicos. Os primeiros textos psicanalíticos do Brasil mostram essa intenção de introduzir a psicanálise em um contexto social mais amplo. Desta forma, a psicanálise esteve presente desde as ideias reformistas da Educação ao movimento de Higiene Mental, passando pelo Movimento Modernista.

De acordo com Oliveira (2005) a psicanálise se introduz em São Paulo muito mais como um discurso aplicado às práticas sociais do que um método clínico destinado ao tratamento das neuroses. Não é à toa, que era o único estado no Brasil a contar desde o início com não-médicos como psicanalistas. Segundo a autora, o movimento modernista teve grande influência na divulgação das ideias psicanalíticas. *Paulicéia Desvairada* (1922) de Mário de Andrade, obra precursora do modernismo brasileiro, foi o primeiro livro a fazer referência a Freud. Do mesmo autor temos também *Amar verbo intransitivo* (1927), criticado à época por excesso de freudismo.

Outro grande escritor do movimento, Oswald de Andrade, cita Freud no *Manifesto Antropofágico* com ideias retiradas de *Totem e Tabu* de 1913. No entanto, é

acusado de utilização errônea dos conceitos freudianos. Os modernistas não aderiram à doutrina psicanalítica, mas apropriavam-se livremente dos conceitos sem preocupação teórica ou de filiação. Eles também usavam os conceitos de uma forma irônica, como forma de crítica. Antes mesmo deste movimento, encontramos em 1916, um livro intitulado *Psicologia mórbida na obra de Machado de Assis* escrito pelo psiquiatra Luiz Ribeiro do Valle sobre as aplicações da psicanálise à literatura (Douville, 2009). Para além dessas discussões, o importante é destacar o meio literário como mais uma forma de difusão da psicanálise no início do século no Brasil e registrar que alguns escritores participaram da fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise (SBP) em 1927.

Nos romances, ideias psicanalíticas também ganham força, por meio de histórias e conflitos entre personagens. Como exemplo, o livro *Mana Maria* de Alcântara Machado (1936) em que um dos personagens comenta que Freud explica os nervosismos súbitos. Em *Salomé*, de Menotti Del Picchia (1931), uma das personagens que sofre dos nervos, após uma crise aceita ver o “Doutor Marcondes” citado não por acaso (Oliveira, 2005, 2014). O próprio Durval Marcondes é responsável por aproximações com a literatura. Ele publica em 1926 o ensaio literário *O simbolismo estético na literatura. Ensaio de uma orientação para a crítica literária, baseada nos conhecimentos fornecidos pela psicanálise*. Ele envia o ensaio a Freud, recebendo resposta apreciativa.

Portanto, a psicanálise circulava também no meio não-acadêmico, sendo difundida tanto entre intelectuais de vanguarda quanto entre a população em geral. Destacamos ainda neste contexto, a figura de Gastão Pereira da Silva, um dos primeiros psicanalistas do Rio de Janeiro, que justamente por não ser membro das sociedades existentes até então e nem professor universitário, acaba esquecido pela história da psicanálise. Este autor publicou vários livros, a partir da década de 1930, com abordagem pedagógica e acessível da psicanálise, com amplas tiragens e em editoras de prestígio. Além disso, escrevia colunas em revistas sobre temas psicanalíticos, manteve um programa na Rádio Nacional sobre sonhos, era autor de rádio-novelas de cunho psicanalítico e criou um curso de psicanálise por correspondência. Um dos precursores da divulgação da psicanálise através dos

meios de comunicação e entre o público leigo era também um defensor da análise leiga criticando o dogmatismo na formação da IPA (Russo, 2002; Marcondes, 2014).

O campo da educação foi também uma das vias de difusão da psicanálise. Ideias psicanalíticas estão presentes no *Manifesto dos Pioneiros* da Escola Nova (1932), movimento ocorrido nos anos 1930 que pretendia reformular as bases da educação brasileira, baseando-se em ideias de igualdade e autonomia do educando, com uma escola laica e pública para todos.

No entanto, as primeiras relações entre psicanálise e educação datam de 1927 com o livro de Deodato de Moraes, *A psicanálise na educação*. Em 1928, Porto-Carrero começa um curso sobre psicanálise aplicada à educação, lançando livros sobre a temática. No entendimento de Bortoloti e Cunha (2013), essas obras enfatizam a ideia de que uma educação orientada pela psicanálise seria importante na formação de indivíduos saudáveis. Devemos destacar ainda a obra de Arthur Ramos, psiquiatra que desde o início de sua carreira faz articulações entre psicanálise e educação, com ideias inovadoras sobre a educação de crianças com déficit intelectual e problemas emocionais. Ele escreve um livro em 1934, intitulado *Educação e Psicanálise* com o objetivo de demonstrar validade e eficácia da psicanálise no campo da educação escolar, além de enfatizar a necessidade da formação dos educadores orientados por este referencial (Sircilli, 2006).

Desde a década de 1930, Arthur Ramos reunia-se quinzenalmente na Bahia com um grupo composto por Hosannah de Oliveira, Lages Neto, Estácio de Lima e Luiz Rogério para estudar os textos de Freud. Ramos troca correspondências com Freud, enviando-lhe suas obras. Tais eventos marcam a importância da Bahia na história da psicanálise (além da conferência inaugural de Juliano Moreira, citada anteriormente), já que a maior parte dos registros apontam apenas o Rio de Janeiro e São Paulo. Arthur Ramos foi sem dúvida o grande expoente da psicanálise na Bahia, propondo cursos e escrevendo artigos e livros sobre o tema (Perestrello, 1993; Menezes, 2014).

Voltando à inserção universitária da psicanálise, destacamos uma que não está vinculada à psiquiatria, a saber, sua integração na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, em 1940. Na época, a curiosidade girava em torno de

estudos psicanalíticos culturalistas e etnográficos. A psicanálise era ensinada como forma de compreender fenômenos sociais e como método para melhorar as condições de ajustamento psíquico dos indivíduos (Oliveira, 2014). Durval Marcondes era professor da disciplina Psicanálise e Saúde Mental no curso de Sociologia. A disciplina Psicologia Social também era ministrada por psicanalistas, dentre os quais se destacam Raul Briquet e Virginia Bicudo, ex-aluna dessa escola e uma das precursoras da psicanálise (Oliveira, 2005). Desta forma, começamos a ver a construção de um caminho para além da psiquiatria. É também nesta mesma época que se iniciam as relações entre psicanálise e psicologia.

3.3.1 Uma relação privilegiada com a psicologia

Desde 1934, a psicologia passa a ser oferecida como disciplina obrigatória nos cursos de nível superior no Brasil, mas somente a partir da década de 1950 os cursos de graduação começam a surgir com sua posterior regulação, bem como a da profissão de psicólogo em 1962. Figueiredo (2008) destaca que a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) foi pioneira na formação de psicólogos, embasada no suporte teórico da psicanálise, nos anos 1960. O curso de psicologia é criado nessa instituição em 1956 tendo como professores vários psicanalistas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e do Rio de Janeiro. Antes ainda, em 1954, é criado um curso de Especialização em Psicologia Clínica na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Posteriormente, surge outra formação na Faculdade de Filosofia *Sedes Sapientiae*, coordenada por Madre Cristina (Oliveira, 2005).

O exercício da psicanálise era permitido oficialmente somente a médicos no país. No entanto, sabemos, como já descrito acima, que no estado de São Paulo, a psicanálise desde seus primórdios era praticada por não-médicos. É conhecido o texto de Freud sobre análise leiga (1926) escrito por ocasião de um processo movido contra Theodor Reik, psicanalista membro da Sociedade Psicanalítica de Viena, por exercício ilegal da profissão. Na obra, Freud defende que o que se ensina na Faculdade de Medicina não é conteúdo necessário para a formação do analista. Ao longo de todo o texto ele mostra que formação psicanalítica não se confunde com formação médica. Enfatiza a importância crucial da análise pessoal e

diz ainda que muitos médicos fazem uso errado da psicanálise, devendo esta ter mais medo dos médicos que a praticam de uma maneira incorreta do que dos não-médicos: “aventuro-me a afirmar que – não somente nos países europeus – os médicos formam um contingente preponderante de charlatões na análise. Eles com grande freqüência praticam o tratamento analítico sem o terem aprendido e sem compreendê-lo” (Freud, 1926/1996, p.222). Ainda nas palavras de Freud “Mas ponho ênfase na exigência de que *ninguém deve praticar a análise se não tiver adquirido o direito de fazê-lo através de uma formação específica*. Se essa pessoa é ou não um médico, a mim me parece sem importância” (p.225, grifo do autor).

Em 1919 Siegfried Bernfeld propõe a criação de uma associação de não-médicos interessados na psicanálise que poderia se filiar à Sociedade Psicanalítica de Viena obtendo o acordo de Freud, porém o projeto não segue em frente. Seis anos depois Ferenczi retoma o plano propondo a criação de um órgão chamado “Os amigos da psicanálise” que, apesar do apoio de Freud, é rejeitado (Roudinesco, 2009).

Sobre esse tema no contexto brasileiro, Lima, Caponi e Minella (2010) destacam que uma revista médica *O Médico Moderno, Revista Profissional e Cultural da Medicina*, consagra ao assunto uma matéria de capa, em outubro de 1965: “Psicologia clínica: médicos vêm perigo na nova lei. Lei que autoriza aos psicólogos a solução dos problemas de desajustamentos é julgada pelos psiquiatras: o perigo estaria na criação dos consultórios de leigos” (p. 50). A reportagem ouviu cinco psiquiatras e um professor do recém-criado curso de psicologia da USP.

Na década de 1970 ocorre o *boom* das psicoterapias com a divulgação de diversas correntes da psicologia e, sobretudo, da psicanálise (Russo, 2002). Psicólogos, ainda excluídos da formação (exceto em São Paulo), participam de grupos de estudo fora das instituições psicanalíticas e, por vezes, ligados à universidade. Um dos primeiros lugares de formação em psicanálise, como já dissemos, foi a Clínica da Faculdade de Psicologia da USP desde sua fundação em 1954. Além desta, destaca-se a Clínica de Psicologia da Faculdade de Filosofia, de Ciências e Letras do instituto *Sedes Sapientiae* em São Paulo destinada aos alunos de pedagogia e depois de psicologia. Em 1960 a clínica se abre aos médicos e estudantes de medicina. No início da década seguinte (1970), destacamos a chegada do pensamento lacaniano no Brasil por meio de psicólogos que ainda não eram aceitos

pela IPA, fato que só acontece em 1979 (Bodden, 1998). Dentre os nomes que se destacam nesta divulgação estão: Luis Carlos Nogueira e, Durval Checchinato em São Paulo, Magno Machado Dias, no Rio de Janeiro, Emilio Rodrigué, na Bahia e ainda Jaques Laberge e Ivan Correa em Recife.

Alguns dos primeiros lacanianos, pelo fato de não pertencerem às escolas reconhecidas pela IPA (realidade brasileira na década de 1970), acabam aproximando-se da universidade onde encontram acolhimento para o estudo das novas teorias. A fragmentação dos espaços institucionais, através das sucessivas cisões, como já vimos, vem enfraquecer o movimento laciano; o espaço institucional não seria mais visto como espaço de reconhecimento, fazendo com que analistas migrem para as universidades.

Outro evento importante desse momento histórico foi o exílio de psicanalistas argentinos, a partir da década de 1970, trazendo ideias inovadoras, além de alto nível teórico e clínico. Antes, muitos brasileiros iam à Argentina realizar suas análises com analistas vinculados à IPA, em uma época em que sociedades brasileiras ainda não tinham o reconhecimento oficial da instituição.

Um segundo momento nas relações psicanálise e universidade ocorre na década de 1980 com a inserção nos cursos de Pós-Graduação, inicialmente no Rio de Janeiro e depois em São Paulo (Mezan, 1998). A entrada oficial da psicanálise na Pós-Graduação brasileira ocorre com a criação, na década de 1970, do curso de Especialização em Psicologia Clínica na PUC-RJ que visava a formação de psicólogos psicanalistas, impedidos, como já citado, de seguir uma formação em escolas de psicanálise. A universidade exerce então a função de formar profissionais em psicanálise, mas não reconhecidos como psicanalistas (Figueiredo, 2008). No entanto, na USP a psicanálise já aparece em 1954 na formação de psicólogos clínicos no Curso de Especialização em Psicologia Clínica que tinha como professor Durval Marcondes e era considerado um feudo da SBP de São Paulo (Oliveira, 2005).

A psicanálise aparece nos primeiros Mestrados em Psicologia do país (curso da PUC-RJ, criado em 1966) com dissertações, defendidas, sobretudo após a década de 1970. Não havia uma linha de pesquisa específica, o que só vem a acontecer em 1982, mas professores psicanalistas integravam aquele PPG (Féres-Carneiro,

2007). Também na década de 1960, a USP implanta seus PPGs em psicologia, incluindo um doutorado em 1974.

Vemos então a universidade figurar como um primeiro *lócus* de formação para psicólogos. Mesmo sabendo que não iriam ter o reconhecimento das sociedades psicanalíticas, candidatos encontravam nas PGs uma forma de contato com a psicanálise e a clínica. Contexto semelhante à realidade francesa, onde a psicanálise se aproxima da universidade pela via da psicologia clínica num movimento de duplo suporte, pois segundo Anzieu (1979), a psicanálise fornecia à psicologia clínica o suporte teórico que lhe faltava e esta última garantia a entrada e permanência da psicanálise na universidade.

No entanto, entre o contexto de chegada no Brasil, com a conseqüente aproximação da universidade e a sua atual conformação universitária, temos um período de afastamento. Na década de 1950 quando as escolas de psicanálise começam a ser reconhecidas, os psicanalistas se limitam a pertencer a uma escola, afastando a psicanálise da universidade. Posteriormente, com as discussões sobre o estatuto científico e epistemologia de outros saberes, começam também as críticas sobre a inserção da psicanálise na universidade e os embates com instituições formadoras. Algumas destas instituições e diversos psicanalistas se posicionam contra a presença da psicanálise na universidade, sendo alguns até mesmo mal-vistos ou rejeitados por seus pares por serem professores universitários. A crítica maior recai sobre a pós-graduação, uma vez que surge, de modo sistematizado, a proposta de pesquisa em psicanálise, trazendo a clínica ao contexto universitário, ou de doutorado em psicanálise, provocando desconfiança de escolas que são as detentoras da formação.

Alguns autores como Mendonça (2009) acreditam que o ensino da psicanálise na pós-graduação pode levar a confusões em relação à questão da formação do analista, enquanto que o ensino na graduação pode ser enriquecedor até para divulgar e diferenciar a psicanálise de outras teorias, mesmo assim não se justificaria o ensino de temas como diagnóstico e tratamento das estruturas clínicas, visto que a transmissão efetiva da psicanálise só ocorre sob transferência.

Ponto de vista que no nosso entendimento não se sustenta, pois partimos da diferenciação básica de que na universidade não há formação, o que já foi dito por

Freud e por Lacan quando fala que a psicanálise não se transmite como qualquer saber. Freud afirma em diversos momentos de sua obra a importância da análise pessoal para a formação do analista (1912, 1919, 1926) algo que a universidade não pode proporcionar.

Existem outras alegações como, por exemplo, a incompatibilidade epistemológica e metodológica entre a psicanálise e os outros saberes universitários, o que já discutimos anteriormente. A questão hoje não se trata mais se é possível ou não a psicanálise na universidade, visto que sua presença e importância é incontestável, mas como ela se apresenta.

A universidade é uma organização social, com mandato milenar de produção, reprodução e difusão de conhecimentos; com o passar do tempo, torna-se também definidora de mecanismos de legitimação dos saberes e práticas. Freud sempre buscou o reconhecimento da universidade e advogava a pertença da psicanálise ao campo científico, como abordamos no capítulo anterior. Percorrendo a história da psicanálise no Brasil, vemos como a universidade teve papel fundamental na formação e na difusão dos conceitos, práticas e interseções com outros campos. Em alguns estados do Brasil, como o Ceará, por exemplo, a difusão da psicanálise ocorre não tanto pela organização de escolas psicanalíticas, mas através da universidade (Danziato, 2000), situação que também pode estar presente em outros lugares.

As relações entre psicanálise e universidade, que durante um período foram marcadas por oposição e exclusão, hoje trazem a marca da inclusão e conciliação. Os significantes resistência e transferência eram empregados pelo movimento psicanalítico para interpretar as ambíguas relações entre ambos. Hoje essas relações seriam mais bem descritas pela harmonia e pacificação, de forma que a universidade tem sido um espaço social privilegiado pela psicanálise e ocupado por psicanalistas. Mais do que isso, a universidade tem-se tornado um objeto de desejo dos psicanalistas. O status atribuído ao professor universitário, no contexto brasileiro, é um capital simbólico e social, fonte de distinção e prestígio (Birman, 2013), mais social que monetário, se comparado com o que uma clínica privada pode proporcionar.

Ainda segundo Birman (2013), os cursos de mestrado e doutorado vêm dar conta de uma lacuna sobre o ensino teórico praticado em instituições psicanalíticas. Assim, constitui-se a figura do psicanalista-pesquisador a partir dessa demanda e da relação entre universidade e instituições de formação analíticas. A universidade, que inicialmente acolheu analistas de todas as escolas e teorias, hoje se torna objeto de disputas políticas entre escolas que buscam visibilidade social e recrutamento de novos analistas, marcando uma estratégia de relação de poder entre escolas e universidades.

Isto não implica dizer que a psicanálise não encontra dificuldades no cenário acadêmico. A nova forma de fazer pesquisa empreendida pela psicanálise vai de encontro aos ideais de ciência vigentes nas universidades, o que provoca dificuldade para a compreensão e aceitação das pesquisas psicanalíticas. Outra questão que destacamos anteriormente é a lógica produtivista presente nas universidades, não só no Brasil. Este ideal do ter que produzir para se destacar vai na contramão da relação da psicanálise com o saber, conforme discutimos no tópico anterior. Lembramos, com Bourdieu, que a universidade está inserida no campo educacional, tradicionalmente um lugar de conservação do capital e reprodução mais que de inovação, criatividade e subversão do campo (Bourdieu & Passeron, 1992).

Sobre as relações escolas/universidades, destacamos a experiência da Sociedade Psicanalítica de Buenos Aires que criou em 2005 um instituto universitário o IUSAM (Instituto Universitário de Saúde Mental) que oferece curso de Especialização em Psicanálise (a formação da IPA tradicional, mas com título de especialista ao final) além de outras em Saúde Mental e Psicologia da Criança e Adolescente, Mestrado em Cultura e Saúde Mental e Mestrado em Casal e Família. Segundo Ferrari (2006), a instituição recebe apoio, inclusive financeiro, da IPA, estando submetida às leis que regulam o ensino universitário na Argentina, mas que não interferem em conteúdos acadêmicos. Nas palavras do autor: “Com este projeto a psicanálise não faz concessões ao discurso da ciência nem tem porque temer o ‘discurso universitário’ do mero conhecimento racional. Pelo contrário, está em condições de contrapor-se a ele e dialogar com os movimentos culturais de vanguarda dentro de

sua própria casa” (p.565)¹⁵. Por ser uma escola de psicanálise dentro de uma universidade, criam-se condições para garantir que os princípios da psicanálise sejam resguardados, prevalecendo a autoridade epistêmica do campo psicanalítico. Sem dúvida, uma experiência inovadora nas relações psicanálise e universidade.

Ao longo dos anos, ocorre expansão na oferta de cursos de pós-graduação e a psicanálise se faz presente em PPGs específicos, áreas de concentração, linhas de pesquisa e, conseqüentemente, produções em diversas áreas e não somente em psicologia. A partir dos anos 1990 começa a se delinear o que chamamos psicanálise brasileira, com uma tomada de consciência do peso dos movimentos psicanalíticos brasileiro na cena internacional. No entanto, se por um lado há um grande número de praticantes, por outro, fragilidade devido a pouca presença de produção sistematizada e reconhecida no cenário internacional. Até a década de 1970 pouco se publicou em psicanálise no Brasil, mas a partir da década de 1980 canais para a divulgação da psicanálise começam a aparecer como revistas, livros, editoras especializadas, publicação de dissertações e teses (Oliveira, 2005). Enfim, a produção brasileira começa a ganhar contornos mais nítidos e expressivos.

3.3.2 A conformação na Pós-Graduação

Em 1988, é criado o primeiro Mestrado em Psicanálise na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com a posterior aprovação de um doutorado em 1994. Dez anos depois, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) implanta seu mestrado (1998) e depois o doutorado, em 2007. Em 2006, ocorre a criação do primeiro mestrado profissional em Psicanálise na Universidade Veiga de Almeida (UVA), também no Rio de Janeiro. Em 2012, esta universidade particular teve seu doutorado aprovado. Em 2014 a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) também implanta seu Mestrado em Psicanálise. Atualmente, contamos com quatro PPGs específicos no país, conforme o quadro abaixo. Os primeiros trabalhos defendidos nestes PPGs datam de 1991 (dissertação) e 1998 (tese) ambos na UFRJ.

¹⁵ Con este proyecto el psicoanálisis no hace concesiones al discurso de la ciencia ni tiene por qué temerle al ‘discurso universitario’ del mero conocimiento racional. Por el contrario está en condiciones de contrarrestarlo y dialogar con los movimientos culturales de vanguardia dentro de su propia casa.

Quadro 1 - Programas de Pós-Graduação no Brasil

IES	PROGRAMA	ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO	LINHAS DE PESQUISA		
UERJ	Psicanálise	Pesquisa e Clínica na Psicanálise	Teoria, Método e Ética da Psicanálise Aplicada às Questões da Clínica	Problemas Teórico-metodológicos e Conexões da Psicanálise	
UFRJ	Teoria Psicanalítica	Teoria Psicanalítica	Fund. Hist. e Teóricos da Psicanálise	Psicanálise e Sociedade	Teoria da Clínica Psicanalítica
UVA	Psicanálise, Saúde e Sociedade	Psicanálise e Saúde	Prática Psicanalítica	Subjetividade nas Práticas das Ciências da Saúde	
		Psicanálise e Sociedade	Psicanálise, Sociedade e Práticas Sociais	Psicanálise e Arte	
UFRGS	Psicanálise: Clínica e cultura	Psicanálise, Clínica e Cultura	Psicanálise, Teoria e Dispositivos Clínicos	Psicanálise e Cultura	

Os PPGs da UERJ, UFRJ e UFRGS estão localizados na Capes na Área Psicologia e o da UVA na Área Interdisciplinar. É possível notar a diferença de áreas pelos títulos dos PPGs. Enquanto os da Área da Psicologia nomeiam-se exclusivamente pela psicanálise, com exceção da UFRGS, o da Área Interdisciplinar acrescenta os termos Saúde e Sociedade, sendo que uma de suas linhas especifica a interface da psicanálise com a cultura, por meio do diálogo com o campo das artes.

O curso da UFRJ foi o primeiro específico, considerando a psicanálise em sua singularidade teórica e não como mais uma doutrina psicológica ou psicopatológica. Na visão de Birman (2013), como todo curso de doutorado, seu objetivo é formar pesquisadores em psicanálise, o que é condizente com o próprio título do PPG: *Teoria Psicanalítica*.

Em 1991 acontece o *I Encontro de Pesquisa Acadêmica em Psicanálise* promovido pelo Núcleo de Estudos de Psicanálise do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), seguido de um segundo, ambos registrados em atas e publicados em 1994 nos dois

primeiros números da revista *Psicanálise e Universidade* editada pela mesma universidade.

No cenário atual, encontramos 19 PPGs brasileiros com Área de Concentração ou Linha de Pesquisa em psicanálise, além dos específicos já citados. O quadro abaixo mostra este panorama. Estes dados foram obtidos no site da Capes por meio dos Cadernos de Indicadores, que compila informações fornecidas anualmente pelos PPGs. Algumas informações adicionais foram acrescentadas com dados obtidos dos sites dos PPGs¹⁶. Utilizamos como critério de busca a presença do termo “psicanálise” ou “psicanalítico(a)” no nome da Linha ou Área de Concentração, excluindo os quatro PPGs específicos. Nem todos os PPGs em questão ofertam curso de doutorado, estando esses destacados em negrito no quadro. Nossa intenção é mostrar os PPGs em que a psicanálise aparece, dando uma dimensão atual do campo até o ano de 2014.

Quadro 2 - Área de Concentração/Linha de Pesquisa em psicanálise em PPGs brasileiros

IES	PROGRAMA	ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO	LINHAS DE PESQUISA
UFPA	Psicologia	Psicologia Clínica e Social	Psicanálise: teoria e clínica
UFC	Psicologia	Psicologia	Psicanálise, Práticas Clínicas e Epistemologia das Psicologia
UNIFOR	Psicologia	Estudos Psicanalíticos	Sujeito, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade
UNICAP	Psicologia Clínica	Psicologia Clínica	Psicopatologia Fundamental e Psicanálise
UFPB	Letras	Linguagens e Cultura	Sujeito, Linguagem e Psicanálise
UNB	Psicologia Clínica e Cultura	Psicologia Clínica e Cultura	Psicanálise, Subjetivação e Cultura
UFMG	Estudos Literários		Literatura e Psicanálise
	Psicologia	Estudos psicanalíticos	Conceitos fundamentais em Psicanálise e investigações no campo clínico e
	Educação	Educação	Psicologia, Psicanálise e Educação
UFSJ	Psicologia	Psicologia	Conceitos Fundamentais e Clínica Psicanalítica
PUC-RIO	Psicologia (Psicologia Clínica)	Psicologia Clínica	Psicanálise: Clínica e Cultura
USP	Psicologia Clínica	Psicologia Clínica	Investigações em Psicanálise
	Letras (Teoria Literária e Lit. Comparada)	Teoria Literária e Literatura Comparada	Literatura e Psicanálise
UFSCAR	Filosofia	Estrutura e Gênese do Conceito de Subjetividade	A Circunscrição Conceitual da Subjetividade na Psicologia, na Psicanálise e nas Ciências Cognitivas
UNICAMP	Linguística	Funcionamento do Discurso e do Texto	Linguagem e Psicanálise
	Linguística Aplicada		Subjetividade e Identidade, Desconstrução e Psicanálise
UEM	Psicologia	Constituição do Sujeito e Historicidade	Psicanálise e Civilização
PUC-PR	Filosofia	Filosofia	Filosofia da Psicanálise
UFSC	Psicologia	Práticas Sociais e Constituição do Sujeito	Psicanálise, Sujeito e Cultura

¹⁶ Recuperado de: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/cursos-recomendados-e-reconhecidos>.

Em primeiro lugar, observamos considerável variedade de campos na oferta de estudos em psicanálise: psicologia, letras, literatura, linguística aplicada, filosofia e educação. Há grande concentração de oferta em estados do Sudeste, com relativa dispersão em estados do Nordeste, Sul, Norte e no Centro-Oeste que se restringe a Brasília.

Dentre os 19 PPGs acima listados, 11 pertencem à Área Psicologia, o que marca uma característica brasileira de presença e ensino de psicanálise no campo da psicologia, como vimos anteriormente. A psicologia aparece localizada na Grande Área das Ciências Humanas como uma Área que contém 45 Subáreas. Na denominação dos níveis hierárquicos gerenciais propostos pela Capes, não há qualquer menção à psicanálise seja em Grande Área, Área, Subárea, caracterizando uma invisibilidade do campo, tal como apresentado na Introdução.

Em resumo, vemos uma trajetória histórica da psicanálise na universidade brasileira, desde o início do século XX, concomitante, portanto, ao surgimento da própria psicanálise, até a recente criação dos PPGs específicos no Brasil. Vimos, por esse histórico, sua ligação inicial com dois campos, medicina e psicologia, com os quais estabelece relações até hoje, mas também percebemos sua difusão para além desses campos, com inserção em educação, comunicação, literatura e artes o que corrobora o pensamento de Freud (Freud, 1913/2012;1919/2010b;1926/1996) e a própria constituição do campo psicanalítico.

As relações psicanálise e universidade parecem indissociáveis desde o seu início, fazendo parte da história do movimento psicanalítico em Viena, em Budapeste, na França e no Brasil, para citar os contextos estudados. A entrada da psicanálise no Brasil coincide com a criação da universidade brasileira. A primeira organização universitária data da década de 1920, no Rio de Janeiro. Vemos, então, que um discurso de vanguarda na época, uma “jovem ciência” como a denominou Freud, europeia e polêmica, que chega ao Brasil e encontra no meio universitário uma via de recepção e difusão de seu pensamento e de pesquisas.

É certo que a psicanálise desenvolve-se sem a presença da universidade, até porque, num primeiro momento, esta inserção foi negada a Freud. Mas, em se tratando da sua difusão, a universidade teve e tem um papel importante, ocorrido

em concomitância ao seu desenvolvimento, como é o caso do Brasil. Mesmo se considerarmos o ano de 1914, oficialmente o da entrada do discurso psicanalítico em solo brasileiro (a primeira tese já citada), ainda estávamos numa época anterior a textos fundamentais de Freud.

Tais fatos históricos podem ajudar a demonstrar que a universidade representou para Freud um forte aliado na formação de psicanalistas, em outra dimensão de universidade, mais aberta e plural, e de difusão da psicanálise, a partir da tentativa de sua própria inserção, e do apoio à cátedra de Ferenczi. A história da primeira disciplina de psicanálise, embora curta, teve importante papel no sentido de avaliar criticamente as relações entre psicanálise e universidade. É da universidade também que emanam as primeiras críticas à psicanálise, o que Freud acredita ser reflexo de resistências que partem da sociedade, como nos lembra Assoun (1997).

Em suma, os caminhos múltiplos da inserção da psicanálise no Brasil encontram eco no cenário atual da universidade. Uma diversidade de saberes reivindicam a psicanálise e são reivindicados por seus praticantes desde os primeiros anos. Um campo reconhecido e bem qualificado inclui incontestável presença e produção acadêmica. Como diz Freud, em *A questão da análise leiga* (1926/1996): “Pois não consideramos absolutamente conveniente para uma psicanálise ser devorada pela medicina e encontrar seu último lugar de repouso num livro de texto de psiquiatria sob a epígrafe ‘Métodos de Tratamento’ (...) Merece melhor destino e, pode-se esperar, o terá” (p.238). Os caminhos percorridos mostram que a aposta de Freud permanece válida e atual e que a universidade fez e continua fazendo parte desta trajetória.

É o que veremos com as teses produzidas sobre e em psicanálise no Brasil.

4. O QUE MOSTRAM AS TESES PSICANALÍTICAS NO BRASIL?¹⁷

Somente aqueles crédulos, que exigem da ciência um substituto para o catecismo abandonado, se aborrecerão com o pesquisador por desenvolver ou modificar seus pontos de vista.

Sigmund Freud, *Além do princípio do prazer*.

Neste comentário em epígrafe, Freud reconhece o caráter transformador da investigação inerente à práxis psicanalítica e antecipa elementos epistemológicos da pesquisa científica mais contemporânea. Sua proposta, desde os primeiros escritos, aponta para a presença do “terceiro incluído”, ao lidar na clínica com relatos de sentimentos contraditórios, como amor e ódio, sem com isso supor alguma patologia, e ao considerar os múltiplos níveis de realidade (que incluem a realidade material e a realidade psíquica), mais explicitados por meio do conceito de sobredeterminação que ele desenvolve desde os seus primeiros escritos. Tais rupturas indicam que a psicanálise inscreve-se com marca epistêmica própria em relação às ciências dominadas pelo modelo cartesiano-positivista do final do século XIX e durante boa parte do século XX, como já discutido no segundo capítulo.

O modo como Freud apresenta conceitos, práticas e formas de operar no mundo empírico possibilitaram a Gaston Bachelard escrever, ainda no final da década de 1930, o livro *A formação do espírito científico*, com um instigante subtítulo “contribuição para uma psicanálise do conhecimento” (Bachelard, 1938/1996). Em concordância com a novidade que a psicanálise traz para o mundo das ciências, Bachelard afirma que é dever do novo espírito científico: “colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um

¹⁷ Parte deste capítulo foi submetida e aprovada para publicação em 2016 no formato de artigo (*Recherche en psychanalyse: le champ psychanalytique dans les universités brésiliennes*) à *Recherches en Psychanalyse* e outra parte “Psicanálise e universidade: um exame preliminar de teses em Psicanálise no Brasil” como capítulo do livro *Experiências da Psicanálise na Universidade: ensino, pesquisa e extensão*. Salvador: Edufba (no prelo, também aprovado, com previsão de publicação em 2015).

conhecimento aberto e dinâmico, dialetizar todas as variáveis experimentais, oferecer enfim à razão razões para evoluir” (p. 14).

O inconsciente, objeto deste campo de conhecimento, não é uma ideia nova, Freud sempre o reconheceu. Por outro lado, é inegável também que a psicanálise insere-se na ciência do seu tempo, referindo muitas vezes a física e a química para forjar conceitos à luz de inferências (termo que Freud utiliza) e leis ditas naturais. Ao discutir, num artigo de 1893, sintomas referentes às paralisias orgânicas e paralisias histéricas, demonstrando seu profundo conhecimento sobre anatomia e funcionamento cerebral, Freud detém-se num problema empírico e formula a hipótese de que o referencial anatomo-patológico não dá conta de determinados sintomas corporais, mostrando-se avesso à explicação anatomo-funcional neurológica da época.

É, portanto, num movimento pendular de adesão e ruptura que vemos Freud sofrer até o final de sua vida com o pouco diálogo com os cientistas de seu tempo, como é o caso do breve texto *Meu contato com Josef Popper-Lynkeus*, publicado em 1932. Nesse texto, de tom autobiográfico, Freud recorda que desde o início de sua carreira advogou que “distúrbios psíquicos [...] deviam ser tratados com meios psíquicos” (1932/2010, p.409). Além disso, retoma a direção que sempre o guiou ao tratar as formações do inconsciente, sobretudo os sonhos¹⁸, “como se estes fossem da mesma espécie que seus [do paciente] outros pensamentos” (p.410). Sem discriminar desfavoravelmente as produções inconscientes desprezadas pela ciência médica, pelo contrário, ele confere estatuto científico a todas as idiosincrasias e contingências humanas. Por fim, ao lamentar a notícia sobre a morte de Popper-Lynkeus, a quem admirava como modelo de cientista e humanista, Freud diz

Minhas inovações em psicologia haviam afastado de mim os contemporâneos, sobretudo os mais velhos entre eles; com frequência, ao me aproximar de um homem que eu reverenciava à distância, vi-me como que repellido por sua falta de compreensão pelo que, para mim, era já o conteúdo da minha existência. E Josef Popper vinha da física, fora amigo de Ernst Mach; eu não queria que se estragasse a feliz impressão de nossa concordância no problema da deformação onírica. Assim ocorreu que fui adiando uma visita, até que foi tarde demais e pude apenas cumprimentar seu busto, no parque de nossa prefeitura (p.416).

¹⁸ É neste escrito que Freud define o sonho como “a psicose normal do ser humano” (p.411).

Como vemos, Freud pagou um preço alto por reivindicar um método próprio que conjuga produção de conhecimento, isto é, teoria, com modo de tratamento e de investigação. Na condição de *práxis*, propõe-se a escutar o sujeito do inconsciente, que se apresenta no inesperado e fugaz das experiências singulares e, ao mesmo tempo, universais de cada ser humano. Esta intenção epistemo-metodológica própria representa um vínculo indelével (porém às vezes ambivalente) com a instituição socialmente legitimada para a produção do conhecimento canônico na sociedade ocidental: a universidade.

A universidade brasileira segue remotamente o modelo da universidade de pesquisa ¹⁹, sobretudo na Pós-Graduação, lugar privilegiado do seu desenvolvimento. De acordo com Souza-Santos e Almeida-Filho (2008) a universidade brasileira é herdeira dos modelos das universidades europeias do século XIX. Além disso, sofreu com as reformas do período da ditadura militar que fez uma tentativa de impor o sistema de departamentos sobreposto ao sistema de cátedras vitalícias e, na década de 1990, passou por uma grande abertura ao setor privado. Constata-se como resultado desses processos que: “a universidade brasileira terminou dominada por um poderoso viés profissionalizante, com uma concepção curricular simplista, fragmentadora e distanciada dos saberes e das práticas de transformação da sociedade” (p. 194). A arquitetura universitária brasileira é, portanto, confusa, sem correspondente na maior parte dos países do mundo, tendo como características múltiplas titulações, programas sem articulação entre si, pouco flexíveis e “distantes de cumprir o mandato histórico da Universidade como formadora da inteligência e da cultura nacional” (p.194).

Tentativas de incluir a pesquisa como eixo de formação desde a graduação, fortemente vinculada à dimensão do ensino, têm sido empreendidas, porém com pouco sucesso. Constituem exceção os programas de iniciação científica que, de fato, desempenham papel de indutores da pesquisa desde o início da graduação. Nesse cenário, destacamos também a figura dos laboratórios de pesquisa, que descentram a figura do professor, apoiam a graduação e dessa forma propiciam um

¹⁹ A instituição universitária, no decorrer da sua história, conheceu diferentes modos de constituição: a universidade escolástica, a universidade clássica, a universidade vocacional e a universidade de pesquisa a partir da reforma Humboldt. A universidade até o século XIX era conservadora e a pesquisa era realizada nas academias, museus e sociedades científicas. Portanto, a produção do conhecimento, característica maior da universidade, aparece a partir da universidade de pesquisa (Souza-Santos e Almeida-Filho, 2008).

ensino orientados pela pesquisa, fornecendo-lhe uma perspectiva de produção e não mera reprodução de conhecimentos.

Para Hoffmann e Birman (2011), a pesquisa seria, de forma indiscutível, elemento estruturante desse tipo de universidade. Ao posicionar a pesquisa como ponto de partida e de ancoragem institucional, desloca-se a posição dos docentes e dos estudantes e instaura-se um espaço de trocas, com lugares menos personalizados ou centrados na figura do mestre. A pesquisa coloca o saber em uma posição terceira na relação ensino-aprendizagem, favorecendo uma postura ativa pela construção e apropriação do conhecimento, tanto do docente quanto do discente. A psicanálise, presente na universidade, tem papel importante a desempenhar no cenário de tal configuração político-acadêmica. A pesquisa pode, então, interrogar não apenas o conhecimento, mas também o saber, figura imaterial, porém materializável na medida em que incorporado, isto é, corporificado por alguém que, em relação, produz e interroga a teoria, relançando as bases de novos conhecimentos e marcando o importante lugar vazio da estrutura significante.

Se pensarmos no esquema dos quatro discursos, proposto por Lacan (1970/1992), o discurso histórico seria aquele que provoca o campo científico, balizador da experiência de produção de saber a partir da interrogação do que está estabelecido, dos significantes mestres que se apresentam. O espírito do pesquisador manter-se-á na medida em que puder interrogar o significante mestre e desafiá-lo a produzir saber.

Por outro lado, Kupermann (2009) alerta que a burocracia da universidade tende a enfraquecer o singular; assim, a tendência contemporânea de atribuir autoria de trabalhos a laboratórios e/ou grupos de pesquisa pode alienar o pesquisador em relação ao exercício ético da responsabilização sobre a produção e a transmissão. É também o que denuncia Bourdieu (2004) com a expressão “ciência sem cientista” (p.222). O ideal de um cientificismo ao qual muitas pesquisas aderem pode impactar na originalidade das pesquisas, característica essencial do processo de produção de conhecimento.

Em *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?* (1919/2010b), Freud discorre sobre o binômio pesquisa/ensino: “Para a pesquisa que o professor de psicanálise *deverá realizar*, bastaria ele ter acesso a um ambulatório com pacientes

‘neuróticos’” (p.381, grifo nosso), o que nos leva a entender que a pesquisa é uma dimensão necessária, na compreensão de Freud, para formação universitária.

4.1 PERFIL DAS PRODUÇÕES PSICANALÍTICAS: PANORAMA EXPLORATÓRIO DO CAMPO

O foco da nossa investigação é o perfil da produção em psicanálise no Brasil sob a forma de teses de doutorado. Realizamos um levantamento junto ao Banco de Teses da Capes que reúne cerca de meio milhão de dissertações e teses defendidas no país nas mais diversas áreas²⁰. Para este trabalho, coletamos todas as teses defendidas no Brasil, no período que vai de 1987 (quando começam as coletas da Capes) até 2012, início de nossa pesquisa, por meio dos descritores Psicanálise e Psicanalítico (a).

De acordo com Pompei (2010), um dos problemas mais frequentes na busca em banco de dados é como procurar “quais palavras devem ser inseridas no campo de pesquisa. Enfim, isso remete à dúvida: será que a base de dados entenderá o que pretendemos? Para isso, é preciso compreender o que são descritores” (p. 231). A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) indica que a Palavra-Chave “Representa o conteúdo do documento, escolhida, preferencialmente, em vocábulo controlado” (ABNT NBR 6028, 2003). Já Descritor é um termo que compõe um vocabulário controlado e hierarquizado de termos, catalogado em relação a outros descritores indexados em bases sistematizadas. Nesta tese, utilizamos Descritor no mesmo sentido de Palavra-Chave, sem considerar que Palavra-Chave é uma designação mais aberta que Descritor. Sua importância, no trabalho de coleta de dados, em pesquisas como a nossa, está em permitir localizar seguramente e com rapidez o tópico procurado na base de dados, neste caso, o Banco da Capes.

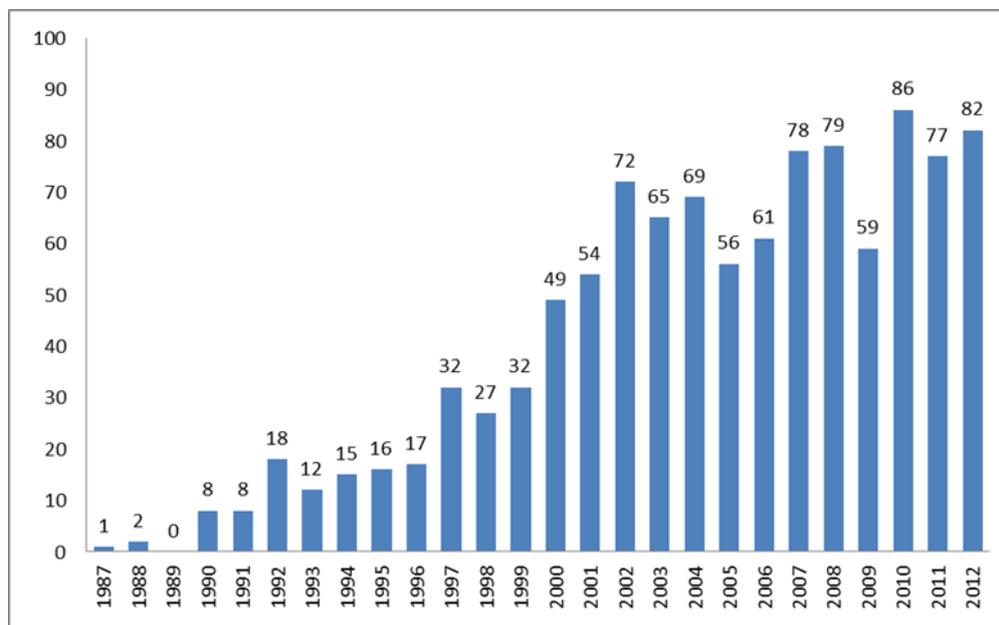
Após triagem dos trabalhos, por meio dos termos escolhidos, examinamos o Resumo de cada tese capturada, considerando os dados da Capes: título, resumo do trabalho, autor, data de defesa, instituição, programa, agência financiadora, região do país, orientador(a), composição da banca, palavras-chave, e, dentro do resumo propriamente dito, os itens: tema, método e referenciais teóricos.

²⁰ Recuperado de: <http://www.capes.gov.br/aceso-informacao/perguntasfrequentes/periodicos/3571-como-funciona-o-banco-de-teses>.

Dividimos a análise do material em três etapas, as duas primeiras apresentadas neste capítulo e a terceira no capítulo seguinte. A primeira consiste em uma exploração do campo com dados estatísticos sobre as produções psicanalíticas, distribuições temporal, geográfica, por IES, além de informações sobre financiamentos, linhas de pesquisa e orientadores. Desta forma, pudemos organizar um desenho do campo acadêmico universitário em psicanálise no Brasil, seu contexto, traçando um perfil de sua produção específica: teses produzidas no campo. A segunda e a terceira etapas visam à análise dos temas de pesquisa, métodos e marcos teóricos de referência indicados em cada tese.

Inicialmente, realizamos coleta e descrição de todas as teses, detendo-nos em uma análise mais específica das teses dos PPGs de psicanálise, com vistas a obter uma dimensão do funcionamento e da dinâmica do campo ainda mais específico, porque não relacionado necessariamente com as injunções de campos conexos como a psicologia, a medicina e outros. No capítulo seguinte, mostramos a presença da psicanálise nas diversas áreas de conhecimento em que se encontram essas teses, visto que os objetos que interessam e se interessam à/pela psicanálise na universidade variam de acordo com o campo de saber em que se situam. Assim, apresentamos e discutimos os lugares que a psicanálise ocupa na produção de conhecimento universitária a partir de suas pesquisas/produções.

A produção em psicanálise na universidade brasileira acompanha o crescimento da pós-graduação, de modo geral, o que significa dizer que o padrão é de crescimento. Foram encontradas 1.075 teses, dentro dos critérios escolhidos, distribuídas anualmente conforme nos apresenta o gráfico seguinte.

Gráfico 1- Distribuição temporal das teses em psicanálise no Brasil

Ao longo de 25 anos, 1987 - 2012, o número de teses em psicanálise vem crescendo, com particularidades. Não se trata de um crescimento exponencial, como na PG brasileira em geral, mas um aumento com oscilações ainda não elucidadas. A PG brasileira vem crescendo devido às políticas de ação de incentivo à produção do conhecimento no país, ampliando a quantidade de programas e financiamentos a pesquisas. Um estudo demográfico sobre mestrados e doutorados no Brasil mostra que a taxa de crescimento do número de doutores titulados no Brasil foi de 278% entre 1996 e 2008, o que corresponde a 11,9% ao ano, com um total de 12.267 doutores em 2011 (Viotti, 2010; Mestres, 2012). Segundo o documento da Capes *Relatório de Gestão do Exercício de 2013* (2014) o número de alunos titulados em 2012 foi: 42.780 nos cursos de mestrado, 13.879 no doutorado e 4.251 nos mestrado profissional, somando um total de 60.910 egressos da pós-graduação naquele ano. Esse crescimento acompanha o aumento de PPGs que passa de 11 programas em 1965 para 3.881 em 2015, sendo 1.997 cursos de doutorado, 589 de mestrado profissional e 3.226 de mestrado acadêmico.²¹ Somente na área da psicologia o número de doutores titulados, portanto de teses, apresentou um crescimento de 443,3% no período de 1996 a 2011, passando de 60

²¹ Recuperado de:
<http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarRegiao>

titulados em 1996 para 326 em 2011, em um gráfico que cresce progressivamente de acordo com o *Documento de área e Comissão da Trienal* (2013).

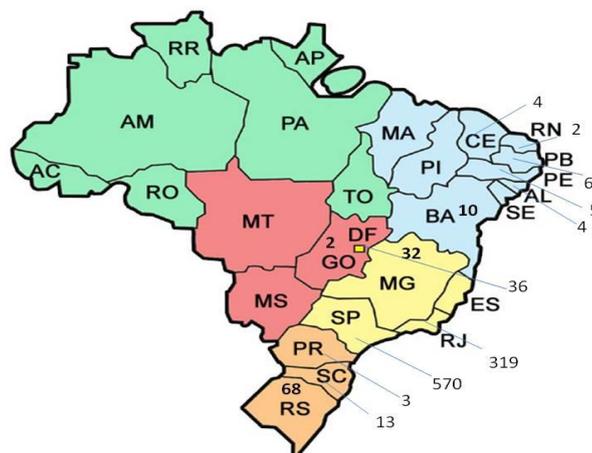
A PG brasileira foi regulamentada em 1965, sendo, portanto, um empreendimento recente, em constante crescimento. A partir da estruturação do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG), a universidade, especialmente os programas de pós-graduação passam a ser o local privilegiado de pesquisa, o que antes era realizado em escolas e institutos fora da universidade (Tourinho & Bastos, 2010). A universidade brasileira vai gradualmente integrando ensino e pesquisa nas pós-graduações, ampliando sua participação, ainda bem tímida, na produção científica mundial, buscando alinhar crescimento qualitativo e quantitativo de sua produção.

O quantitativo de 1.075 teses em psicanálise nas universidades brasileiras parecem nos um resultado expressivo em termos de produção, considerando que este campo apresenta as seguintes características: pouco mais de cem anos de efetiva presença no mundo; um *habitus* predominante de certo afastamento da universidade, sobretudo depois da entrada dos trabalhos de Lacan no país, a partir dos anos 1980; o fato de não existirem cursos de graduação em psicanálise no sistema universitário atual; e sua quase invisibilidade nos sistemas gerenciais de avaliação da educação superior no Brasil, como vimos no capítulo anterior.

Em relação à distribuição geográfica, observa-se uma esperada concentração de teses na Região Sudeste do país (922), seguida do Sul (84), Centro-Oeste (38) e, por último, Nordeste (31) conforme a figura 1. Não há ocorrência de teses em psicanálise na região Norte. Essa discrepância na produção acompanha a desigualdade distribuição de cursos e programas por região: Sudeste (1.777), Sul (819), Nordeste (768), Centro-Oeste (315) e Norte (202)²². O grande número de teses no Sudeste se mantém em toda a produção científica brasileira e se justifica pelo fato dessa região possuir o maior número de PPGs. Além disso, São Paulo é um centro financeiro e cultural do hemisfério sul sendo conseqüentemente o maior polo produtivo e econômico do país.

²² Recuperado de:
<http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarRegiao>

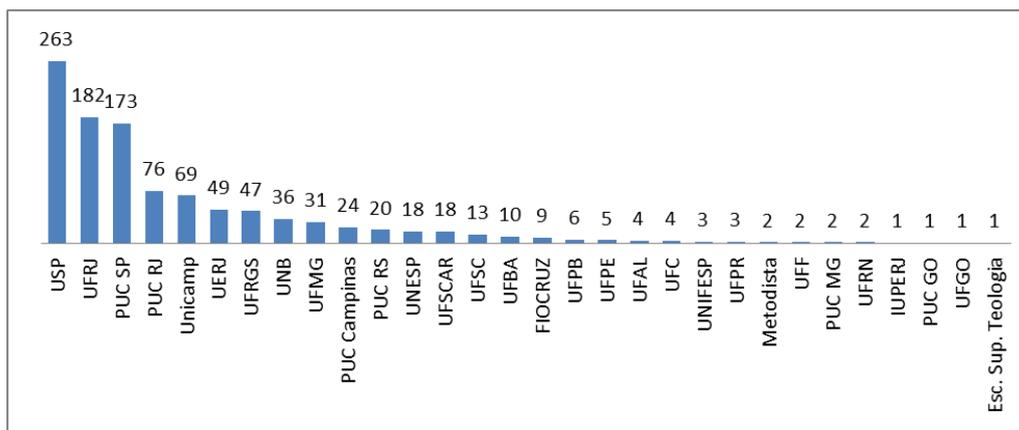
Figura 1 – Distribuição geográfica das teses



Embora estados como a Bahia registrem a presença da psicanálise na vida universitária desde o início do século XX, a historiografia oficial brasileira considera São Paulo e Rio de Janeiro como pioneiros na inserção da psicanálise nesse ambiente, bem como na divulgação das ideias psicanalíticas. De fato, nos dois estados esta presença se deu de forma sistematizada e institucionalmente legitimada, sob a forma de PPGs em psicologia e de disciplinas específicas em psicanálise nos seus cursos de graduação.

São Paulo apresentou um quantitativo de 570 teses, mais da metade de toda a produção nacional. Somente a USP, que é uma universidade estadual, produziu 263 teses, sendo a instituição numericamente mais produtiva do país. Seu doutorado em psicologia figura entre os primeiros criados no Brasil. Já o Rio de Janeiro, que concentra 3 dos 4 PPGs em psicanálise²³, apresenta 319 teses, sendo 182 na UFRJ, sede do PPG pioneiro em psicanálise. Embora a PUC-RJ seja a pioneira na área da psicologia, encontramos apenas 76 teses em psicanálise nesta IES. O gráfico abaixo nos mostra esses dados.

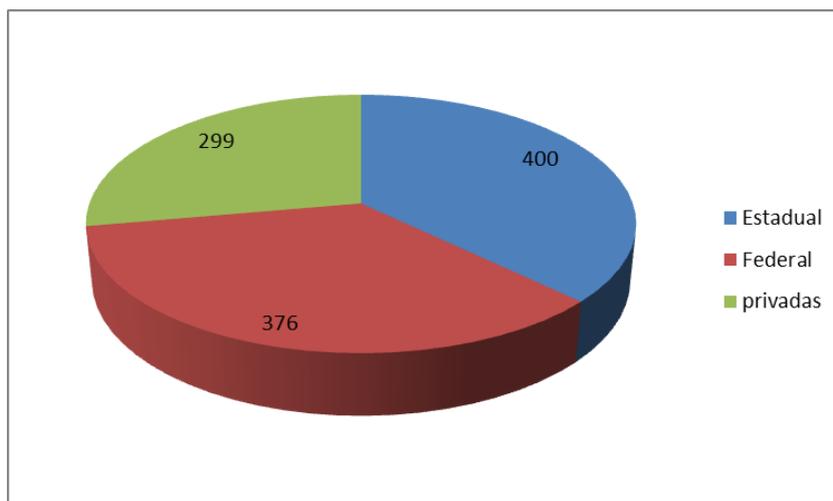
²³ Como já dissemos no capítulo anterior, fora do Rio de Janeiro que conta com três PPGs plenos em psicanálise, há apenas um PPG específico na UFRGS, chamado Psicanálise: clínica e cultura, somente com mestrado acadêmico, credenciado pela Capes em 2014.

Gráfico 2 – Distribuição por Instituição de Ensino Superior

Féres-Carneiro et al (2010) destacam a grande concentração de cursos de PG em psicologia no Sul e Sudeste, afirmando que deve ser uma meta do Sistema de Pós-Graduação a ampliação para as outras regiões do país. A maior parte dos cursos com notas 6 e 7 pelos critérios de avaliação da Capes também estão concentrados nas duas regiões. Contudo, considerando-se a oferta atual, encontramos teses em psicanálise em programas de 11 estados brasileiros.

A Capes utiliza o termo Dependência Administrativa para dividir as IES. Ainda que oficialmente no Brasil as esferas jurídicas diferenciem apenas os âmbitos público e privado, a Capes desdobra em seu banco o âmbito público em estadual, federal e municipal, mas não o âmbito privado, fazendo com que as IES confessionais e comunitárias estejam todas sob a rubrica de particulares.

Observamos o predomínio de teses em psicanálise nas IES estaduais e federais. Dentre as particulares, todas são confessionais, isto é, vinculadas a alguma entidade religiosa, como é o caso das Pontifícias Universidades Católicas (PUCs). Não há registro de tese em psicanálise em instituições no âmbito municipal.

Gráfico 3 - Número de teses por dependência administrativa das IES

Segundo Viotti et al (2010), o Governo Federal tem sido o responsável pela criação e manutenção da maior parte dos programas de pós-graduação, bem como o regulador dos parâmetros de credenciamento e avaliação e o financiador das pesquisas nesse âmbito, inclusive nas instituições privadas. Os números de profissionais formados em IES particulares representa a imensa maioria dos diplomas em curso superior no Brasil, cerca de 80%. Assim, apesar de formarem mais profissionais em cursos superiores, investem muito pouco em pesquisa e pós-graduação, comparativamente às IES públicas que, nesse caso, concentram 776 das 1075 teses. Trata-se de um padrão geral da PG brasileira e não uma especificidade da psicanálise.

Entretanto, há que se considerar que, no Brasil, o setor público subsidia o setor privado, não tanto por formar no sistema público de PG agentes que fizeram sua graduação em IES particulares, mas principalmente por enviar “mão-de-obra” altamente qualificada, proveniente de seus cursos de PG, de volta para o setor privado sob a forma de mestres e, em número menor, doutores. Deste modo, as IES particulares recolhem mestres e, em menor proporção, doutores que alimentam o sistema privado com uma formação não universitária, isto é, de escolas de terceiro grau, nas quais pouca ou nenhuma importância é dada à pesquisa.

Este tema, ainda que não constitua o foco desta investigação, incide diretamente sobre o objeto que destacamos, isto é, parte da produção universitária em

psicanálise no Brasil, posto que um PPG em psicanálise necessariamente opera por meio da pesquisa.

Em relação ao financiamento de pesquisa, a UFRJ é a IES que mais recebeu bolsas para investigações em psicanálise, num total de 124. Em segundo lugar, vem a PUC-SP com 114 bolsas. Se somarmos a quantidade de bolsas por Estado, São Paulo acumula o maior número: 290 bolsas contra 187 no Rio de Janeiro. A tabela abaixo nos mostra as IES que mais receberam bolsa por estado. A predominância, portanto, é de bolsas em Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

Tabela 1- Distribuição das bolsas por Estado e IES

Estado	IES	Bolsas
Rio de Janeiro	UFRJ	124
São Paulo	PUC-SP	114
Minas Gerais	UFMG	13
Rio Grande do Sul	UFRGS	13
Brasília	UnB	12
Pernambuco	UFPE	3
Bahia	UFBA	2

Das 1075 teses coletadas, 533 (quase 50%) não apresentam informações referentes a financiamento. Não sabemos se o campo não foi preenchido adequadamente ou se o doutorando não recebeu bolsa, visto que não há opção para relatar quando não há financiamento de pesquisa. Das 564 nas quais consta a informação, há prevalência de bolsas Capes com um total de 317, seguido de 184 do CNPq e 38 de agências estaduais.²⁴

Das 125 teses produzidas nos PPGs específicos em psicanálise, contabilizamos 99 bolsas, ou seja, a maioria dos projetos de tese foram financiados por uma agência oficial de fomento, ainda que não saibamos se os projetos restantes receberam bolsa ou não, por falta de dados. Há pouco mais de vinte anos existia uma grande dificuldade de obter financiamento para as pesquisas psicanalíticas, mas este

²⁴ Um discente pode receber mais de uma bolsa no período do doutorado.

quadro aparentemente vem mudando. De todo modo, esse percentual de pelo menos 79% demonstra claro reconhecimento e incentivo à pesquisa em psicanálise no Brasil e, por outro lado, explicita ainda mais o paradoxo da invisibilidade da psicanálise como área de pesquisa, assim denominada, nessas agências. O reconhecimento fica diluído e pulverizado em PPGs como psicologia, medicina, letras, filosofia.

Em relação à distribuição de teses por orientadores, contabilizamos 407 professores nas 1075 teses, uma média de 2,6 trabalhos por orientador, levando em consideração que alguns contam com co-orientadores e onze não indicam o nome do orientador. Mais da metade dos professores (245) orientaram um único trabalho, oferecendo indícios de que não há ainda uma produção sistematizada e estável, na cadeia de transmissão. Na tabela seguinte, apresentamos os dez professores que mais orientaram trabalhos.

Tabela 2 - Quantidade de orientações por docente (incluindo os PPGs de psicanálise)

Orientador	IES	Teses
A	UFRJ/UERJ	35
B	PUC-SP	24
C	USP/PUC-SP	20
D	PUC-SP	20
E	UFRJ	19
F	PUC-SP	18
G	UFRJ	17
H	USP/PUC-SP	17
I	UFRJ	14
J	Unicamp	14

Como avaliamos todo o período de produção disponível (1987-2012), podemos inferir que há uma dispersão da produção entre professores nas IES. Observamos também que metade dos orientadores mais produtivos está em instituições particulares que, por sua vez, concentram menos teses, como já discutido, embora o número de orientandos por professor nessas instituições seja maior.

Considerando somente os PPGs em psicanálise, temos 19 orientadores, sendo que quatro apresentam somente uma orientação. A tabela abaixo corresponde à distribuição das teses entre os dez orientadores mais produtivos.

Tabela 3 - Quantidade de orientações por docente (somente PPGs em psicanálise)

Orientador	Teses
A	21
B	19
C	17
D	14
E	11
F	9
G	7
H	6
I	4
J	4

As teses parecem mais bem distribuídas entre os orientadores, quando fazemos um exame nos PPGs em psicanálise. Entretanto, todos os orientadores pertencem ao PPG da UFRJ, o que demonstra uma grande concentração de capital simbólico em uma única instituição. Devemos considerar também o tempo de produção de uma tese, pouco mais de quatro anos, o que contribui para que esse número não seja tão elevado. Ressaltamos que os orientadores A, B, C e D (os mais produtivos) da tabela 3, encontram-se também na tabela 2, na classificação geral da produção.

Passando às linhas de pesquisa, contabilizamos 278 linhas que abrigam teses em psicanálise, sendo que 114 teses não trazem informações referentes às linhas. Verificamos que 30 dessas linhas são específicas em psicanálise (já apresentadas nos quadros 1 e 2 do capítulo 3). No quadro 3 apresentamos somente as linhas específicas em psicanálise que possuem teses (17) e a quantidade produzidas em cada uma delas.

Quadro 3 – Teses por Linha de Pesquisa em psicanálise

IES	PROGRAMA	LINHAS DE PESQUISA		TESES
UFPB	Letras	Sujeito, Linguagem e Psicanálise		1
UNB	Psicologia Clínica e Cultura	Psicanálise, Subjetivação e Cultura		11
UFMG	Estudos Literários	Literatura e Psicanálise		6
	Psicologia	Conceitos fundamentais em Psicanálise e investigações no campo clínico e		3
	Educação	Psicologia, Psicanálise e Educação		5
PUC-RIO	Psicologia (Psicologia Clínica)	Psicanálise: Clínica e Cultura		50
UERJ	Psicanálise	Teoria, Método e Ética da Psicanálise Aplicada às Questões da Clínica	Problemas Teórico-metodológicos e Conexões da Psicanálise	11
UFRJ	Teoria Psicanalítica	Fund. Hist. e Teóricos da Psicanálise	Psicanálise e Sociedade Teoria da Clínica Psicanalítica	114
USP	Psicologia Clínica	Investigações em Psicanálise		48
	Letras	Literatura e Psicanálise		10
UFSCAR	Filosofia	A Circunscrição Conceitual da Subjetividade na Psicologia, na Psicanálise e nas Ciências Cognitivas		13
UNICAMP	Linguística	Linguagem e Psicanálise		7
	Linguística Aplicada	Subjetividade e Identidade, Desconstrução e Psicanálise		1
UFSC	Psicologia	Psicanálise, Sujeito e Cultura		4

Somando as teses do quadro 3 temos um total de 284 teses. O dado que salta aos olhos é que a maioria das teses, mais de 70%, foi produzida em PPGs que não explicitam em seus nomes, áreas ou linhas qualquer referência à psicanálise. Tal achado nos remete paradoxalmente e mais uma vez à invisibilidade da psicanálise e, ao mesmo tempo, à sua forte presença no interior de outros campos do conhecimento, reafirmando a conformação interdisciplinar, presente na constituição do campo.

Vemos uma expressiva produção de teses em psicanálise em PPGs de letras, filosofia e educação, com um quantitativo semelhante ou, em alguns casos, superior à produção de PPGs de psicologia com linha em psicanálise, o que nos parece curioso e reforçador do caráter interdisciplinar do campo. Estas áreas, como veremos adiante, são as que mais produziram teses em psicanálise no período estudado.

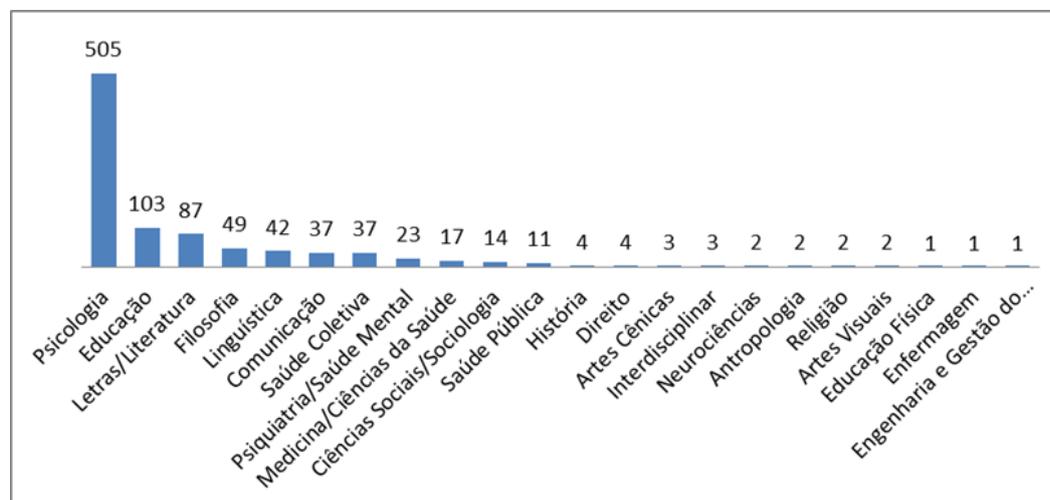
No entanto, podemos dizer que o indicador Linha de Pesquisa não é fidedigno. A nomenclatura que designa programas, áreas de concentração, linhas de pesquisa e projetos, na PG brasileira, não parece seguir uma lógica acadêmica, indicando, ao invés e, sobretudo, critérios político-gerenciais. Para Féres-Carneiro et al (2010),

uma das dificuldades encontradas no exame dos processos político-acadêmicos na PG nacional diz respeito à falta de uniformidade nas definições de área, linha e projeto dentro dos PPGs. Por esse motivo, uma tese pode estar vinculada a uma linha específica sem ter qualquer aderência ao que a linha circunscreve no texto que a apresenta formalmente.

Também observamos PPGs que optam por não apresentar áreas de concentração, o que pode sinalizar uma construção menos hierárquica e mais horizontal ao distribuir projetos e produções diretamente em linhas de pesquisa. Entretanto, a situação mais usual mostra certa hierarquia que vai da área para linhas e, dentro destas, projetos de investigação. Portanto, num PPG, a área de concentração tende a ser um dispositivo mais visível e, talvez, hierarquicamente superior às linhas e projetos dela provenientes.

Em relação à distribuição das teses pelos diversos PPGs, várias áreas de conhecimento abrigam estudos e pesquisas em psicanálise, como nos informa o seguinte gráfico.

Gráfico 4 - Distribuição das teses por área



Há clara predominância da área da psicologia, com 505 teses em psicanálise. No entanto, somando-se todas as teses presentes nos demais PPGs e excluindo-se os específicos de psicanálise, obtém-se 445 trabalhos, um número próximo ao encontrado somente na psicologia. Esse dado indica que existe uma ampla e diversificada distribuição das teses para além da psicologia, área tradicional de

abrigo da psicanálise, indicando novamente a conformação interdisciplinar da psicanálise. Não podemos afirmar se estas teses são interdisciplinares em seus conteúdos. Para isso, seria necessária a leitura de outras partes das teses que não somente o Resumo. Vemos, assim, que outros saberes fazem interlocução com a psicanálise, seja utilizando o método psicanalítico ou tomando-a como referencial para discussão de fenômenos diversos.

As áreas que mais produzem em psicanálise além da psicologia são: educação com 103 teses, seguida de letras/literatura com 87 e filosofia com 49. A área da saúde, campo que também mantém relação tradicional com a psicanálise, apresenta 89 teses em psicanálise, somando-se os programas de medicina, enfermagem, saúde pública, psiquiatria e saúde coletiva.

Encontramos a psicanálise em uma subárea nova – engenharia da gestão do conhecimento, embora com apenas uma tese. Destacamos ainda a área interdisciplinar (de acordo com a Capes) com três teses em psicanálise na Universidade Federal de Santa Catarina, no PPG Interdisciplinar em Ciências Humanas. Há outro PPG, este específico em psicanálise, na área interdisciplinar, mas ainda sem resultados, pois seu doutorado iniciou em 2014 e, por isso, não tem nenhuma tese defendida até o momento.

Com este panorama da psicanálise na universidade, a partir de suas teses, lembramos do que dizem Deleuze e Guatarri (1995) sobre o método da cartografia. Apesar da palavra originalmente remeter a mapa, mais que mapeamento físico, trata-se de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de um determinado objeto. Não é um método que parte da imposição de regras ou de um simples protocolo de pesquisa, mas propõe uma estratégia de análise crítica que descreve relações, trajetórias, composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência. Portanto, não se trata somente do topográfico, mas diz respeito a uma topologia dinâmica que expõe campos de força, relações, movimentos o que permite uma singularização do objeto estudado, conservando também a condição de provisoriade, pois uma cartografia está aberta a elementos que podem reconfigurá-la. Isto se aproxima da noção de campo de Bourdieu, empregada para as análises desta pesquisa. Os próprios termos que temos utilizados ao longo deste trabalho fazem, de certa forma, referência à

cartografia, a saber, campo, espaço, entrelugar, território, mapeamento, visibilidade, invisibilidade.

Pensando nestas configurações cartográficas passamos da exploração geral dos dados às análises mais específicas, considerando não somente dados numéricos, mas também a análise de métodos, temas e referências teóricas das teses presentes nos Resumos, o que pode nos dar um perfil mais amplo do funcionamento do campo, dos interesses e da mobilização dos agentes que o compõem.

4.2 A DINÂMICA DO CAMPO: AUTORES, MÉTODOS, TEMAS E RELAÇÕES DA PSICANÁLISE

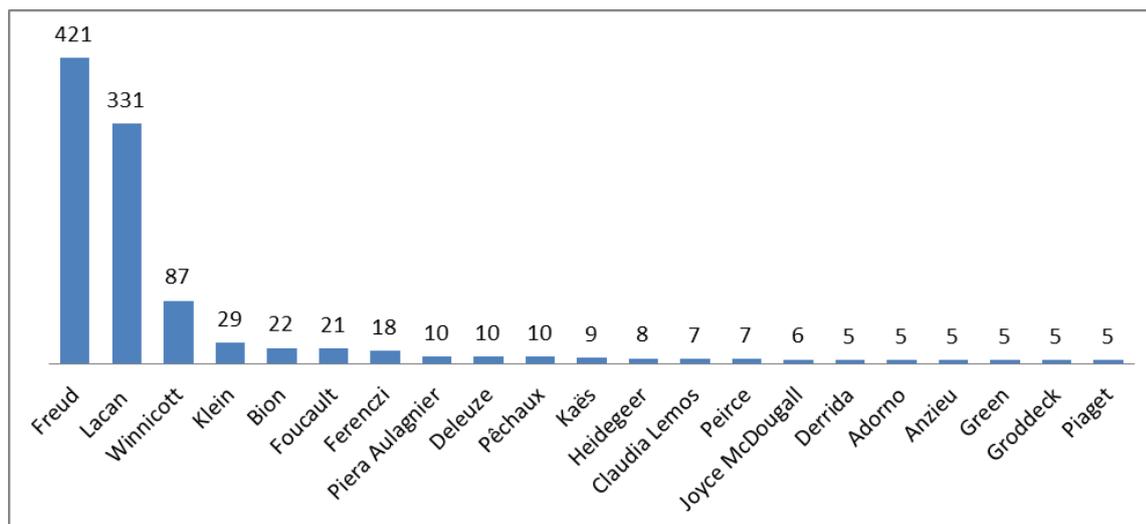
As análises desta segunda etapa abrangeram títulos, palavras-chave e resumo das teses. Lembramos que os dois primeiros elementos são o primeiro contato do leitor com uma tese. Em qualquer manual de metodologia do trabalho científico, bem como nos congressos de áreas, é obrigatória e imprescindível a presença de alguns elementos nos resumos: tema, objeto, objetivo e método que devem informar com clareza a síntese do conteúdo da tese. Existem normas técnicas para elaboração de resumos e para a escolha das palavras-chave. A escrita desses elementos numa tese não é livre. Trata-se de uma habilidade explorada desde os primeiros contatos do estudante num curso de graduação. Nesta investigação, porém, encontramos grande diversidade de modelos de resumos, títulos e palavras-chave, desde os que usam recurso poético, os que trazem pouquíssimas referências de como o trabalho se constitui, os que não explicitam objetivos, os que fazem citações diretas, os que nada informam sobre método. Aqui, buscamos encontrar: 1) presença do termo “psicanálise” e “psicanalítico (a)”; 2) marcos teóricos de referência; 3) método utilizado e 4) objeto de pesquisa (nos títulos e resumos).

Iniciemos com um rápido panorama sobre as palavras-chave das teses capturadas. Pouco mais da metade (590) apresentaram os termos psicanálise ou psicanalítico, enquanto 338 teses utilizaram termos específicos da psicanálise. Esses valores

A maioria dos títulos explicita o objeto de estudo, tais como: “O Conceito de Sublimação em Lacan”, “Investigação sobre a questão do ato em psicanálise”; “Humor e sublimação na psicanálise”, “Ensino de Psicanálise nas Universidades”, “O lugar do analista na direção do tratamento com autistas”. Já outros não seguem o mesmo padrão, trazendo conceitos junto com categorias ou termos de outros campos: “Entre o desejo e o bem”, “Inconsciente e Responsabilidade”, “Homossexualidade: saber e homofobia”. Existem ainda títulos que, apesar de trazerem termos psicanalíticos, justamente por isso tornam-se pouco comunicáveis: “O tempo do ser-vil: a função do servo no gozo dos pobres diabos” e “Declinando o declínio do pai”, o que mostra uma característica muitas vezes presente no campo psicanalítico de uma escrita feita com jogos de palavras ou homofonias incompreensíveis para estrangeiros ao campo.

Passando dos títulos e palavras-chave aos resumos, vemos que em relação aos referenciais teóricos explicitados, a maior parte das teses citam Freud (421) e Lacan (331) seguidos de Winnicott (87), Klein (29), Bion (22) e Ferenczi (18) entre os autores da psicanálise, lembrando que uma tese pode citar um ou mais autores e os valores acima se referem ao número de citações. O autor mais citado fora do campo psicanalítico é Foucault (21) seguido de Deleuze (10), sendo estes, filósofos que em algum momento de suas obras discutiram a teoria psicanalítica. A filosofia é o campo com a maior quantidade de autores referenciados (37 autores) depois da psicanálise (43). No apêndice 3 temos um panorama de todos os autores citados nos resumos das teses pesquisadas, separados pelas áreas: psicanálise, filosofia, psicologia, literatura, artes, semiótica, sociologia/antropologia, linguística, história, educação e medicina. Esta divisão tem fins didáticos, pois encontramos autores que circulam por campos diversos como psicanálise e filosofia ou filosofia e sociologia ou ainda linguística e literatura. Os trabalhos presentes nos diversos PPGs fazem uma interlocução dos autores da psicanálise com os de suas respectivas áreas, mas o predomínio freudo-lacanianos é visível como nos mostra o seguinte gráfico, alusivo aos referenciais teóricos mais citados nos resumos das teses (com até 5 citações).

Gráfico 5 – Referenciais teóricos



Ressaltamos: a) nem todas as teses declaram autor (353 teses); b) boa parte das teses com referencial freudiano e/ou lacaniano citam os dois autores; c) os trabalhos com referências aos autores anglo-saxões (Klein, Winnicott e Bion) se concentram nos PPGs paulistas.

O que mais encontramos nas teses é a articulação entre Freud e algum outro autor. Em relação aos autores psicanalíticos, encontramos associação entre Freud e Winnicott, Freud e Klein ou Freud e Lacan (mais encontrado) ou então Klein e Winnicott, Klein e Bion. Contudo, poucas teses relacionam autores psicanalíticos com paradigmas divergentes. Destacamos algumas, por exemplo, uma tese num PPG de psicologia sobre a noção de trauma em psicanálise articulando Freud, Ferenczi e Lacan; outra num PPG de educação sobre função paterna utiliza Freud, Winnicott, Lacan e Piera Aulagnier, e uma na psicologia sobre inibição intelectual, a partir de Freud, Lacan e Klein.

Em relação às teses dos PPGs específicos de psicanálise há também o predomínio de Freud e Lacan como referência. O único autor diferente dos dois já citados é Ferenczi que aparece em quatro teses. As maiores interlocuções são com autores da filosofia: Foucault, Derrida, Kant, Deleuze, Adorno, Heidegger, Rorty, Benjamin, Nietzsche, Sennet e Wittgstein.

Se tomarmos os PPGs de psicanálise, vemos na proposta do PPG da UERJ uma clara alusão aos referenciais freudo-lacaniano, o que impõe um limite, já na seleção,

acolhendo somente projetos que se orientem por este referencial: “Nossa Proposta de Programa baseia-se na concepção segundo a qual, em Psicanálise, em função de princípios metodológicos específicos - introduzidos pela obra de Sigmund Freud e sustentados pelo ensino de Jacques Lacan²⁶”. Nos outros PPGs não encontramos uma indicação clara de aderência a determinado referencial, embora o PPG recente da UFRGS faça referência em sua proposta à teoria freudiana e lacaniana.

A partir deste achado, recorreremos ao que diz Figueiredo (2009) em relação à chamada “era das escolas”, ou seja, um período de grandes disputas entre kleinianos, freudianos e posteriormente lacanianos. Segundo o autor, este período já foi ultrapassado e a tendência atual é que autores contemporâneos produzam obras originais sem estar na liderança de um movimento ou de uma nova escola. Há maior tendência à interlocução entre autores da psicanálise e um atravessamento de paradigmas: “A partícula e no lugar do ou aponta para o caráter complexo e paradoxal assumido pelas teorizações e estilos que então se forjam, desconstruindo as velhas oposições paradigmáticas” (p.14). Ele defende ainda que cultivar o pensamento psicanalítico não significa aderir a um sistema doutrinário. O que corrobora com o pensamento de Mezan (2014) ao afirmar que as fronteiras teórico-clínicas da psicanálise estão bem mais amplas do que na época de Freud, os psicanalistas estão perdendo o medo de percorrer várias correntes, buscando inclusive um *common ground*, compartilhado, apesar das diferenças.

Mezan (2014) defende ainda a ideia de que as cisões dentro do movimento psicanalítico tiveram sua gênese na própria psicanálise freudiana, sendo algo intrínseco a ela. Desta forma, existem quatro modelos metapsicológicos em Freud, cada um baseado em uma matriz clínica (histeria, neurose obsessiva, melancolia e psicose) e que estão na base das diversas correntes psicanalíticas. Não haveria, portanto, um paradigma freudiano, kleiniano ou laciano, mas um modelo derivado da obra de Freud. Nas palavras do autor, “Trata-se de mostrar como da raiz freudiana, surgiram os ramos que a constituem atualmente” (p.60).

Tendo como base o material desta pesquisa, parece-nos haver um temor de resvalar num ecletismo ou num “desfile de autores”. A transferência de trabalho em relação a um autor específico é forte no movimento psicanalítico e uma

²⁶ Recuperado de: <http://www.pgpsa.uerj.br/proposta.html>.

“infidelidade” a determinados autores pode implicar não aceitação ou não reconhecimento no campo. Embora muitos considerem a universidade um ambiente mais aberto que as escolas de psicanálise e com possibilidades de diálogo maiores, isto parece funcionar para as relações entre saberes diversos e autores de outros campos, mas não entre autores internos ao campo. No entanto, observamos um movimento ainda que incipiente de quebrar paradigmas desta filiação única para propor diálogos mais contemporâneos. Se pensarmos que hoje as escolas de psicanálise disputam espaço na universidade, cada uma “luta” para conquistar seu território, seus discípulos, alunos para suas formações. Desta forma, o interesse é o de afirmar o pensamento de determinado autor, divulgando-o, fortalecendo-o, tornando-o mais atraente do que outros, voltando à antiga questão do que é verdadeiro, legítimo ou mais pertinente em psicanálise.

Diversos autores apontam para a necessidade da autorização e do pensamento do psicanalista para além das filiações. Para Bevidas (1999) a pesquisa em psicanálise fica submissa ao argumento de autoridade do autor que é colocado no lugar da verdade. Daí o excesso de transferência que ele diz existir na pesquisa, criando uma subordinação que dá margem aos psicanalistas se defenderem no que Freud ou Lacan disseram submetendo a teoria sem questioná-la. É justamente este autorizar-se mediante nomes próprios de autores canônicos que pode levar a uma reprodução de um saber totalizante e sem sujeito. Corroborando com o que Roustang (1987) já apontava em relação aos perigos desta submissão cega ao pensamento de Freud e Lacan que foi se constituindo ao longo do movimento psicanalítico, sinalizando que a relação entre o mestre e seus discípulos pode transformar a teoria em dogma.

Haveria uma espécie de catecismo na formação dos analistas, dizem Safouan e Hoffmann (2015), tendo em vista que toda experiência institucional da psicanálise a transforma em um dogma a serviço da instituição. Desta forma, dissidentes como Rank e Ferenczi são vistos e tratados como hereges, portanto não somente excluídos, mas também proibidos de serem lidos, estudados. Neste sentido, os autores propõem não uma institucionalização da psicanálise, mas uma psicanálise para a instituição. Assim, a formação do analista seria mais um interesse do analista do que da instituição em um modelo de escola mais aberto, sem tantas regras administrativas, sem tanta diferenciação entre seus membros.

Concordamos com Pinto (1999) quando este afirma que o pesquisador tem uma transferência com a psicanálise, com um determinado autor o que revela um pouco dele, mas esta teoria pode servir também como um mecanismo de defesa. A universidade, portanto, não pode se satisfazer com a repetição de uma doutrina, pois uma pesquisa acadêmica deve fazer uma interrogação teórica, construindo problematizações e não fixando certezas, pois assim procedendo cairíamos no campo religioso.

Para Birman (2014a), o campo psicanalítico também se constituiu pela transferência ao saber analítico, aos grandes “mestres” da psicanálise. Isto produz um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que a experiência analítica pretende a produção e o reconhecimento da singularidade como diferença, a instituição analítica tende a excluir a diferença, como nos mostram os casos de dissidentes clássicos e como já discutido no capítulo dois. No entanto, os paradigmas no campo psicanalítico não podem ser avaliados como legítimos ou não, pelo simples fato de serem incomensuráveis entre si. Ainda segundo o autor, dialogar com muitas tradições teóricas seria considerado uma resistência à psicanálise, uma vez que a interlocução teórica está marcada pela transferência. “Não poder transferir para diversas tradições analíticas se transforma num imperativo, qual seja, o de que se *deve* transferir para apenas uma das múltiplas tradições disponíveis” (Birman, 2014b, p.43, grifo do autor). A psicanálise reconhece a singularidade, mas no diálogo com as diversas linhas isso não ocorre. É o rigor teórico que importa. A proposta da psicanálise, como vimos no início deste capítulo, afasta-se do referencial binário cartesiano. Assim, é possível dizer que superar paradigmas e sistemas dogmáticos condiz com o fazer psicanalítico.

Ainda sobre esta questão, Kupermann (2014) traz a ideia de uma transferência nômade no campo psicanalítico, que não estaria destinada a uma única filiação teórica ou institucional, mas a um pluralismo teórico-institucional, implicando resistência à submissão transferencial nas instituições psicanalíticas. Ressalta que pluralismo é diferente de ecletismo, também combatido por Freud, estando a transferência nômade entre a recusa do sistema totalizante e a recusa do ecletismo. Concordamos com o autor (2009) quando ele diz em outro texto

Para que a produção psicanalítica possa usufruir das virtudes da inserção acadêmica, seria preciso que os rituais, os dispositivos e as exigências que, na universidade, insistem em por à prova o narcisismo do pesquisador, ficassem imunes ao destino funesto da manipulação da transferência, preservando o pensamento nômade e o desejo de saber (p.306).

De todo modo, seja vinculado a um único autor ou promovendo interlocuções, um campo científico, caso da psicanálise na universidade, tem a tendência de produzir verdades universais e trans-históricas (Champagne & Christin, 2012) e, concordando com Barros (2013), teorias são estratégias que legitimam estas verdades científicas dando credibilidade aos objetos estudados e compartilhadas entre os agentes do campo. Portanto, o que é dito na universidade, sob o nome de determinado autor, tem um peso, um valor e conquista espaço e reconhecimento no campo, pela força do nome próprio. Sabemos que isto ocorre também nas escolas de psicanálise, mas estas não têm o amplo capital social de uma universidade, visto que “seus veredictos seguramente estão entre os mais poderosos veredictos sociais” (Bourdieu, 2004, p. 116).

Passemos às estratégias metodológicas. Nos resumos, encontramos referências ao instrumento de pesquisa ou ao tipo de pesquisa ou ao procedimento de análise. Por esta razão resolvemos dividir nestas três categorias o material encontrado (ver apêndice 4).

Em relação ao tipo de pesquisa, poucos resumos explicitam o método psicanalítico de pesquisa. Alguns falam em pesquisa teórica, teórico-conceitual, teórico-clínica ou estudo de caso. Encontramos também pesquisas ditas qualitativas, clínica-qualitativa, estudos longitudinais e etnopsicanálise para citar os que aparecem. Quanto aos instrumentos utilizados, levantamos uma grande quantidade de técnicas nos resumos das teses. Há predomínio de entrevistas e análise de casos clínicos (seja através de fragmentos de sessão ou filmagens), seguidos de análises de obras literárias, aplicação de testes psicológicos como HTP, TAT e Rorschach, Desenho-Estória, ou então observação participante, grupo focal, entre outros. Em relação ao procedimento de análise, destacamos análise do discurso, teoria dos campos, análise de conteúdo e uma única tese que informa análise estatística, num PPG de psicologia abordando o tema da psicossomática.

Essa variedade de métodos e procedimentos corrobora com a revisão do segundo capítulo sobre os diversos tipos de pesquisa psicanalítica. Há claro predomínio de

pesquisas teóricas, sobretudo nos PPGs de psicanálise. Nestes, 112 teses de 125 não citam o método e os 13 que o fizeram, indicam estudos de casos clínicos. Apesar de não explicitarem seus métodos, inferimos que muitas pesquisas são teóricas, o que corrobora com a especificidade do PPG em que estão situadas em sua maioria, o de *Teoria Psicanalítica* (UFRJ).

Um dado bastante importante é o fato de 560 teses, mais da metade, não explicitam em seus resumos o método de pesquisa. O método de pesquisa tem sido, por vezes, negligenciado pela psicanálise e a leitura dos resumos das teses nos deu a impressão que os autores escrevem como se o método estivesse implícito. Os psicanalistas, uma vez que estão inseridos na universidade, não escrevem somente para seus pares, mas para toda uma gama de leitores e de diversas áreas. Mas o interessante desse fenômeno da não explicitação de métodos é o fato de que quase metade das teses em psicanálise não se encontram nos PPGs de psicanálise, nem nos de psicologia, mas dispersos em várias áreas. Isso mostra diferenças na confecção dos resumos, a partir da área. Somente para citar um exemplo, dentre as teses nos PPGs de medicina somente uma não descreve o método.

Ao nos depararmos com uma diversidade de pesquisas e instrumentos no levantamento e análise das teses, algumas dúvidas se formavam como: uma pesquisa qualitativa com aplicação e análise de entrevistas seria uma pesquisa psicanalítica? Estaria a psicanálise importando métodos para ter lugar na universidade, para ser aceita pelas agências de fomento e conseguir financiamento para suas pesquisas, para publicar em periódicos não orientados pela psicanálise? Seria uma forma de submissão ou outra forma de apresentar-se? A psicanálise estaria atendendo aos apelos da ciência? Será que a não preocupação com o método não estaria corroborando ataques sobre a não cientificidade da psicanálise? Ou ainda: Por que os psicanalistas não se apropriam do método psicanalítico, no sentido de dar destaque a ele em suas produções, respaldando-o como método legítimo na produção de saber? As respostas a essas indagações dependem do que consideramos pesquisa psicanalítica.

Em muitos trabalhos de psicanálise, o método não se encontra esclarecido, em virtude do não entendimento de muitos pesquisadores em psicanálise do que seja de fato uma pesquisa psicanalítica, do que pode ou não ser utilizado como

instrumento, do que pode ou não ser feito. Muitas pesquisas clínicas, por exemplo, partem da experiência do analista. A clínica psicanalítica não pressupõe método acadêmico e nem técnicas pré-estabelecidas, mas a confecção de um trabalho de tese, sim. Instaura-se um problema: como traduzir um trabalho clínico que nada tem a ver com protocolos formais de investigação científica, em geral, cartesiano-positivistas, em uma tese? Estes questionamentos não são exclusivos da psicanálise, mas de todo campo que pressupõe ou acolhe outro paradigma de ciência, como o campo das artes, por exemplo (Santos, 2013).

Se considerarmos, como preconiza Bourdieu (1976), que cada campo tem suas regras, a não explicitação do método pode ser uma regra implícita do campo psicanalítico. Ao analisar, por exemplo, trabalhos submetidos aos principais congressos e eventos da área, não notamos descrição do método. Isto pode configurar um *habitus* do campo.

No que diz respeito aos temas, os mais recorrentes, como já esperado, são os que concernem à clínica e diversas formas de abordá-la. Teses sobre teoria da clínica, função do analista e suas intervenções, manejo clínico e direção do tratamento das psicoses, em hospital ou ambulatório, o autismo, a psicoterapia breve, entre outros. Destacamos ainda os trabalhos sobre a clínica com crianças, sobre conceitos como interpretação, transferência e contratransferência. Ao tema clínica seguem-se as teses relacionadas a questões do corpo, como doenças psicossomáticas, modificações corporais, distorções da auto-imagem, doenças degenerativas, o corpo na psicose, no câncer, na clínica com crianças etc.

Um terceiro tema emergente é a educação, sobretudo inclusão, relação professor-aluno e dificuldades de aprendizagem. Temos ainda as questões do feminino e feminilidade; a psicose, que dentre as psicopatologias, é a que mais instigou trabalhos. Dentre os conceitos trabalhados nas teses teóricas, destacamos sujeito e pulsão. Encontramos também teses que versam sobre questões da linguagem (aquisição, dificuldades), análise das obras literárias de diversos autores brasileiros e estrangeiros, a escrita na psicanálise e a violência contra a mulher, criança, conjugal, na escola e na sociedade de forma geral. Estes são os temas que despontam nas teses numa visão mais descritiva e que vão ser discutidos

detalhadamente mais adiante, ao analisarmos as produções em cada área de conhecimento em que estão localizadas.

Nos PPGs de psicanálise encontramos primordialmente temáticas teórico-clínicas. Dentre elas, destacamos a psicose, em diferentes especificidades: o corpo na psicose, psicose infantil, escrita e psicose, drogas e psicose. Destacamos ainda: diagnóstico, posição do analista, ato analítico, interpretação e transferência, supervisão e prática na clínica-escola universitária; na metapsicologia, predomina o conceito de pulsão, mas também aparecem significativamente os conceitos de sujeito, sintoma, Outro, Real, Édipo, feminino/feminilidade, diferença sexual, o estranho, fantasia, humor, afeto. Há trabalhos que discutem articulações da psicanálise com temáticas contemporâneas, tais como intervenções corporais, novos sintomas, interlocuções da psicanálise com artes, política e religião; análise de obras literárias, fenômenos sociais tais como drogas, violência, ato infracional, envelhecimento na sociedade atual, casamento homossexual.

As relações da psicanálise com a universidade nas dimensões do ensino, pesquisa e ciência também são contempladas. Destacamos ainda os temas história da psicanálise, formação do analista, transmissão da psicanálise, diferenças entre psicanálise e psicoterapias, escrita em psicanálise e ética psicanalítica. Portanto, a maior parte das teses exploram temas que dizem respeito à própria psicanálise, sua teoria, sua clínica, seja através da formulação de novos conceitos, novos posicionamentos em relação ao fazer clínico, a discussão de novas formas de subjetivação e sintomas contemporâneos.

A clínica sempre foi o *lócus* privilegiado das pesquisas em psicanálise, tanto que Freud destaca em diversos momentos de sua obra, como vimos no capítulo dois, a indissociabilidade entre pesquisa, clínica e teoria, conformando a psicanálise enquanto *práxis*. No entanto, encontramos um paradoxo, destacado por Souza (2001), no que diz respeito ao desmembramento entre teoria e prática clínica no ensino da psicanálise. Considerando a natureza das pesquisas psicanalíticas, que se relacionam com a clínica, esta articulação deveria estar mais presente nas instituições, mas quando a clínica é incluída nas pesquisas de mestrado ou doutorado, estas são exercidas fora do ambiente acadêmico. Essa realidade vem mudando com a figura dos Laboratórios de Pesquisa que, dentre outras atividades,

promovem a prática clínica nas IES (geralmente clínicas-escolas dos cursos de psicologia), com supervisões e estudos teóricos, mas ainda assim está longe de uma inserção clínica na pós-graduação.

Por outro lado, a existência desde 2012 do Mestrado Profissional em psicanálise na UVA pretende unir teoria e atuação prática no âmbito universitário. Segundo informações da proposta

O aperfeiçoamento profissional do programa de Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida inclui atendimentos clínicos supervisionados pelo corpo docente, para os mestrandos com graduação em medicina e psicologia, a serem realizados nas dependências da Clínica do Serviço de Psicologia Escolar Aplicada da UVA. Os mestrandos provenientes de outras áreas profissionais realizarão estudo e análise com discussões sobre suas práticas profissionais específicas, à luz da psicanálise, orientados pelos professores nos Seminários Profissionais em Psicanálise e Saúde/Psicanálise e Sociedade.²⁷

Contudo, tais estratégias pedagógicas também ocorrem no âmbito dos mestrados e doutorados acadêmicos, como explicitado acima, e mostram tentativas de “resgate” da clínica. No entanto, concursos públicos para docentes universitários no sistema federal brasileiro, via de regra, exigem um regime de trabalho denominado “dedicação exclusiva”. Em troca, o docente recebe um salário mais compensador, porém fica proibido de manter consultório privado ou exercer atividades regulares de docência, em uma instituição psicanalítica, por exemplo. Tal restrição legal, apoiada na ideia de que a dedicação exclusiva permite um real comprometimento com as atividades de ensino, pesquisa e extensão, próprias ao fazer acadêmico, termina provocando anomalias para o ensino/pesquisa universitário. Ora, se a pesquisa em psicanálise provém da clínica e se a psicanálise se constitui como *práxis*, como se pode “proibir” que professores na universidade prossigam suas práticas clínicas?

Continuando a analisar os temas de pesquisa, é importante conhecer as temáticas que orientaram pesquisas em psicanálise no Brasil ao longo dos anos, o que vem despertando o interesse dos pesquisadores considerando o investimento de quatro anos de estudos que um doutorado requer. Mostraremos temas de teses que se destacaram na nossa leitura, seja por sua relevância, seja pelo ineditismo na época, ou por estabelecer relações com áreas não esperadas. Podemos indicar temas

²⁷ Recuperado de: <http://www.uva.br/cursos/mestrado-e-doutorado/psicanalise-saude-e-sociedade>.

inovadores, pesquisas de vanguarda e perceber quando temas caros e importantes à psicanálise passam a ser objeto de interesse no âmbito universitário.

No Banco de Teses encontramos trabalhos indexados a partir de 1987. Sabemos que existem teses em psicanálise bem anteriores a essa data, mas nesta pesquisa consideramos somente o material disponibilizado pela Capes. A primeira tese em psicanálise do período estudado foi da Universidade de Brasília (UnB) num PPG de psicologia, tendo como tema a linguagem na esquizofrenia. Trata-se de um estudo teórico-clínico na perspectiva freudiana. Depois temos uma tese no PPG de comunicação na UFRJ sobre psicanálise e cinema e outra em psicologia na PUC-SP sobre conjugalidade, ambas no ano de 1988. Em 1989 não houve teses, encerrando a década.

Na década seguinte, 1990, encontramos alguns temas: uma tese sobre história da psicanálise, mais especificamente sobre a difusão da psicanálise (1990), mostrando que desde o início da produção em psicanálise no Brasil o tema da história, embora não muito enfatizado pelos psicanalistas, já aparece. Destacamos um tema bem atual, a obesidade infantil, abordada a partir do psicodiagnóstico de Rorschach, em uma tese de psicologia do desenvolvimento na USP em 1991. Ainda destacamos uma tese em medicina sobre psicanálise e gastroenterologia escrita em primeira pessoa, bem distante dos rígidos padrões ditos científicos exigidos pela medicina.

Outro tema que merece ser destacado é o da clínica psicanalítica com pacientes com AIDS em uma tese em saúde mental de 1992, poucos anos após as primeiras discussões em torno da doença no Brasil. Em 1993, encontramos outro tema atual e que surge pela primeira vez neste levantamento que é o transtorno bipolar e mais uma vez a partir da análise do teste Rorschach. Ainda nesse ano aparece a primeira tese sobre psicanálise e universidade abordando sua difusão nos cursos de psicologia. No ano seguinte, é a vez do tema toxicomania, inaugurando uma temática que vai estar presentes em muitas outras teses ao longo dos anos. Em 1995 mais uma tese sobre história da psicanálise, um estudo etnográfico sobre dois grupos de psicanálise no estado do Espírito Santo. Em 1996, surge o tema da clínica psicanalítica em instituições, mais especificamente no hospital (ambulatório) trazendo uma discussão ainda hoje atual: a psicanálise fora do *setting* tradicional. Em 1997, temos um tema inovador: psicanálise e biologia molecular relacionando

esta última às ideias freudianas do adoecer psíquico. Fechando a década, temos em 1998: uma tese sobre um tema social, a prostituição; outra sobre a prática analítica e os convênios, considerando-o um terceiro na relação terapêutica; por fim, relações entre psicanálise e engenharia genética, um campo que num primeiro momento não imaginamos que pudesse estabelecer interações com a psicanálise.

A partir dos anos 2000, ocorre um aumento considerável no número de teses. Estão aí as primeiras teses sobre direito e psicanálise abordando o sentido de Lei, uma tese sobre grupoanálise e psicoses não-decidas na infância, temas ainda hoje bastante discutidos. Por fim uma tese sobre psicanálise e histórias em quadrinhos analisado pela via da linguagem e do mito. Em 2001 uma tese sobre mulheres que buscam o teste genético para diagnóstico do câncer de mama, tema atual e de vanguarda para a época. Ainda em 2001 temos uma tese sobre pedofilia na mídia e outra sobre psicanálise e neurociências buscando possíveis diálogos.

Damos um salto de quatro anos e vamos a 2005 encontrar uma tese sobre a uma abordagem interdisciplinar do autismo considerando os saberes da psicanálise, da psicologia do desenvolvimento, neurociências e etologia. Em 2006 uma tese sobre o *crossdressing* masculino e um estudo sobre a pós-análise. Em 2007 uma abordagem relacionando suicídio e islamismo. Em 2008 as neurociências reaparecem, relacionadas à teoria do *holding* de Winnicott. Outra tese que aborda uma interação inusitada: a autonomia no processo psicoterápico na psicanálise e na psicologia cognitivo-comportamental. Em 2009 um tema de grande relevância histórica e social: a tortura aos presos do regime militar no Brasil. Já em 2010 destacamos uma tese sobre a pesquisa multicêntrica de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil, realizada em todo o Brasil e que, além de mostrar seus resultados, apresenta outras formas de fazer pesquisa em psicanálise. Em 2011, nosso foco recai sobre um estudo sobre as famílias homoparentais e uma reflexão psicanalítica sobre militantes do Movimento Sem-Terra (MST). E para finalizar o período contemplado temos, em 2012, uma tese sobre o fenômeno do adiamento da maternidade. Percebemos nesta sucinta exposição, temas que mostram a psicanálise questionando a si própria, suas práticas clínicas e ampliando o escopo de diálogo e intervenções.

Pensando tais escolhas, recorreremos à uma referência que Castro (2010) faz em relação ao dispositivo do Cartel, instaurado por Lacan. Este seria a base de sua escola e teria como objetivo o ensino da psicanálise. O sujeito não seria aquele que escolhe o tema; ao invés, este o persegue, instiga-o e o implica em sua investigação. Este princípio deveria estar presente na pesquisa, ou seja, o sujeito deve ser fisgado, ocorrendo transferência de trabalho a um tema-objeto. Existe uma relação entre a estrutura do sujeito e o que alguém escolhe para pesquisar. No entanto, não podemos tratar a inserção da psicanálise na universidade somente pelo viés psicanalítico.

Problemas de pesquisa são extraídos da vida social, políticas de educação vigentes no país produzem e seguem normas; instituições geridas por agentes regulamentam PPGs e também promovem e executam processos burocráticos de recenseamento, avaliações, premiando e punindo, legitimando e excluindo. Um PPG em psicanálise ou uma tese seguem regras que se pretendem válidas para toda a PG brasileira. Desta forma, dois fenômenos merecem destaque: 1- as produções das áreas e linhas de pesquisa na PG não necessariamente concernem ao que ali se espera, pois é comum encontrarmos teses que não seguem as temáticas indicadas numa determinada linha de pesquisa ou área de concentração e 2- são muito poucos os PPGs em psicanálise, e concentrados praticamente em um único Estado. Então, uma tese em psicanálise realizada num PPG de educação pode não representar um diálogo interdisciplinar, mas talvez a oportunidade, naquele estado ou região, de acesso a um curso de doutorado que aceitou tal investigação em psicanálise. De toda forma, se um PPG acolhe um doutorando com um projeto em psicanálise, presume-se que a área tenha alguma afinidade ou interesse.

Tal como preconiza Bourdieu, não podemos dissociar os aspectos políticos dos aspectos epistemológicos em um dado campo, já que os produtos estão vinculados à posição ocupada pelos agentes e à oferta de meios de produção. Por isso, não podemos falar de psicanálise na universidade sem considerar o campo universitário e o campo psicanalítico como um todo, as políticas educacionais vigentes, o papel e o posicionamento das agências de fomento, as discussões em torno das escolas formadoras na psicanálise.

A universidade é um campo científico como qualquer outro e no qual o que está em jogo é o monopólio da autoridade científica, um capital particular que confere poder que, por sua vez, materializa-se sob a forma de prestígio e reconhecimento perante a comunidade acadêmica. A definição do que está em jogo na luta científica, que é simbólica, faz parte do jogo. A história de um campo cria mecanismos próprios e códigos específicos, que passam a estabelecer parâmetros para o jogo. Talvez isso explique a aderência a outros métodos para sua legitimação nos espaços acadêmicos, bem como algumas escolhas de temas e objetos. De acordo com Bourdieu (2004), o interesse é condição de funcionamento de um campo, o que estimula os agentes e os fazem entrar em lutas, disputas; ao mesmo tempo, é o produto do funcionamento do campo. Existem tantos interesses quantos campos e eles são variáveis segundo o tempo e o lugar. Todo campo gera interesse e é o interesse dos agentes que mantém o seu funcionamento.

O que se escolhe, por exemplo, tem a ver com o funcionamento do campo, com as disputas pelo capital, com as possibilidades de maior inserção e reconhecimento. As tomadas de posição se organizam a partir de uma posição determinada, visam conservar e aumentar o poder associado à posição (Bourdieu, 1984). Essas escolhas não são aleatórias; antes, representam a posição de agentes que, por sua vez, também determina escolhas. Como diz Bourdieu (1976), o que é percebido no campo científico como importante e interessante é aquilo que é reconhecido pelos agentes, portanto, é também aquilo que tem a possibilidade de fazer parecer aquele que o produz como importante e interessante aos olhos dos outros agentes. Ainda segundo o autor (2000), no domínio da pesquisa científica, os pesquisadores, portanto agentes, definem o que numa determinada época constitui o conjunto de objetos importantes, e sobre o qual devem concentrar seus esforços de pesquisa, isto é, jogar o jogo

Não há 'escolha' científica – do campo da pesquisa, dos métodos empregados, do lugar de publicação, escolha – como descreve Hagstrom, entre uma publicação imediata de resultados parcialmente verificados e uma publicação tardia de resultados plenamente controlados – que não seja uma estratégia política de investimento objetivamente orientada para a maximização do lucro propriamente científico, isto é, a obtenção do reconhecimento dos pares – concorrentes (Bourdieu, 1976, p. 91).

Existe uma circulação de capital percebido, por exemplo: determinadas universidades possuem um maior número de produções, alguns professores que

orientam diversos trabalhos, outros que são escolhidos com frequência para bancas, concentração de produção em determinada região. Esses dados mostram agentes e instituições que detêm o monopólio do capital. Isto porque o campo universitário reproduz em sua estrutura o campo de poder. Desta forma, percebemos a hegemonia de alguns campos sobre outros, o capital que se concentra em poucos professores, o sucesso da carreira ligado à escolha de determinada instituição ou professor, que também está relacionada à busca de prestígio social, inserido numa lógica de obtenção de capital (Bourdieu, 1984).

Pertencer à determinada instituição ou estudar com determinado professor é signo de distinção (Bourdieu, 2007), conceito utilizado por Bourdieu, justamente por ter o duplo sentido de diferente/destacado. Estar na universidade realizando um doutorado também é uma forma de distinção. E poderíamos pensar que a presença da psicanálise na universidade, dessa forma consolidada, é também signo de distinção para psicanalistas que nela atuam. Ainda em concordância com Bourdieu (1984), estes elementos de distinção vão se ampliando, pois não é necessário somente fazer um doutorado, há que ser em uma instituição de prestígio, não basta publicar, mas estas publicações precisam ser em revistas de alto impacto, além disso é necessário ser citado, ocupar cargos importantes na universidade, participar do comitê de avaliação de eventos, de revistas, etc.

Há relação entre o intelectual e os interesses de um campo científico, sendo o interesse condição de funcionamento do campo, na medida em que é o que estimula as pessoas, sendo, ao mesmo tempo, produto de funcionamento do campo. O interesse do intelectual é deter a autoridade científica, o que favorece a aquisição de capital suplementar na forma de acesso a cargos, investimentos de pesquisa, distinções, entre outros. Toda autoridade e monopólio de capital dependem do lugar que se ocupa, que se conquista. Assim,

enquanto detentores de capital cultural, os intelectuais são uma fração (dominada) da classe dominante que muitas das suas tomadas de posição, em política por exemplo, se devem à ambigüidade de sua posição dominados entre os dominantes. Lembro também que o fato de pertencerem ao campo intelectual implica em interesses específicos, não somente em Paris como também em Moscou, cargos acadêmicos ou contratos editoriais, resenhas ou cargos universitários, e também sinais de reconhecimento e gratificações frequentemente imperceptíveis para quem não pertence ao universo em questão, mas através das quais ocorrem todos os tipos de pressões e censuras sutis (Bourdieu, 2003, p. 56).

Os movimentos no campo visam, portanto, à busca de reconhecimento dos agentes pelos seus pares e, no campo científico especificamente, o monopólio da competência científica. Dentre as escolhas não aleatórias, destacamos a escolha de um determinado PPG para fazer um doutorado com um tema da psicanálise, como veremos adiante, o que nos faz pensar sobre os lugares que a psicanálise ocupa na universidade brasileira e suas relações com os diversos saberes, conformando um campo com especificidades que nos remetem à interdisciplinaridade presente desde a gênese do campo psicanalítico.

5. PSICANÁLISE E INTERDISCIPLINARIDADE NA UNIVERSIDADE

Ao longo deste trabalho, temos apresentado a psicanálise na universidade como campo a ser estudado mediante parte de sua produção atual, que reflete e modifica a constituição do próprio campo psicanalítico, bem como a mobilização de seus agentes e busca pelo capital que, na universidade, é cultural e simbólico, sobretudo. Tomamos como agentes desse campo aqueles pioneiros históricos, que anteciparam, divulgaram e implantaram a psicanálise no país; os que continuam a veicular o pensamento psicanalítico, em escolas formadoras, consultórios, instituições privadas, universidades públicas; os professores, psicanalistas, pesquisadores, autores, orientadores das 1.075 teses publicadas e por nós capturadas no Banco da Capes.

Alguns pontos se destacaram na nossa leitura sobre o campo psicanalítico universitário e que de certa forma se relacionam: 1) Presença incontestável da psicanálise na universidade X invisibilidade nas agências reguladoras e de fomento à pesquisa universitária; 2) Conformação interdisciplinar; 3) Diversas formas de fazer pesquisa psicanalítica.

Temos visto até então um campo que se constituiu interdisciplinar, dentro e fora da universidade, com pesquisas marcadas pela pluralidade de campos acadêmicos. De acordo com a teoria dos campos de Bourdieu, a psicanálise seria um campo com sua relativa autonomia, o que não implica dizer isolado, fechado ou independente, mas um campo que vem consolidando suas especificidades, a tal ponto que começa a se constituir, como vimos, em PPGs específicos e não mais atrelados à psicologia. Um campo com capitais que interessam a outros campos, haja vista sua presença em muitos outros campos acadêmicos, em grande dispersão.

Quanto maior for a autonomia do campo em relação a demandas e capitais específicos, maior o seu grau de autoregulação. De acordo com Lima (2009), a psicanálise constitui-se com relativa autonomia, pois independe da medicina, do estado, da universidade. Questionamos aqui se, conformando-se ao campo

universitário, conservaria a psicanálise sua autonomia. De que ordem seriam estas relações? Seriam elas realmente interdisciplinares?

Destacaremos os debates acerca da interdisciplinaridade desde Freud, que prevê, de certa forma, o movimento interdisciplinar muito antes que este ganhasse contornos, estatuto e importância na vida da universidade, não sem antes trazer à tona o debate da interdisciplinaridade nas ciências atuais e suas repercussões para a universidade brasileira. Voltaremos ainda ao nosso material empírico para apresentar a psicanálise nas diversas áreas do conhecimento, as produções interdisciplinares e o posicionamento dos agentes do campo. Elegemos a questão interdisciplinar como guia nesta etapa, tendo em vista que foi um dado que emergiu da pesquisa e que nos chamou bastante atenção. Pensar a conformação interdisciplinar nos leva às diversas formas de pesquisa, à pluralidade de formas de apresentar a psicanálise na universidade, de conceber seu estatuto científico, de discutir o que é próprio ou não ao campo. Ao discutir a presença diversificada da psicanálise e sua distribuição em várias áreas de conhecimento estamos também falando dos paradoxos de sua presença-ausência. Portanto, consideraremos aqui a interdisciplinaridade como tema norteador.

5.1 A DISCUSSÃO ATUAL SOBRE INTER E TRANSDISCIPLINARIDADE NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

A universidade brasileira, tal como qualquer instituição escolar formal, é um espaço tradicionalmente disciplinar e para o qual a interdisciplinaridade constitui um desafio, muitas vezes temido, outras vezes apenas idealizado, mas dificilmente vivido como experiência de ensino-aprendizagem. Para Almeida-Filho e Coutinho (2011) a universidade tem sido poli-profissional e multidisciplinar, tendo como foco a formação profissional em detrimento de outras funções como a formação de produtores do conhecimento através da promoção da pesquisa. Este modelo atual não condiz com as novas exigências de integração de saberes.

No entanto, a universidade tem se voltado para a interdisciplinaridade criando programas onde estudos integrativos e provenientes de mais de um olhar são

contemplados. A criação da Grande Área Multidisciplinar pela Capes pode ser considerada um sinal claro dessa tendência que, como toda mudança, traz consigo problemas e desafios. A referida Grande Área é a que vem apresentando o resultado mais expressivo em termos de crescimento na PG brasileira, o que pode estar articulado à sua trajetória de diversificação e consolidação (Viotti et al, 2010). Ela contempla a Área Interdisciplinar que conta com 294 PPGs, sendo 205 cursos de mestrado, 96 de doutorado e 79 mestrados profissionais.

Segundo o Plano Nacional da Pós-Graduação (PNPG 2011-2020) (2010) o crescimento desta área, embora interessante para a diversificação da PG brasileira, também acarreta preocupações tais como: assegurar um espaço na universidade tendo em vista sua conformação histórica disciplinar e, portanto, a recusa dos ambientes acadêmicos a novas experiências; a modelagem de novos parâmetros e avaliação para em uma área que reúne disciplinas bem diferentes; dificuldade de publicação em periódicos geralmente especializados; concursos para docentes que privilegiam diploma em área disciplinar; comitês e pareceristas de agências de fomento pouco dispostos a reconhecer a experiência interdisciplinar como legítima. Além disso, o Plano argumenta que o mercado de trabalho é conservador ao contratar profissionais, resistindo a reconhecer a formação multi ou interdisciplinar como característica positiva. Esta última questão ultrapassa o âmbito acadêmico, mas é importante se pensarmos a contribuição da universidade para diversos setores produtivos. Portanto, a interdisciplinaridade, ainda que almejada, requer um esforço constante de ultrapassar a ordem disciplinar vigente e o posicionamento dos agentes.

Em um comunicado da Capes da área da psicologia intitulado *Considerações sobre multidisciplinaridade e interdisciplinaridade na área*²⁸ encontramos as seguintes diretrizes: 1) a psicologia não pode prescindir de considerar as interfaces com outras áreas de conhecimento e práticas profissionais com as ciências biológicas, da saúde, sociais, sociais aplicadas, literatura, linguística, artes e outros campos das ciências humanas; 2) os programas da área comportam arranjos que requerem abordagem conjunta com outros campos; 3) a característica interdisciplinar ou multiprofissional de alguns cursos não os desmerecem diante daqueles específicos

²⁸ Recuperado de:

http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/Interdisciplinaridade_Psicologia.pdf.

em psicologia; e 4) a área não avalia negativamente um corpo docente com formação diversificada que possa, junto com doutores em psicologia, ampliar e aprofundar os conhecimentos do campo.

Este documento é apenas um exemplo, numa área específica, do que seria um incentivo à interdisciplinaridade, não somente na Área interdisciplinar. No entanto, o próprio documento reconhece que a área (no caso, a psicologia), apenas não avalia negativamente a interdisciplinaridade, estando ainda distante de uma indução encorajadora para novos programas. A maior parte dos concursos para docente nas universidades públicas brasileiras privilegia formação na área específica. É verdade que isso vem mudando ao longo dos anos, mas este histórico inibe muitos candidatos ao doutorado de realizar estudos fora da sua área de formação inicial, pelo receio de posteriormente não ser aceito nos quadros de uma instituição pública.

Contudo, não podemos negar que a capacidade de articular múltiplos paradigmas e trabalhar em uma perspectiva interdisciplinar é algo que aos poucos vai se implantando na universidade. Existe um processo de recriação da universidade brasileira a partir da perspectiva inter-transdisciplinar. O modelo da Universidade Nova (Sousa-Santos & Almeida-Filho, 2008), por exemplo, baseia-se nesta perspectiva e exige formação ampla de professores e abertura a uma diversidade de saberes incluindo os considerados não científicos. Citamos também os Bacharelados Interdisciplinares, ou seja, regimes de ciclos para a graduação, visando diversificar a formação acadêmica (Almeida-Filho & Coutinho, 2011) para além da formação meramente profissional, em consonância com as configurações das ciências contemporâneas.

Novos arranjos levam a novas formas de organização que ultrapassam disciplinas estanques e abrem caminho às perspectivas inter e transdisciplinar. Os conceitos de multi, pluri, inter e transdisciplinar caíram no uso comum sendo utilizados muitas vezes de maneira indiscriminada, sem rigor. Existe de fato uma dificuldade de conceitualização destes termos, sobretudo do mais comum, a interdisciplinaridade, amplamente utilizado em diversos contextos (Pombo, 2008).

A Capes classifica as áreas como multi ou interdisciplinar em função de questões colocadas por programas, quando de sua submissão à avaliação. Por exemplo, a área interdisciplinar reúne programas de psicanálise, gerontologia e biologia computacional. De acordo com a agência (2010): “O mais prudente é tomar tudo isso no contexto onde as acomodações ocorreram, explicadas por arranjos pragmáticos e soluções políticas para acomodar indivíduos e grupos, e não por critérios estritamente acadêmicos e científicos” (p.135). Ou seja, trata-se de arranjos políticos que ocorrem na PG, o que também acontece na classificação de linhas de pesquisa e projetos, que nem sempre privilegiam critérios estritamente acadêmicos. A própria Capes coloca-se como meta uma melhor definição do seria multi e interdisciplinar, além de buscar parâmetros mais coerentes de avaliação.

Não temos intenção de chegar a um conceito único ou de julgar qual a melhor perspectiva. Na verdade, não há uma prática certa ou errada para inter ou transdisciplinaridade, tendo em vista que existem várias formas de considerá-las. Apresentamos, resumidamente, uma classificação dos termos baseada no modelo de Jantsch (1972 citado por Almeida-Filho, 2005): a multidisciplinaridade seria a justaposição das disciplinas sem uma cooperação entre elas. A pluridisciplinaridade seria a junção de disciplinas podendo haver relações entre elas, mas sem coordenação de uma disciplina específica. Quanto à interdisciplinaridade, existiria uma problemática comum a diferentes disciplinas que se relacionam. Mais que uma junção, haveria recombinação de elementos. Por fim, a transdisciplinaridade propõe a integração das disciplinas sob uma base geral, havendo uma tendência à criação de um campo novo com autonomia teórica e metodológica em relação às disciplinas que o compõem. Uma visão transdisciplinar conduz, portanto, a uma mudança de atitude e perspectiva.

A transdisciplinaridade pode ter ainda duas conotações: a primeira em que *trans* significa “através de”, visando à construção de um eixo comum que atravesse disciplinas. No segundo sentido, *trans* quer dizer “para além”, com objetivo de propor um novo paradigma, considerando também saberes extra-científicos. Este é, por exemplo, o pensamento da teoria da complexidade.

Destacamos que o termo disciplina está na base de todas as classificações. Pombo (2008) diz que as três definições multi/pluridisciplinar, interdisciplinar e

transdisciplinar (a autora considera pluri e multi num mesmo registro) devem ser pensadas num *continuum* que vai da coordenação à combinação e posteriormente à fusão.

Klein (2011), por sua vez, propõe a divisão da interdisciplinaridade em: a) metodológica, que consiste em tomar emprestado método ou conceito de outra disciplina para verificar hipóteses ou responder questões da pesquisa; b) teórica, que evoca a elaboração de novos quadros conceituais integrando elementos de uma disciplina em outra; c) instrumental, a serviço de uma disciplina; d) crítica, que questiona estruturas dominantes com objetivo de transformar e alargar fronteiras. A autora diz que não basta ao campo ter grande amplitude para ser interdisciplinar, como querem algumas disciplinas como geografia, filosofia, literatura, antropologia, entre outras. Mesmo no âmbito da interdisciplinaridade haveria diferentes níveis de cooperação. Uma interdisciplinaridade contextualizante toma outras disciplinas em consideração, sem que elas cooperem efetivamente. Haveria ainda interdisciplinaridade estreita e ampla, sendo a primeira com disciplinas nas quais paradigmas, episteme e métodos são compatíveis e a segunda sem tal compatibilidade. Acreditamos que estas práticas descritas são bem comuns em muitas pesquisas que se declaram interdisciplinares, inclusive as do nosso levantamento.

A Capes (2010) tem o seguinte entendimento sobre pesquisa multi e interdisciplinar

Entende-se por Multidisciplinar o estudo que agrega áreas do conhecimento em torno de um ou mais temas, no qual cada área ainda preserva sua metodologia e independência.

Entende-se por Interdisciplinaridade a convergência de duas ou mais áreas do conhecimento, não pertencentes à mesma classe, que contribua para o avanço das fronteiras da ciência e tecnologia, transfira métodos de uma área para outra, gerando novos conhecimentos ou disciplinas e faça surgir um novo profissional com um perfil distinto dos existentes, com formação básica sólida e integradora (p. 135).

Portanto, interdisciplinaridade seria fusão de campos, transferência de métodos, conhecimento novo e formação de profissional diferente. Conceitos semelhantes aos já discutidos neste capítulo sempre na perspectiva de integrar, convergir, criar novos campos, ou seja, modelos que propõem diálogos, mas preservando o âmbito disciplinar. O grande desafio é como ir além das fronteiras entre disciplinas. Os problemas que a interdisciplinaridade traz ao âmbito acadêmico, discutidos

anteriormente, deve impulsionar o diálogo entre campos, bem como ressaltar a importância da pesquisa na PG, que interroga ou propõe algo diverso ou como diz um documento da área interdisciplinar

A natureza complexa de tais problemas requer diálogos não só entre disciplinas próximas, dentro da mesma área do conhecimento, mas entre disciplinas de áreas diferentes, bem como entre saberes disciplinar e não disciplinar. Daí a relevância de novas formas de produção de conhecimento e formação de recursos humanos, que assumam como objeto de investigação fenômenos que se colocam entre fronteiras disciplinares. Diante disso, desafios teóricos e metodológicos se apresentam para diferentes campos de saber²⁹

Diante dos novos fenômenos e objetos que se apresentam na contemporaneidade os modelos que demarcam a pluri, multi e interdisciplinaridade parecem descritivos e normativos e não aparentam dar conta de uma abordagem operativa transformadora. Darbellay (2011) apresenta a transdisciplinaridade como a reorganização de saberes disciplinares em vista de um objeto complexo que não se contenta com a partilha dos saberes, necessitando de um sistema de fronteiras flexíveis entre disciplinas. Por objeto complexo entende-se aquele que é múltiplo, plural, não-linear e emergente. Faz parte de um sistema de totalidades parciais e pode ser compreendido como um sistema. Ele não possibilita a predição, pode ser apreendido em múltiplos estados de existência operando em distintos níveis da realidade (Almeida-Filho, 2005).

Pensando estas questões, Schmid, Mambrini-Doudet e Hatchuel (2011) propõem uma nova lógica da interdisciplinaridade que julgamos importante apresentar aqui. Eles partem do pressuposto de que o fracasso de muitos projetos interdisciplinares está na ideia de que é possível uma compreensão entre disciplinas, podendo-se criar linguagens comuns. No entanto, em algumas situações não basta a combinação de métodos e saberes das disciplinas sendo necessário pensar numa interdisciplinaridade que se alimente, também, dessa falta de continuidade disciplinar. Mesmo a construção interdisciplinar é submetida a um controle disciplinar.

Para essa nova lógica interdisciplinar é necessária uma epistemologia autônoma em relação às disciplinas, uma epistemologia genérica ou não-*standard* que possa dar

²⁹ Recuperado de:

http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Interdisciplinar_doc_area_e_comiss%C3%A3o_block.pdf.

conta das multiplicidades históricas e disciplinares sem depender destas. Os autores dizem que as redes disciplinares não são mais suficientes e, diante disto, propõem comunidades científicas em arquipélago, ou seja, um “lugar da interdisciplina” (p.114). Distinguem interdisciplinaridade, que seria a lógica interdisciplinar a partir de uma epistemologia disciplinar, e interdisciplina uma lógica a partir desta epistemologia genérica. Tal distinção não ocorre completamente no plano empírico. A ideia já não é combinar disciplinas, mas fazer uma imersão ou percolação delas, admitindo-se fragmentos de lógica disciplinar e lógica genérica, ou seja, a possibilidade de modelos contraditórios.

Não se trata então de passar um objeto de uma disciplina para outra, mas da construção de um objeto integrativo, cujas dimensões são disciplinares. O que muda é a noção mesma de objeto e não o fato de passar de uma disciplina a outra. O conhecimento, com sua crescente pluralização, torna-se frágil e contestável, daí o paradoxal aumento do desconhecimento numa era de intensa produção e divulgação. As ciências contemporâneas promovem a construção de objetos integrativos que não podem ser abarcados nem por uma e nem pelo conjunto das disciplinas. São construídos por meio de modelagens por vezes heterogêneas, sendo aceita a incompatibilidade entre modelos. Trata-se de uma episteme que cabe bem à psicanálise, se pensarmos em todo o histórico de constituição de seu campo como apresentado nos capítulos 2 e 3.

Para Almeida-Filho (2005) os campos disciplinares não podem ser pensados sem levar em consideração os sujeitos que deles participam. Portanto, os campos não constituem estruturas, mas são constituídos por uma *práxis* científica. Não existem por si só, mas enquanto instituições compostas de sujeitos, agentes que interagem, estando as relações interdisciplinares tendendo mais ao conflito do que ao diálogo. Para que haja uma comunicação interdisciplinar é necessário produzir discursos que ultrapassem as fronteiras e se isso ocorrer é porque as fronteiras não fazem mais sentido. O autor faz uma proposta de transdisciplinaridade como comunicação, não entre campos disciplinares, mas entre agentes em cada campo “pelo trânsito dos sujeitos dos discursos” (p.43). Desta forma, os agentes que circulam nesses campos devem ser capazes de transitar entre as fronteiras, sendo “mutantes metodológicos” (p.44) com uma formação que permita tal movimento qualificado.

Bourdieu (2004) também destaca na teoria do campo que suas fronteiras não são fixas, são mais ou menos permeáveis e se dispõem ao interesse dos objetivos. Isto tem a ver com o movimento dos agentes no campo e no espaço de lutas e disputas que se desenvolvem em seu interior. Pensar em termos de campo é pensar de modo relacional, ou seja, o que constitui o mundo social não são categorias fixas ou simples relações. Desta forma, o que define a posição de um agente não são somente suas características, mas todas as relações e configurações do campo em que ele está situado (Champagne & Cristin, 2012).

Almeida-Filho e Coutinho (2013) continuam a proposta de uma visão crítica dessas classificações estabelecendo três formas de considerar a transdisciplinaridade levando em consideração objetos/situações complexas

TransD 1- Práticas para a formação curricular interdisciplinar (de operadores híbridos ou anfíbios de projetos ou programas de intervenção sobre situações de complexidade).

TransD 2- Práticas para a pesquisa interdisciplinar (de operadores híbridos ou anfíbios de projetos de projetos de conhecimento de objetos interdisciplinares ou de solução de problemas complexos).

TransD 3- Práticas para a ação interdisciplinar (projetos ou programas de intervenção sobre situações de complexidade) (p. 28).

Desta forma, e para os autores, inter e transdisciplinaridade seriam estratégias de articulação ou formação do conhecimento, não se configurando como um campo próprio de saber

considerar campos interdisciplinares estruturados por objetos e métodos de campos disciplinares ou de práticas justifica-se plenamente, de um ponto de vista lógico e epistemo-metodológico. Mas nada justifica um gueto disciplinar chamado 'a interdisciplinaridade' ou 'a área interdisciplinar', como um espaço residual e delimitado, onde se agrupam e se isolam saberes e práticas que não cabem nos campos disciplinares convencionais (p. 28).

Destacamos aqui o pensamento de Althusser na nota introdutória ao texto *Três notas sobre a teoria dos discursos*, de 1966. Os organizadores pontuam que Althusser redigiu naquele ano uma circular, nunca publicada, sobre a importância da formação de grupos de trabalhos teóricos. Ele defendia que esses grupos não poderiam constituir-se simplesmente baseados nas disciplinas já existentes, por sua conformação fragmentada que mascara os problemas teóricos nas ciências humanas. Portanto, um grupo de trabalho teórico não deve constituir-se em torno de

uma disciplina ou de um tema interdisciplinar, mas em torno de um objeto teórico, de um problema teórico que poderá perpassar diversas disciplinas. Althusser condenava a interdisciplinaridade, pois para ele não se pode construir um objeto interdisciplinar reunindo fragmentos de teorias contraditórias. Um pensamento de meados do século XX mostrando a atualidade da discussão apresentada aqui por autores contemporâneos.

A psicanálise parece exigir uma abordagem transdisciplinar, de modo a que seus agentes possam estar aptos para o trânsito, como era a vontade de Freud (1913, 1919, 1926). Péquignot (2006) afirma que a psicanálise subverte fronteiras disciplinares ao constituir um novo objeto, presente em todos os fenômenos humanos, qualquer que seja sua natureza. Como temos visto desde o início deste trabalho, sempre foi uma característica da psicanálise esta relação com outros saberes (Assoun, 1997). Mais do que uma simples relação, ou ampliação de suas fronteiras, concordamos com os autores que há um caráter subversivo, criando-se algo a partir do inconsciente e da falta, e não a partir do já sabido. Diante dessas características, voltamos ao levantamento das teses para examinar a diversidade das pesquisas em psicanálise na universidade brasileira.

5.2 LUGARES DA PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE

Lembramos que há apenas um PPG em psicanálise localizado na Área interdisciplinar da Capes. Trata-se do PPG *Psicanálise, Saúde e Sociedade*, de uma IES privada, a Universidade Veiga de Almeida (UVA), apresentado no terceiro capítulo. Esse programa oferta cursos de mestrado profissional e doutorado, tendo a psicanálise como eixo de articulação para promoção da interdisciplinaridade podendo assim sustentar o debate interdisciplinar com as áreas da saúde, sociedade e das artes³⁰.

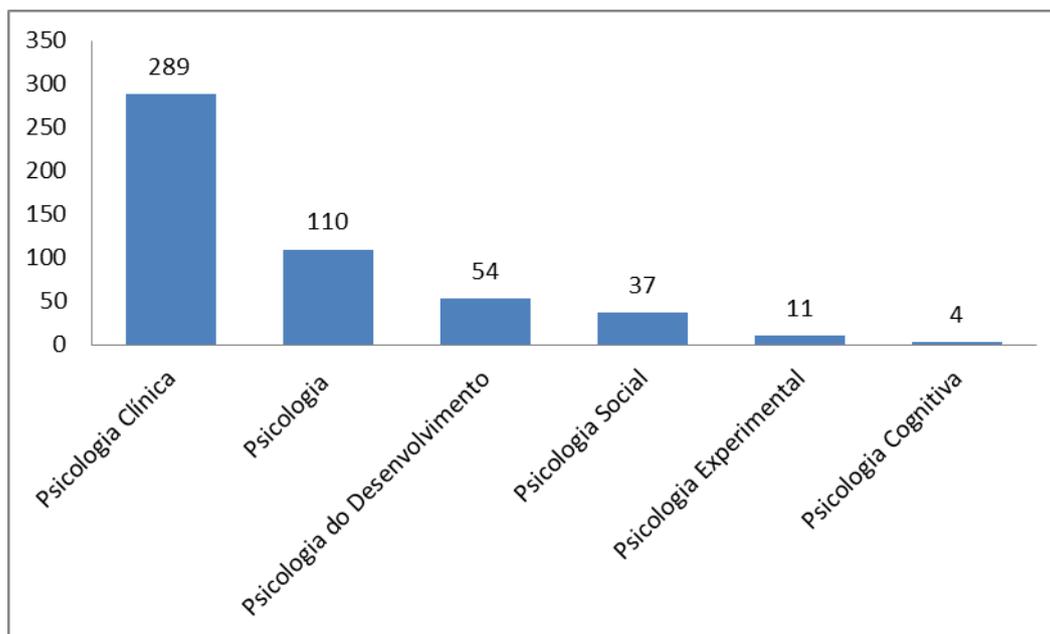
Além dele, existe mais três PPGs específicos, como mostramos anteriormente. Encontramos teses em psicanálise distribuídas em 21 áreas do conhecimento,

³⁰ Recuperado de: <http://www.uva.br/cursos/mestrado-e-doutorado/doutorado-em-psicanalise-saude-e-sociedade>.

incluindo a própria psicanálise. Faremos um resumo dos achados em cada uma das áreas em relação às suas temáticas, método e referências. A tabela presente no apêndice 2 nos dá uma dimensão da distribuição das teses pelas diversas áreas e IES.

Iniciaremos pela área com o maior número de teses, a psicologia, responsável por estreitas relações com a psicanálise, muitas vezes confundindo fronteiras. Os PPGs em psicologia contam com 505 teses, sendo a sua maioria nas seguintes IES: USP, PUC-SP e PUC-RJ, instituições que historicamente são pioneiras na inserção da psicologia e da psicanálise na universidade. O gráfico abaixo mostra a distribuição das teses dentro das subáreas da psicologia.

Gráfico 6 - Distribuição das teses em psicanálise na Área da psicologia



Percebemos diversidade de ocorrência, embora exista um predomínio, já esperado, da psicologia clínica. Dentre as 505 teses em psicologia, 57,3% estão localizadas em programas com área ou linha em psicologia clínica. Historicamente a inserção da psicanálise na universidade brasileira ocorre no âmbito da psicologia clínica. No entanto, a psicologia do desenvolvimento também apresenta ligações históricas com a psicanálise. Essas relações já foram identificadas em pelo menos um estudo no Brasil (Barros, 2013). Ao examinar os resumos de todas as dissertações em psicologia do desenvolvimento no Brasil no triênio 2007-2009, o autor encontrou significativa presença de dissertações em psicanálise nessa subárea da psicologia.

Metade das teses da referida subárea versa sobre infância, adolescência, relações familiares, temas tradicionalmente discutidos pela psicologia do desenvolvimento como já apontado por Barros (2013) e Lopez (2015). Pudemos também observar a presença da psicanálise nos PPGs de psicologia experimental e psicologia cognitiva, subáreas que tradicionalmente estão bem distantes da psicanálise, mas têm em seus programas linhas de pesquisa que contemplam pesquisas em psicanálise. São as linhas *Problemas Teóricos e Metodológicos da Pesquisa Psicológica* no PPG de psicologia experimental e *Comunicação oral e escrita* no PPG de psicologia cognitiva. Esses dados mostram que na universidade brasileira a psicanálise vai conquistando espaço, abrindo caminhos em diversas áreas dentro e fora da psicologia.

Quanto ao método, a maior parte das pesquisas são estudos de caso e pesquisas teóricas. O estudo de caso é um desenho metodológico tradicional nas ciências humanas e particularmente na psicologia, sobretudo no âmbito da clínica, que é a subárea com maior número de teses. Em relação aos instrumentos de pesquisa, a maior parte das teses utilizaram entrevistas ou análise de casos clínicos, aplicação de testes psicológicos e análise de obras literárias. Uma quantidade significativa, 260 teses, não explicitaram método. No que diz respeito ao referencial teórico, dentre os autores da psicanálise destacam-se Freud, Lacan, Winnicott, Bion e Ferenczi, em ordem dos mais citados. Dentre os autores da filosofia e sociologia figuram Foucault, Guatarri, Deleuze, Adorno, Heidegger, Bauman, Horkheimer, Marx, Benjamin, Wittgenstein, Merleau-Ponty, Goffmann, Nietzsche e Kierkegaard. Da linguística encontramos Pêcheux, Lemos e Bakhtine. Aparecem também referências a Piaget e Vigotski.

Os temas mais estudados são os que concernem à prática clínica, questões referentes ao corpo, feminilidade, psicose, violência, depressão, autismo, maternidade, relação mãe-bebê, religião, educação (processos de aprendizagem, dificuldades, fracasso escolar), função paterna, mas também linguagem, escrita.

Ao ler os títulos e resumos das teses, percebemos novamente a intensa relação psicanálise - psicologia o que nos leva a questionar o que seria próprio de cada campo. Uma tese em um PPG em psicanálise pode muito bem figurar em um PPG de psicologia clínica, por exemplo. O que vemos muitas vezes é uma mistura de

termos e conceitos tradicionalmente psicológicos como percepção, sensação, memória, personalidade. Mas estes não seriam termos também utilizados pelos primeiros psicanalistas e até mesmo por Freud, que toma conceitos de campos diversos para fundar a psicanálise?

Quanto aos testes psicológicos, estes sim são específicos da psicologia, sendo seu uso restrito aos psicólogos. Mas os fundamentos do Rorschach, assim como de muitos outros testes psicológicos não são psicanalíticos? Em relação à psicologia clínica, as imbricações são ainda maiores. Retomamos as ideias de Anzieu (1979) de que a psicologia clínica toma emprestado os conceitos psicanalíticos para respaldá-la. Freud estabelece um modelo clínico de tratamento e investigação do psiquismo inédito e que vem influenciar toda uma gama de novas abordagens que foram surgindo ao longo do século XX. Ele mesmo afirmava que a psicanálise seria uma espécie de “psicologia das profundezas”, para marcar as diferenças da psicologia vigente na época que não era clínica e sim experimental. O dispositivo de tomar o paciente em escuta como via para o tratamento de transtornos psíquicos está na base de boa parte das abordagens psicológicas clínicas, sendo algumas iniciadas por dissidentes do movimento psicanalítico.

Alguns exemplos retirados das teses analisadas mostram misturas na utilização de métodos, termos e teorias. Uma tese em psicanálise traz como subtítulo “um estudo psicológico”; um trecho de um resumo de uma pesquisa se baseia na etnopsicanálise e diz “Esta pesquisa foi realizada na área da psicologia clínica, pois este é o campo privilegiado do estudo da subjetividade e das relações intersubjetivas”. Continuando com exemplos de resumos e títulos: “Intervenção psicológica no sofrimento psíquico”, “Avaliação dos resultados em psicoterapia psicanalítica”, “Posição do analista na relação terapêutica” e “uma proposta de prática psicológica”. Estas são questões que remetem à constituição dos campos psicológico e psicanalítico, e que não são objeto deste estudo, embora tenhamos discutido brevemente no terceiro capítulo aproximações entre psicanálise e psicologia na universidade. O que nos interessa aqui é mostrar que isso aparece nas teses, nas produções científicas desses campos e que, de certa forma, essas (con)fusões fazem parte do campo psicanalítico universitário no Brasil.

A segunda área preferencial é educação, que conta com o maior número de teses depois da psicologia (103) em sua maioria na USP, UFGRS e Unicamp. Trazem como referenciais principais Freud e Lacan e autores tradicionais do campo como Piaget, Vigotski, Wallon e Paulo Freire. Também aparecem autores da filosofia como Hegel, Bachelard, Foucault, Deleuze e Morin, bem como da linguística como Pêcheux, Jakobson, Benveniste e Saussure. Metade das teses informou o método, especificando instrumentos de pesquisa, em sua maioria análise de entrevistas ou casos clínicos, mas também filmagens, grupos focais, observação participante e relato da história de vida.

Encontramos temas clássicos da educação como: inclusão escolar, formação de professores, relação professor/aluno, prática docente, violência escolar, fracasso escolar, dificuldades de aprendizagem, aquisição da leitura e escrita e psicopedagogia. Boa parte das teses que versam sobre temas da infância estão nesta área. Destacamos uma pesquisa sobre o desejo de saber na abordagem da multireferencialidade (envolvendo neurofisiologia, filosofia, psicanálise e etnologia da educação).

A área seguinte é letras/literatura com 87 teses em sua maioria na USP, UFMG e UFRJ, tendo como principais referenciais psicanalíticos Freud e Lacan. A maior parte das teses são análises de obras literárias, o que caracteriza essa área como a que abarca mais temas de seu próprio domínio. Temas como desejo, sujeito, melancolia e feminilidade são abordados por meio da literatura. Ou então, temas como morte, amor, guerra, adolescência presentes nas obras literárias, além de análise da vida e obra de autores e até mesmo de Freud como escritor. Os autores mais estudados são Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Machado de Assis, mas encontramos referências a outros como: Baudelaire, Sade, André Gide, Joyce, Flaubert, Proust, Goethe, Mallarmé, Luigi Pirandello, José Saramago, Fernando Pessoa, José de Alencar, Graciliano Ramos, Nelson Rodrigues, Ferreira Gullar, Raul Pompeia, Mário de Andrade, Amílcar de Castro, Luiz Alfredo Garcia-Roza, Dennis Lehane, Lidia Jorge, Robert Musil, Pascal Quignard, Lya Luft, Lobo Antunes, Maria de Lourdes Hortas, Pepetela, Affonso Romano de Sant'Anna, Sonia Coutinho, Lucio Cardoso e Italo Svevo. Encontramos ainda temas como linguagem e discurso, função do analista, função da escrita e psicose.

No Brasil, as relações com a literatura são particularmente importantes, pois historicamente uma das formas de difusão das ideias psicanalíticas no início do século XX deu-se por meio de movimentos literários como o Modernismo e de obras de escritores que se utilizavam da psicanálise, como já discutido no terceiro capítulo. Portanto, psicologia, educação e letras/literatura são as áreas que concentram a maior parte das teses psicanalíticas, sendo campos que sempre estabeleceram relações com a psicanálise desde sua constituição.

A próxima área que discutiremos é a filosofia com 49 teses entre as seguintes IES: UFSCAR, UNICAMP e USP. Entre os referenciais destacam-se Freud e Lacan e dentre os autores da filosofia citamos Nietzsche, Schopenhauer, Foucault, Wittgenstein, Hegel, Merleau-Ponty, Kuhn e Heidegger. A partir dos resumos pudemos inferir que são teses teóricas. Verificamos teses sobre: epistemologia psicanalítica, metapsicologia, conceitos de inconsciente, ego, percepção, narcisismo, sujeito, pulsão, realidade psíquica. Outras sobre a influência de um determinado autor na psicanálise como Heidegger, Hegel e autores de tradição britânica como Stuart Mill e Hughlings Jackson. Encontramos uma tese sobre o conceito de ego na interface neurociência cognitiva e psicanálise. O PPG que mais produz em filosofia (na UFSCAR) tem uma linha intitulada: *A circunscrição conceitual da subjetividade na Psicologia, na Psicanálise e nas Ciências Cognitivas*. Encontramos também duas teses no PPG de Lógica e Filosofia da Ciência da UNICAMP, uma sobre a noção de sentido e outra sobre o conceito de inconsciente.

Os PPGs de linguística contam com 42 teses em sua maior parte da PUC-SP. Os principais referenciais são Freud e Lacan e autores da área como Lemos, Pêcheaux, Greimas, Bahktin e Benveniste. Boa parte das teses não explicita o método, mas encontramos análise de produções escritas, casos clínicos, análise de obras literárias, de filmes e entrevistas. As teses versam sobre temas da área como aquisição da linguagem, ensino da língua, clínica da linguagem, surdez, dificuldades na linguagem, interfaces com a fonoaudiologia e pedagogia, além de escrita, poética, análise da obra de autores como Fernando Pessoa, Guimarães Rosa e James Joyce. Algumas são embasadas na análise de discurso da escola francesa.

Comunicação, próxima área a ser apresentada, conta com 37 teses em sua maioria na PUC-SP e UFRJ. Poucas explicitaram método, mas algumas informam

instrumentos como análise de programa de TV, de pinturas, de peças teatrais, de obras de artes plásticas. Entre os referenciais encontramos Freud e Lacan e autores da área como Peirce, e da filosofia como Foucault, Deleuze, Morin e Heidegger.

Uma das primeiras teses em psicanálise foi em comunicação, escrita em 1988 versando sobre psicanálise e cinema, tema que aparece mais duas vezes neste grupo de teses. Outro tema importante é a literatura com análise de autores como Borges, Nelson Rodrigues, Hilda Hilst, Noema Grinberg e Sergio Fingermann. A temática perpassa algumas áreas, como já vimos, desde literatura, linguística e psicologia. A perspectiva teórico-clínica pouco aparece e geralmente privilegia a questão do discurso na psicanálise, seja examinando a importância da fala e da linguagem dos sonhos em sua interpretação, para citar alguns exemplos. Nessa área, a ênfase é na análise de contextos sociais, de meios de comunicação como jornais, programas televisivos, peças teatrais e filmes. Além desses, a mídia e a publicidade são contempladas. Temas psicanalíticos são analisados a partir dos contextos próprios à comunicação e pelo viés da semiótica, tema do PPG da PUC-SP (*Comunicação e Semiótica*) com destacada produção em psicanálise.

Na área da saúde comparecem os PPGs de medicina, enfermagem, saúde pública e saúde coletiva. Juntos, eles somam 89 teses, um número expressivo, o que confirma a saúde como área de amplas e históricas interações com a psicanálise. A saúde coletiva é a área que conta com mais teses. São 37, das quais 35 na UERJ e as outras duas na USP e Unicamp. 29 resumos não mencionam método e, dentre as restantes, encontram-se pesquisas teóricas e casos clínicos. Entre os principais autores citamos Freud, Winnicott e Lacan. Estão presentes aí autores da filosofia como Foucault, Bauman, Hegel, Deleuze e Merleau-Ponty e sobre a obra de Slavov Zizek, autor contemporâneo. Os temas da área são contemplados como: HIV/AIDS, drogas, saúde mental no trabalho, violência e questões do corpo relacionado à tecnologia e medicina.

Em seguida estão as teses em psiquiatria/saúde mental (23) entre as IES: UFRJ, UNICAMP, USP e UNIFESP. Um dado interessante é que 13 teses dizem seus métodos no resumo predominando o método clínico com análise de casos ou entrevistas. Entre os referenciais destacam-se Freud e Lacan. Temos 13 teses do antigo programa *Psiquiatria, Psicanálise e Saúde Mental* da UFRJ. Destacamos as

teses sobre ensino da psicanálise, formação do analista e uma sobre história em quadrinhos (avaliando questões como o mito do herói) que fogem um pouco das outras temáticas encontradas (e típicas da área) como psicose, transtorno borderline, alcoolismo, toxicomania e as temáticas da clínica (assistência psiquiátrica, psicoterapia breve, clínica com crianças, clínica institucional).

Seguimos com as teses dos PPGs de medicina/ciências da saúde: 17 teses na USP, UNICAMP e UFMG, tendo como referências principais Lacan, Freud e Bion. Em relação a método somente uma tese não traz a informação, uma tendência que não vinha sendo observada nas teses anteriores. Os PPGs das ciências da saúde em geral são bem rigorosos no que diz respeito ao método. Há uma tradição das pesquisas explicitarem seus delineamentos até para garantir na comunidade científica a validade do que estão pesquisando, algo bem importante no campo. Entre os métodos destacam-se os casos clínicos em pesquisas clínico-qualitativas.

As teses evidenciam fenômenos da medicina, analisados pela psicanálise: doenças psicossomáticas, degenerativas, menopausa, disfunção erétil, asma e obesidade. Ressaltamos uma tese que foge ao padrão: sobre o pensar, na interface da filosofia (Heidegger), da pedagogia (Freire) e da psicanálise (Freud, Klein e Bion). Destaque para teses que apresentam formatos diferentes: uma pesquisa em medicina em que a psicanálise entra como referencial para análise de casos clínicos de gastroenterologia, escrita em primeira pessoa (o que não é comum em nenhum PPG) a partir de um método chamado pelo autor de auto-organização. E uma tese de 1994 sobre toxicomania em interface com o mito de Baco também escrita em primeira pessoa. Uma tese na neurologia mostra efeitos do atendimento psicanalítico em pacientes com doenças neurológicas de origem genética apresentando efeitos/melhoras dos pacientes, remetendo à questão da análise de eficácia em pesquisas psicanalíticas.

Em seguida, a saúde pública conta com 11 teses distribuídas entre FIOCRUZ, USP e UNICAMP. Os métodos citados são o clínico-qualitativo, estudo de caso e etnográfico. Entre os autores Freud, Winnicott, Ferenczi, Stern, José Gil, Foucault e Latour cada um com uma referência. Os temas versam sobre promoção de saúde no contexto do uso de drogas na adolescência (uma delas com interface com a fenomenologia) e vínculo mãe-bebê. Outras tratam de história da psiquiatria e da

psicanálise e história da medicina no judaísmo. Encontramos também o conceito de transferência, o cuidar na psicanálise e na educação, em interlocução com filosofia. Destaque para uma tese em 2001 sobre corpo e tecnociência, com foco no diagnóstico de câncer por exame genético, um tema bastante atual.

Por fim, temos uma única tese em enfermagem na UNIFESP em 2003 sobre aspectos da corporalidade na adolescência com referencial winnicottiano, utilizando o procedimento de desenhos-estória e entrevistas.

Encerramos a área da saúde e passamos às ciências sociais/sociologia com 14 teses, a maioria na PUC-SP. Entre os referenciais além de Freud, Lacan e Foucault, encontramos autores da área como Bourdieu, Simmel, Morin, Elias, Rouanet e Agamben. Algumas teses mostram interface com a dimensão sociocultural, indicando em seus títulos: “diálogos entre a sociologia e a psicanálise”, “abordagem sócio-psicanalista”, aproximação de determinado autor com a psicanálise, diálogo entre psicanálise e ciências humanas, por exemplo. Privilegiam-se temas socioculturais como tortura, violência, guerra, religião, crime, poder e política. Destacamos duas teses sobre história da psicanálise no Brasil nos estados da Paraíba e do Espírito Santo.

Na antropologia, encontramos duas teses na UFRJ: uma sobre psicanálise e religião e outra conceitual sobre ética em Lacan. Em história aparecem quatro teses, uma na UFBA, uma na UFF e duas em história social na USP. Em uma delas o método histórico-psicanalítico é observado; em outra, o história-oral, mas também encontramos referências a entrevistas como instrumento utilizado. Freud e Lacan são os referenciais de duas das teses e Marc Bloch, autor consagrado da história é citado uma vez. Os temas versam sobre historiografia da cultura, história da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro, história da cidade de Olinda (esta tese se propõe interdisciplinar entre história e psicanálise) e uma sobre adolescência, a partir análise de um texto do historiador medieval francês Guibert de Nogent.

Na área do direito, encontramos quatro teses na UFSC, UFPR, PUC-SP e USP, uma em cada. Três propõem temas do direito comentados pela psicanálise: uma sobre o sentido da lei, outra sobre a decisão judicial como significante e outra sobre direito como campo de gozo. Uma tese refere estudo interdisciplinar sobre o direito de família. Nenhuma menciona método e os referenciais são Freud e Lacan.

No campo das artes temos cinco teses sendo três em artes cênicas: USP, UFBA e UFMG, e duas em artes visuais, na UFRJ e UFRGS. Somente uma explicita o método, a saber, a etnocenologia, tese da UFBA. Entre os autores Freud, Lacan e autores do campo como Armino Bião, Mitchell, Mondzain, Artaud e Grotowski. As teses versam sobre o corpo em perspectiva psicanalítica, e formação do ator, arte contemporânea e imagem nas esculturas.

A próxima área é uma das mais recentes e a que mais cresce no âmbito da PG brasileira, como já comentado no início deste capítulo: a interdisciplinar. Aqui temos três teses nos anos de 2007, 2009 e 2012 na UFSC, em um PPG denominado Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas. A única tese que explicita o referencial teórico utilizou Foucault e Canguilhem. Trata-se de uma pesquisa documental em periódicos brasileiros, sobre a constituição da psiquiatria e da psicanálise como dois campos na fronteira entre ciências humanas e biomédicas. A outra é uma etnografia psicanalítica sobre homossexuais masculinos e a terceira sobre a constituição do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) na interface direito e psicanálise.

Até aqui vimos áreas tradicionais que estabelecem relações com a psicanálise, como psicologia, educação, literatura, medicina, artes, entre outras. Agora vejamos algumas áreas nas quais não esperávamos encontrar teses de psicanálise. Vamos começar pelas neurociências. Aqui temos as duas teses intituladas psicanalíticas do PPG Neurociências e Comportamento, do Instituto de Psicologia da USP. Uma versa sobre o papel da experiência como organizadora do sentido, tendo Freud como referencial. A segunda é uma pesquisa bibliográfica sobre implicações da experiência vincular entre o bebê e o cuidador primário (mãe), nas etapas iniciais do desenvolvimento humano com referencial winnicottiano.

As ciências da religião contam com duas teses: uma na Universidade Metodista de São Paulo e outra na Escola Superior de Teologia no Rio Grande do Sul. As duas são pesquisas teóricas, uma sobre concepção de Deus e de religião no pensamento de Lacan e a outra sobre conceitos de onipotência e desamparo na teoria freudiana para falar do ser humano e do religioso. A terceira área não esperada é a educação física com uma tese apenas, de 2012, na Unicamp. Trata-se de um estudo de caso tomando o caso de uma atleta e tendo a teoria freudiana como referência. O foco é

a vivência da angústia considerando o conceito de sujeito da psicanálise. E por fim uma tese no PPG de engenharia e gestão do conhecimento da UFSC, em 2011, sobre mídias digitais e desejo, articulando Freud, Lacan, Foucault e Zizek. A tese não explicita método, mas infere-se que é uma pesquisa teórica.

Não temos a intenção, neste trabalho, de examinar cada área especificamente ou a produção em cada IES. O nosso objetivo é apresentar de forma ampla a configuração atual da psicanálise por meio de pesquisas universitárias, o que se produz, o que captura o interesse de pesquisadores/professores/analistas.

Ao analisar este material, percebemos que poucas teses (apenas 19, excluindo as do PPG Interdisciplinar da UFSC) trazem em seus títulos, palavras-chave ou resumo o termo interdisciplinar e/ou transdisciplinar. Alguns exemplos de teses que se autodeclaram interdisciplinares: uma em psicologia experimental que faz abordagem interdisciplinar entre psicanálise e etologia, e outra em psicologia clínica que diz em seu resumo: “elaboramos uma rede teórica interdisciplinar, que integrou conhecimentos provenientes do campo das terapias familiares, da sociologia, da antropologia e da psicanálise de Donald Winnicott”; outra em psicologia cujo título é: “O diagnóstico transdisciplinar em psicopatologia”. Um outro traz no resumo: “buscamos construir uma perspectiva transdisciplinar, na qual a clínica busca múltiplas referências em campos como a filosofia, a arte”.

Destacamos ainda uma tese na literatura: “Fundamenta-se em uma leitura interdisciplinar em que, a par com os saberes da teoria estética, busca amparo na teoria Lingüística, na Antropologia de Levi-Strauss e na Psicanálise”. Uma em letras tem como objetivo “apresentar um novo modelo de aproximação crítica do texto literário a partir da teoria psicanalítica que se sustente no diálogo transdisciplinar”. Outras três teses, agora na educação, se autodeclaram interdisciplinares como vemos nos fragmentos de resumos: “analisar as relações entre o saber psicanalítico - numa abordagem interdisciplinar com as teorias de linguagem”; “um estudo interdisciplinar, que relaciona as áreas de Psicanálise, Aquisição de Linguagem e Linguística” e “também fazemos passagens constantes de uma disciplina a outra que pode se justificar pela exigência transdisciplinar que a temática do trabalho infantil abre e impõe” e “A pesquisa apresenta reflexões, análises e experiências tendo como foco os olhares das crianças sobre a cidade de Porto Alegre a partir de

articulações transdisciplinares entre psicanálise, educação, arte, cultura, história e urbanismo”. Uma tese informa estudo interdisciplinar sobre o direito de família “análise interdisciplinar com vistas à eficácia e sensibilização de suas relações no Poder Judiciário”. Em outra da linguística, diz no resumo: “Trata-se de uma abordagem transdisciplinar, que abrange questões e conceitos da Linguística Aplicada, da Análise do Discurso e da Psicanálise”.

Os conceitos de inter e transdisciplinaridade são diversos como já apontamos e sem acesso ao conteúdo da tese na íntegra torna-se impossível verificar se há ou não de fato um estudo inter ou transdisciplinar ou em que conceitos de inter e trans a tese se baseia. Apesar da pouca quantidade de teses apresentadas acima, existe um fato concreto: somente 125 teses estão em programas específicos de psicanálise, estando as outras 950 espalhadas por diversas áreas (com predomínio da psicologia). Vimos nas descrições das teses em literatura, medicina, comunicação, filosofia, relações com a psicanálise mais esclarecidas e explicitadas, o que não ocorre em áreas como a psicologia, em que há bastante mistura entre saberes e conceitos.

Trazemos aqui o pensamento de Mijolla-Mellor (2004) que propõe a noção de interações da psicanálise, pois um objeto como o inconsciente proporciona as mais diversas conexões. Ao invés de pensar em aplicações da psicanálise, a autora prefere o termo interações, pois antes de interessar a outros campos a psicanálise se interessa por outros saberes. Um modelo baseado na proposta freudiana já discutida no segundo capítulo que iremos retomar a seguir.

5.2.1 Freud e a interdisciplinaridade na universidade

O método psicanalítico se beneficia do contato com outros campos e a pesquisa em psicanálise apresenta-se interdisciplinarmente, desde Freud, atravessando diversos saberes, sendo tributária das artes, das ciências e das humanidades. Ao longo da obra freudiana, encontramos menções a uma conformação interdisciplinar por meio dos saberes a que Freud recorre, bem como àqueles com que estabelece relações. Ao enfatizar as múltiplas e recorrentes interfaces com outros saberes acadêmicos, é importante retomar o texto *O interesse da psicanálise* (1913/2012), já abordado anteriormente neste estudo.

Nele, vemos o Freud interdisciplinar *avant la lettre* que considera as positivas e “inesperadas relações” que a “jovem ciência” pode aportar “para outros profissionais além dos psiquiatras” (p.330). Ele inicia pela psicologia, considerando que a maioria dos psiquiatras e neurologistas fazem forte oposição à psicanálise. Seu argumento principal diz respeito ao fato de que há um “grande número de fenômenos ligados à expressão corporal e à linguagem, e também processos de pensamento – tanto em pessoas normais como doentes –, que até agora não foram objeto da psicologia” (p.330). Além disso, advoga uma linha de abordagem psicológica, advinda das descobertas psicanalíticas, que nem mesmo cem anos depois parece ter sido suficientemente explorada: o estudo de fenômenos descritos por ele nos quais “tanto os processos normais como os patológicos obedecem às mesmas regras” (p.331): atos falhos e sonhos são amplamente explorados e “constituem a mais relevante contribuição da psicanálise à psicologia” (p.335).

As relações entre psicanálise e psiquiatria também são desenvolvidas por Freud posteriormente nas *Conferências Introdutórias a Psicanálise* (1917/2014) num trecho intitulado *Psicanálise e Psiquiatria* em que ele não opõe as duas ciências, mas as coloca numa posição de complementaridade

(...) não há, na essência do trabalho psiquiátrico, nada que poderia se opor à pesquisa psicanalítica. Logo, são os psiquiatras que se opõem à psicanálise, e não a psiquiatria. A psicanálise está para a psiquiatria assim como a histologia para a anatomia; uma estuda a forma exterior dos órgãos, ao passo que a outra se dedica ao estudo de sua constituição a partir dos tecidos e células. Não se pode conceber uma contradição entre estudos que dão continuidade um ao outro (p. 341).

Voltando ao texto de 1913, *O interesse da psicanálise*, nosso interesse maior recai sobre o item “O interesse da psicanálise para as ciências não psicológicas”, no qual destacará as seguintes disciplinas acadêmicas: ciência da linguagem, filosofia, biologia, história da evolução, história da civilização, estética (na qual trata das artes), sociologia, pedagogia. Os campos que Freud enumera aí encontram correspondência com os campos nos quais as teses brasileiras em psicanálise têm sido produzidas, um século depois.

O objetivo deste trabalho não é discorrer detalhadamente sobre as interações da psicanálise com outros saberes, mas antes indicar a originalidade de Freud de criar uma ciência interdisciplinar em uma época marcada pela disciplinarização, fragmentação e cientificismo. Não é somente a tão discutida organização

interdisciplinar da psicanálise antevista por Freud que nos chama a atenção, mas a interdisciplinaridade na universidade, no ensino e na formação dos analistas.

Destacamos dois exemplos. Inicialmente em *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?* (1919/2010), no qual ele defende que seria benéfica a inserção da psicanálise na formação do médico e não somente deste profissional, mas de outras áreas, de início na formação médica, visando suprir lacunas no ensino que tem sido unilateral em relação aos fatores psíquicos nas enfermidades e seu tratamento. Em seguida, na psiquiatria que na época freudiana era meramente descritiva. Ele também propõe a psicanálise como propedêutica para literatura, artes, história, filosofia, religião.

Freud defende a psicanálise na universidade, mas enfatiza que a universidade não forma o psicanalista. É incontestável que o método psicanalítico traz benefícios para a universidade, tal como já previa Freud desde essa época. Como comprova a história, a psicanálise precisou, sim, bastante da universidade, inicialmente como divulgação e hoje como produção de conhecimento. Mesmo se um analista não se forma nos bancos universitários, é impossível se pensar hoje que a universidade não se beneficie das contribuições da psicanálise.

Encontramos o segundo momento no texto *A questão da análise leiga* (1926/1996), em que Freud diz que, se houvesse uma “faculdade de psicanálise” (p.236), seriam necessárias muitas matérias da Faculdade de Medicina, especificamente psiquiatria, biologia, psicologia das religiões e literatura. O texto é rico em abordar relações com outros saberes. Freud comenta que colegas doutores em filosofia ou pedagogos, assim como pessoas leigas, submetidas à análise e à formação completa, podem tornar-se psicanalistas mais competentes que os médicos que não fazem esta formação. Em seguida, ele argumenta: “Como uma ‘psicologia profunda’, uma teoria do inconsciente mental, pode tornar-se indispensável a todas as ciências que se interessam pela evolução da civilização humana e suas principais instituições como a arte, a religião e a ordem social” (p.238).

No Apêndice, escrito em 1927, Freud acrescenta à paleta de conhecimentos necessários à formação analítica os seguintes campos: “elementos das ciências mentais, da psicologia, da história e do estudo da evolução” (p.242). Em relação a

uma suposta predominância do ensino médico, ele adverte: “que analistas médicos não formados eram ainda mais perigosos que os leigos” (p. 246).

Destacamos ainda que o programa de estudos do Instituto de Berlim, descrito no relatório redigido em comemoração aos 10 anos da instituição, contemplava a necessidade dessa ampla formação descrita por Freud. Encontramos cursos de História da Civilização, Psicologia dos Povos, Sociologia e Teoria das Ciências para aprofundar o conhecimento em ciências humanas dos candidatos médicos. Em contrapartida, candidatos não-médicos cursavam Biologia, Psicologia, Sexologia, Patologia e Psiquiatria. A maioria dos que procuravam o Instituto eram médicos, mas encontramos também religiosos e pessoas de diferentes profissões como Serviço Social, Letras, Enfermagem, Pedagogia, Engenharia. Encontravam-se ainda cursos cujos temas eram: “A aplicação da psicanálise nas ciências humanas”; “O lugar da psicanálise nas ciências e na cultura”; “Aplicação da psicanálise nas obras literárias e artísticas” e “O simbólico e sua utilização artística” (Müller-Braunschweig, 1985, pp. 79 -80).

Sobre temas específicos, encontramos cursos de psicanálise e sociologia nos quais se destacam os seminários: “Os problemas sexuais sociais e sua significação para a prática psicanalítica”, “Pontos de vista psicanalíticos sobre as relações entre seres humanos”, “Formas de expressão do inconsciente na cultura atual”; em direito e criminologia: “A teoria psicanalítica do crime”, “Grupo de trabalho em criminologia”; em filosofia: “Filosofia da psicanálise”, “Para introduzir o estudo das questões que tocam a filosofia e a psicanálise”; em religião: “Relações entre psicanálise, crença religiosa e pastorado”, “Relações da psicanálise ética e religião”, “A significação dos conflitos religiosos para a terapia psicanalítica”, “Introdução à psicologia psicanalítica da religião”, “Tratado fundamental de análise da religião”; e no campo da educação: “Grupo de trabalho sobre a psicologia psicanalítica da infância e da adolescência”, “Grupo de trabalho pedagógico” (pp. 80-81).

Voltemo-nos agora para o movimento dos agentes que constituem o campo psicanalítico universitário. Dentre a formação dos doutorandos dos PPGs em psicanálise encontramos diversas áreas: comunicação, filosofia, letras, medicina, serviço social, direito, história, matemática, musicoterapia e teologia. A área que mais aparece é a psicologia. Encontramos também profissionais com múltipla

formação como: comunicação-psicologia, direito-psicologia, filosofia-psicologia, letras-filosofia, psicologia-serviço social, psicologia-história, psicologia-filosofia, psicologia-musicoterapia, psicologia-matemática, psicologia-teologia. Destes, 39 se apresentam como psicanalistas, sobretudo dentre os psicólogos. Essas informações foram obtidas através do Currículo Lattes desses profissionais, ressaltando que dos 125, apenas de seis deles não conseguimos a informação desejada. Esses dados remetem à disposição do campo psicanalítico no Brasil, de aproximações com a psicologia, como já discutimos, mas também nos remetem à formação mais ampla, interdisciplinar.

A diversidade de saberes está na gênese da psicanálise e uma formação plural era incentivada por Freud, ele próprio precursor de pesquisas inovadoras estabelecendo relações da psicanálise com outros saberes. Se por um lado, tal diversidade proporciona uma abertura ao diálogo e à interdisciplinaridade, por outro, reabre debates sobre o estatuto da psicanálise, do seu lugar perante as ciências, ou de onde podemos situá-la.

5.3 PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE: UM ENTRELUGAR

Na opinião de Garcia-Roza (1994), a psicanálise corre o risco de perder sua identidade. No meio psicanalítico, sua presença na universidade é criticada por uma suposta submissão ao discurso científico da psicologia. Por outro lado, psicólogos a recriminam de ser não-científica. Por conta dessas relações com outros campos de conhecimentos, ela vive no “entre-dois”, entre as disciplinas que a constituem e com as quais se relaciona. O mesmo autor em outro texto (1987) já apontava estas questões ao indagar: onde situar a psicanálise?

A resposta pode ser: em nenhum lugar preexistente. A psicanálise estaria, nesse caso, operando uma ruptura com o saber existente e produzindo o seu próprio lugar. Epistemologicamente, ela não se encontra em continuidade com saber algum, apesar de arqueologicamente estar ligada a todo um conjunto de saberes sobre o homem, que se formou a partir do século XIX (Garcia-Roza, 1987, p. 22).

Recorremos às ideias de Sérgio Paulo Rouanet citado por Lima (2009) em um escrito para o Jornal do Brasil em 1996. No artigo, Rouanet parte do aforismo

freudiano “o eu não é senhor em sua própria casa” (Freud, 1917/2010) para pensar que a psicanálise também não tem casa, sendo um pensamento sem teto. Ele argumenta: 1) a psicanálise não está em casa, nem na ciência nem fora dela. É graças à ciência que ela se constitui, mas é ao mesmo tempo uma subversão à ciência de sua época; 2) não está em casa nem no corpo, nem na mente, haja vista o conceito de pulsão, ao mesmo tempo somático e psíquico; 3) não está em casa nem na natureza, nem na cultura, apesar de Freud defender a psicanálise entre as ciências naturais, ela aborda questões das ciências humanas; 4) não está em casa nem na teoria, nem na prática, criando uma tensão entre as duas dimensões, pois o saber da psicanálise provém da clínica que, sem a teoria, fica reduzida a uma técnica; e 5) não está em casa nem na normalidade nem na patologia, uma vez que a psicanálise rompe com a dicotomia entre as duas dimensões. O autor finaliza dizendo que a psicanálise sempre sai ilesa das críticas recebidas, pois é atacada nas casas em que não está.

Tal ideia aproxima-se do pensamento de Birman (2014b) para quem a psicanálise acontece nas bordas, nos limites, nos confins. O autor privilegia essa metáfora para pensar a experiência analítica, ou seja, o que ocorre nas interfaces do discurso, nas fronteiras móveis e porosas. A psicanálise seria de fato um movimento, termo presente não por acaso no texto freudiano *Contribuição à história do Movimento Psicanalítico* (1914). O autor nos dá exemplos de como, ao longo da história da psicanálise, situações limite tais como psicose, análise com crianças, clínica da psicossomática e da adicção foram rompendo com a noção de cura-padrão, ampliando a teoria e a atuação da psicanálise. Desta forma, a psicanálise transita por vários territórios, nos limites entre medicina, psicologia e outros saberes (Birman, 2015, comunicação oral)³¹.

Pensando ainda acerca das fronteiras da psicanálise, Mezan (2014) cita quatro tipos: fronteiras teórico-clínicas mais amplas hoje do que na época de Freud, com diversas correntes; geográficas, que são os lugares nos quais a psicanálise se desenvolveu; epistemológicas, os saberes com os quais a psicanálise estabelece relações, como filosofia, psiquiatria e psicologia e, por último, fronteiras socioculturais que dizem respeito às relações com outras ciências humanas e aos

³¹ Conferência *Ferenczi: antes de Freud, depois de Lacan*. Universidade de São Paulo, 17 de abril de 2015.

fenômenos externos à clínica como arte, literatura, e processo coletivos e sociais: crenças, costumes, comportamentos.

O próprio Freud (1925/2011) já coloca a psicanálise neste “entrelugar”. Sua preocupação era que a psicanálise não fosse englobada ou mesmo submetida à medicina, à psiquiatria como atesta o texto sobre a análise leiga em que vemos seus esforços para fazer com que a psicanálise fosse considerada um campo autônomo, com formação própria e, sobretudo, desvinculado da medicina. É justamente esta subversão das fronteiras que marca o caráter interdisciplinar da psicanálise. Um campo próprio, que necessita de outros saberes e de suas contribuições para formar um analista.

Diante destas fronteiras, e também de seus riscos, é que Althusser defende a luta de Lacan para combater a anexação da psicanálise por outros campos. Althusser (1996/1964) interroga o estatuto da psicanálise na sua relação com as ciências humanas e em particular na relação com a psicologia. Segundo ele, existe uma série de disciplinas que fazem fronteira com a psicanálise, como a psiquiatria e a psicossomática, mas também a psicologia social e a antropologia, uma vez que o objeto da psicanálise pode ser encontrado na sociedade. Esses encontros se dão no nível dos conceitos, ou seja, há possibilidade de utilizar em psicologia, em sociologia e em antropologia conceitos da psicanálise e vice-versa, embora exista uma simbiose profunda entre a psicanálise e a psicologia. Segundo o autor

(...) os psicanalistas esqueceram que uma ciência não é ciência se não se tem acesso a propriedade, com pleno direito, dum objecto próprio, que seja seu e somente seu, e não a proporção determinada dum objecto emprestado, cedido, abandonado por outra ciência, ou a um dos seus "aspectos", quer dizer, aos restos que sempre restam nas cozinhas, quando o amo já esta satisfeito. De fato, se toda a psicanálise se reduz ao "condicionamento" behaviorista ou pavloviano da primeira infância; se a reduzimos a uma dialectica das fases descritas por Freud, sob os termos de oral, anal, e genital, latência e puberdade (...) se toda a psicanálise não é mais que uma arte de adequar os restos da neurologia, da biologia, da psicologia, da antropologia e da filosofia, que lhe fica, então, como objeto próprio, que a distinga, verdadeiramente, destas disciplinas, brotando como uma ciência de pleno direito? (Althusser, s/d, pp.17-18).

O que então a diferencia? Para ele, a diferença está na prática. A psicanálise pode ir além das fronteiras com as outras disciplinas (psicoterapia, psiquiatria, psicologia etc.), mas na técnica não, cada uma tem a sua prática. A hipótese de Althusser (1964/2000) é de que a psicanálise é tão revolucionária que outros campos

investem para anexá-la, pois o surgimento de uma disciplina científica nova provoca uma situação ambígua. Esse contexto pode acabar absorvendo o campo, a psicanálise no caso. Para ele, a razão ocidental só consegue um pacto de convivência pacífica com a psicanálise sob a condição de anexá-la às ciências: psicologia, biologia, sociologia (o que acontece com a psicanálise norte-americana, por exemplo), filosofia (como é o caso da psicanálise existencial, *Daseinanalyse*).

A partir dessas ideias, podemos pensar na psicanálise como uma dimensão entre disciplinas, ou dizer que ela está em todos os lugares e em lugar nenhum em relação à universidade, haja vista sua invisibilidade para as agências, a despeito de toda a presença constatada e consolidada ao longo dos anos e da circulação entre diversos saberes, referências, métodos. Estar neste “entrelugar” reforçaria o paradoxo de uma invisibilidade oficial. Por outro lado, se concordarmos que as agências não são compostas por agentes neutros, mas formadas por agentes das próprias universidades, isto é, pesquisadores de diversos campos, parece que os próprios agentes do campo, docentes-pesquisadores em psicanálise, pouco fizeram até o momento para reverter tal condição de invisibilidade. A despeito de todas as discussões no meio psicanalítico sobre o lugar da psicanálise e seu estatuto, a psicanálise é um campo de pesquisas reconhecido e respaldado pela universidade, e, por esta razão, questionamos a inexistência de uma rubrica específica para abrigar estas pesquisas.

Docentes cujo ensino encontra-se ligado a uma prática, como é o caso em medicina, direito e psicanálise, terminam por restringir sua presença na universidade apenas a momentos de ministrar aulas, dirigindo o restante de sua carga horária para o escritório, consultório ou instituição privada de formação. Alguns professores-psicanalistas beneficiam-se do contato com estudantes para atrair clientela para a clínica e para a formação paralela em escolas de psicanálise. As consequências mais diretas desse desvio de função (quando o regime é de dedicação exclusiva) são: ausência das reuniões de colegiado, sobretudo no nível da graduação; rara intervenção em debates acadêmicos relativos à reorganização curricular e político-acadêmica; impedimento de assumir cargos de gestão, o que, por sua vez, provoca pouca interferência nas questões relativas ao curso, no acompanhamento e supervisão dos estudantes e em decisões estratégicas decisivas, como distribuição

de vagas para concurso. Tais aspectos não podem ser negligenciados em relação à invisibilidade da psicanálise na universidade.

Para Bourdieu (1996), mesmo uma conduta aparentemente desinteressada tem sua razão de ser dentro de um campo. A estratégia é uma ação calculada, ainda que não necessariamente consciente e deliberada, implicando dimensões econômica, simbólica, cultural, em relação direta com disputas dentro de cada campo e intercampos. Para o mesmo autor, a ideia de *habitus* se opõe à ideia de liberdade reflexiva do sujeito, senhor de suas escolhas, o que se aproxima do que a psicanálise diz sobre o sujeito. Não há ação que não se inscreva num campo, nos limites de suas condições particulares de produção.

Existe ainda outra questão relacionada ao “entrelugar” da psicanálise, a saber, os debates em torno do que é ou não legítimo em psicanálise, que abordaremos a seguir.

5.3.1 Como a psicanálise pode operar na universidade?

Quando Freud inaugura uma discursividade que se baseia na fala do sujeito, isto implica considerar que não haveria verdadeiro ou falso no discurso psicanalítico (Alberti, 2009). No entanto, se analisarmos o histórico da institucionalização da psicanálise, veremos prevalecer o modelo dicotomizado. A IPA consagrou-se na busca pela regulamentação da formação do analista, a partir de critérios rígidos que, ao longo dos anos, passam a ser questionados, sobretudo por Lacan. Conhecemos as consequências que isso acarretou para o movimento psicanalítico em termos de dissidências e disputas. Atualmente, a organização do campo lacaniano também busca instituir rigidamente o que é ou não psicanálise. Do esforço de difundir a psicanálise, passa-se rapidamente à luta por preservar a “verdadeira” psicanálise, afastando tudo o que é diferente das ideias daquela escola, nomeando o diverso como distorção ou resistência à psicanálise.

Figueira (1994) afirma que em determinados momentos há uma visão de mundo psicanalítica (no sentido que Freud traz nas *Novas Conferências introdutórias à psicanálise*) que coexiste com a psicanálise como disciplina e prática científica. Se a visão de mundo é um sistema que dá significação a diferentes áreas da experiência,

a psicanálise poderia ser um sistema a nos fazer sentir mais seguros, a encontrar uma direção na vida e tornar o ser humano mais competentes na autogestão de seus conflitos, segundo o autor. A visão de mundo está contida na própria psicanálise em estado potencial (e para o autor Freud já estava convencido disso), podendo passar a estado real. Isso justifica-se por 3 razões: 1) a psicanálise enquanto teoria lida com as principais questões da vida humana: sexo, neurose, fé, morte; 2) enquanto disciplina, baseia-se na integração de diversas categorias (ex. causalidade-acaso, público-privado, normal-patológico, indivíduo-sociedade, criança-adulto) e 3) enquanto ponto de vista, foi aplicada a diversos fenômenos e em disciplinas vizinhas. Se um ponto de vista psicanalítico a respeito de um grupo de fenômenos importantes da vida do indivíduo em sociedade passa a existir, então o potencial para uma visão de mundo também se estabelece. E a esQUIVA dos psicanalistas é dizer que isso não é psicanálise ou que se trata de uma má utilização.

A universidade impõe exigências à produção psicanalítica e que são importantes para que a esta não se feche como dogma e nem esteja imune a críticas e a defesa dos psicanalistas de que isso ou aquilo não é psicanálise. O que não quer dizer que não haja um rigor na psicanálise, ou que se possa dizer qualquer coisa em seu nome e ter como álibi a psicanálise aplicada (o que ocorre muitas vezes). Nomear uma pesquisa como sendo *sobre* psicanálise pode garantir de certa forma uma confusão de saberes e métodos sem a preocupação com o rigor analítico. Vejamos como Freud se posiciona (1933/2010)

A atividade psicanalítica é difícil e exigente, não pode ser manejada como os óculos que pomos para ler e tiramos para passear. Via de regra, ou a psicanálise tem o médico por inteiro, ou não o tem absolutamente. Os psicoterapeutas que se utilizam ocasionalmente da psicanálise, não se acham, pelo que conheço, em terreno psicanalítico firme; não aceitaram a análise inteira, mas sim a diluíram, tiraram-lhe o 'veneno' talvez (p.316).

Lembramos de Althusser, quando Freud fala de tirar o "veneno" da psicanálise, da hipótese do filósofo sobre anexação da psicanálise a outros saberes, justamente por seu caráter virulento. Ser absorvida pela medicina, ou por qualquer outro campo é a estratégia utilizada para retirar da psicanálise seu caráter subversivo. Ela se tornaria, então, uma técnica terapêutica adaptativa às normas sociais.

Percebemos nas teses, apesar das limitações de acesso, que algumas delas estão visivelmente fora do que se convencionou chamar psicanálise. No entanto, essas são teses que se intitulam psicanalíticas, que foram aprovadas em programas reconhecidos pela Capes e pelo Ministério da Educação (MEC), passaram por uma banca com professores doutores, membros de universidades em sua maioria. Não queremos ser juízes ou elaborar julgamentos de valor, baseados em determinadas teorias da psicanálise. Mas se uma pesquisa se declara psicanalítica e coloca em seu título “um estudo psicológico”, isso nos dá um indício dessa relação confusa e na qual fronteiras entre campos são borradas. Ao invés de assumir uma posição, frequente no campo analítico, de rejeição, “isso não é psicanálise”, precisamos antes entender que isso faz parte do campo da psicanálise na universidade. Assim como fazem outras teses reconhecidas como brilhantes, ganhadoras de prêmios, editadas em livros, discutidas no campo, discutidas pelas escolas psicanalíticas, por agentes renomados do campo da psicanálise, que repercutem positivamente, que inovam, que produzem teoria, que enriquecem o campo analítico, que não “saem de moda”, que são estudadas ao longo dos anos.

Trazendo a ideia de Lacan (1967/2006) de que o ensino da psicanálise não corresponde à experiência analítica, pensamos que o que se produz em psicanálise também não corresponde a essa experiência. É preciso reconhecer que há diversas formas de operar o saber produzido *em* e *sobre* psicanálise. Não podemos negligenciar o fato de que não há formação psicanalítica sem essa passagem pela experiência concreta e transformadora de uma análise. Se houve análise, é porque conhecimentos sofreram essa transmutação em saber, provocando mudança de posição do sujeito. Diz Lacan: “Entra-se nesse campo de saber por uma experiência única, que consiste simplesmente em se submeter a uma psicanálise. Depois disso, poder-se-ia falar” (p.17). Num doutorado, cuja exigência é a produção de uma tese autoral, o sujeito se coloca em cena; contudo ele não se autoriza, necessita da garantia de outros que aceitem sua trajetória assistida por um orientador. A defesa de uma tese deve passar de uma demonstração de saber para uma elaboração de saber. Temos então uma autoria e um percurso singular, mas nem sempre isso ocorre.

As áreas das quais a psicanálise se aproxima não o fazem aleatoriamente, visto que algumas acolhem a questão do inconsciente mais à vontade que outras. Há uma

apropriação da psicanálise por diversos campos para a construção de conhecimento em suas áreas, ocorrendo, às vezes, submissão a outros saberes. A psicanálise detém um capital que interessa a outros campos: uma teoria inovadora com amplas relações com saberes diversos, uma constituição no entre, ou, como quis Foucault em *As palavras e as coisas*, uma contraciência. Conceitos como inconsciente, pulsão, transferência, desejo, acabam sendo utilizados em vários campos, ajudando a compreender fenômenos diversos.

Por outro lado, a psicanálise promove a possibilidade de diálogo interdisciplinar, do mesmo modo que pode operar simplesmente na dimensão multidisciplinar, ou seja, agregando disciplinas sem fazê-las dialogar. Há também modos de operar que colocam a psicanálise numa posição soberana, menosprezando outros saberes e práticas. Ora, se instituições psicanalíticas têm postura dogmática, é esperado que isto resvale também na universidade de alguma forma.

Essa disputa pela verdade é inerente aos ambientes universitários que promovem “uma luta para saber quem, no interior desse universo socialmente mandatário para dizer a verdade sobre o mundo social (e sobre o mundo físico), está realmente (ou particularmente) fundamentado para dizer a verdade” (Bourdieu, 2004, p. 116). Isto pode levar ao que o autor denominou de espaço de violência simbólica, ou seja, a imposição de significados como legítimos, levando em consideração que a dominação simbólica tem se referenciado na autoridade da ciência. Há “violência simbólica” tanto em relação à apropriação da psicanálise por outros campos, quanto na apropriação de outras teorias pela psicanálise.

Diante do dilema de buscar aceitação da psicanálise pela via da adequação a um modelo reconhecido no campo científico, Aires (2013) propõe duas imagens para a psicanálise na universidade a partir de Freud: a formação de compromisso no sintoma e a posição do estrangeiro. Em relação à primeira imagem, trata-se de tornar a psicanálise irreconhecível, para que possa ser aceita. Pensamos que utilizar outros métodos e adaptar-se a áreas diversas pode ser indício deste fazer-se irreconhecível para ser aceito, como diz Aires (2013). Era o que Althusser já anunciava como anexação da psicanálise, já que sua teoria e seu método não eram aceitos pela ciência. Foi assim na época de Freud que via a psicanálise rejeitada por seus pares da medicina e, é assim também hoje, em muitas circunstâncias,

apesar das novas concepções de ciência. Da mesma forma vemos a psicanálise em “guetos” na universidade, formados pelos próprios psicanalistas que, por vezes, não deixam de adotar uma postura de superioridade em relação aos outros saberes. Guetos que existem muitas vezes entre os analistas divididos nas escolas, cada um defendendo as suas “verdades”.

A partir da hipótese da formação de compromisso, dita anteriormente, podemos pensar que na universidade, se um analista não se faz reconhecer como tal, seja através de suas aulas ou das pesquisas que conduz, pode-se ter a impressão (por vezes ilusória) da diluição do mal-estar e dos conflitos, haja vista a camuflagem que pode ocorrer quando a psicanálise permanece fazendo *semblant* no discurso universitário. O grande risco para a psicanálise estaria na não transmissão do saber a partir de sua ética, ou se quisermos, a partir do discurso que lhe é próprio. Por outro lado, se o analista se coloca em posição de exterioridade ao campo universitário, entra em cena a figura do estrangeiro, aquele que anuncia que há um fora para aqueles que estão dentro: “Entre nomeado e inominável, o estrangeiro vem de outro lugar e, como tal, porta uma marca de origem que se faz traduzir neste espaço. Sua tradução, no entanto, pode se fazer *domesticação* ou *manutenção do estranhamento*” (Aires, 2013, p. 36, grifos do autor).

O analista, de dentro do campo, sustenta um lugar de questionamento, sem se deixar assimilar. Segundo a autora, um questionamento que permite um “fora-dentro”, uma “exclusão interna”, um lugar “(des)conhecido” (p.36). Sua identidade não estaria pré-definida, constitui-se com cada interlocutor, mas carrega a marca da sua formação (análise, prática clínica e estudos teóricos). Como Freud (1919/2010) já dizia em *O inquietante*, o *Unheimlich* seria aquilo que é terrível, desperta angústia e horror, “aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar” (p.331) ou ainda o que deveria permanecer oculto, mas apareceu.

Pensamos ainda no conceito de *êxtimo* de Lacan (1960/2008) que nos remete ao *Unheimlich* freudiano, palavras que carregam e potencializam a ambiguidade de interior e exterior juntos. O *êxtimo* seria o mais íntimo, o mais particular, o mais interior e, ao mesmo tempo, o que está excluído e fora. Isso diz respeito à própria característica da psicanálise, pois ao pensarmos, por exemplo, na estrutura do

sujeito, este existe primeiro fora, isto é, no discurso do Outro, de modo que o Outro aparece como o *éxtimo* do sujeito (Seganfredo & Chatelard, 2014).

A psicanálise pode ser considerada um *Unheimlich* na universidade. Desde o início, as ideias freudianas estavam presentes na universidade que exerceu importante papel em sua produção e divulgação. Apesar disso, sua presença provoca polêmicas, incômodos tanto no meio universitário como no meio psicanalítico. O paradoxo visibilidade - invisibilidade o demonstra: a psicanálise está presente, mas isso não pode ser nomeado. Uma hipótese a ser levantada é que se a psicanálise é reprimida pelo discurso da ciência, sabemos com Freud, o recaiado insiste em retornar, em aparecer. Ao modo de sintoma, em que há um real que resiste e irrompe, a psicanálise não deixa de insistir na universidade. Nesse sentido, apesar de ter surgido do terreno da ciência moderna, esta não deixou de exercer a exclusão daquilo que, desde o início, já anunciava sua ruptura e subversão.

Este ser estrangeiro da psicanálise nos remete ao que diz Bourdieu (2003) sobre o estrangeiro, que apresenta postura de estranhamento diante da visão dominante ou *doxa*, imperceptível e imposta como correta e admitida pelos agentes de um campo. A psicanálise constitui-se com outros parâmetros de ciência e de pesquisa, em contraponto ao ideal cartesiano, mas podemos supor que ao mesmo tempo acaba criando uma *doxa*, enrijecendo padrões. No entanto, ressaltamos que não existe “a psicanálise”, como entidade autônoma, mas agentes que compõem o campo psicanalítico, que disputam seu capital, que lutam pelo território.

Trazendo novamente a proposta de Aires (2013)

Podemos supor que cada analista ocupa, de modo particular, um lugar na universidade. Podemos supor ainda que cada analista exerce, de maneira singular, um modo de transmissão da psicanálise no lugar em que se encontra. Nesse sentido, ao falar como *psicanalistas* no âmbito da universidade, não falamos desde um lugar comum [...]. Para que uma fala tenha efeito de transmissão, deve necessariamente implicar o reconhecimento da alteridade (p. 34, grifo do autor).

Não há uma única forma de pensar a psicanálise, mas partimos do pressuposto de que a experiência analítica faz com que o sujeito interrogue o saber. Se o analista não se coloca como tal na universidade não há transmissão e nem produção de saber. É justamente este interrogar que abre espaço para o singular do sujeito que incomoda as ciências tradicionais. No entendimento de Alberti (2009), o professor

psicanalista pode instrumentalizar o discurso universitário para fazer valer a psicanálise na universidade, já que no discurso universitário todos os saberes se equivalem, diferentemente de outros campos. Podemos supor que a psicanálise seria como o sujeito recalcitrante da universidade, ou seja, aquele que é persistente, que refuta as exigências do pesquisador colocando para ele outras questões, interrogando-o, fazendo com que ele se questione, o que o leva também a correr riscos (Stengers citado por Latour, 1997). A psicanálise teria esta característica da persistência e da recalcitrância, no sentido dado pelos autores. Ela seria aquela que interroga a ciência e os modos de fazer pesquisa, mas também que se interroga a si próprio.

Vimos ao longo deste capítulo que os novos modelos de ciência e os desafios do pensamento complexo exigem uma nova forma de pesquisa e organização do conhecimento. A psicanálise desde sua gênese já anuncia estes debates. Essa *práxis* questiona a ordem disciplinar cartesiana. A psicanálise pode ter um efeito fecundador, para utilizar um termo de Freud (1919/2010b) ao se referir à psicanálise na universidade, mas também pode alargar seus parâmetros e se beneficiar de outros saberes, tal como fez Freud, e Lacan. A universidade pode ser um local propício a esses encontros, permitindo um intenso intercâmbio interdisciplinar. Lugar em que a psicanálise se reinventa por meio de investigações que interroguem sua teoria e suas práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa perspectiva de ganho científico tem sido a feição mais orgulhosa e feliz do trabalho analítico. Devemos sacrificá-la a bem de quaisquer considerações de natureza prática?

Sigmund Freud, *A questão da análise leiga*

A relação psicanálise e universidade foi o tema privilegiado neste estudo. Dentre as diversas perspectivas possíveis para abordar a temática, escolhemos a pesquisa na universidade, representada por parte de sua produção. A partir da pergunta norteadora “Qual o espaço ocupado pela psicanálise no contexto universitário brasileiro?” realizamos um levantamento das teses produzidas em psicanálise tendo em vista nosso objetivo principal de compreender a configuração do campo psicanalítico na universidade brasileira.

Partimos inicialmente das questões em torno da pesquisa e cientificidade, sendo estas constantemente atualizadas através das discussões sobre como conceber o estatuto epistemológico da psicanálise. Não são poucas as divergências entre psicanalistas e filósofos que se ocupam da epistemologia da psicanálise. No entanto, voltando à obra freudiana, percebemos que a ideia e o interesse de tornar a psicanálise uma ciência está presente desde seus primeiros escritos.

Freud empreende esforços para que a psicanálise seja compreendida como uma ciência de fato, sempre situando-a no âmbito das ciências da natureza, afirmando em diversos momentos esse pertencimento. Além disso, a dimensão da pesquisa aparece como constituinte da psicanálise, como sustentou Freud (1923/2011) ao afirmar que a psicanálise é um procedimento para a investigação de processos psíquicos, um método de tratamento e uma série de conhecimentos que constituem uma nova disciplina científica, portanto, teoria, clínica e pesquisa.

No entanto, a psicanálise não é uma ciência como as outras. Freud traz para a cena científica conceitos como inconsciente, pulsão, transferência, entre outros que

desestabilizam o universo de certezas das ciências tradicionais. Ele utiliza saberes de diversas naturezas para constituir a psicanálise, como física, biologia, mitologia, literatura, teatro, antropologia, ao passo que também alcança outros campos estabelecendo amplas relações com medicina, artes, educação, sociologia etc.

Essas características da psicanálise parecem aproximá-la muito da universidade, *lócus* de pesquisa e produção do conhecimento. Sendo a psicanálise uma teoria, uma *práxis* e uma forma de pesquisa, além de pertencer ao âmbito das ciências, seria natural que os caminhos se cruzassem. No entanto, tais relações não são fáceis e livres de tensões. Mesmo assim, a psicanálise estabelece cada vez mais claramente relações com a universidade, sendo esta um grande meio produtor e divulgador das ideias psicanalíticas e um lugar em que a psicanálise se relaciona com diversos saberes, corroborando ideias freudianas de mais de um século.

Apresentamos, então, a história da psicanálise na universidade brasileira, mostrando que a chegada destas ideias é concomitante ao próprio surgimento da psicanálise. Portanto, desde o início do século XX, temos a divulgação de ideias psicanalíticas nos meios universitários brasileiros, inicialmente, nas faculdades de medicina e, posteriormente, na década de 1960, nos cursos de psicologia. A partir da década 1980, a psicanálise vem conquistando seu espaço com sua entrada nos PPGs, ampliando não somente ensino e pesquisa em psicanálise, mas sua produção.

Como apontado por Freud em seu texto inaugural sobre o tema *Deve-se ensinar a Psicanálise nas universidades?* (1919/2010), a universidade não teria os meios necessários à formação do analista, visto que não poderia dar conta da parte mais importante e fundamental do tripé de formação: a análise pessoal. Ou, como destaca Freud no final das *Conferências introdutórias à psicanálise* (1917/2014), o seu ensino na Universidade de Viena: “[...] não podia querer transformá-los em especialistas; quis apenas oferecer-lhes esclarecimentos e estímulo” (p. 613).

O tema da formação é polêmico. Diversas foram as tentativas de regulamentação da psicanálise no Brasil, por meio de projetos de lei encaminhados ao Congresso Nacional, sobretudo visando a interesses de grupos religiosos que oferecem “formação” em psicanálise, baseada em cursos rápidos e não reconhecidos pela

comunidade analítica. Essa movimentação em torno da regulamentação cria no país algo inédito: as principais escolas e associações de psicanálise se reúnem em um grupo único para defender os interesses da psicanálise, bem como preservar sua autonomia no que diz respeito à formação de analistas. Desta forma, em 2000 é criada a Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras que vem reunindo e mobilizando analistas e entidades como o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e o Conselho Federal de Medicina (CFM) em torno destas questões (Lopes e Ribeiro, 2009).

Apesar das grandes divergências teóricas e sobre a formação, esse grupo de analistas conseguiu o arquivamento de todos os projetos que concernem à regulamentação. Eles partem de um referencial freudiano, sobretudo do texto sobre a análise leiga, no qual Freud define a formação do analista. O argumento baseia-se na especificidade da formação do analista e na singularidade do saber analítico que não pode ser reduzido a um ensino padronizado.

A psicanálise nunca precisou de regulamentação formal ou de lei para existir. A psicanálise é um saber leigo, sem vinculação à psicologia, à medicina ou a qualquer outra disciplina ou instituição universitária (Elias, 2009). Se o psicanalista se forma, sobretudo a partir de sua própria experiência de análise, como tal ato pode ser padronizado sob forma de legislação? A psicanálise não é o aprendizado de um conjunto de técnicas, portanto, não há regulamentação possível, ensino universitário ou título de doutor que garanta ou sustente a formação do analista.

As teses psicanalíticas brasileiras constituíram o foco deste trabalho. A pesquisa abrangeu todo o material disponível, 1075 teses, entre os anos de 1987 e 2012 no Banco de Teses da Capes. Da leitura de seus Resumos, compilamos os dados para fornecer uma análise descritiva e estatística. Posteriormente, realizamos uma análise dos temas, métodos e autores de referência, apreendidos dos resumos das teses. A estratégia metodológica que nos referenciou foi o Estudo de Caso, na proposta de Robert Yin, tomando como caso parte da produção em psicanálise na universidade brasileira.

Pudemos concluir que hoje a psicanálise conquistou lugar destacado na universidade, sobretudo após a consolidação de PPGs específicos em psicanálise

(atualmente quatro), além de linhas de pesquisa e áreas de concentração em diversos PPGs, sem contar com o seu ensino sistemático nos cursos de psicologia e de medicina. Além dessa presença marcante encontramos algumas características deste campo: maior quantidade de produções na região Sudeste, especificamente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, financiamento da quase totalidade das pesquisas dos PPGs específicos em psicanálise, teses distribuídas em diversas áreas do conhecimento, referencial freudo-lacanian, temáticas teórico-clínicas e quase inexistência de interesse por questões metodológicas. Destacamos também um paradoxo que marca essa relação: presença incontestável e invisibilidade nas agências reguladoras e financiadoras do ensino superior brasileiro, visto que não encontramos a psicanálise como área ou subárea da psicologia ou de qualquer outro campo, tampouco como área independente.

As informações levantadas nos levaram a inferir que há, por um lado, tendência à conformação de um espaço próprio, representado pelos quatro PPGs específicos em psicanálise. Por outro lado, em função de sua constituição intrinsecamente interdisciplinar, a psicanálise marca presença em diversos campos. Corroborando uma afirmação de Laplanche (2004) de que toda reflexão analítica faria referência a quatro pontos indispensáveis, a saber: teoria, clínica, psicanálise aplicada e história. Encontramos teses *sobre* e *em* psicanálise que não restringem o campo a investigações clínicas. Se por um lado, a pesquisa é inseparável da clínica, por outro, não se limita a esta. Do mesmo modo, não pode prescindir de uma reflexão histórica e epistemológica, por sua vez, âmbito das investigações *sobre* psicanálise.

A psicanálise tem reconhecido a universidade como lugar de pertencimento, ressaltando as particularidades de seu método e de seus parâmetros de rigor, diferentes do modo de produção hegemônico das ciências no ambiente universitário, em que o ideal da neutralidade científica resulta em apagamento do sujeito, tão caro à psicanálise. Pode-se pensar que a psicanálise não se submete ao rigor metodológico das ciências positivistas desde Freud. Contudo, o rigor ético desta *práxis* pode sustentar um outro modo de produzir ciência. Paradoxalmente, porém, vemos que a psicanálise na universidade acaba, por vezes, submetendo-se às regras de padronização. Daí resultam os conflitos em se produzir uma pesquisa em psicanálise dentro de outra perspectiva epistemo-metodológica. Apesar dessas

dificuldades, temos um fato concreto: a ampla produção e o desafio de conduzir pesquisas psicanalíticas sem perder a ideia de sujeito do inconsciente.

Ao realizar a pesquisa, percebemos muitos mais dados do que os que apresentamos neste trabalho. Acompanhamos a movimentação do campo: surgimento e término de linhas de pesquisa, agentes que figuram como discentes em uma IES e depois como orientadores ou membros de banca; retorno de alunos à mesma instituição em que cursaram seu doutorado, agora como professores ou convidados; aumento da produção em determinados períodos.

Nosso estudo tem limitações que impedem generalizações ou prognósticos e não foi esta a nossa intenção. O banco de dados constituído poderá servir como fonte de consulta para outras investigações. Como tem um limite temporal (1987 a 2012), poderá ser ampliado pela produção dos outros anos (2013, 2014, 2015 e assim sucessivamente). Além disso, uma análise poderia ser feita somente com teses dos programas de psicanálise ou então com teses dos PPGs com linhas ou área de concentração em psicanálise, marcando determinadas especificidades. Outra possibilidade seria uma análise detalhada por áreas de conhecimento ou estudos comparativos entre as teses em psicanálise entre determinadas IES ou mesmo sobre a produção em psicanálise em diferentes países. A tradicional relação psicanálise e psicologia também pode ser pesquisada por meio das produções dos PPGs de psicologia, de psicanálise e de subáreas específicas, como psicologia do desenvolvimento.

Um dos nossos objetivos foi também investigar a característica de interdisciplinaridade que, a nosso ver, é inerente ao campo psicanalítico e como tal qualidade tem repercutido no campo universitário. Ao longo do trabalho, pudemos perceber que a interdisciplinaridade está presente na constituição mesma do campo psicanalítico, desde os textos de Freud como *O interesse da psicanálise* (1913/2012) e *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?* (1919/2010), *Contribuição à História do Movimento Psicanalítico* (1914/2012a) e *A questão da análise leiga* (1926/1996) que embora não nomeie a psicanálise como interdisciplinar, trata da questão com mais de um século de antecedência.

Em um destes textos, *Contribuição à História do Movimento Psicanalítico* (1914/2012a), Freud estabelece as relações da psicanálise com outros saberes e afirma

Nesse panorama incompleto procurei assinalar a riqueza ainda incalculável de relações que se estabelecem entre a psicanálise médica e outros âmbitos da ciência. Existe material de trabalho para uma geração de estudiosos, e não duvido de que esse trabalho se realizará tão logo as resistências à psicanálise sejam superadas em seu terreno original (p.288).

A partir destas interfaces da psicanálise, Freud deixa aberta mais do que uma via; antes, um campo de estudos rico de interfaces e de perspectivas inter e transdisciplinares, com importantes contribuições para outras ciências. Não podemos pensar as ciências hoje, sobretudo as humanidades e o campo das artes, sem as contribuições da psicanálise. De acordo com Assoun (1996), depois de Freud, é impossível fazer de conta que o inconsciente não existe, “como clínica (saber do sintoma) e teoria (concepção dos *processos inconscientes*)” (p. 3, grifo do autor). Ou como diz Foucault (1965/2005), a concepção de psicologia como ciência da consciência e do indivíduo não pode mais existir depois de Freud, haja vista que o inconsciente é o princípio da reestruturação das ciências humanas.

A importância da psicanálise para as ciências do século XX, sobretudo para a medicina e psicologia que veem conceitos freudianos atravessar suas concepções, é inegável. Conforme disse Freud: “O futuro provavelmente atribuirá muito maior importância à psicanálise como ciência do inconsciente do que como um procedimento terapêutico” (Freud, 1926/1996, pp.254-255). Para além dos debates metodológicos, Freud funda com a psicanálise uma nova forma de pensar as ciências e que repercute em outros campos e nas formas de fazer pesquisa na universidade. Talvez por estar neste registro do atravessamento é que ela permanece no “entre”, mas não no sentido de não ter identidade, não ter um estatuto próprio ou de falar de um lugar bem definido. O que também não deixa de ser problemático com vimos ao longo do trabalho.

A presença da psicanálise na universidade constrói objetos de pesquisa que necessitam de modelos diferentes daqueles da tradição do cartesianismo e do positivismo. Considerando as novas concepções de ciência, podemos pensar que a psicanálise encontra-se mais “à vontade” nessas novas perspectivas já distantes de

um reducionismo positivista. A psicanálise também se constitui na dimensão de pesquisa reformulando-se continuamente como atesta o vasto legado de Freud e dos que vieram após ele. Portanto, esse caráter de inacabamento, constitutivo de seu referencial, permite dizer que na universidade, *lócus* tradicional da pesquisa, pode ser formulada e aí também reinventada.

As teses examinadas e a demanda de um diálogo crescente entre as diferentes áreas e a psicanálise indicam que esta presença qualifica e força uma mudança de paradigma condizente com as teorias da complexidade que têm sido apresentadas como alternativa ao padrão hegemônico de produção de conhecimentos, num mundo cada vez mais marcado pela interdisciplinaridade. Considerando que a pesquisa tem como função precípua reorganizar o conhecimento, propondo novas questões e problemas e que a pesquisa psicanalítica acrescenta-lhe a tarefa de interrogar não apenas o conhecimento, mas atingir algo do saber, a produção de conhecimento na universidade aponta para a possibilidade de alargar alguns parâmetros epistemo-metodológicos em função de tais especificidades.

A psicanálise sempre esteve presente na universidade, estabelecendo algum laço, seja pelo ensino de Freud e dos primeiros psicanalistas, seja pela tomada de um modelo universitário permeando as primeiras instituições formadoras de analistas ou pela divulgação de suas ideias nos cursos de medicina e psicologia. Não se trata de pensar qual o melhor lugar para a psicanálise ou fazer uma defesa apaixonada do lugar da psicanálise na universidade.

Para nós é muito claro o limite da universidade no sentido de empreender a formação de analista, mas ela pode ser este lugar de despertar um desejo pela psicanálise, ao mesmo tempo em que continua a fazer bem o seu papel de atravessar outros campos, questionando-os. Mas do que isso, o ensino da psicanálise tem o objetivo de apresentar um novo modelo de pensar questões humanas em sua singularidade desconcertante, para além das questões clínicas, algo importante para a formação de qualquer futuro profissional, assim como era o projeto inicial de Freud. Com a pesquisa nas pós-graduações se dá um passo a mais nessa direção. Pois como afirma Lacan (1967/2006), a psicanálise seria uma dessas palavras que “carregam em si mesmas o seu eletrochoque, que fazem sentido. É preciso se sacudir depois de tê-las ouvido, e começar a fazer perguntas”

(p.23). Ou seguindo o que o próprio Freud disse a respeito do seu ensino: “Mas não entendam este meu anúncio como se eu pretendesse dar palestras dogmáticas e requerer sua fé condicional. Esse mal-entendido seria uma grave injustiça contra minha pessoa. Não quero despertar convicções – quero fornecer estímulos e abalar preconceitos” (Freud, 1917/2014, p.325).

REFERÊNCIAS

- Aires, S. (2013). Imagens do analista na universidade. *Trivium*, 5(1), 30-38.
- Alberti, S. (2004). Transferência de trabalho e a universidade. *Psicologia USP*, 15(1/2), 55-70.
- Alberti, S. (2009). O discurso universitário. *Trivium*, 1(1), 118-129.
- Alberti, S., & Elia, L. (2008). Psicanálise e Ciência: o encontro dos discursos. *Mal-estar e subjetividade*, 8(3), 779-802.
- Almeida-Filho, N. (2005). Transdisciplinaridade e o Paradigma Pós-Disciplinar na Saúde. *Saúde e Sociedade*, 14(3), 30-50.
- Almeida-Filho, N., & Coutinho, D. (2007). Causalidade, Contingência, Complexidade: o futuro do conceito de Risco. *Physis: Revista Saúde Coletiva*, 17(1), 95-137.
- Almeida-Filho, N., & Coutinho, D. (2011). Nova arquitetura curricular na universidade Brasileira. *Ciência & Cultura*, 63(1), 4-5.
- Almeida-Filho, N., & Coutinho, D. (2013). Inter-transdisciplinaridade na educação superior no Brasil. In: T. Gambi ; D. Consentino & B. Gaydesczka (org.). *O Desafio da Interdisciplinaridade: Reflexões sobre a experiência do Bacharelado Interdisciplinar da Unifal-MG* (pp. 21-32). Belo Horizonte, MG: Fino Traço.
- Althusser, L. (s/d). Terreno da psicanálise. In L. Althusser, J. Lacan, W. Reich, R. Lourau, F. Gantheret & I. Caruso, *Psicanálise factores sócio-políticos* (Col. Substância, pp. 9-41). Porto: Rés limitada.
- Althusser, L. (1989). *Lênin e a filosofia* (H. Helder e A.C. Manso Pinheiro, Trads.). São Paulo: Mandacaru. (Trabalho original publicado em 1969).
- Althusser, L. (1993). Trois notes sur la théorie des discours. In L. Althusser, *Écrits sur la psychanalyse* (pp. 111-170). Paris: Stock/IMEC. (Obra original publicada em 1966).
- Althusser, L. (1996). *Psychanalyse et sciences humaines: deux conférences*. Paris: Le livre de poche. (Obra original publicada em 1964).
- Althusser, L. (2000). Freud e Lacan. In L. Althusser, *Freud e Lacan. Marx e Freud* (4a ed., W. J. Evangelista, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Graal. (Obra original publicada em 1964).

Anzieu, D. (1979). La psychanalyse au service de la psychologie. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 20, 59-75.

Angelergues, J. (2010). Pourquoi écrire la psychanalyse? *Revue française de psychanalyse*, 74(2), 329-337.

Askofaré, S. (2013). *D'un discours l'Autre. La science à l'épreuve de la psychanalyse*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail.

Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). (2003). *NBR 6028 Informação e documentação - Resumo – Apresentação*.

Assoun, P-L. (1978). *Freud: a filosofia e os filósofos* (H. Japiassu, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves.

Assoun, P-L. (1981). *Introduction à l'épistémologie freudienne*. Paris: Payot.

Assoun, P-L. (1996). *Littérature et psychanalyse*. Paris: Ellipses.

Assoun, P-L. (1997). *Psychanalyse*. Paris: PUF.

Assoun, P-L. (2009). *Dictionnaire Thématique, historique et critique des oeuvres psychanalytiques*. Paris: PUF.

Aquino, R. F. (2008). *A constituição do campo acadêmico da dança no Brasil*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Bachelard, G. (1996). *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. (10a reimpressão, Abreu, E. dos S., trad.). Rio de Janeiro, RJ: Contraponto. (Obra original publicada em 1938).

Barros, R. A. (2013). *Quadros teóricos e escolhas metodológicas de dissertações em Psicologia do Desenvolvimento no Brasil entre os anos de 2007-2009*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Barthes, R. (1997). *Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977* (Leyla Perrone-Moisés, Trad.). São Paulo: Cultrix.

Beividas, W. (1999). O excesso de transferência na pesquisa em psicanálise. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12(3).

Birman, J. (2000). Entrevista com Joel Birman [Entrevista concedida à Mário Eduardo Costa Pereira]. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 4 (2), 168-172.

Birman, J. (2013). Psychanalyse, politique et université. In R. Chemama & C. Hoffmann (Eds.), *Pratique psychanalytique et politique* (pp. 75-85). Paris: Hermann.

- Birman, J. (2014a). Os paradigmas em psicanálise. In J. Birman, D. Kupermann & L. Fulgêncio (Orgs.), *A fabricação do humano. Psicanálise, subjetivação e cultura* (pp.17-42). São Paulo, SP: Zagodoni.
- Birman, J. (2014b). *Arquivo e memória da experiência psicanalítica: Ferenczi antes de Freud, depois de Lacan*. Rio de Janeiro, RJ: Contra-capas.
- Boddin, C. F. (1998). *L'arrivée du freudisme au Brésil et l'implantation du mouvement lacanien à Rio de Janeiro* (Tese de Doutorado). Université Paris VII-Paris Diderot, Paris.
- Bortoloti, K. F. S., & Cunha, M. V. (2013). Anísio Teixeira e a psicologia: o diálogo com a psicanálise. *História da Educação*, 17(41), 59-77.
- Bourdieu, P. (1976). Le champ scientifique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 2(3), 88-104.
- Bourdieu, P., & Passeron, J-C. (1992). *A reprodução . Elementos para uma teoria do ensino*. (3a ed., R. Bairão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves.
- Bourdieu, P. (1996). *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. (9a ed., M. Corrêa, Trad.). Campinas, SP: Papiрус.
- Bourdieu, P. (1984). *Homo academicus*. Paris: Les éditions de minuit.
- Bourdieu, P. (2000). *Los usos sociales de la ciencia*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Bourdieu, P. (2003). *Questões de sociologia* (M. S. Pereira, Trad.). Lisboa: Fim de Século.
- Bourdieu, P. (2004). *Coisas Ditas* (C. R. Silveira & D. M. Pegorim, Trads.). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Bourdieu, P. (2005). *O Poder simbólico* (8a ed., Fernando Tomaz, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2007). *A Distinção: crítica social do julgamento* (D. Kern & G. F. Teixeira, Trads.). São Paulo, SP: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk.
- Brasil. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2010). *Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPG 2011-2020 / Coordenação de Pessoal de Nível Superior*. Brasília, DF: CAPES.
- Breuer, J, & Freud, S. (1996). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 2, pp. 39- 316). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra original publicada em 1893).
- Calazans, R., & Neves, T. I. (2010). Pesquisa em psicanálise: da qualificação desqualificante à subversão. *Ágora*, 13(2), 191-205.

Castro, J.E. (2010). O método psicanalítico e o estudo de caso. In F. Kyrillos Neto & J. O. Moreira (Orgs.), *Pesquisa em psicanálise: transmissão na universidade* (pp. 24-35). Barbacena, MG: EdUEMG.

Champagne, P., & Christin, O. (2012). *Pierre Bourdieu: une initiation*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.

Chemama, R., & Vandermersch, B. (2009). *Dictionnaire de la Psychanalyse*. Paris: Larousse.

Chiland, C. (1990). *Homo psychanalyticus*. Paris: PUF.

Coelho dos Santos, T. (2002). *Paradigmas do último ensino de Lacan*. Recuperado de: www.isepol.com/down_pos/livro_paradigmas_lacan.pdf.

Coelho dos Santos, T. (2013). A psicanálise é uma ciência e o discurso analítico é uma práxis? *Ágora*, 16(2), 299-312.

Colonomos, F. (1985). Présentation. In *On forme des psychanalystes. Rapport original sur les dix ans de l'Institut Psychanalytique de Berlin 1920-1930* (pp.7-35). Paris: Denoël.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). (2012). *Banco de Teses*. Recuperado de: <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). (2012). *Documento da área*. Recuperado de: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/PSICO19jun10.pdf>.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). (2012). *Comunicado 03/2012 - Considerações sobre Multidisciplinaridade e Interdisciplinaridade na área*. Recuperado de: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/Interdisciplinaridade_Psicologia.pdf.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). (2013). *Relatório de Gestão do Exercício de 2012*. Recuperado de: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/Contas_Publicas/Relatorio-de-Gestao-2012.pdf.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). (2013). *Documento de área e Comissão da Trienal 2013*. Recuperado de: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Interdisciplinar_doc_area_e_comiss%C3%A3o_block.pdf.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). (2014). *Relatório de Gestão do Exercício de 2013*. Recuperado de: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/Contas_Publicas/Relatorio-de-Gestao-2012.pdf.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). (2014). *Tabelas de Áreas do Conhecimento*. Recuperado de: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>.

Coutinho, D. (2004). *Tempo perdido e reinventado: memória e contingência em literatura e psicanálise*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Coutinho, D. M. B., & Santos, E. C. M. (2010). Epistemologias não-cartesianas na interface artes-humanidades. *Repertório Teatro & Dança*, 14, 65-73.

Coutinho, D.M.B., Mattos, A. S., Monteiro, C.F.A., Virgens, P.A., & Almeida-Filho, N.M. (2013). Ensino da Psicanálise na universidade brasileira: retorno à proposta freudiana. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(1), 103-120.

Creswell, J. (1998). *Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions*. Thousand Oaks: Sage.

Danziato, L. (2000). *A Fortaleza da Psicanálise. A história da psicanálise em Fortaleza*. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará.

Darbellay, F. (2011). Vers une théorie de l'interdisciplinarité? Entre unité et diversité. *Nouvelles perspectives en sciences sociales*, 7(1), 65-87.

Deleuze, G., & Guatarri, F. (1995). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, SP: 34.

Douville, O. (2009). *Chronologie de la psychanalyse du temps de Freud (1856-1939)*. Paris: Dunod.

Dunker, C. I. L. (2014). Notas sobre a Primeira Tese em Psicanálise no Brasil "Da Psicoanalise" (1914) de Genserico Aragão. *Analytica*, 3(4),25-39.

Dunningham, W. A. (2005). *Juliano Moreira: notas sobre sua vida e sua obra*. Conferência proferida em Sessão Plenária do Instituto Baiano da História da Medicina e Ciências Afins, Salvador, Dezembro, 2005.

Eizirik, C. L. (2001). Psicanálise e Universidade: pesquisa. *Psicologia USP*, 12(2), 221-228.

Elia, L. (2009). Leiga por rigor: o que é impossível regulamentar na psicanálise? In S. Alberti; W. Amendoeira; E. Lannes; A; Lopes & E. Rocha (orgs.). *Ofício do psicanalista: formação vs. Regulamentação* (pp. 79-88). São Paulo,SP: Casa do Psicólogo.

Erdmann, A.L. et al. (2005). Teses produzidas nos programas de Pós-Graduação em Enfermagem de 1983 a 2001. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 39, 497-505.

Fenichel, O. (1985). Rapport statistique sur l'activité thérapeutique entre 1920-1930. In *On forme des psychanalystes. Rapport original sur les dix ans de l'Institut Psychanalytique de Berlin 1920-1930* (pp.55-71). Paris: Denoël.

Féres-Carneiro, T. (2007). Memórias do curso de pós-graduação em psicologia da PUC-Rio: comemorando seus 40 anos. *Psicologia Clínica*, 19(1), 217-225.

Féres-Carneiro, T. et al. (2010). Lacunas, metas e condições para a expansão da pós-graduação em psicologia no país. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 23(1), 11-24.

Ferenczi, S. (2011). Sobre a história do movimento psicanalítico. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Álvaro Cabral, Trad., Vol. 1, pp.167-178). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1910).

Ferrari, H. (2006). IUSAM-APdeBA. Un instituto universitário para el psicoanálisis. *Psicoanálisis APdeBA*, 28(3), 653-669.

Figueira, S.A. (1994). *Freud e a difusão da psicanálise*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Figueiredo, A. C. (2008). Psicanálise e universidade: reflexões sobre uma conjunção ainda possível. *Fractal: Revista de Psicologia*, 20(1), 237-52.

Figueiredo, L. C. M. (2009). A Psicanálise e a clínica contemporânea. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 7, 9-17.

Foucault, M. (2000). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (S. T. Muchail, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1966).

Foucault, M (2005). *Nietzsche, Freud, Marx* (Col. Ditos e Escritos, Vol. 2, pp.40-55). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. (Obra original publicada em 1967).

Foucault, M (2009). *O que é um autor?* (Col. Ditos e Escritos, Vol.3). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Obra original publicada em 1969).

Freud, S. (1985). Préface. In *On forme des psychanalystes. Rapport original sur les dix ans de l'Institut Psychanalytique de Berlin 1920-1930* (p.41). Paris: Denoël.

Freud, S. (1996). Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol.1, pp.37-49). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra original publicada em 1886).

Freud, S. (1996). Charcot. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol 3, pp. 21-32). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra original publicada em 1893).

Freud, S. (1996). Romances familiares. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol.9, pp. 217-224). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra Original publicada em 1909).

Freud, S. (1996). A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol.20, pp. 175-250). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra Original publicada em 1926).

Freud, S. (1996). Psicanálise. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol.20, pp. 251-259). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra Original publicada em 1926).

Freud, S. (2010). Recomendações ao médico que pratica a Psicanálise. In S. Freud, *Obras Completas* (Paulo César de Souza, Trad., Vol.10, pp. 147-162). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1912).

Freud, S. (2010). Princípios básicos da psicanálise. In S. Freud, *Obras Completas* (Paulo César de Souza, Trad., Vol.10, pp. 268-276). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1913).

Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras Completas* (Paulo César de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 13-50). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914).

Freud, S. (2010). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Obras Completas* (Paulo César de Souza, Trad., Vol.12, pp. 51-81). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1915).

Freud, S. (2010). Uma dificuldade da psicanálise. (In S. Freud, *Obras Completas* (Paulo César de Souza, Trad., Vol. 14, pp. 240-251). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1917).

Freud, S. (2010a). O Inquietante. In S. Freud, *Obras Completas* (Paulo César de Souza, Trad., Vol. 14, pp. 328-376). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1919).

Freud, S. (2010b). Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? In S. Freud, *Obras Completas* (Paulo César de Souza, Trad., Vol. 14, pp. 377-381). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1919).

Freud, S. (2010c). Prefácio a Problemas de Psicologia e Religião de Theodor Reik. In S. Freud, *Obras Completas* (Paulo César de Souza, Trad., Vol.14, pp. 390-395). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1919).

Freud, S. (2010). Novas Conferências introdutórias à psicanálise. In S. Freud, *Obras Completas* (Paulo César de Souza, Trad., Vol.18, pp.124-354). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1933).

Freud, S. (2011). Psicanálise e Teoria da Libido. In S. Freud, *Obras Completas* (Paulo César de Souza, Trad., Vol.15, pp. 273-308). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923).

Freud, S. (2011a). Autobiografia. In S. Freud, *Obras Completas* (Paulo César de Souza, Trad., Vol. 16, pp. 75-167). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1925).

Freud, S. (2011b). As resistências da psicanálise. In S. Freud, *Obras Completas* (Paulo César de Souza, Trad., Vol. 16, pp. 252-266). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1925).

Freud, S. (2012). O interesse da Psicanálise. In S. Freud, *Obras Completas* (Paulo César de Souza, Trad., Vol. 11, pp. 328-363). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1913).

Freud, S. (2012a). Contribuição à História do Movimento Psicanalítico. In S. Freud, *Obras Completas* (Paulo César de Souza, Trad., Vol. 11, pp. 245-327). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914).

Freud, S. (2012b). O Moisés de Michelangelo. In S. Freud, *Obras Completas* (Paulo César de Souza, Trad., Vol. 11, pp. 373-412). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914).

Freud, S. (2014). Conferências introdutórias à psicanálise. In S. Freud, *Obras Completas* (Paulo César de Souza, Trad., Vol. 13, pp. 14-613). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1917).

Gageiro, A. M (2001). *L'histoire de la psychanalyse au Brésil et de la fondation de la société psychanalytique de Porto Alegre (1963)* (Tese de Doutorado). Université Paris VII-Paris Diderot, Paris.

Garcia-Roza, L.A. (1987). *Freud e o inconsciente*. (3a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Garcia-Roza, L.A. (1994). Pesquisa do tipo teórico. In *Atas do 1º Encontro de Pesquisa Acadêmica em Psicanálise*. São Paulo, SP.

Green, A. (1976). Pour un institut des sciences humaines cliniques. *Psychanalyse à l'Université*, 5, 177-180.

Green, A. (2007). Le pluralisme des sciences et la pensée psychanalytique. In M. Emmanuelli & R. Perron, *La recherche en psychanalyse* (pp.17-38). Paris: Presses Universitaires de France.

Guerra, A.M.C. (2001). A Lógica da clínica e a pesquisa em psicanálise: um estudo de caso. *Ágora*, 4(1), 85-101.

Hoffmann, C. (2011). La résistance française à la découverte freudienne. Lettre du professeur Morichau- Beauchant à Sigmund Freud. *Topique*, 115(2), 13-15.

Hoffmann, C. (2013). Formation, recherche et institution. In R. Chemama & C. Hofmann (Eds.), *Pratique psychanalytique et politique* (pp.21-24). Paris: Hermann.

Hoffmann, C., & Birman, J. (2011). L'autonomie des universités et la nouvelle condition étudiante. *La céliataire*, 23, 55-62.

Jalley, E. (2004). *La crise de la psychologie à l'université en France: état des lieux depuis 1990* (Tome 2). Paris: Harmattan.

Joly, M.C.R.A. et al. (2010). Análise de Teses e Dissertações em Avaliação Psicológica Disponíveis na BVS-PSI Brasil. *Psicologia ciência e profissão*, 30(1), 174-187.

Jung, S. I., Nunes, M.L.T., & Eizirik, C.L. (2007). Avaliação de resultados da psicoterapia Psicanalítica. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 29(2), 184-196.

Klein, J. T. (2011). Une taxinomie de l'interdisciplinarité. *Nouvelles perspectives en sciences sociales*, 7(1), 15-48.

Kupermann, D. (2009). Sobre a produção psicanalítica e os cenários da universidade. *Psico*, 40(3), 300-307.

Kupermann, D. (2014). *Transferências cruzadas. Uma história da psicanálise e suas instituições* (2a ed.). São Paulo, SP: Escuta.

Kupfer, M. C. M. et al. (2010a). Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*, 6(1), 48-68.

Kupfer, M.C.M. et al (2010b). A produção brasileira no campo das articulações entre psicanálise e educação a partir de 1980. *Estilos da Clínica*, 15(2), 284-305.

Lacan, J. (1992). *O seminário: Livro 17: o avesso da Psicanálise* (Ary Roitman, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1970).

Lacan, J. (1998). *O seminário: Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (2a ed., M.D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1964).

Lacan, J. (1998). A Psicanálise e seu ensino. In *Escritos* (Vera Ribeiro, Trad., pp.438-460). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1957).

Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In *Escritos* (Vera Ribeiro, Trad., pp.869-892). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1966).

Lacan, J. (2003). Ato de fundação. In *Outros escritos* (Vera Ribeiro, Trad., pp.235-247). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1964).

Lacan, J. (2003). Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: resumo do seminário 11. In *Outros escritos* (Vera Ribeiro, Trad., pp.195-196). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1965).

Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de Outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In *Outros escritos* (Vera Ribeiro, Trad., pp.248-264). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1967).

Lacan, J. (2003). Talvez em Vincennes... In *Outros escritos* (Vera Ribeiro, Trad., pp.316-318). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1975).

Lacan, J. (2006). Lugar, origem e fim do meu ensino. In *Meu ensino* (André Telles, Trad., pp.9-66). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1967).

Lacan, J. (2008). *O seminário: Livro 7: A ética da psicanálise*. (2a ed., A. Quinte, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra original publicada em 1960).

Lacan, J. (2010). *O seminário: Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. (2a ed., M.C. Laznik-Penot, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra original publicada em 1978).

Laplanche, J. (1975). Doctorat de 3 ème cycle: psychopathologie Clinique et psychanalyse. *Psychanalyse à l'université*, 1, 213-215.

Laplanche, J. (1979). A propos d'une enquête sur "L'enseinemet de la psychanalyse". *Psychanalyse à l'université*, 14, 349-352.

Laplanche, J. (1980). Un doctorat en psychanalyse. *Psychanalyse à l'Université*, 6, 5-8.

Laplanche J. (2004). Pour la psychanalyse à l'Université. *Recherches en psychanalyse*, 1(1), 9-13.

Laso, E. (2000). Psicoanálisis y epistemología. In E. Díaz (Org.). *La posciencia. El conocimiento em las postrimerias de la modernidad* (pp. 303-327). Buenos Aires: Biblos.

Latour, B. (1997). Des sujets récalcitrants. *La recherche*, 301, 88.

Leclaire, S. (1985). Parcours d'un psychanalyste. Entretien avec *Synapse*. In S. Leclaire, *Écrits pour la psychanalyse: Demeures de l'ailleurs 1954-1993* (Vol. 1, pp.313-322). Paris: Seuil/Arcanes.

Lévy,P. (1995). L'université, une "avancée pour la psychanalyse? *Clinique méditerranéennes*, 45, 13-21.

Lima, A.C.C., Caponi, S., & Minela, L.S. (2010). Reflexões sobre as disputas das comunidades científicas pela regulação do campo psi. *Mal-estar e Subjetividade*, 10(1), 37-60.

Lima, A.C.C. (2012). *Normalidade e patologia na psiquiatria e na psicanálise: o papel dos periódicos científicos brasileiros*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Lima, D.M.O. (2009). *Diálogo entre a sociologia e a psicanálise: o sujeito e o indivíduo*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Lo Bianco, A. C. (2003). Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. *Psico-USF*, 8(2),115-123.

Lopes, A. J., & Ribeiro, M.M.C. (2009). Apresentação das reuniões da Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras. In S. Alberti; W. Amendoeira; E. Lannes; A; Lopes & E. Rocha (orgs.). *Ofício do psicanalista: formação vs. Regulamentação* (pp. 51-59). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Lopez, F. N. (2015). *De uma psicologia do desenvolvimento ao desenvolvimento de uma psicologia: revisão de uma práxis científica*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Lustoza, R.Z., Oliveira, K.L., & Melo, B.N. (2010). Produção científica no contexto psicanalítico (2002-2009). *Psico-USF*, 15(2), 161-169.

Marcondes, S.R.A. (2014). “Nós, os charlatães”: Gastão Pereira da Silva e a divulgação da psicanálise em O Malho. In *Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH – Rio: Saberes e práticas científicas* (pp. 1-5). Rio de Janeiro: Associação Nacional de História. Recuperado de: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400290912_ARQUIVO_TextoANPUH2014.pdf.

Mendonça, E. (2008). Pesquisa disciplinar do corpus documental das teses de doutorado do PPGCI-IBICT/UFRJ: aplicando princípios e categorias para estudo interdisciplinar da ciência a informação no Brasil. *Ciência da Informação*, 37(2), 58-69.

Mendonça, R. F. (2009). A formação analítica não ocorre na universidade. In S. Alberti; W. Amendoeira; E. Lannes; A; Lopes & E. Rocha (orgs.). *Ofício do psicanalista: formação vs. Regulamentação* (pp. 127-136). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Menezes, M.O.S. (2014). Arthur Ramos e a psicanálise na Bahia. *Analytica*, 3(4), 88-116.

Mestres 2012. (2012). *Estudos da demografia da base técnico-científica brasileira*. Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos.

Mezan, R. (1993). *A sombra de Don Juan e outros ensaios*. São Paulo, SP: Brasiliense.

Mezan, R. (1994). Pesquisa teórica em Psicanálise. In *Atas do 2º Encontro de Pesquisa Acadêmica em Psicanálise*. São Paulo, SP.

Mezan, R. (1998). Figura e fundo: notas sobre o campo psicanalítico no Brasil. *Percurso*, 20.

Mezan, R. (1999). *Psicanálise e Pós-Graduação: Notas, Exemplos, Reflexões*. Recuperado de: <http://www.estadosgerais.org>.

Mezan, R. (2006a). Pesquisa em psicanálise. Algumas reflexões. *Jornal de psicanálise*, 39(70), 227-241.

Mezan, R. (2006b). *Freud, pensador da cultura* (7a ed.). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Mezan, R. (2007). Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise? *Natureza humana*, 9(2), 319-359.

Mezan, R. (2014). *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Mijolla, A. (Org.). (2002). *Dictionnaire international de la psychanalyse. Concepts, notions, biographies, oeuvres, événements, institutions*. Paris: Calmann-Lévy.

Mijolla, A. (2010). *Freud et la France*. Paris: PUF.

Mijolla-Mellor, S. (1995). L'intérêt pour la psychanalyse à l'université. *Clinique méditerranéennes*, 45-46, 53-66.

Mijolla-Mellor, S. (2004). La recherche en psychanalyse à l'Université. *Recherches en psychanalyse*, 1(1), 27-47.

Mijolla, A., & Mijolla-Mellor, S. (Eds.). (2008). *Psychanalyse*. Paris: PUF.

Miller, J.A. (1997). *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Milner, J-C. (1996). *A obra clara. Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Moreau-Ricaud, M. (1990). La psychanalyse à l'université: histoire de la première chaire. Budapest, avril 1919-juillet 1919. *Psychanalyse à l'université*, 15(60), 111-127.

Müller-Braunschweig, C. (1985). Exposé historique sur l'enseignement, son organisation et sa gestion. In *On forme des psychanalystes. Rapport original sur les dix ans de l'Institut Psychanalytique de Berlin 1920-1930* (pp.73-114). Paris: Denoël.

Naffah Neto, A. (2006). A pesquisa psicanalítica. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 279-288.

- Nicolescu, B. (2009). *Contradição, lógica do terceiro incluído e níveis de realidade*. Recuperado de: <http://cettrans.com.br/textos/contradicao-logica-do-terceiro-incluido-e-niveis-de-realidade.pdf>.
- Nogueira, L.C. (2004). A pesquisa em psicanálise. *Psicologia USP*, 15(1/2), 83-106.
- Noronha, A.P.P. et al. (2006). Análise de teses e dissertações em orientação profissional. *Revista brasileira de orientação profissional*, 7(2), 1-10.
- Oliveira, C.L.M.V. (2001). L'Implantation du mouvement psychanalytique à Sao Paulo (1920-1969) (Tese de Doutorado). Université Paris VII- Paris Diderot, Paris.
- Oliveira, C.L.M.V. (2002a). Os primeiros tempos da psicanálise no Brasil e as teses pansexualistas na educação. *Ágora*, 5(1), 133-154.
- Oliveira, C.L.M.V. (2002b). A historiografia sobre o movimento psicanalítico no Brasil. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 5(3), 144-153.
- Oliveira, C.L.M.V. (2005). *Histoire de la Psychanalyse au Brésil: São Paulo (1920-1969)*. Paris: L'Harmattan.
- Oliveira, C.L.M.V. (2014). Trajetórias da psicanálise paulista. *Analytica*, 3(4), 59-87.
- Oliveira, N.R., & Tafuri, M.I. (2012). O método psicanalítico de pesquisa e a clínica: reflexões no contexto da Universidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 15(4), 838-850.
- Passig, J. (2011). *Tendências nas dissertações e teses em psicologia ambiental no Brasil: sobre a compreensão da relação pessoa-ambiente*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Péquignot, B. (2006). La psychanalyse comme Science sociale. In P-L. Assoun & M. Zafiroopoulos (Eds.), *Psychanalyse et sciences sociales: Universalité et historicité* (pp.43-54). Paris: Anthropos.
- Perestrello, M.A. (1993). Importância da Bahia na difusão da Psicanálise no Brasil – Juliano Moreira, Arthur Ramos e outros. In D.O. Lima (Ed.). *60 anos de Psicanálise. Dos percussores às perspectivas no final do século* (pp. 25-40). Salvador, BA: Álgama.
- Perez, D.O. (2009). A psicanálise como experiência ética e o problema da cientificidade. *Mal-estar e subjetividade*, 9(4), 1203-1232.
- Pinto, G.A.S. (1914). *Da Psicoanalise: a sexualidade nas nevroses*. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Pinto, J. M. (1999). A instituição acadêmica e a legitimação da vocação científica da psicanálise. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12 (3).

- Pinto, J.M. (2005). Psicanálise e universidade: mais, ainda. *Psicologia em Revista*, 11(17), 77-85.
- Poli, M.C. (2008). Escrevendo a psicanálise em uma prática de pesquisa. *Estilos da Clínica*, 13(25), 154-179.
- Ponte, C.F. (1999). *Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil*. (Dissertação de Mestrado). Escola Nacional de Saúde Pública- Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.
- Pombo, O. (2008). Epistemologia da interdisciplinaridade. *Ideação*, 10(1), 9-40.
- Pompei, L. M. (2010). Descritores ou palavras-chave nas bases de dados de artigos científicos. Editorial. *Femina*, 38(5), 231-232.
- Rank, O., & Sachs, H. (1980). *Psychanalyse et sciences humaines*. Paris: Presses Universitaires de France. (Obra original publicada em 1913).
- Reid, W. (1991). Regard épistémologique sur la recherche en psychanalyse. In. B. Tanguay. *Les voies de la recherche clinique en psychanalyse*. Montréal: Éditions du méridien. Presses Universitaires du Mirail.
- Rey, A. (1992). (Dir.). *Dictionnaire Historique de la Langue Française*. Paris: Dictionnaires Le Robert.
- Ribas Jr., R.C., et al (2009). A Psicologia Social no Brasil (1986 - 2006). Uma Avaliação Bibliométrica baseada no PsycINFO. *Revista Interamericana de Psicología*, 43(3), 532-540.
- Rinaldi, D.L., & Alberti, S. (2009). Psicanálise, saúde mental e universidade. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 9(2), 533-545.
- Roman. P. (2014). La recherche en psychopathologie et psychanalyse un défi clinique, entre créativité et aporie. *Recherches en psychanalyse*, 17(1), 54-62.
- Rorty, R. (2007). *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rosa, M.D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista mal-estar e subjetividade*, 4(2), 329 – 348.
- Roudinesco, E. (2009). *Histoire de la Psychanalyse en France - Jacques Lacan, esquisse d'une vie*. Paris: Fayard.
- Roussillon, R. (2007). Recherche et exploration en psychanalyse. In M. Emmanuelli & R. Perron. *La recherche en psychanalyse* (pp.103-126). Paris: Presses Universitaires de France.
- Roustang, F. (1987). *Um destino tão funesto* (J. Bastos, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Taurus.

Russo, J. (2002). *O mundo psi no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Russo, J. (2002). A difusão da psicanálise no Brasil na primeira metade do século XX – da vanguarda modernista à radio-novela. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 2(1), 51-61.

Sacardo, M.S., & Piumbato, M.C. (2011). Balanço bibliométrico da produção científica em Educação Física e Educação Especial oriunda de teses e dissertações. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 8(15), 111-135.

Safouan, M. (2013). *La Psychanalyse: science, thérapie et cause*. Paris: Thierry Marchaisse.

Safouan, M., & Hoffmann, C. (2015). *Questions psychanalytiques*. Paris: Hermann.

Safra, G.(2001). Investigação em psicanálise na Universidade. *Psicologia USP*, 12(2), 171-175.

Sagawa, R.Y. (1989). *Os inconscientes no divã da história*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Campinas, Campinas.

Sagawa, R. Y. (s/d). *Um recorte da história da Psicanálise no Brasil*. Recuperado de: <www.cocsite.coc.fiocruz.br/psi/pdf/artigos1.pdf>.

Sampaio, C.P. (2006). Algumas ideias sobre pesquisa em psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 243-255.

Santos, E.C.M. (2013). *Produção de conhecimento acadêmico em Artes Cênicas no Brasil: um exame de teses disponíveis entre 2007-2009*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Santos, M.J.P., & Zaslavsky, J. (2007). Pesquisando conceitos e tendências em psicoterapia e psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(2), 115-124.

Santos, T.C. (2013). A psicanálise é uma ciência e o discurso analítico é uma práxis? *Ágora*, 16(2), 299-312.

Schmid, A-F, Mambrini-Doudet, M., & Hatchuel, A. (2011). Une nouvelle logique de l'interdisciplinarité. *Nouvelles perspectives en sciences sociales*, 7(1), 183-197.

Seganfredo, G. F. C., & Chatelard, D.S. (2014). Das Ding: o mais primitivo dos êxtimos. *Cadernos de Psicanálise-CPRJ*, 36(30), 61-70.

Silva, I.Y.M. (2010). *Uma leitura da produção brasileira sobre psicanálise de crianças, por meio da Revista brasileira de psicanálise*. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis.

Simanke, R.T. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientiæ studia*, 7(2), 221-35.

Sircilli, F. (2006). *A argumentação de Arthur Ramos a favor da Psicanálise na Educação: análise retórica de um livro-argumento* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Sisson, N., & Winograd, M. (2012). Bachelard e Freud: fenomenotécnica e psicanálise. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 64(3), 146-162.

Sokolowsky, L. (2013). *Freud et les Berlinois. Du congrès de Budapest à l'Institut de Berlin 1918-1933*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Sousa-Santos, B., & Almeida-Filho, N. (2008). *A universidade no século XXI: para uma universidade nova*. Coimbra: Almedina.

Souza, O. (2001). Psicanálise e universidade: ensino. *Psicologia USP*, 12(2), 177-188.

Souza Leite, M.P.(1998). *A noção de Real no último Lacan*. Recuperado de: www.marciopeter.com.br .

Stake, R. (1995). *The art of case study research*. Thousand Oaks: Sage.

Stube, H. (2011). *Sigmund Freud in den tropen: die erste psychoanalytische dissertation in der portugiesischsprachigen welt* (1914). Aachen: Shaker verlag.

Theiss-Abendroth P. (2013). Sigmund Freud nos trópicos. A primeira dissertação psicanalítica no mundo lusófono (1914). *Revista de Psiquiatria Clínica*, 40(2), 81.

Thiry-Cherques, H. R. (2006). Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *RAP*, 40(1), 27-55.

Tourinho, E. Z., & Bastos, A. V. B. (2010). Desafios da Pós-Graduação em Psicologia no Brasil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(1), 35-46.

Viotti, E. B. (2010). Doutores 2010: estudos da demografia da base técnico-científica. In Centro de Gestão e estudos estratégicos. *Doutores 2010: estudos da demografia da base técnico-científica* (pp.15-60). Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos.

Viotti, E. B. et al. (2010). Doutorados e doutores titulados no Brasil: 1996-2008. In Centro de Gestão e estudos estratégicos. *Doutores 2010: estudos da demografia da base técnico-científica* (pp. 61-194). Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos.

Widlöcher, D. (2007a). L'institution psychanalytique et la recherche. In M. Emmanuelli & R. Perron, *La recherche en psychanalyse* (pp.13-16). Paris: Presses Universitaires de France.

Widlöcher, D. (2007b). La recherche: pour qui et pour quel débat? In M. Emmanuelli & R. Perron, *La recherche en psychanalyse* (pp.39-52). Paris: Presses Universitaires de France.

Witter, G.P. (2008). Psicologia da saúde e produção científica. *Estudos de Psicologia*, 25(4), 577-584.

Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (4a ed.). Porto Alegre, RS: Bookman.

Zafiropoulos, M. (2006). Psychanalyse et pratiques sociales ou la preuve par la psychanalyse. In P-L. Assoun & M. Zafiropoulos (Eds.), *Psychanalyse et sciences sociales: Universalité et historicité* (pp.1-28). Paris: Anthropos.

Zanetti, S.A.S., & Kupfer, M.C. (2006). Relatos de casos clínicos em psicanálise: um estudo comparativo. *Estilos da clínica*, 11(21), 170-185.

APÊNDICES

CD contendo

Apêndice 1 – Todas as Teses

Apêndice 2 – Teses, IES e Áreas

Apêndice 3 – Referencial

Apêndice 4 – Métodos